

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO E
TERRITORIALIDADES**

ALEXSANDRO DE OLIVEIRA TORRES

**O ENQUADRAMENTO MULTIMODAL DA MORTE DOS
JORNALISTAS NA COBERTURA DA TRAGÉDIA DA
CHAPECOENSE NOS SITES DA RBS TV, DO
FOXSPORTS.COM.BR E DO GLOBOESPORTE.COM**

VITÓRIA

2020

ALEXSANDRO DE OLIVEIRA TORRES

**O ENQUADRAMENTO MULTIMODAL DA MORTE DOS
JORNALISTAS NA COBERTURA DA TRAGÉDIA DA
CHAPECOENSE NOS SITES DA RBS TV, DO
FOXSPORTS.COM.BR E DO GLOBOESPORTE.COM**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Comunicação e Territorialidades do Centro de Artes da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para a obtenção do Grau de MESTRE em Comunicação e Territorialidades.

Orientador: Prof. Dr. Rafael Bellan Rodrigues de Souza

VITÓRIA

2020

Ficha catalográfica disponibilizada pelo Sistema Integrado de
Bibliotecas - SIBI/UFES e elaborada pelo autor

T693e Torres, Alexsandro de Oliveira, 1978-
O enquadramento multimodal da morte dos jornalistas na
cobertura da tragédia da Chapecoense nos sites da RBS TV, do
Foxsports.com.br e do Globoesporte.com / Alexsandro de
Oliveira Torres. - 2020.
243 f. : il.

Orientador: Rafael Bellan Rodrigues de Souza.
Dissertação (Mestrado em Comunicação e Territorialidades) -
Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Artes.

1. Comunicação. 2. Jornalistas. 3. Esportes - Acidentes. 4.
Morte. 5. Futebol. 6. Jornalismo esportivo. I. Souza, Rafael
Bellan Rodrigues de. II. Universidade Federal do Espírito Santo.
Centro de Artes. III. Título.

CDU: 316.77

ALEXSANDRO DE OLIVEIRA TORRES

**“O ENQUADRAMENTO MULTIMODAL DA MORTE DOS JORNALISTAS NA
COBERTURA DA TRAGÉDIA DA CHAPECOENSE NOS SITES DA RBS TV, DO
FOXSPORTS.COM.BR E DO GLOBOESPORTE.COM”**

Dissertação apresentada por Alexandro de Oliveira Torres ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Territorialidades, linha Comunicação e Poder, do Centro de Artes da Universidade Federal do Espírito Santo.

Vitória, 16 de novembro de 2020.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Rafael Bellan R. de Souza
Orientador
Universidade Federal do Espírito Santo

Prof. Dr. Rafael da Silva Paes Henriques
Universidade Federal do Espírito Santo

Prof. Dr. Marcos Paulo da Silva
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

PROTOCOLO DE ASSINATURA



O documento acima foi assinado digitalmente com senha eletrônica através do Protocolo Web, conforme Portaria UFES nº 1.269 de 30/08/2018, por
RAFAEL BELLAN RODRIGUES DE SOUZA - SIAPE 1549808
Departamento de Comunicação Social - DCS/CAR
Em 17/11/2020 às 12:11

Para verificar as assinaturas e visualizar o documento original acesse o link:
<https://api.lepisma.ufes.br/arquivos-assinados/94956?tipoArquivo=O>



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

PROTOCOLO DE ASSINATURA



O documento acima foi assinado digitalmente com senha eletrônica através do Protocolo Web, conforme Portaria UFES nº 1.269 de 30/08/2018, por RAFAEL DA SILVA PAES HENRIQUES - SIAPE 2623361 Departamento de Comunicação Social - DCS/CAR Em 17/11/2020 às 12:18

Para verificar as assinaturas e visualizar o documento original acesse o link:
<https://api.lepisma.ufes.br/arquivos-assinados/94961?tipoArquivo=O>

AGRADECIMENTOS

Como diz o poeta e escritor Augusto Branco, “gratidão não custa nada e tem um valor imenso”. Esta frase sintetiza bem o sentimento vivido durante a minha trajetória como mestrando, desde o momento em que, após 18 anos, retornei à vida acadêmica na mesma universidade onde conquistei o diploma de jornalista até o resultado final desta dissertação. Sei que a lista de agradecimentos reúne muitas pessoas, que, de diversas maneiras, contribuíram para esta caminhada. Ao agradecer, espero não ser ingrato de esquecer algum nome. Desde já, perdoem a minha memória, caso seja traído por ela.

Primeiramente, é preciso agradecer a três mulheres que têm valor incomensurável nesta trajetória: a minha mãe, Suzeth, que teve fé e forças para sempre zelar por minha educação desde pequeno; a minha irmã, Adriana, por me ouvir e me ajudar em etapas conturbadas desta caminhada; e a minha esposa, Dayse, que precisou entender as minhas ausências em alguns momentos do dia a dia e também contribuiu para este trabalho.

Agradeço também a familiares que, com simples e valiosas atitudes, fizeram parte da minha história durante o curso de mestrado, como Denyse e Gustavo. Agradeço a cada oração dos meus sogros, Dé e Dorinha, feita em meu nome. Sou grato também ao sempre solícitos amigos Uanderson Sigler e Fred Gomes, e aos colegas do mestrado, por cada conversa, conselho e indicações de leitura.

Agradeço ao meu orientador Rafael Bellan, pelas orientações, ótimas conversas e pela compreensão com minhas limitações devido, principalmente, à carga horária de trabalho. Sou grato aos professores Rafael Paes e Marcos Paulo da Silva por aceitarem participar da banca e pelas inestimáveis contribuições que possibilitaram a conclusão desta pesquisa.

Sou muito grato também aos amigos e professores Fábio Malini, Fabio Goveia e Adriana Ilha, que tiveram participação decisiva nesta jornada, assim como o professor Edgard Rebouças, que me ajudou a compreender que esta pesquisa merecia ter um olhar mais atento aos jornalistas que perderam a vida no acidente aéreo. Também agradeço aos momentos em que pude acumular conhecimentos com as professoras Flávia Mayer dos Santos Souza, Maria Nazareth Bis Pirola e Ruth Reis, e os professores Alexandre Curtiss e José Antonio Martinuzzo durante os dois anos de mestrado.

“Talvez não tenha conseguido fazer o melhor, mas lutei para que o melhor fosse feito. Não sou o que deveria ser, mas Graças a Deus, não sou o que era antes”.

Martin Luther King

RESUMO

Esta dissertação apresenta discussões sobre como foi noticiada a morte dos 20 jornalistas que estavam no avião da LaMia, que caiu nas proximidades do aeroporto de Medellín, na Colômbia, e vitimou 71 pessoas, entre profissionais de imprensa, a delegação de futebol da Chapecoense e convidados, no dia 29 de novembro de 2016. A presente pesquisa é conduzida por dois objetivos centrais: 1) entender como os jornalistas manifestaram-se nas histórias, identificando de que modo eles expressaram as emoções sobre o ocorrido; 2) compreender como o agente jornalístico foi notado em cena e de que maneira foram enquadradas as narrativas sobre Rafael Henzel, o único profissional da imprensa que sobreviveu ao acidente aéreo. Para responder esses questionamentos, optou-se pelo jornalismo on-line como objeto de investigação, por entender, principalmente, que esta territorialidade digital reúne notícias em formato de textos, fotografias, áudios e vídeos, em constante atualização, que agrupam vasto material acerca da queda do voo. Sob a hipótese de uma sub-retratação da morte dos jornalistas e de uma valorização da retórica de solidariedade à Chapecoense, foram escolhidos como corpus de análise três sites de organizações jornalísticas que tiveram mais profissionais entre as vítimas fatais do acidente: Foxsports.com.br; Globoesporte.com; e o site da RBS TV. O procedimento metodológico adotado para esta pesquisa foi o enquadramento multimodal, que englobou a análise textual, visual e narrativa de um total de 489 matérias coletadas dos três sites jornalísticos entre 29 de novembro de 2016 e 11 de dezembro do mesmo ano. Primeiramente a metodologia foi aplicada para buscar o entendimento de como foi realizada a cobertura jornalística sobre o acidente aéreo, como um todo, para, em especial, examinar o enquadramento multimodal quanto ao noticiário acerca da morte dos 20 jornalistas. Os resultados obtidos pela investigação evidenciam, mesmo com algumas particularidades entre os três sites, a política de afeto em torno da Chapecoense como a linha dominante das histórias, inclusive com comparações com outras tragédias do mundo dos esportes. Porém, o mesmo procedimento não foi constatado para ressaltar que a morte dos 20 profissionais de imprensa na queda do voo da LaMia representou o maior acidente envolvendo jornalistas brasileiros da história, superando, em números quantitativos, as 14 mortes de profissionais de quatro emissoras de televisão causadas pela explosão de uma aeronave que se chocou com um morro perto da cidade de Macaé, no Rio de Janeiro, em 28 de junho de 1984. Também identificou-se uma dificuldade, ou até um possível desinteresse, da imprensa nacional, de um modo geral, de falar sobre o profissional de outra organização jornalística, dando assim ampla ênfase aos seus próprios funcionários durante o noticiário. Porém, seria impróprio atestar que todos os meios de comunicação de massa desvalorizaram a morte dos jornalistas na queda do voo da LaMia, havendo assim a necessidade de promover mais pesquisas para poder analisar e debater, com mais regularidade, as práticas jornalísticas empregadas pela imprensa brasileira.

Palavras-chave: jornalista; acidente; morte; enquadramento; Chapecoense.

ABSTRACT

This dissertation discusses how the death of the 20 journalists on the LaMia flight, which crashed near Medellín airport in Colombia, was reported and killed 71 people, including media professionals, the Chapecoense football delegation and guests on November 29th, 2016. The present research is conducted by two central objectives: 1) understand how journalists manifested themselves in the stories, identifying how they expressed emotions about what happened; 2) understand how the journalistic agent was noticed on the scene and how narratives about Rafael Henzel, the only professional from press who survived the plane crash, were framed. In order to answer these questions, online journalism was chosen as an object of investigation, as it mainly understands that this digital territoriality gathers news in the form of texts, photographs, audios and videos, which are constantly updated, which gather vast material about the flight crash. Under the hypothesis of a sub-portrayal of the death of journalists and an appreciation of the rhetoric of solidarity with Chapecoense, three sites of journalistic organizations that had more professionals among the fatal victims of the accident were chosen as corpus of analysis: Foxsports.com.br; Globoesporte.com; and the RBS TV website. The methodological procedure adopted for this research was the multimodal framework, which included textual, visual and narrative analysis of a total of 489 articles collected from the three journalistic sites between November 29th, 2016 and December 11th of the same year. Firstly, the methodology was applied to seek an understanding of how the journalistic coverage of the air accident as a whole was carried out, in particular to examine the multimodal framework regarding the news about the death of the 20 journalists. The results obtained by the investigation show, even with some peculiarities between the three sites, the affection policy around Chapecoense as the dominant line of stories, including comparisons with other tragedies in the world of sports. However, the same procedure was not verified to emphasize that the death of the 20 press professionals in the fall of the LaMia flight represented the biggest accident involving Brazilian journalists in history, surpassing, in quantitative numbers, the 14 deaths of professionals from four television stations. caused by the explosion of an aircraft that collided with a hill near the city of Macaé, in Rio de Janeiro, on June 28, 1984. There was also a difficulty, or even a possible lack of interest, in the national press, in a way in general, to talk about the professional of another journalistic organization, thus giving ample emphasis to their own employees during the news. However, it would be improper to attest that all the mass media devalued the death of journalists in the fall of the LaMia flight, so there is a need to promote more research in order to be able to analyze and debate, more regularly, the journalistic practices employed by the Brazilian press.

Keywords: journalist; accident; death; framework; Chapecoense.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mário Sérgio, comentarista esportivo de TV, ex-técnico e ex-jogador	31
Figura 2 – Título de matéria com elementos de retórica	92
Figura 3 – Matéria do site da RBS TV com componente afetivo	106
Figura 4 – Homenagens às vítimas do voo e a emoção do jornalista.....	109
Figura 5 – Homenagem do Atlético Nacional à Chapecoense	110
Figura 6 – Globoesporte.com fala sobre os jornalistas mortos da Fox Sports	120
Figura 7 – Noticiário sobre o único jornalista sobrevivente do acidente aéreo.....	121
Figura 8 – Jornalista fala em primeira pessoa em texto do Globoesporte.com	122
Figura 9 – Primeiro parágrafo de matéria com dramatização no grau de narratividade	134
Figura 10 – Trecho de matéria com ornamentação estilística no grau de narratividade	136
Figura 11 – Trecho de matéria com dramatização no grau de narratividade	141
Figura 12 – Texto de jornalista narrado em primeira pessoa	145
Figura 13 – Narrativa em primeira pessoa exibida em vídeo	147
Figura 14 – Narrativa em primeira pessoa exibida em vídeo	148
Figura 15 – Relatos de jornalistas que cobriram a tragédia aérea em Medellín.....	150
Figura 16 – Vilão e vítima na mesma narrativa	155
Figura 17 – Dona Ilaídes, mãe do goleiro Danilo, consola o repórter Guido Nunes	157
Figura 18 – Exaltação aos jogadores da Chapecoense mortos no acidente.....	167
Figura 19 – Atribuição ao papel de herói em narrativa do Foxsports.com.br	169
Figura 20 – Piloto da LaMia como vilão da narrativa.....	174
Figura 21 – Único registro fotográfico de jornalistas no Foxsports.com.br.....	183
Figura 22 – Mosaico com fotos de jornalistas do Grupo RBS que morreram no acidente .	186
Figura 23 – Momento de comoção de torcedores e familiares na Arena Condá.....	189
Figura 24 – Namorada fala sobre relacionamento de 4 anos com Giovane Klein	191
Figura 25 – Cenas dos velórios de jornalistas do Fox Sports e da TV Globo	196
Figura 26 – Dramatização textual e visual	199
Figura 27 – Gesto simbólico de solidariedade no estádio da Chapecoense	200

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Matérias com a palavra jornalista ou termo similar nos títulos dos três sites	19
Gráfico 2 – Componentes enquadrados no noticiário dos três sites jornalísticos	105
Gráfico 3 – Grau de Narratividade do noticiário dos três sites jornalísticos	131
Gráfico 4 – Grau de Narratividade em matérias com ênfase nos jornalistas.....	138
Gráfico 5 – Atribuição de papéis na narrativa do acidente aéreo	154
Gráfico 6 – As vítimas nas narrativas do Foxsports.com.br.....	160
Gráfico 7 – As vítimas nas narrativas do site da RBS TV	161
Gráfico 8 – As vítimas nas narrativas do Globoesporte.com	162
Gráfico 9 – Os heróis nas narrativas do Globoesporte.com	166
Gráfico 10 – Os heróis nas narrativas do site da RBS TV	168
Gráfico 11 – Os heróis nas narrativas do Foxsports.com.br.....	169
Gráfico 12 – Os vilões nas narrativas do Globoesporte.com	172
Gráfico 13 – Os vilões nas narrativas do Foxsports.com.br	172
Gráfico 14 – Os vilões nas narrativas do site da RBS TV.....	173
Gráfico 15 – Gênero narrativo nos três sites jornalísticos.....	175
Gráfico 16 – Gênero narrativo em matérias com ênfase nos jornalistas	176
Gráfico 17 – Como as imagens são destacadas no Foxsports.com.br	182
Gráfico 18 – Como as imagens são destacadas no site da RBS TV	188
Gráfico 19 – Como as imagens são destacadas no Globoesporte.com.....	197

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Onde está a palavra jornalista nos textos do site da RBS TV.....	114
Tabela 2 – Onde está a palavra jornalista nos textos do Globoesporte.com	114
Tabela 3 – Onde está a palavra jornalista nos textos do Foxsports.com.br.....	114
Tabela 4 – Notícias em que o principal componente enquadrado é o jornalista	117
Tabela 5 – Atores com maior espaço de fala no site da RBS TV.....	126
Tabela 6 – Atores com maior espaço de fala no site do Globoesporte.com.....	127
Tabela 7 – Atores com maior espaço de fala no Foxsports.com.br.....	129
Tabela 8 – Pessoas e objetos representados nas imagens do Foxsports.com.br.....	180
Tabela 9 – Pessoas e objetos representados nas imagens do site da RBS TV.....	184
Tabela 10 – Pessoas e objetos representados nas imagens do Globoesporte.com	193

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
1. O JORNALISMO E O JORNALISTA NO BRASIL: BREVE HISTÓRICO	21
1.1 A profissão e a identidade de jornalista.....	25
1.2 Prestígio social do jornalista	29
1.3 A imagem que o jornalista tem de seu público	34
1.4 Perfil do jornalista e os desafios contemporâneos da profissão	39
1.5 Jornalismo esportivo: futebol, emoções e estigmas	47
1.6 O Jornalismo da era digital.....	54
2. A PRODUÇÃO NOTICIOSA E OS CRITÉRIOS DE NOTICIABILIDADE.....	61
2.1 Como são as notícias e a transformação em acontecimento jornalístico.....	65
2.2 Noticiabilidade: conceito e critérios.....	73
2.3 Valores-notícia e valores sociais	78
2.4 O conceito de enquadramento noticioso	83
2.5 Enquadramento em diálogo com as estratégias retóricas	89
2.6 O conceito de enquadramento multimodal.....	93
2.7 Morte, luto e espetacularização em cena.....	96
3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	101
3.1 Análise textual.....	103
3.1.1. Componente enquadrado: o afeto é o campeão.....	104
3.1.2 Componente enquadrado: e os jornalistas?	112
3.1.3 Atores de maior fala	124
3.2 Análise narrativa	129
3.2.1 Grau de narratividade nos três sites jornalísticos	131
3.2.2 Grau de Narratividade: ênfase nas histórias sobre os jornalistas.....	137
3.2.3 Narrativas em primeira pessoa	143
3.2.4 O abraço de dona Ilaídes em todos os jornalistas.....	153
3.2.5 A principal vítima é a Chapecoense	159
3.2.6 Heróis após a morte.....	164
3.2.7 Vilão na “boca do entrevistado”	170
3.2.8 Gênero narrativo.....	174
3.3 Análise visual	177
3.3.1 Uma fotografia de jornalistas no Foxsports.com.br	178
3.3.2 Proeminência de imagens de jornalistas da RBS TV	184
3.3.3 Dramatização visual no Globoesporte.com.....	191
3.4 Resultados	201
CONSIDERAÇÕES FINAIS	207
REFERÊNCIAS	210
APÊNDICE A	218
APÊNDICE B	234
APÊNDICE C	242

INTRODUÇÃO

Jornalistas e instâncias midiáticas precisam selecionar rotineiramente, dentre uma profusão de eventos reais e cotidianos da vida pública e privada, aqueles acontecimentos que potencialmente possam ser transformados em notícias. Para cumprir tal missão, os meios de comunicação utilizam determinados mecanismos, muitos deles tidos como pensamentos enraizados como hábitos sob fórmulas consagradas por padrões industriais de produção da notícia (ROTHBERG, 2007), para elaborar mensagens que se aproximem da realidade vivida. Tais práticas, que não são puramente resultados de uma manipulação simplista das informações, apontam para diversas possibilidades de fabricação de enquadramentos dados às escolhas operadas durante as rotinas profissionais de produção (o que noticiar, como, quando, com quais fontes, etc.), ativando assim esquemas que incentivam públicos-alvo a pensar e sentir de uma maneira particular (ENTMAN, 2007).

Em um dos acontecimentos de grande repercussão na imprensa mundial, que foi o acidente com a aeronave da companhia LaMia¹ que transportava jornalistas, convidados e a delegação da Associação Chapecoense de Futebol (ACF), rumo à cidade colombiana de Medellín, as mídias buscaram, de um modo geral, emoldurar narrativas que exaltavam a retórica da solidariedade, da comoção, do luto pela morte de 71 pessoas no desastre ocorrido em 29 de novembro de 2016, um dia antes de o time brasileiro disputar a primeira partida da final da Copa Sul-Americana² contra o Atlético Nacional, de Medellín.

Porém, esse acidente tem uma particularidade distinta de outros que são noticiados pela mídia com maior ou menor relevância: o envolvimento direto de profissionais de imprensa no acontecimento, devido ao fato de que 20 dos 21 jornalistas a bordo do voo da companhia LaMia morreram após o avião, já sem combustível, “se chocar contra o monte Cerro El Gordo – renomeado posteriormente Cerro Chapecoense, em homenagem ao clube brasileiro” (ALEXANDRINO, 2018, n.p.) – no maior desastre aéreo da história do futebol mundial e também na maior tragédia do jornalismo brasileiro, em número de

¹ Na queda do voo 2933 da companhia boliviana LaMia, morreram 71 pessoas a bordo do avião que se dirigia para Medellín, na Colômbia, e apenas seis sobreviveram. Por falta de combustível, comprovada em investigações, a aeronave caiu nas proximidades do Aeroporto Internacional José María Córdova, um dia antes de a Chapecoense disputar a primeira partida da final da Copa Sul-Americana, prevista para 30 de novembro de 2016 contra a equipe do Atlético Nacional, de Medellín. Pelo horário de Brasília, o acidente ocorreu às 2h58 da madrugada do dia 29 de novembro de 2016 (às 21h58, de 28 de novembro de 2016, pelo horário local da Colômbia).

² A Copa Sul-Americana reúne anualmente times de futebol da América do Sul e é organizada pela Confederação Sul-Americana de Futebol (Conmebol) desde 2002. É a segunda competição mais prestigiada entre clubes no continente sul-americano, inferior apenas à Copa Libertadores da América.

mortos. Esse fato, por si só, já tem a capacidade de alterar o estado emocional de quem atuou na cobertura jornalística tanto no dia do acidente quanto nas datas posteriores a ele, sobretudo para aqueles que tinham laços afetivos com as vítimas fatais.

No entanto, nada se viu, leu ou ouviu sobre a tragédia aérea na Colômbia também representar o maior acidente envolvendo jornalistas brasileiros da história, com um total de 20 mortos, superando, em números quantitativos, as 14 mortes de profissionais de televisão causadas pela explosão de uma aeronave que se chocou com um morro nas proximidades da cidade de Macaé, no Rio de Janeiro, em 28 de junho de 1984. Naquela ocasião, equipes de reportagem das emissoras Globo, Bandeirantes, (extinta) Manchete e TV Educativa (hoje TV Brasil) viajaram a convite da Petrobras para a cobertura noticiosa sobre as atividades da companhia estatal na Bacia de Campos. Além dos 14 jornalistas, mais quatro pessoas morreram no acidente, totalizando 18 mortes.

A escolha pela temática da morte dos 20 jornalistas no acidente aéreo e, conseqüentemente, da cobertura jornalística destinada a esses personagens tem inicialmente relação direta com minha experiência profissional. Afinal, em 29 de novembro de 2016, muitos brasileiros iniciaram aquele dia com a notícia de que o avião que transportava a delegação da Chapecoense para a Colômbia caiu perto de seu destino, que era o aeroporto de Medellín. Eu, por exemplo, fui acordado pela minha esposa por volta das 7 horas da manhã com essa informação, que ainda carecia de mais detalhes por parte da imprensa. Então, provavelmente movido por um instinto de jornalista, à época com 16 anos de carreira, me levantei rapidamente da cama já em busca de notícias mais consolidadas e recorri a canais de TV, programas de rádio e sites jornalísticos para saber mais sobre o assunto, horas antes de ir para a redação de um jornal impresso.

Naquele dia, lembro de informações iniciais desconstruídas sobre sobreviventes e mortos, e de notícias que davam conta de haver também jornalistas na aeronave, visto que era uma prática comum ter profissionais da imprensa brasileira viajando com times de futebol que estavam em fases finais de competições, como era o caso da Chapecoense, que em 2016 disputava pela primeira vez uma final de campeonato internacional, a Copa Sul-Americana. Porém, admito, naquela oportunidade, não ter reservado um olhar mais aguçado sobre como a imprensa, de um modo geral, noticiou a morte dos 20 jornalistas.

Posteriormente, em 2018, ao ingressar no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Territorialidades da Universidade Federal do Espírito Santo (PósCom-Ufes), a temática da tragédia da Chapecoense voltou a estar presente na minha vida, mas, desta vez, no universo acadêmico. Inicialmente, o luto coletivo e midiático nas

plataformas digitais do clube catarinense era o objeto de estudo. Porém, no fim daquele ano, com a saída do então orientador da minha dissertação e a nova contribuição de um outro professor do PósCom-Ufes, veio também a oportunidade de tratar a mesma temática por um viés jornalístico, que examina o enquadramento dado pela imprensa brasileira sobre a morte dos 20 jornalistas na queda do voo da LaMia.

Este estudo, portanto, pretende compreender, diante do tratamento dado por determinados veículos de comunicação acerca da queda do voo da LaMia e de seus desdobramentos, como foi noticiada a morte dos 20 jornalistas no acidente que ficou mais conhecido como a tragédia da Chapecoense. A pergunta central da pesquisa traz, a reboque, outras questões que tornam-se questões secundárias: 1) como os jornalistas manifestaram-se nas histórias, eles expressaram sentimentos sobre o ocorrido ou deixaram aflorar somente as emoções de suas fontes?; 2) como o agente jornalístico foi notado em cena, como foi emoldurado e de que maneira foram enquadradas as narrativas sobre Rafael Henzel³, o único jornalista sobrevivente do acidente?

Para responder a pergunta central e aos demais questionamentos, optou-se primeiramente pelo jornalismo on-line como objeto empírico de investigação, por entender, principalmente, que esta territorialidade digital reúne notícias em formato de textos, fotografias, áudios e vídeos, em constante atualização, que agrupam um vasto material acerca da queda do voo da LaMia. E sob a hipótese de uma sub-retratação da morte dos jornalistas, com o profissional evitando falar de si próprio nas matérias jornalísticas, e de uma valorização da retórica de solidariedade à Chapecoense, foram escolhidos como corpus de análise três sites de organizações jornalísticas que tiveram mais profissionais entre as vítimas fatais.

O Foxsports.com.br é a versão on-line do canal de TV por assinatura Fox Sports – emissora que, entre os veículos jornalísticos, teve o maior número de vítimas fatais (seis). Já o site da RBS TV é a versão digital da emissora RBS TV – subsidiária do Grupo RBS, a segunda empresa jornalística com mais profissionais mortos (quatro), enquanto o Globoesporte.com, também conhecido como GE, é o portal de notícias de esportes mantido pelo Grupo Globo – conglomerado midiático que perdeu quatro jornalistas, um do Globoesporte.com e três da TV Globo.

³ Rafael Henzel foi o único dos 21 jornalistas presentes no voo 2933 da LaMia que sobreviveu ao acidente. Também sobreviveram três jogadores da Chapecoense – Alan Ruschel, Neto e Jakson Follmann – e dois tripulantes bolivianos, a comissária Ximena Suárez e o técnico de voo Erwin Tumiri. Porém, na noite do dia 26 de março de 2019, o narrador da Rádio Oeste Capital morreu, aos 45 anos, em decorrência de um infarto enquanto jogava futebol com os amigos em Chapecó, Santa Catarina.

Capítulos e metodologia

A metodologia utilizada para tal análise inclui, primeiramente, a revisão de literatura específica, abordando estudos sobre a noticiabilidade, as condições/exigências do trabalho jornalístico, bem como a aplicação de enquadramentos para produção de sentido e interpretação da realidade social. No esforço de responder às questões levantadas, o texto desta dissertação está organizado em três capítulos que trazem temas que atuam concomitantemente e coexistem na lógica da indústria das notícias.

O Capítulo 1 é dedicado à atividade jornalística como profissão, referenciando o status do jornalista, profissional que forja uma realidade social seja como mediador de acontecimentos ou até mesmo como vendedor de emoções perante a construção que ele faz de seu público e para essa mesma audiência, com contribuições dos estudos de autores como Barbie Zelizer (2000), Michael Kunczik (2002), Pierre Bourdieu (1983, 1997), Thales Vilela Lelo (2019), com este último trazendo à tona o debate sobre o atual mercado de trabalho jornalístico. Esta primeira etapa ainda traz discussões acerca do jornalismo esportivo, a partir de visões de profissionais como Paulo Vinicius Coelho (2004), Heródoto Barbeiro e Patrícia Rangel (2006).

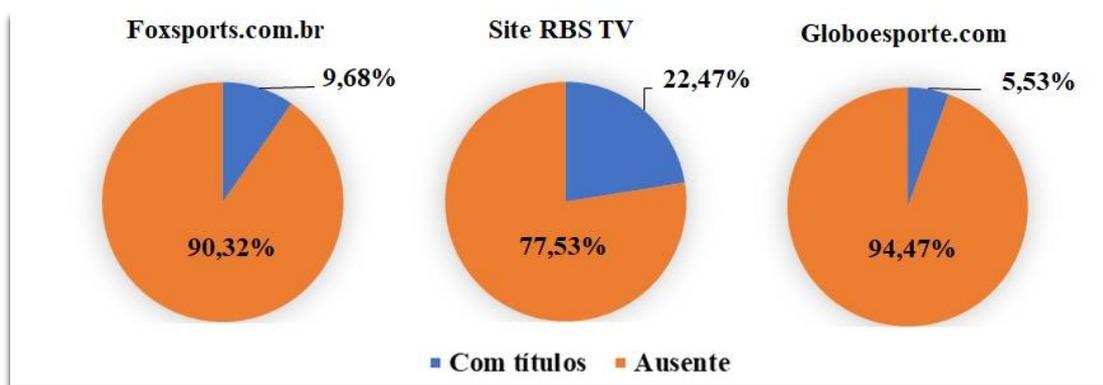
A segunda etapa desta dissertação busca compreender a organização profissional, a partir de estudos sobre noticiabilidade, valores-notícia e valores sociais, a partir de reflexões de Gislene Silva (2005, 2014, 2018), sobretudo no que refere-se à produção interna. Porém, conta-se com a valiosa contribuição de autores como Pamela Shoemaker (1996, 2006, 2011), Stuart Hall (1981, 2016), Vera França (2017), entre outros, para enfatizar a importância e a interferência dos valores sociais e culturais na construção do noticiário.

Conceitos abordados entre a metade e o fim do Capítulo 2, o enquadramento noticioso e o enquadramento multimodal tornam-se o fio condutor para a terceira parte da presente pesquisa. Nela, procura-se compreender como narrativas referentes sobretudo à morte e à política do afeto foram emolduradas. Neste ponto, o trabalho encaminha-se para uma nova etapa metodológica: a teoria do enquadramento multimodal a partir da análise de dados veiculados no Foxsports.com.br, Globoesporte.com e no site da RBS TV, na tentativa de identificar se houve valorização ou subvalorização da morte dos profissionais de imprensa nas narrativas analisadas.

Para tanto, estipulou-se um recorte temporal de 13 dias, que compreende de 29 de novembro de 2016 a 11 de dezembro do mesmo ano, quando encerrou-se a temporada de futebol da Chapecoense, com o desfecho do Campeonato Brasileiro – outra competição disputada no fim daquele ano. No período mencionado, o noticiário sobre a queda do voo 2933 da LaMia preencheu a maior parcela da agenda da imprensa nacional, trazendo à tona informações a respeito da divulgação da lista de vítimas fatais e de sobreviventes; da recuperação e do retorno dos sobreviventes ao Brasil; do velório coletivo na cidade de Chapecó; dos gestos de solidariedade no País e no exterior, principalmente na Colômbia; da confirmação da Chapecoense como campeã⁴ da Copa Sul-Americana de 2016.

Como os enquadramentos podem ser detectados por sondagem de palavras particulares e imagens que consistentemente surgem em uma narrativa e transmitem constantes significados temáticos através das mídias e do tempo, conforme ressalta Entman (2007), em uma análise ênfase (ver o que aparece em destaque nas reportagens) nas páginas coletadas dos três websites contabilizou-se 489 matérias dentro da temporalidade estipulada para a pesquisa e foi identificada uma baixa recorrência nos títulos dessas mesmas notícias da palavra jornalista ou de termos similares, como repórter, comentarista, narrador, cinegrafista, além do próprio nome do profissional, conforme demonstrado no Gráfico 1.

Gráfico 1 – Matérias com a palavra jornalista ou termo similar nos títulos dos três sites



⁴ No dia 5 de dezembro de 2016, a Conmebol declarou a Chapecoense campeã da Copa Sul-Americana daquele ano, sem a realização de duas partidas finais contra o Atlético Nacional. A iniciativa partiu da diretoria do clube colombiano logo após tomar conhecimento do desastre aéreo com a delegação da equipe brasileira. Assim, a Chapecoense, conforme determina o regulamento da Copa Sul-Americana, conquistou o direito de disputar em 2017, pela primeira vez na história do clube catarinense, a Copa Libertadores da América – principal disputa entre equipes do continente sul-americano. Por ser o vencedor da Libertadores de 2016, o time da cidade colombiana de Medellín já tinha vaga assegurada para participar desse campeonato no ano seguinte.

Sem estender nesta introdução do texto da dissertação uma explanação sobre a interpretação dos resultados descritos no Gráfico 1, que aponta o site da RBS TV como o que mais mencionou a palavra jornalista ou termo similar nos títulos das notícias, com 22,47%, enquanto Foxsports.com.br e GE têm, respectivamente, 9,68% e 5,53%, o objetivo para este momento é chamar a atenção para um aparente apagamento das notícias sobre o profissional de imprensa na cobertura jornalística dos três produtos noticiosos. Evidentemente que o enquadramento noticioso não limita-se a este dado, e, se assim fosse, ainda seria insuficiente para responder a todos os questionamentos expostos até aqui, fornecendo tão somente algumas pistas interpretativas de ideias centrais dos relatos jornalísticos.

Conforme Wozniak *et al.* (2014), o enquadramento noticioso configura-se em um dos pilares da análise multimodal e alia-se ao estudo das imagens, nos moldes sugeridos por Rodriguez e Dimitrova (2011), e da construção narrativa para “aproximar o pesquisador da imagem geral construída pelo noticiário” (RIZZOTTO *et al.* 2017, p.112), quando são reunidos três níveis diferentes de estudo que se relacionam – visual, narrativo e enquadramento. Com esse referencial teórico-metodológico, acredita-se que poderão ser identificadas coincidências e diferenças presentes no enquadramento dado pelos três sites jornalísticos em torno do acontecimento midiático, verificando conseqüentemente se a classe jornalística reposicionou-se nas narrativas como integrante, e não um simples narrador de um enredo trágico.

Como nas pesquisas recentes em jornalismo tem sido frequentemente utilizado o conceito de *framing analysis* (análise de enquadramento) para buscar entender o processo de construção das notícias (BONONE, 2017), entende-se que tal metodologia foi de grande valia para a presente dissertação, partindo primeiramente para o entendimento de como foi realizada a cobertura jornalística como um todo para, em especial, analisar o que refere-se ao enquadramento multimodal quanto à morte dos jornalistas.

Espera-se que a presente dissertação possa fomentar mais discussões, tanto dentro quanto fora do meio acadêmico, sobre o trabalho dos jornalistas, com um olhar especial para os mecanismos jornalísticos adotados durante a cobertura de grandes eventos midiáticos, e promova também debates sobre outros temas que circundam este trabalho, e ainda possa estimular novas pesquisas de estudantes e professores da Comunicação Social e de outras áreas afins.

1. O JORNALISMO E O JORNALISTA NO BRASIL: BREVE HISTÓRICO

Quando fala-se da classe de jornalistas, e das rotinas produtivas, com o propósito de entender mais sobre a identidade deste profissional, principalmente durante um processo de reconfiguração do perfil da categoria e da área jornalística, é imprescindível olhar também para a história do jornalismo, mesmo que brevemente, para enxergar como esta profissão já atravessou por transformações que tendem a revelar como a constituição desta atividade pode dizer muito sobre quem é este profissional dos dias atuais. E se um dos questionamentos centrais desta pesquisa é verificar como a figura do jornalista manifestou-se na cobertura noticiosa do acidente aéreo que provocou a morte de 71 pessoas na Colômbia, entre elas 20 integrantes da imprensa brasileira, é imperioso conhecer a identidade deste ator social, para interpretar como ele também foi enquadrado nas cenas narradas pelos sites da RBS TV, do Foxsports.com.br e Globoesporte.com.

Ou seja, para entender o presente e até vislumbrar o futuro é preciso buscar, primeiramente, compreender o passado. E a história mostra que o jornalismo no Brasil chegou no início do século XIX, de forma tardia, porque antes da chegada da Corte portuguesa toda atividade de imprensa era proibida, como livros, panfletos e jornais. Com a vinda da família real e de Dom João VI ao País, logo foi fundada a primeira tipografia nacional, a Impressão Régia, em 13 de maio de 1808. Meses depois, surgiu o primeiro jornal impresso em terras brasileiras, A Gazeta do Rio de Janeiro, que passou a circular em 10 de setembro do mesmo ano e veiculava notícias de interesse da Corte, com a pretensão de moldar a opinião pública ao seu favor (RIGO; HOHLFELDT, 2017).

Antes de A Gazeta do Rio de Janeiro, porém, Hipólito José da Costa lançou em 1º junho de 1808 o *Correio Braziliense ou Armazém Literário*, que era impresso em Londres, na Inglaterra – onde o jornalista estava exilado –, e trazido clandestinamente para o Brasil. De caráter ideológico, o jornal concentrava seus esforços em prol da Independência do Brasil – proclamada 14 anos mais tarde, em 1822 –, e também evidenciava os erros administrativos da Coroa portuguesa, além de trazer fatos e ideias oriundos da Europa. Posteriormente, ao longo do século XIX, surgiram outros periódicos no Brasil, e muitos deles com uma característica semelhante, o “hibridismo da literatura e do jornalismo” (RIGO; HOHLFELDT, 2017, p. 11).

Por um longo período, na imprensa brasileira, os campos político e literário mantiveram-se estreitamente ligados, e o jornalista, ainda de modo amador e sem o reconhecimento do jornalismo como uma profissão ou um campo de atuação social, era

basicamente “o único responsável pelos seus escritos e relatava os acontecimentos conforme sua própria visão de mundo, já que não havia um padrão a ser seguido” (RANGEL, 2006, p. 4). Tal cenário começou a mudar nos anos 1950, período apontado pela historiografia da imprensa como uma fase de profundas transformações do jornalismo brasileiro, quando o desaparecimento dos órgãos censórios do Estado Novo⁵ e a adoção/criação de decretos e leis – também referentes à imprensa – garantiram, naquela época, maior liberdade de manifestação de pensamento e redução de momentos de repressão (RIBEIRO, 2000, p. 45-46), o que favoreceu o surgimento de novos jornais populares e também de periódicos associados a políticos.

No entanto, a antiga imprensa no início daquela década, conforme Rangel (2006), ainda era caracterizada pelo estilo livre de escrita, de ataques e elogios a figuras públicas, o denominado jornalismo panfletário – feito por escritores e outros vários profissionais⁶ da época que não recebiam remuneração fixa para trabalhar ou fazer uma “renda extra” nos jornais, mas que utilizavam-se da exposição adquirida nesses jornais como um “trampolim” para ascensão social. Em contrapartida, o jornalismo brasileiro e, sobretudo do Rio de Janeiro, também começava a viver, a partir da década de 1950, um momento de transformações rumo ao profissionalismo, influenciado por “fatores de ordem cultural, salarial, empresarial, sindical” (LOPES, 2007, p. 12).

Entre o final do Estado Novo e o segundo governo Vargas, aconteceram “reformas redacionais, gráficas e editoriais do Diário Carioca, em 1950, e do Jornal do Brasil, em 1956, assim como o surgimento de jornais inovadores, como a Tribuna da Imprensa em 1949 e Última Hora em 1951” (RIBEIRO, 2000, p. 45), que são considerados marcos inaugurais de uma nova fase da imprensa brasileira. Naquela época, com uma visão mais empresarial da área de Comunicação e a consequente modernização da máquina jornalística, a imprensa no Brasil se inspirava no modelo norte-americano de jornalismo para se consolidar como instituição e, inserida em um contexto político-econômico de fortalecimento do capitalismo e da indústria brasileira pelo menos até o final dos anos 60, passava a remunerar quem trabalhava nas redações, em um processo inicial, e não-linear,

⁵ O Estado Novo foi um regime político instaurado por Getúlio Vargas entre os anos de 1937 e o início de 1946, caracterizado por uma ditadura presidencialista, pela centralização do poder, nacionalismo, censura, autoritarismo e foco na industrialização brasileira.

⁶ Entre os profissionais da época também era comum encontrar nas redações pessoas do serviço público que acumulavam cargos escrevendo para os jornais, ou indivíduos que iniciavam a carreira em uma empresa de comunicação como contínuos e, com o passar dos anos, ocupavam vagas de repórter.

de profissionalização da categoria que, posteriormente, exigiria dedicação exclusiva e criação de novas funções com o intuito de reafirmar a autonomia do campo jornalístico.

Foi nesse período que se implantou o modelo norte-americano no jornalismo nacional, provocando não só a modernização das empresas e dos textos, mas também a profissionalização dos jornalistas e a constituição de todo um ideário sobre o que era o jornalismo e qual era a sua função social. As reformas dos anos 50 assinalaram a passagem do jornalismo político-literário para o empresarial. A imprensa abandonou definitivamente a tradição de polêmica, de crítica e de doutrina e a substituiu por um jornalismo que privilegiava a informação (transmitida “objetiva” e “imparcialmente” na forma de notícia) e que a separava (editorial e graficamente) do comentário pessoal e da opinião. No seu conjunto, essas mudanças parecem apontar para o processo de autonomia do campo jornalístico, sobretudo em relação às esferas políticas e literárias, que até então o dominaram (RIBEIRO, 2000, p. 12).

Nesse “novo jornalismo” pós-1950, as reformas realizadas nos jornais marcaram a passagem do jornalismo político-literário para o empresarial e trouxeram diversas alterações para a profissão, como na linguagem e estruturação do texto que ainda encontramos nos dias atuais. “Ao constituir uma deontologia própria, o Jornalismo adota técnicas discursivas e de apuração que lhe permitem afirmar-se como uma fala autorizada já que passa do comentário subjetivo aos ‘ideais da objetividade, neutralidade e imparcialidade’” (RANGEL, 2006, p. 1), e se constitui “como um dos principais campos discursivos do nosso tempo, fundando sua legitimidade social” (RIBEIRO, 2000, p. 12).

Com essas mudanças para um jornalismo dito “moderno”, em um processo que não se deu evidentemente de modo totalmente harmônico e homogêneo ao longo dos anos, como assinala Ribeiro (2000), “os jornalistas começaram a adquirir um sentido de categoria profissional diferenciada da dos literatos, proporcionando o início de um processo de separação entre os campos literário e jornalístico” (RANGEL, 2006, p. 4).

Em contrapartida, ao vivenciar novas rotinas produtivas daquele período até os dias atuais, pode-se dizer também que o jornalista perdeu de certo modo o estilo próprio de narrar os fatos por estar submetido a normas técnicas de jornalismo, como padronizar os textos no formato de pirâmide invertida⁷, hierarquizando as informações principais nos

⁷ Pirâmide invertida é um jargão jornalístico usado para identificar um formato de textos em que a parte mais importante da notícia é agrupada logo no primeiro parágrafo, também chamado de lide. A pirâmide da informação seria invertida porque, ao contrário das pirâmides físicas, o mais relevante acerca de um fato apurado estaria no alto, ou seja no início do texto. Utilizado com frequência, principalmente, na mídia impressa, o recurso objetiva poupar tempo do leitor e permite que o texto seja cortado para adequar-se ao espaço editorial disponível, desde que não comprometa a qualidade da informação.

primeiros parágrafos e as menos relevantes para o final da notícia, como uma maneira também mais célere, caso necessária, de reduzir o tamanho da matéria e adequá-la ao espaço destinado. Por outro lado, o jornalismo criava uma identidade, um padrão para os textos que não existia anteriormente, visto que cada autor, geralmente alguém que exercia alguma outra profissão, tinha um estilo próprio, e não necessariamente qualificado.

Tais procedimentos jornalísticos remetem a uma ideia de objetividade que, apesar de questionada até os dias atuais, ainda hoje condiciona em grande parte as práticas dos jornalistas para revelar os acontecimentos da realidade cotidiana. Como destaca Ribeiro (2000, p. 13), a modernização gráfica, editorial, linguística e empresarial da década de 1950 “representou para a imprensa a construção de um lugar institucional que lhe permitiu, a partir de então, enunciar “oficialmente” as verdades dos acontecimentos e se constituir como o registro factual por excelência”.

Assim, os efeitos da intenção (ou presunção) de objetividade e da neutralidade do discurso jornalístico – produzidos a partir de novas técnicas redacionais – contribuíram em grande parte para a acolhida que o jornalismo passou a ter na sociedade, e consequentemente moldou a identidade do jornalista e o fez, como resultado também do trabalho comprometido deste profissional, tornar-se uma fonte credível de informação para quem consumia notícias, por fornecer pelo menos em algum grau a verdade dos fatos (RIBEIRO, 2000; LOPES, 2007; HENRIQUES).

Como ressalta Lopes (2007, p. 12), “não só a objetividade é responsável pela especialização do campo jornalístico”, visto que fatores de ordem social, econômica e política também estavam ligados à constituição do jornalismo como fala dotada de um saber autorizado para relatar fatos do dia a dia e, consequentemente, a figura do jornalista insere-se e se reconhece neste universo como mediador da realidade. E a vida do profissional de imprensa sempre estará associada a um contexto histórico e social vigente, e nele agora estão presentes desafios distintos do século passado, tais como lidar com o intenso fluxo de propagação das notícias, e nem sempre verídicas; a queda de credibilidade das organizações midiáticas e dos jornalistas; a construção de novas práticas jornalísticas, inclusive de sujeitos que não têm ou não precisam ter obrigatoriamente formação acadêmica; a precarização das condições de trabalho; a nova realidade do jornalismo conectado às redes sociais, entre outras adversidades.

Este cenário ainda não encontra-se finalizado, mas expõe cada vez mais o jornalista a pressões e a questionamentos sobre os rumos da profissão. E o panorama descrito aqui não é muito diferente daquele vivido no final do ano de 2016, quando 20

jornalistas morreram após a queda do voo da LaMia no acidente tratado pela imprensa como a “Tragédia da Chapecoense”, e que, na hipótese desta pesquisa, subvalorizou nas narrativas construídas pela própria mídia a morte dos profissionais de imprensa.

1.1 A profissão e a identidade de jornalista

Se no ambiente das redações de jornalismo, sejam elas tradicionais ou não, parece não haver dúvidas sobre a consolidação do status da atividade jornalística como uma profissão, no universo da produção teórica ainda há entendimentos divergentes a respeito do tema que intensificam as discussões sobre a identidade dos jornalistas. Autores como Michael Kunczik (2002, p. 38-39) defendem que o jornalismo não apresenta um nível de organização satisfatório para ser reconhecido como profissão devido a diversos fatores, tais como a ausência de autonomia rígida para resistir aos interesses pessoais e às pressões externas no exercício do trabalho, a falta de capacitação técnica especial para ser tomada como um saber monopolizado por uma categoria – visto que, para o pensador alemão, os conhecimentos da área não são tão específicos a ponto de parecerem inacessíveis a quem, por exemplo, não teve uma formação acadêmica em Comunicação/Jornalismo – e a não existência de uma definição clara de sua clientela (de seu público).

Na outra ponta dessa discussão, diferentemente de Kunczik, Pierre Bourdieu (1997) define o jornalismo como um campo⁸ com autoridade e autonomia relativas, mas bem definidas, mesmo vinculado ou dependente de outros campos. Para o autor francês:

[...] o mundo do jornalismo é um microcosmo que tem leis próprias e que é definido por sua posição no mundo global e pelas atrações e repulsões que sofre da parte dos outros microcosmos. O que nele se passa não pode ser compreendido de maneira direta a partir dos fatores externos (BOURDIEU, 1997, p. 55).

Bourdieu (1983, 1997) reforça que o universo do jornalismo é um campo que está sob a pressão do campo econômico a partir, sobretudo, da busca por demandas de mercado, por índices de audiência. Conforme o autor francês, o campo jornalístico também impõe sobre variados campos de produção cultural um conjunto de efeitos

⁸ Bourdieu (1983) desenvolveu um conceito de campo que aplica-se ao jornalismo, mas não é restrito a essa área. Tanto é que o autor francês denominou a expressão para tratar sociologicamente de esferas como arte, religião e vida intelectual que pudessem ser identificadas como um universo autônomo, com capital político e simbólico, em comparação a outras instâncias sociais.

relacionados ao seu modo de organização. Entende-se, portanto, que o jornalismo torna-se, ao mesmo tempo, dependente de forças externas e detentor de um poder simbólico em frente à sociedade, já que, segundo Bourdieu (1997), o campo jornalístico legitima a sua força pelo reconhecimento de seus pares e de uma maioria, que é materializado, principalmente em grandes instituições de mídia, pela receita financeira e pelo número de leitores, ouvintes, telespectadores, internautas.

Ainda segundo o autor francês, entre os fatores que contribuem para a organização do campo jornalístico estão os processos de especialização de agentes internos ao jornalismo e o poder atribuído à mídia, em especial a televisão, como um território de excelência para reconhecimento do poder de fala de jornalistas e de demais atores sociais. Até mesmo Kunczik, que não classifica os jornalistas como categoria profissional, admite haver um senso de profissionalismo em torno dessa atividade, ao destacar que “devido ao grande impacto dos meios de comunicação, os jornalistas têm uma responsabilidade profissional para com o público que estão servindo” (KUNCZIK, 2002, p. 37).

Quando Bourdieu (1997) salienta que o campo jornalístico legitima a sua força pelo reconhecimento de seus pares e de uma maioria, essa ideia aproxima-se do conceito proposto pela pesquisadora norte-americana Barbie Zelizer (2000), que considera o jornalismo não somente como uma profissão, mas como “uma comunidade interpretativa, unida pelo seu discurso partilhado e pelas interpretações coletivas de acontecimentos públicos relevantes” (ZELIZER, 2000, p. 33).

Para a autora, o enquadramento do jornalismo como uma profissão, ancorado por abordagens específicas no tratamento da notícia – tais como objetividade, neutralidade, equilíbrio – contribuiu para que o jornalista pudesse atribuir sentido à sua ação, perante o seu grupo e a maioria do público. Ao consolidar o discurso, ele dissemina o seu papel social e estabelece credenciais que o faz ter o direito de apresentar versões autorizadas acerca do que acontece no mundo. Por outro lado, conforme Zelizer (2000), esse *modus operandi* tornou obscurecidas outras dimensões da rotina produtiva do jornalista, tais como a construção da realidade (ou de parte dela) e as práticas de narração, quando os profissionais de imprensa atribuem a si próprio o poder de interpretação dos fatos.

Aqui enxerga-se o jornalista como de fato um profissional, na maioria das vezes com formação técnica e/ou acadêmica, que busca estar apto a desenvolver atividades tanto dentro quanto fora de uma empresa jornalística e torna-se mais capacitado em sua profissão (e nas ramificações desta ocupação) a partir de novas experiências e especializações na área. Especificamente no território das instituições midiáticas, a

carreira do profissional está atrelada a constrangimentos organizacionais (como também ocorrem em outras profissões), às pressões empresariais, às relações hierárquicas entre os trabalhadores, às influências de uma rotina de valores do grupo com o qual se trabalha e às normas técnicas estabelecidas pelo jornalismo ao longo do tempo.

E ao reunir aqui conceitos e apontamentos de dois autores europeus e de uma pesquisadora norte-americana, entende-se que muito do que aplica-se ao jornalismo em outras nações não é obrigatoriamente e totalmente um reflexo da realidade da atividade no Brasil, pois é também preciso ter um olhar mais específico sobre as particularidades das técnicas, das pressões, do contexto socioeconômico e de outros valores partilhados pelos jornalistas do País. No entanto, as percepções de autores como Kunczik, Bourdieu e Zelizer contribuem, e muito, para o entendimento sobre questionamentos vigentes no País em torno da identidade do jornalista e das fronteiras do jornalismo, principalmente a partir dos anos 2000, como a obrigatoriedade do diploma de jornalista e do registro profissional⁹ para o exercício da profissão.

No Brasil, o Supremo Tribunal Federal (STF) derrubou a necessidade de formação acadêmica para quem deseja trabalhar como jornalista, tornando, desde o dia 17 de junho de 2009, sem efeito uma lei editada em 1967, nos tempos da ditadura, que, segundo a maioria dos ministros da Corte, era incompatível com a democracia. Em 2013, o Senado aprovou alterações na Constituição Federal, e o diploma de graduação em Jornalismo deixou de ser obrigatório – apesar de, no mínimo, ser desejável para a entrada no atual mercado de trabalho que abrange as empresas jornalísticas.

Os defensores da ausência de certificação acadêmica argumentam que em diversos países democráticos não há esta exigência¹⁰, o que, a princípio, fortaleceria a ideia de liberdade de expressão para qualquer cidadão, e que inúmeros profissionais da área no Brasil nunca cursaram Jornalismo – como fotógrafos, cinegrafistas e ex-atletas que tornaram-se comentaristas esportivos em vários canais de comunicação. Já quem defende a necessidade do diploma considera que a formação acadêmica viabiliza a atividade

⁹ Com a mobilização de jornalistas, sindicatos e da Federação A revogação da Medida Provisória (MP) 905 no Congresso Nacional permitiu a retomada, em abril de 2020, da obrigatoriedade do registro profissional de jornalistas, de acordo com os decretos leis que regulamentam a profissão.

¹⁰ A exigência de formação acadêmica para o exercício da profissão de jornalista foi instituída em 1969 no Brasil. Anteriormente, em 1938, o então presidente Getúlio Vargas pelo decreto-lei 910, tornou obrigatório o registro dos jornalistas profissionais no Ministério do Trabalho, mas, na época, não havia escolas de ensino superior. O primeiro curso regular de jornalismo foi criado em 1947 pela Fundação Cásper Líbero, em São Paulo. No entanto, somente em 1969, com o decreto-lei 972, que o diploma se tornou condição necessária para exercer a atividade (RIBEIRO, 2000; LOPES, 2007).

jornalística, garante um mínimo nível de qualidade profissional e amplia a segurança nas negociações trabalhistas com os empregadores do setor, além de supostamente assegurar maior reconhecimento da categoria.

Ainda nos dias atuais, não há uma equalização de vozes a respeito da obrigatoriedade da certificação acadêmica, pois o simples fato de um indivíduo ter concluído a graduação em Jornalismo não é necessariamente suficiente para caracterizá-lo como pertencente a esse grupo de profissionais. O diploma “é apenas um dos dados que compõem a vastidão de elementos em conflito quando tratamos da configuração da identidade do jornalista brasileiro do início do século XXI” (LOPES, 2007, p. 8). Ele é um instrumento entre tantos outros que representam a construção de um saber específico para essa categoria profissional.

Mesmo que a graduação em Jornalismo não seja critério obrigatório que habilite a pessoa a trabalhar em jornais, revistas, sites noticiosos, emissoras de rádio e televisão, as instituições de ensino superior continuam formando jornalistas em tal frequência que as tradicionais empresas jornalísticas do País há algum tempo não conseguem mais absorver e empregar a nova mão de obra, e assim a forte concorrência passa a definir cada vez mais as relações de trabalho. Em contrapartida, nesse cenário contemporâneo do mundo capitalista, as novas tecnologias de informação e comunicação – que ampliam a produção e a difusão das notícias na internet – abrem possibilidades para que jornalistas (recém-formados ou não) e aqueles que não têm formação em Jornalismo possam exercer esta profissão, atuando, em especial, fora das grandes instituições midiáticas.

Porém, ao mesmo tempo que novos lugares de fala são estabelecidos a partir das potencialidades tecnológicas, passam a ser postas em dúvida as competências exclusivas da figura do jornalista em um território digital tão vasto em que todos os consumidores de notícias podem ser potenciais produtores de conteúdo. O cenário nebuloso para os profissionais da imprensa tradicional evidencia que “como muitas outras profissões, alteradas e muitas vezes extintas por novas forças produtivas, o jornalismo tem se tornado uma prática fragmentada e instável”. (SOUZA, 2017, p. 144), especialmente diante das mutações do trabalho e do capitalismo em tempos de informatização tecnológica. Conseqüentemente, o jornalista torna-se, em certo grau, refém de novas formas de consumo das notícias, o que aponta para questionamentos sobre a identidade profissional.

Como ressalta Bourdieu (1983, 1997), o jornalismo não é um campo totalmente isolado e independente. Por isso, a construção da identidade de um grupo, como o dos jornalistas, não é resultado a partir daquilo que é relevante no interior do mesmo, mas

também é influenciado por fatores externos (LOPES, 2007), como as imposições de poderes instituídos e aspectos advindos da convivência com outros grupos e agentes no espaço social. E mesmo que Kunczik (2002) considere que os jornalistas não formem uma categoria social homogênea de cidadãos, eles já se constituíram como uma comunidade que possui espaço e funções relativamente bem definidos na sociedade, mas que historicamente são redefinidos, como neste momento de instabilidade do jornalismo e de mudanças na configuração do mundo capitalista.

1.2 Prestígio social do jornalista

Historicamente, no Brasil e em outras partes do mundo, é cultural as famílias respeitarem os cidadãos mais graduados, que, por sua vez, transmitem credibilidade a uma variedade de pessoas, até mesmo não intencionalmente, devido à experiência adquirida ao longo dos anos ou por conta da posição social destacada aos olhos e ouvidos dos leigos. “Pode-se considerar que a simpatia pública por certas ocupações é como uma espécie de ponto focal onde se sobrepõem os fatores determinantes do prestígio da ocupação, como nível de educação, remuneração e posses” (KUNCZIK, 2002, p. 59).

Ao debruçar-se sobre o status do jornalismo como atividade ocupacional, Michael Kunczik destaca que um dos primeiros a comentar sobre o prestígio dos jornalistas foi Max Weber, na obra *Politik als Beruf* (Política como Profissão) publicada em 1919, na qual o sociólogo alemão exalta o trabalho do jornalista – que é “produzido imediatamente, a qualquer momento, sob condições criativas totalmente diferentes” (KUNCZIK, 2002, p. 59), mas que, mesmo assim, tem um prestígio ocupacional baixo, porque muitos se recordam mais de ações irresponsáveis de alguns jornalistas do que do bom desempenho da maioria desses profissionais no exercício de suas atividades.

Porém, como explica Kunczik (2002), um jornalista que realiza um trabalho considerado correto e destacado pode desfrutar de um prestígio social superior, por exemplo, a de um bom médico, que, de modo geral, é um profissional mais bem reconhecido pela sociedade do que os integrantes da imprensa tradicional. Como “os jornalistas não são uma categoria social homogênea de pessoas (...), dependendo da posição no meio de comunicação e do tipo de mídia, as tarefas e a autoimagem profissional dos jornalistas variam amplamente” (KUNCZIK, 2002, p. 16-17).

Pode-se concluir pelas palavras do teórico alemão que a imagem que o público tem sobre os jornalistas varia amplamente de acordo com a posição que eles ocupam em

um ou mais veículos de comunicação – rádio, TV, jornal, internet, etc. – e também do modo como os próprios profissionais se avaliam. Dentro da hierarquização de funções de uma organização jornalística, um colunista, um comentarista de rádio ou de televisão e um chefe de departamento de notícias gozam, possivelmente, de maior prestígio social como indivíduos entre as diversas atividades exercidas em uma redação.

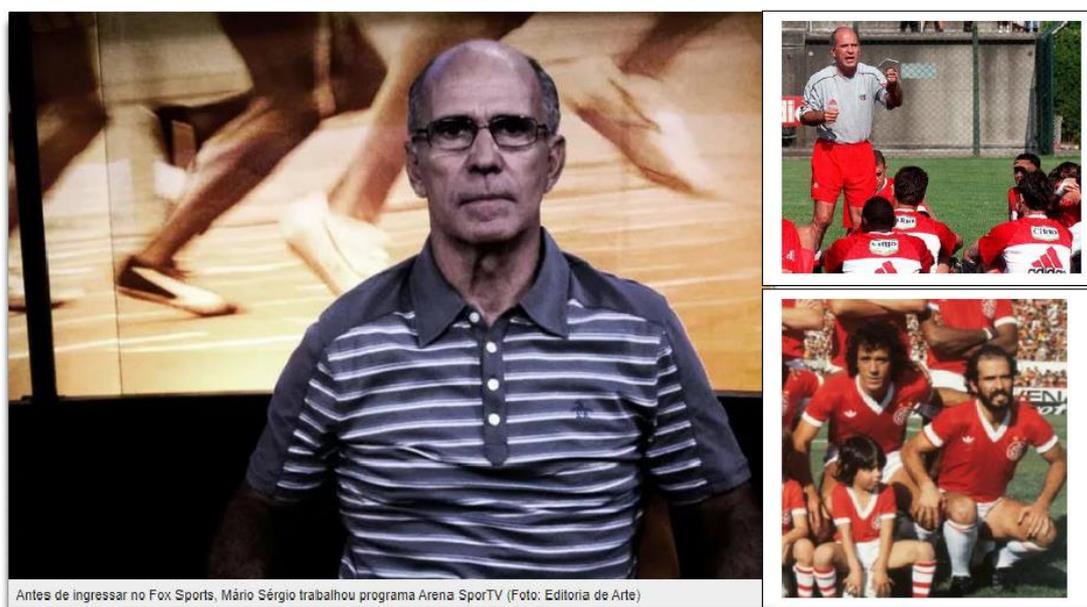
No caso da queda do voo 2933 da LaMia, que terminou com 20 jornalistas mortos (do total de 71 vítimas fatais), por diversas razões nem todos os profissionais eram conhecidos de boa parte do público. Como se diz no linguajar televisivo, alguns deles trabalhavam por trás das câmeras, como cinegrafistas, produtores, técnicos de externas e coordenadores de transmissões. Outros eram repórteres, comentaristas esportivos, narradores de rádio e TV e, por exercerem essas funções nas organizações jornalísticas, tinham supostamente contato frequente com o público e as fontes do meio esportivo em comparação aos outros colegas de profissão. Uns eram mais conhecidos perante a audiência porque trabalhavam em meios de comunicação de âmbito nacional, enquanto a metade deles (10) tinham maior visibilidade na cidade ou estado onde trabalhavam, porque eram funcionários de empresas de alcance mais restrito, situadas no Sul do País, nos estados do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina.

Entre os 20 profissionais da imprensa que morreram no acidente aéreo na Colômbia, Mário Sérgio Pontes de Paiva¹¹ possivelmente era o mais conhecido do chamado grande público. Naquela ocasião, aos 66 anos, Mário Sérgio (Figura 1) era comentarista do canal de TV Fox Sports, já tendo construído uma carreira vitoriosa como jogador, com passagens por clubes de renome do futebol brasileiro, como Botafogo-RJ, Flamengo-RJ, Fluminense-RJ, Grêmio-RS, Internacional-RS, Palmeiras-SP, São Paulo, Vitória-BA, além de ter vestido a camisa da Seleção Brasileira em algumas partidas. Foi ainda treinador de alguns clubes brasileiros e, no início da década de 1990, já exercia a função de comentarista na TV Bandeirantes, mesmo sem formação em Jornalismo – prática comum no segmento esportivo –, e chamava a atenção do público e de colegas da imprensa pela facilidade com que se comunicava e analisava futebol.

¹¹ Ex-comentarista do canal SporTV, pertencente ao Grupo Globo, antes de trabalhar no canal Fox Sports entre os anos de 2012 e 2016, Mário Sérgio teve sua carreira destacada em reportagem do Globoesporte.com (site que integra o Grupo Globo), no dia 29 de novembro de 2016, com a matéria Mário Sérgio: um craque de visão fora do comum capaz de inspirar até R10. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/futebol/noticia/2016/11/mario-sergio-um-craque-de-visao-fora-do-comum-capaz-de-inspirar-ate-r10.html>.

Dos 20 profissionais da imprensa que morreram no acidente na Colômbia, Mário Sérgio era o único com idade superior a 60 anos. Metade desse grupo de vítimas fatais era formado por pessoas entre 25 e 40 anos, portanto, com menos de duas décadas de carreira profissional, o que talvez possa explicar em parte porque muitos deles não eram conhecidos do grande público, sendo figuras mais notórias no meio do futebol. E como a “tendência é que o prestígio social de um tipo de publicação e de jornalismo dependa do perfil social de seus consumidores” (NEVEU, 2006, p. 68), esses jornalistas adquiriram maior visibilidade e reputação profissional entre a audiência do segmento esportivo de rádio, televisão, jornal impresso e sites noticiosos.

Figura 1 – Mário Sérgio, comentarista esportivo de TV, ex-técnico e ex-jogador



Fonte: Globoesporte.com, 29 de novembro de 2016 – fotomontagem, elaboração própria

Como a grande maioria dos 20 jornalistas atuavam especificamente no segmento esportivo, muitos deles se apresentavam na mídia ou eram reconhecidos pela sua audiência como fontes de informação sobre a Associação Chapecoense de Futebol ou *experts* em futebol catarinense e brasileiro. Essa especialização não necessariamente reduz a reputação desses profissionais que atendem a um grupo particular de consumidores de notícias. No entanto, como falam para uma clientela específica e para determinados canais de comunicação, há limites de alcance para outros tipos de público que não aderem (ou não aderiram) com frequência a esses conteúdos noticiosos.

Já em outras áreas do jornalismo, principalmente de ordem política e social – que tratam de temáticas consideradas mais relevantes para a sociedade do que verificam-se, por exemplo, em segmentos como esportes, comportamento e outros – há profissionais que são muitas vezes apontados, até pelo senso comum, como intelectuais por exercerem e por terem reconhecido o poder da palavra falada e escrita. Entende-se aqui, desde já, que nem todos os jornalistas são intelectuais e nem todo intelectual é jornalista, mas que ambos são peças fundamentais para o desenvolvimento próspero de uma sociedade.

Para o escritor e crítico francês Jean Paul Sartre, o intelectual “é alguém que se mete no que não é da sua conta e que pretende contestar o conjunto de verdades recebidas e as condutas que nelas se inspiram em nome de uma concepção global do homem e da sociedade” (SARTRE, 1994, p. 14). Por essa breve definição, o espírito questionador, a crítica social a serviço de certo ideal para a humanidade, passando por uma função de liderança na sociedade, devido à educação, às produções e aos valores que representam, mostram uma certa compatibilidade entre as figuras de jornalistas e intelectuais.

Fábio Henrique Pereira (2011) traz para o debate valores de intelectualidade mais associados ao jornalismo, ao destacar que muitos profissionais de imprensa convivem com duplo reconhecimento: de jornalistas e intelectuais, justamente por exercerem múltiplas atividades, como magistério¹², literatura, pesquisa acadêmica, arte, construindo assim uma nova identidade desse profissional.

Entendemos como jornalistas-intelectuais os indivíduos que dividem a vida entre a prática nas redações e outras atividades intelectuais, como a produção de obras artísticas e literárias, o pensar crítico sobre o mundo e o engajamento em questões políticas e sociais. É como se essas pessoas resolvessem ser “algo mais que simples jornalistas”, tornando-se escritores, professores, pensadores, militantes etc (PEREIRA, 2011, p. 14).

Ao conversar com diversos profissionais renomados do País, como Alberto Dines, Carlos Chagas, Carlos Heitor Cony, Mino Carta, Zuenir Ventura, entre outros, para compreender o ambiente dos jornalistas-intelectuais, Pereira (2011) ressalta que as figuras de jornalista e intelectual se confundiam, principalmente na primeira metade do século XX, como pensadores capazes de expressar ideias, opiniões e até mesmo lutas ideológicas sobre diversos assuntos, com espírito contestador e engajado.

¹² Repórter do Globoesporte.com, Laion Espíndula também era, aos 29 anos, professor no curso de Jornalismo Digital da Celer Faculdades, de Xaxim, na região Oeste de Santa Catarina.

Podemos afirmar que até a primeira metade do século XX, os jornalistas e os intelectuais brasileiros mantinham uma relação muito próxima. O jornal era visto como um espaço de exercício político e literário. Intelectuais intervinham frequentemente na imprensa para expressar posicionamentos políticos, publicar crônicas, contos, poemas e folhetins. E também para receber algum tipo de remuneração, pois dificilmente sobreviviam apenas da atividade intelectual. Os jornalistas que tinham a ambição de se tornar escritores ou políticos também se utilizavam das redações como uma espécie de trampolim para a futura carreira (PEREIRA, 2011, p. 15).

Conforme a compreensão de dez jornalistas-intelectuais brasileiros entrevistados, Pereira (2011) destaca que com a profissionalização da atividade e o processo industrial de produção da notícia, iniciados a partir da metade do século XX, o jornalismo hoje está mais associado a competências técnicas, do que ao romantismo que lhe atribuía um caráter humanístico. E a partir do início do século XXI, o jornalismo vem sofrendo constantes transformações, principalmente a partir da era digital, desde a produção até o consumo de notícias, o que, conseqüentemente, altera as rotinas de trabalho, as relações humanas e profissionais, a construção identitária e o prestígio social do jornalista.

Mensurar hoje o prestígio social de uma classe profissional sempre vai depender do contexto histórico e sociocultural da sociedade onde o indivíduo, em sua atividade ocupacional, está inserido. E como o jornalismo passa por constantes mutações, é até compreensível que não haja um consenso sobre o tipo de adjetivo a ser empregado para definir aqueles que praticam esta profissão. Sobre uma possível proximidade entre jornalistas e intelectuais, as duas categorias sociais são heterogêneas e entendidas como um grupo especial, mas também existem diferenças claras entre elas.

Retomando a ideia de intelectual descrita por Sartre, de um espírito contestador em benefício dos anseios da sociedade, é inviável, mesmo que existam similaridades, transferir facilmente essa definição de intelectualidade para todos os profissionais de mídia, seja pelo entendimento de que hoje o jornalista exerça funções mais técnicas, seja pelo fato de ele não contar com uma vasta bagagem cultural que mereça receber tal denominação. Mas, acima de tudo, porque muitos integrantes de imprensa não têm autonomia e seguem ou precisam seguir, em algum momento do exercício da profissão e devido a um conflito de interesses, ordens das empresas jornalísticas e de anunciantes ligados a essas mesmas organizações de mídia. Na contramão, os intelectuais não concordam, ou não precisam necessariamente concordar por razões financeiras, com a corrente principal vigente.

Como ressalta Kunczik (2002), não há como unificar o pensamento da sociedade sobre a reputação do jornalista, pois há uma diferenciação de classificação que depende do contexto histórico e sociocultural de regiões e países para que possa ser produzida uma similaridade na avaliação hierárquica desta e de outras profissões. Soma-se a isto o fato de que o jornalismo está em processo de transformação, influenciado por formatos diferentes de seus produtos e pelo comportamento hiperconectado de seus consumidores, o que interfere decisivamente na percepção que o público tem dos jornalistas sobre suas competências, credibilidade e prestígio social.

1.3 A imagem que o jornalista tem de seu público

Numa sociedade democrática, espera-se que os meios de comunicação de massa, e em especial os profissionais de imprensa, atuem, segundo o *ethos* do jornalismo, como mediadores de uma realidade, interlocutores credíveis entre cidadãos e instituições sociais. E, a partir da legitimação de suas capacidades, possam contribuir para formação de opiniões no meio da sociedade. “Para poder cumprir essa tarefa, os jornalistas precisam de informações precisas sobre o seu público e geralmente devem mostrar interesse por suas opiniões e necessidades” (KUNCZIK, 2002, p. 190). O jornalista, então, constrói durante a sua rotina de trabalho a imagem de quem o lê, o assiste, o escuta, pois, como em outras profissões, ele não produz apenas para si, ele trabalha para o outro, e este outro precisa ser identificado. Portanto:

[...] a imagem do público, seja ela imaginária ou real, afeta a forma com que o comunicador organiza as notícias, por exemplo, e também o que o comunicador recorda depois e considera apropriado para a divulgação nos meios de comunicação. A audiência afetou o que jornalista escreveu ou disse mesmo antes de ela ter sequer escutado ou lido o que ele tinha a dizer (BAUER, 1958 *apud* KUNCZIK, 2002, p. 195).

No entanto, Kunczik (2002) reforça a dificuldade dos jornalistas de construir uma noção de audiência, pelo fato de eles não contarem com uma definição suficientemente clara de sua clientela, durante suas tarefas diárias de trabalho. Para o autor alemão, que analisa mais atentamente o jornalismo ocidental, é até “muito provável que os jornalistas tenham uma imagem do público que corresponde à sua própria procedência de classe média” (KUNCZIK, 2002, p. 191), a partir de experiências adquiridas ao longo da vida pessoal e do “contato principalmente com as elites sociais e

seus colegas profissionais” (KUNCZIK, 2002, p. 192), com valores supostamente divergentes dos daquelas pessoas que consomem o noticiário produzido por esses mesmos comunicadores. Ainda conforme Kunczik (2002), o próprio desinteresse dos profissionais de imprensa em indagar sobre as necessidades e os interesses daqueles com que se comunica pode contribuir para uma mera especulação da audiência.

Já Umbelino e Freitas (2017, p. 154) ressaltam que, como o jornalista conta com múltiplas possibilidades interpretativas a respeito de seu público, “a mídia se especializou internamente em confeccionar suas próprias realidades e em defendê-las”, recorrendo, por exemplo, a arquétipos antigos, a imagens mentais e a estereótipos¹³ para simplificar uma pluralidade de públicos e tomá-los como legítimos a partir do uso corrente. Há, desse modo, o risco de os jornalistas se relacionarem “com essas imagens às vezes mais intensamente do que com os próprios leitores” (UMBELINO; FREITAS, 2017, p. 153), e, conseqüentemente, eles “passam a escrever ou falar para simplificações desse público” (UMBELINO; FREITAS, 2017, p. 154). A partir de um uso corrente nas redações e em conversas descompromissadas do próprio público, não faltam estereótipos e imagens para delimitar o tipo de leitor de diferentes áreas jornalísticas, tais como: engajado (noticiário político); “gosta de sangue” (noticiário policial); despolitizado (noticiário esportivo); apreciador de futilidades (cadernos de entretenimento).

Entretanto, ao contrário do que afirma Kunczik (2002), acredita-se aqui que os jornalistas tenham crescente interesse em conhecer mais o seu público, pois isso interfere decisivamente nos resultados do produto jornalístico. E mesmo que haja em certas situações erros de avaliação do conteúdo jornalístico a partir da formação de uma imagem tão somente estereotipada do público-alvo, os profissionais cada vez mais dispõem, em suas práticas diárias, de ferramentas que permitem conhecer melhor os interesses de sua audiência de tal modo que isso se reflita na produção do noticiário.

Em sua obra *Opinião Pública*, publicada pela primeira vez em 1922, Walter Lippmann (2010) afirma que o estereótipo atende a uma operação de economia da mente, porque, conforme o autor, a tarefa de abranger todos os detalhes possíveis de uma realidade, de modo integral e direto, é exaustivo e até inútil, e que esse processo de criar

¹³ O termo estereótipo (do grego *stereos-typos*, que significa “impressão rígida”), conforme Santoro (2014, p. 16) foi cunhado, em 1798, pelo tipógrafo francês Firmin Didot para indicar lâminas de chumbo usadas no processo de estampa para produzir cópias da mesma página. Foi Walter Lippmann, em 1922, quem utilizou o termo “*stereotypes*” para indicar as representações mentais que cada um de nós projeta sobre a realidade para padronizá-la cognitivamente. Hoje, com o termo “estereótipo” se indicam com frequência generalizações simplistas e, às vezes, caricaturais para qualificar grupos e/ou pessoas. Por vezes, são usados “estereótipos” para classificar, até de forma grosseira, ações ou modos de discursar.

rótulos não ocorre necessariamente de modo planejado. Muitas vezes encontra-se enraizado nos hábitos culturais de uma sociedade, sendo projetado para a formar um quadro homogêneo de pensamento. Para o autor, esses traços gerais predizem a realidade:

Na maior parte dos casos nós não vemos em primeiro lugar, para então definir, nós definimos primeiro e então vemos. Na confusão brilhante, ruidosa do mundo exterior, pegamos o que a nossa cultura já definiu para nós, e tendemos a perceber aquilo que captamos na forma estereotipada para nós por nossa cultura (LIPPMANN, 2010, p. 85).

Desse modo, o estereótipo – inspirado em traços gerais específicos escolhidos em detrimento de outros – não se limita a um sistema de referências/valores ao qual os indivíduos, entre eles os jornalistas, recorrem para compreender o mundo. Como ressalta Lippmann (2010), os sujeitos, na maioria dos casos, trabalham com os estereótipos já formados. E os profissionais de imprensa apropriam-se de estereótipos não somente para delimitar seus públicos, eles fazem uso dessa prática para outras finalidades, como para referenciar os personagens de um acontecimento noticioso.

No noticiário esportivo, por exemplo, é usual personificar a imagem de “herói” para falar de atletas de alto rendimento com desempenho acima da média quando estes representam uma agremiação esportiva ou uma seleção nacional, porque também é comum haver a compreensão por parte dos jornalistas, ao fazer uso de uma “gramática particular”, de que a aplicação desse tipo de estereótipo seja do agrado dos aficionados por esportes, a partir da imagem que se tem de uma coletividade, seja ela formada por torcedores fervorosos de um clube ou de fãs de esportistas. E, apesar de não se reconhecer como parte de seu próprio público, o agente jornalístico, ao recorrer a certos estereótipos para construção das notícias, também está enxergando a si mesmo, pois quem trabalha nesta área certamente torce por um time de futebol e é fã de modalidades esportivas.

Na cobertura do acidente aéreo em Medellín, os jogadores da Chapecoense que morreram na queda do avião, aos olhos da imprensa e de torcedores, dignificaram as cores do clube de tal modo que, apesar da impossibilidade de o time conquistar o título em campo, foram chamados de heróis, como o próprio noticiário do Globoesporte.com escreveu no título de duas matérias coletadas para esta pesquisa: *Danilo, o goleiro que recusou o rótulo de herói e se eternizou na Chape; Até o céu chorou: chuva marca adeus de Chapecó aos seus anjos heróis*. Tais palavras estereotipadas buscam agilizar o processamento das mensagens e a assimilação das informações, reforçando certas ideias que o próprio público tem ou passou a ter sobre a Chapecoense e os seus jogadores.

Desse modo, seja na construção da narrativa, seja na captura da imagem que o jornalista tem de seu leitor, ou em quaisquer outra prática jornalística, o estereótipo, mesmo que seja constantemente simplificador, raso e valorativo, não é necessariamente sempre preconceito ou simplista (UMBELINO; FREITAS, 2017). Como afirma Lippmann (2010), os homens vivem infinitas vezes as mesmas situações e, para não realizar novamente todo o processo construção de estereótipos, evocam realidades estereotipadas, já enraizadas na memória dos cidadãos, para evitarem o esforço da mente humana e, assim, acelerarem o processamento e o entendimento das informações.

Como “a imagem do público que têm os jornalistas representa indubitavelmente um papel importante na produção dos conteúdos dos meios de comunicação” (KUNCZIK, 2002, p. 194), empresas jornalísticas, ao longo do tempo, investiram, também com o interesse de seus parceiros comerciais, na investigação em torno da audiência para identificar quem é de fato o outro para quem se fala e, conseqüentemente, para impulsionar a comercialização de produtos jornalísticos e a valorização financeira e simbólica dos anunciantes vinculados a eles. E para não se limitar ao uso corrente de estereótipos, sem maior embasamento, e descobrir quais métodos e mensagens atingem melhor a audiência, a mídia passou a criar e aprimorar “mecanismos de redução das possibilidades interpretativas – tais como as pesquisas de público, os índices de audiência, a sistematização do estudo dos *feedbacks* colaterais, a intensificação dos canais de interatividade mediada ou direta, etc.” (UMBELINO; FREITAS, 2017, p. 155).

Em veículos jornalísticos, como Foxsports.com.br, GE e o site da RBS TV, e demais produtos noticiosos on-line, costuma-se ter a resposta do público praticamente em tempo real sobre as reportagens veiculadas, seja pela aferição quantitativa e qualitativa da audiência (alguns portais chegam a elencar em suas *timelines* as matérias mais lidas/acessadas do dia), seja pela análise da caixa de comentários disponibilizada no próprio site ou nas redes sociais digitais das organizações jornalísticas. “Portanto, as notícias on-line oferecem aos jornalistas *feedback* instantâneo sobre se as decisões de seleção de notícias (e métodos de apresentação) se casam com aqueles números significativos de leitores (HARCUP; O’NEILL, 2017, p. 1474, tradução nossa¹⁴). Assim, o jornalista dispõe de parâmetros para saber o que agrada ou desagrade ao público em determinada temporalidade, quando lhe oferece um cardápio de informações.

¹⁴ “Online news therefore presents journalists with instant feedback about whether their news selection decisions (and methods of presentation) marry with those of significant numbers of readers” (HARCUP; O’NEILL, 2017, p. 1474).

E o uso cada vez mais crescente de ferramentas tecnológicas, como as redes sociais digitais, tende a facilitar o entendimento entre os anseios da imprensa e de sua audiência – como em tempos anteriores cartas, telefonemas e outros recursos cumpriam função semelhante. Porém, isto não quer dizer necessariamente que o noticiário ofertado por um produto midiático, a partir de respostas do público em canais de interatividade (sobretudo os virtuais), atenda às necessidades plenas dos consumidores de notícias, pois existe a probabilidade das reportagens, ou do desdobramento delas, não estarem contempladas ou devidamente destacadas, segundo o olhar da maioria da audiência. Pelo menos pode se presumir que esses mecanismos de retroalimentação sinalizam quais acontecimentos possam despertar maior interesse do público (fontes, anunciantes, etc.).

Por essa lógica, mecanismos de retroalimentação, entre eles as pesquisas de mercado, visam a orientar o trabalho do jornalista e, conseqüentemente, facilitar as ações do mercado de Comunicação ao apresentar perfis de audiência para cada produto jornalístico. O *feedback*, portanto, tenta reduzir a incompatibilidade entre o conjunto de valores dominante das organizações jornalísticas e o suposto conjunto de valores do público (KUNCZIK, 2002; UMBELINO; FREITAS, 2017), indicando quais caminhos e modos são pertinentes para reportar acontecimentos a uma multiplicidade de leitores.

Em contrapartida, é possível dizer que o texto jornalístico, em meios tradicionais de comunicação, sofra interferências de uma rotina produtiva intensamente influenciada por valores mercadológicos e produza uma imagem já padronizada do público, colocando em dúvida a necessidade do jornalista de pensar para quem se comunica – a partir da constatação de que a responsabilidade de definir quem é o público está sob o controle de departamentos publicitários ou econômicos das empresas jornalísticas.

Apesar dessa interferência, “não se pode afirmar que apenas pelo fato do contexto de mercado transformar o jornalismo em uma atividade puramente mercadológica significa que, necessariamente, os jornalistas tenham abdicado de imagens idealistas de seu público” (UMBELINO; FREITAS, 2017, p. 159). No contato diário com as fontes, oficiais ou não, e na confecção do produto jornalístico propriamente dito entre seus pares, o jornalista, do menor ao maior posto de relevância em uma organização de comunicação, não abdica de pensar para quem se comunica, mesmo que a rotinização das atividades profissionais não permita maior reflexão sobre o assunto e a produção do trabalho esteja mais mecânica do que intelectual devido a alguns fatores, tais como os novos modos de consumo da notícia e a maior velocidade do compartilhamento das informações.

Se o jornalismo atualmente passa por redefinições, por uma crise de identidade, seja devido à reconfiguração de suas práticas diárias, a novos perfis sociais dos profissionais de imprensa, à reformulação em curso como uma nova instituição jornalística, há ainda quem transite por uma das duas imagens de público que podem ser definidas tanto por estereótipos (imagens mentais) quanto por mecanismos científicos: “o ‘público-cliente’, que consome notícias como se comprasse bolachas e quer resultados imediatos, e o ‘público-cidadão’, cioso da construção de uma sociedade mais justa e que tem o direito de saber e de se proteger contra as arbitrariedades do poder”. (UMBELINO; FREITAS, 2017, p. 160).

Tais delimitações da imagem de público se relacionam com a autoimagem dos profissionais de imprensa, brevemente resumidas por Umbelino e Freitas (2017, p. 160): o “jornalista-funcionário”, que é um produtor industrial da informação, um operário das palavras, mais conectado ao compartilhamento mais célere das notícias; e o “jornalista-resistente”, que aponta as agruras da sociedade e convida o público, de maneira mais enfática, à reflexão ou à rebeldia. E o jornalista, como observam os autores, podem transitar com certa facilidade por estes dois eixos.

Independentemente de qual caminho os jornalistas e as mídias vão optar para definir o público consumidor e assim direcionar as notícias produzidas, seja do uso corrente de estereótipos para qualificar grupos e/ou pessoas, seja de métodos científicos para a captura de um leitor-consumidor personalizado, a missão de saber onde está o outro para quem se fala ou se escreve vai persistir, em maior ou menor intensidade, porque tanto a comunicação quanto as atribuições dos jornalistas ao longo da História já comprovaram que não estáticas assim como a sociedade em que vivemos.

1.4 Perfil do jornalista e os desafios contemporâneos da profissão

Diversas profissões tradicionais têm enfrentado processos de transformações a partir das mudanças impostas pelo capitalismo, principalmente na virada deste século, como a maior flexibilização e a diversificação das relações de trabalho, a compressão nas categorias de tempo e espaço e a frequente mediação de atividades por meio de tecnologias de informação e comunicação. Um dos ofícios que experimenta profundas alterações é o de jornalista, que se depara com dúvidas sobre os rumos da profissão, entre elas o da validação de sua função de mediador único, ou mais bem qualificado, da esfera pública midiática. Tarefa esta que tem como proposta, sobretudo pela ótica das

empresas jornalísticas, facilitar a mútua comunicação entre os diferentes grupos da sociedade (KUNCZIK, 2002).

Com a ascendente globalização comercial e a difusão de tecnologias digitais móveis que ampliaram as relações de comunicação no cotidiano dos indivíduos (LELO, 2019), evidencia-se na sociedade contemporânea uma maior facilidade de produção do material jornalístico – principalmente na internet – não apenas para os profissionais da área, como para pessoas que exercem outros tipos de atividades e passam a se assumir como comunicadores. Com as possibilidades ofertadas pelas mídias digitais, cidadãos que a princípio não dominam as técnicas do jornalismo entregam produtos noticiosos a uma determinada audiência, havendo assim uma desterritorialização da produção de conteúdo (MORAES, 2013), provocada sobretudo por uma inquietude para investigar fatos (em evidência ou não nos meios informativos convencionais), conhecer histórias e contá-las.

O crescimento da Internet gerou uma clara mudança no papel reservado aos jornalistas em produzir, divulgar informação, com a expertise própria de uma profissão cuja estabilidade permitia o desenvolvimento e venda da mercadoria notícia. A mudança mais imponente está na circulação da informação jornalística (SOUZA, 2018, p. 57-58).

“Com a ascensão dos prossumidores¹⁵ (usuários consumidores e criadores de conteúdo) há um questionamento cada vez maior do papel dos jornalistas na elaboração de narrativas noticiosas” (SOUZA, 2018, p. 58). Nesse cenário, as informações tendem a tornar-se mais acessíveis ao público inserido na ambiência digital, e a mediação da imprensa tradicional apresenta-se sem o mesmo ímpeto de outros períodos da História (GROHMANN, 2016), o que interfere decisivamente na identidade profissional do jornalista, no valor simbólico da notícia produzida pelas organizações jornalísticas e na circulação da mercadoria em um novo ecossistema midiático.

As mudanças no jornalismo, que impõem naturalmente desafios à profissão de jornalista, não são resultantes apenas das inovações de artefatos tecnológicos, sobretudo do maior acesso e uso da internet, como apontam Souza (2018, 2019), Pereira e Adghirni (2011). Os sintomas da crise jornalística, embora possua particularidades próprias, estão conectados também às metamorfoses da estrutura do capital. Ocorreram (e ocorrem)

¹⁵ O termo prossumidor foi criado na década de 1980 pelo escritor norte-americano Alvin Toffler (1928-2016), para indicar o novo papel do consumidor na sociedade pós-moderna. Com a nova realidade criada pelas redes sociais digitais, ele escolhe os conteúdos que vai acessar, interage, compartilha, produz e propaga material diversificado sobre conteúdos desejados, sejam jornalísticos ou não.

profundas e heterogêneas mutações no mundo do trabalho (LELO, 2019; MICK; LIMA, 2013), tais como: desemprego crônico, com baixa capacidade do mercado de absorver a força de trabalho; dificuldades de gerenciamento das empresas enquanto modelo de negócios, necessitando elaborar novos arranjos econômicos (fontes de financiamento); e queda da taxa de lucros das mercadorias, com o público mais atuante e ávido por fabricar suas individualidades.

São fenômenos que afetam diretamente a prática jornalística, fazendo-se necessário contornar, conseqüentemente, diversas crises em seu ecossistema: crise de mediação, crise de credibilidade, crise de autoridade, crise de informação, crise de distribuição (PEREIRA; ADGHIRNI, 2011). Evidenciam-se aí mudanças aceleradas na forma de produzir notícia, no perfil social e profissional dos jornalistas – inseridos ou não em conglomerados midiáticos –, nos regimes de contratação da classe trabalhadora e nas relações da imprensa com o público, o que coloca em xeque a relevância do discurso jornalístico tradicional e ainda vigente em grandes meios de comunicação para a modernidade (FÍGARO, 2014).

Entende-se, portanto, que as crises do jornalismo e do capitalismo andam ao longo das últimas décadas de mãos dadas, tanto é que o “modelo econômico fordista de criação, que imitava a lógica industrial da modernidade capitalista, foi alterado e a própria prática jornalística necessita de uma readequação” (SOUZA, 2018, p. 58). E esse ajustamento passa nos últimos tempos pela lógica do jornalismo on-line/digital, de uma redefinição dos modos de noticiar os acontecimentos, com uma edição contínua e atualizada dos fatos, para atender interesses mais específicos de seus consumidores. Aquele poder dos jornalistas e das organizações midiáticas de idealizar o seu público-alvo e de mediar o que deve ou não ter valor de notícia ganha novos valores, em sintonia fina com a ordem econômico-política hegemônica, como descreve Fígaro.

O jornalismo, portanto, está em mudança, pode perder seu papel potencial de mediador da esfera pública midiaticizada, com uma agenda de discussão que pauta os cidadãos no cenário local, regional e global, para consolidar-se como oferecedor de informações conforme o critério de perfil do consumidor. Há aí uma transformação em curso, alterando o papel social do jornalismo e a sua relevância como forma discursiva de amálgama do contrato social. Mudança no valor de uso. Neste século XXI, o caráter comercial do jornalismo tende a se aprofundar para atender não mais a média idealizada de um público-alvo, leitor, cidadão; e sim voltar-se a capturar o leitor-consumidor personalizado com produtos customizados. Esse processo está em sintonia com a ordem econômico-política hegemônica. Essa ordem converte os novos

artefatos tecnológicos em instrumentos que potencializam a lucratividade dos grandes grupos econômicos globais e o controle que eles exercem sobre as populações (FÍGARO, 2014, p. 27).

Com essas transformações em curso, a captura pela atenção da audiência, independentemente da plataforma midiática da qual o público faça uso, ocorre em grande proporção, e cada vez com maior frequência, a partir da elaboração de um pacote personalizado de notícias moldado pelos hábitos expostos e executados pelos indivíduos na internet. Desse modo, o profissional de imprensa e as empresas jornalísticas vão estar mais conscientes do público que têm e assim terão acesso aos gostos dos usuários para indicar a eles um cardápio noticioso considerado mais relevante de acordo com seu perfil de leitura. Esse caminho indica que “a autoridade jornalística é cada vez mais baseada nos indivíduos, e cada vez menos baseada nas instituições” (SCHUDSON, 2011, p. 146).

O fato de os jornalistas estarem mais conscientes dos estudos de mercado e do público para o qual trabalham comprova também como a ordem reprodutiva do capital se apropria da “revolução informacional, colocando a rede digital como mediadora principal da produção, no âmbito do trabalho, do lazer e do consumo” (SOUZA, 2018, p. 63). Nesse cenário, o consumidor/leitor se consolida como protagonista da produção jornalística, em um processo de transgressão dos modos tradicionais de produzir e ler as notícias, repassando-as pelas redes sociais digitais.

Mais ainda, ajudado pelos algoritmos, que captam, ordenam, estruturam e disponibilizam a informação (seja ela de qualquer gênero), ele recebe pacotes de notícias formatadas ao seu perfil sobre o repertório que lhe aprouver e poderá trocá-las potencializando sua abrangência de circulação. Os relatos curtos e informativos das notícias factuais são/serão produzidos pela escrita coletiva que vai pelas redes sociais, assinados pela grife de uma empresa jornalística (FÍGARO, 2014, p. 34).

Com vozes novas e remodeladas no jornalismo – em blogs pessoais de informação, em coletivos e associações, assessorias e organizações sociais, canais independentes nas redes sociais, e outros – surgem também “diversas terminologias para o jornalista e suas novas funções: blogueiro, curador, *freelancer*, independente, empreendedor” (GROHMANN, 2016, p. 7), além da possibilidade de variadas

modalidades jornalísticas, como *paywall*¹⁶, jornalismo de dados, sem fins lucrativos, pagamentos por clique, videoblogue, e não apenas nas grandes empresas de mídia.

Nessa perspectiva, o jornalista pode reivindicar para si uma das terminologias supracitadas, ou até mais de uma marca, para simbolizar o seu lugar de fala e constituir uma nova identidade que possa o diferenciar dos concorrentes (e colegas) da área de Comunicação, tendo ainda como objetivo ser reconhecido e valorizado como profissional multiplataforma/multimídia.

“Esses deslocamentos de identidade também aconteceram historicamente de acordo com as próprias mudanças nos processos produtivos” (GROHMANN, 2016, p. 8) e conforme as reestruturações das empresas de mídia que estão pressionadas economicamente. No entanto, a construção deste estatuto identitário não se mostra finalizada, pois, no meio jornalístico, há ainda incertezas sobre os rumos da profissão que obrigam o jornalista a se reinventar, a adaptar-se a diversos ambientes de trabalho ou a migrar para áreas afins, como o setor publicitário, de marketing e de relações públicas, e à docência em ensino superior.

Diante dessas mutações e de um processo de individualização no mundo do trabalho, a figura do jornalista que concentra as atividades na redação de uma grande empresa midiática (trabalhar em casa vem ganhando espaço entre os jornalistas, sobretudo entre *freelancers*) e tem carteira de trabalho assinada progressivamente divide território com comunicadores que têm outros (e novos) perfis e atuam fora dessas instituições, com regimes flexíveis de contratação.

Estudo elaborado por Thales Vilela Lelo (2019), derivado de uma tese que inclui entrevistas entre dezembro de 2015 e janeiro de 2017 com jornalistas de São Paulo – estado que representa uma significativa parcela de 36% do mercado jornalístico do País –, aponta que 33% dos profissionais trabalham sob regime da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), enquanto 18% deles se intitulam *freelancers* e outros 18% declaram-se como pessoa jurídica (PJ), em um processo chamado de “pejotização” – em que os contratos realizados pelas empresas de comunicação as eximem de tributos relativos aos direitos do empregado. A pesquisa indica ainda que metade dos entrevistados (50%) alega

¹⁶ *Paywall* é um sistema que propõe cobrar – geralmente por mês ou por ano – um consumidor para que ele consiga consumir o conteúdo de um *site* ou plataforma específica. Assim, será possível que o pagador tenha prioridade sobre os usuários não pagantes. Para muitos *sites*, esse modelo é uma salvação financeira.

prestar serviços em um regime flexível de contratação, com as instituições midiáticas objetivando conter despesas e consequentemente maximizar os seus lucros.

[...] há uma nítida tendência, por parte das empresas de comunicação, de se aproveitarem dos deslocamentos nos modos de arrecadação e da integração aos mercados digitais para promoverem uma sensível precarização das condições de trabalho e diminuição dos quadros de repórteres nas redações, visando manter elevadas as expectativas de receita com estimativa de despesas reduzida (LELO, 2019, p. 104-105).

No crescente processo de pejetização no mercado jornalístico, estudo anterior ao de Lelo (2019), elaborado por Jacques Mick e Samuel Lima (2013) e empreendido em todas as regiões do País destaca que os jornalistas, ao buscarem melhores condições financeiras, acabam assumindo a função de empregados de si mesmos, porque nas empresas de comunicação eles convivem frequentemente com indicadores de precarização das condições de trabalho, como baixas remunerações, acúmulo de funções e carga horária extensa – com mais de 40% dos profissionais trabalhando de 8 a 12 horas por dia. Há, segundo apontam os pesquisadores, registros de trabalho combinado em empresas de mídia e fora dela, como relações públicas e marketing.

Considerando as pesquisas de Lelo (2019), Mick e Lima (2013), e Fígaro *et al.* (2013), o jornalista, de modo geral, deve ser considerado integrante da classe trabalhadora por vender sua força de trabalho – apesar de muitos comunicadores negarem e se reconhecerem somente como membros de uma classe criativa (LELO, 2019). Esses autores evidenciam, com investigações empíricas, mudanças no perfil profissional e revelam que o cenário do jornalismo digital não elimina (ou não está eliminando) os conflitos enfrentados pela categoria, havendo ainda formas precárias de trabalho.

As redações tradicionais estão mais enxutas devido à crise do modelo de gestão de negócios e principalmente aos sucessivos passarálhos¹⁷, que acarretam inúmeros reflexos à vida do trabalhador e, simultaneamente, intensificam problemas já comuns à categoria e trazem novos dilemas com a ascensão de um jornalismo em tempo real, tais como: redução da vivência social entre os profissionais no ambiente de trabalho e do tempo destinado aos afazeres pessoais devido à excessiva pressão para realização de tarefas; regimes de plantões com apenas um fim de semana de descanso no mês; não

¹⁷ O jargão jornalístico surgiu em 1975 depois de uma série de demissões em massa ocorridas no antigo Jornal do Brasil em analogia às revoadas de pássaros que destroem tudo o que veem pelo caminho. Disponível em: <http://apublica.org/2013/06/revoada-dos-passaralhos/>. Acesso em: 12 jun. 2019.

pagamento de horas extras e formação de bancos de horas trabalhadas; prestação de serviços em outras áreas para complementação da renda familiar; redução salarial, com a maioria dos jornalistas recebendo, em média, de três a cinco salários mínimos.

Além do enxugamento de postos de trabalho nas redações, presencia-se uma alta rotatividade no quadro de empregados (insatisfeitos com a precarização do trabalho), formado principalmente por jovens recém-saídos da universidade e com maior intimidade com as inovações tecnológicas, extinção de algumas funções e criação de atribuições que desenvolvem mudanças de ritmo e de estrutura do trabalho, tais como: encurtamento e supervalorização do tempo de confecção do produto noticioso; alongamento e flexibilização da jornada de trabalho (acima de 8 horas por dia, em média) em desobediência à legislação trabalhista; tendência de terceirização da força de trabalho; menos jornalistas na rua (em apuração) e maior dependência dos assessores de imprensa, fortalecendo o denominado “jornalismo sentado¹⁸”, com horas à frente do computador.

O diagnóstico das mutações no ambiente de trabalho aponta também para alterações no perfil profissional do jornalista, constituído, conforme diversos estudos acadêmicos – como os de Lelo (2019), Mick e Lima (2013) e Fígaro *et al.* (2013) – pelo predomínio de mulheres jovens provenientes de famílias brancas, entre 19 e 35 anos, solteiras, sem filhos, com algum tipo de curso de especialização em nível de pós-graduação e que trabalham em multiplataformas, em média, de 8 a 10 horas por dia e para diversos clientes, além de um baixo interesse pelo engajamento de associações coletivas¹⁹.

Essas são mutações que vêm ocorrendo desde os anos de 1990, em conjunção com as reformas das redações jornalísticas e o processo de flexibilização do trabalho. Mudanças que estão conectadas com “o número maior de mulheres nos cursos universitários de Comunicação e também com o crescimento da participação da mulher brasileira no cenário do mercado de trabalho” (FÍGARO, 2014, p.33), em um processo de feminização em diferentes setores da economia.

¹⁸ O termo jornalista sentado é um conceito que vem originalmente do francês “*journaliste assis*”, em oposição ao “*journaliste debout*”, jornalista de pé. Segundo Erik Neveu (2006), o termo é utilizado para designar um jornalismo mais orientado ao tratamento (formatação dos textos de outros jornalistas, gênero editorial ou comentário) de uma informação que não é coletada pelo próprio jornalista. O surgimento do termo é bastante associado ao advento da internet e do jornalismo em rede. Porém, ao longo da história, já existiam nas redações profissionais com características de um jornalista sentado (como redatores), que não apuram informações por meio de contato direto com as fontes.

¹⁹ De acordo com o relatório de Mick e Lima (2013), a maioria dos jornalistas no Brasil não é sindicalizada (74,8%) e não milita atualmente em organizações e associações (65,6%). Estudos de Lelo, em São Paulo, apontam número semelhante: 79% não são sindicalizados.

Porém, no mercado jornalístico, como aponta Lelo (2019), nem todos os setores da redação são compostos em sua maioria por mulheres, apesar da maior inserção feminina. Editorias como as de fotografia e esportes, por exemplo, ainda têm um predomínio da força de trabalho masculina. Como exemplo, todos os profissionais que viajaram com a delegação da Chapecoense para a Colômbia para a cobertura do primeiro jogo da final da Copa Sul-Americana, em 2016, eram homens, numa demonstração numérica de que a presença feminina na cobertura de eventos esportivos ainda é diminuta.

Toda essa metamorfose em curso no mercado jornalístico traz a reboque o fortalecimento de discussões sobre a formação de novos profissionais, que envolve alterações no campo teórico-acadêmico para melhor compreensão do trabalho do jornalista e do “Jornalismo como prática social devotada aos direitos do cidadão à informação na consolidação da democracia” (FÍGARO, 2014, p. 35). Torna-se necessário – e não somente nas universidades – buscar reflexões em torno das práticas profissionais cotidianas e de fundamentações filosóficas, éticas e sociológicas para tentar compreender que tipo de jornalismo está sendo praticado e quais são as novas possibilidades nessa área.

Mesmo sensibilizado pelos dilemas do cotidiano da carreira jornalística, criados pela situação precária de emprego e salário, pelo ritmo acelerado de trabalho sem condições adequadas para desenvolvê-lo e pelas frustrações desencadeadas por embates das relações de poder nas empresas e/ou clientes aos quais prestam serviços (FÍGARO, 2014), o jornalista precisa estar ciente de uma deontologia que não se limita a um discurso retórico de ideais de objetividade, neutralidade e imparcialidade, mas que busca um senso crítico mais apurado para o exercício do dito “bom jornalismo”.

Como mostra o documentário Mercado de notícias, dirigido por Jorge Furtado (2014), que dá voz a profissionais considerados de primeira linha da grande mídia do País para analisar o trabalho da imprensa brasileira, os comunicadores não podem perder de vista características intrínsecas ao fazer jornalístico, tais como: poder constante de questionamento; confronto de opiniões, sobretudo numa fase de radicalismos da sociedade; filtragem dos interesses das fontes para convergência com o interesse público; construção de narrativas mais completas e fiéis aos fatos, para ir além de meros relatos dos acontecimentos.

As indefinições de um jornalismo na era digital conduzem a um novo conjunto de princípios e práticas da profissão – algumas já descritas aqui. No entanto, isso não significa necessariamente que hoje no mercado jornalístico encontra-se “terra arrasada”, onde tudo precisa ser modificado, e nem que tudo que ainda está por vir e já foi vivenciado

é uma dádiva para uma profissão cambaleante. Ironicamente, nos dias atuais, o certo mesmo é a incerteza sobre o esgotamento das possibilidades de novos jornalisismos.

Como afirma Schudson (2011, p. 139), “nunca houve apenas um verdadeiro jornalismo, mas agora isso torna-se mais evidente do que nunca”, com a reinvenção da atividade jornalística que propicia diversas transformações. Entre elas, a variedade de interações entre jornalistas e sua audiência (alterando a construção da imagem que se tem ou tinha do público), a redução das fronteiras entre o comunicador profissional e amador (colaboradores ou assistentes de pesquisa), a quebra da aura do jornalista (principalmente de uma organização noticiosa convencional) como aquele que detém um “conhecimento sagrado” que o diferencia de outras pessoas.

Partindo da análise da imprensa norte-americana, Schudson aponta um caminho mais otimista para a profissão diante das transformações na contemporaneidade, destacando ser esta a melhor oportunidade de executar reportagens bem elaboradas com baixo orçamento e de poder utilizar todo o potencial dos recursos on-line. Porém, faz a ressalva de que este é o momento propício para os comunicadores “desde que estejam dispostos a sobreviver com rendimentos relativamente baixos, desde que sejam ágeis na coleta de informação, nos contatos, ideias e relações on-line, e desde que sejam muitíssimos corajosos para experimentar, inovar e arriscar” (SCHUDSON, 2011, p. 148).

No entanto, nas dinâmicas do capitalismo, para o profissional se reinventar com o intuito de manter-se na mesma profissão não é uma tarefa simples de ser resolvida. Nem todos reúnem condições de arcar com especializações e exercer suas atividades fora dos conglomerados de mídia para uma realidade de maior escassez de emprego fixo e maior dispersão profissional em diferentes tipos de instituições de produção de informação, tornando-se assim mais um dos vários desafios contemporâneos da profissão.

1.5 Jornalismo esportivo: futebol, emoções e estigmas

No início do século XX, o Rio de Janeiro, como capital nacional, impulsionava o Brasil e sinalizava o que deveria ou não ser consumido pela população. E no começo da década de 1930, o futebol já passava a ser visto pela sociedade como o esporte mais popular, tomando a posição que até então pertencia ao remo, e ganhava mais destaque nas

páginas dos jornais do Rio. Com o surgimento, em 1931, do *Jornal dos Sports*²⁰, que foi o primeiro diário exclusivamente dedicado às modalidades esportivas do País e décadas seguintes passou a circular em outros estados da federação, o futebol aumentava a sua popularidade na capital fluminense e também no território nacional. A prática esportiva também caiu no gosto popular graças à força do rádio, veículo que mediava jogos e competições com uma boa dose de emoção.

E o caminho percorrido pelo futebol no Brasil, da passagem do amadorismo para o profissionalismo, tem conexão histórica com o desenvolvimento da imprensa esportiva do País, tanto que “até o início da década de 40, o cronista esportivo ocupava a posição mais baixa na hierarquia dos jornais, e o futebol mantinha discreto destaque na imprensa escrita” (MARQUES, 2003, p. 2). Como, na época, não existia especialização entre os jornalistas designados para noticiar os acontecimentos esportivos, o profissional da área esportiva surge, de certo modo, desprezado pela própria imprensa, sob o estigma do despreparo e da alienação política, muito pelo fato de o noticiário sobre esportes ser visto como algo de menor importância (MARQUES, 2003; COELHO, 2004).

Como relata Paulo Vinicius Coelho (2004), em seu livro *Jornalismo esportivo*, gastar papel com gols, cestas e cortadas ainda não era prioridade para a maioria dos donos da mídia impressa nas primeiras décadas do século passado. Mesmo com a atuação destacada da imprensa nacional na cobertura da Copa do Mundo de Futebol de 1950, disputada no Brasil – caracterizada sobretudo pelo ufanismo até a chegada da Seleção Brasileira à final da competição, quando naquela ocasião perdeu o título para o time do Uruguai no estádio do Maracanã – e também na cobertura jornalística do título da Copa do Mundo de 1958 – vencida pela equipe brasileira na Suécia –, foi somente no fim dos anos 1960, como enfatiza o autor, que o cenário do chamado jornalismo esportivo começou a ser modificado de fato, quando os cadernos de esportes tornaram-se mais frequentes nos grandes jornais, já com a contratação de jornalistas especializados no assunto. E, a partir de 1970, jornais e revistas de esporte²¹, vários de circulação nacional, foram surgindo e desaparecendo com o passar dos anos.

²⁰ Inspirado no jornal italiano *La Gazzetta dello Sport*, o *Jornal dos Sports* conquistou mais notabilidade a partir de 1936, quando passou a ser impresso em páginas cor-de-rosa, consolidou-se nacionalmente no mercado impresso como um produto de referência, mas foi extinto em abril de 2010 (COELHO, 2004).

²¹ O processo em busca de maior qualificação do jornalista esportivo brasileiro seria incrementado em 1970 – ano em que o Brasil conquistou o tricampeonato mundial de futebol –, com o lançamento, pela Editora Abril, da Revista Placar. Utilizando uma linguagem mais moderna, buscando novas abordagens no tratamento dos atletas, abusando do uso de imagens e fugindo dos lugares-comuns próprios do meio do futebol, a revista sedimentou-se rapidamente como um dos veículos mais importantes no mundo do esporte e passou a influenciar as coberturas dos principais jornais brasileiros (MARQUES, 2003).

No momento em que teve o início do processo de profissionalização do esporte e o enriquecimento do futebol – que tornou-se um produto rentável para as mídias a partir das décadas de 1970 e 1980, principalmente para o mercado televisivo –, houve, paralelamente, o fortalecimento da imprensa esportiva no Brasil. “Assim que os eventos esportivos começaram a adquirir importância social, tornou-se inevitável que a imprensa se debruçasse sobre esses espetáculos” (MARQUES, 2003, p. 4).

A partir da década de 1980, o esporte e a imprensa esportiva já representam um rentável negócio e fonte de lucros para grandes empresas. As editorias de esporte se especializam cada vez mais e chegam até a criar subdivisões, para poder comentar as diversas modalidades esportivas. Além disso, a busca de patrocínios e a compra de espaço por empresas promotoras de eventos dão a noção exata da nova ordem econômica em torno do jornalismo esportivo (MARQUES, 2003, p. 10).

Nos dias atuais, o futebol e as principais empresas de comunicação do Brasil continuam fortalecidos em suas relações comerciais, sobretudo com as transmissões de eventos pela TV e, nos últimos cinco anos, também pelas redes sociais digitais, como Facebook e YouTube, que passaram a ser donas dos direitos de exibição de algumas competições nacionais e internacionais. Nos jornais, porém, com o processo de migração da mídia impressa do papel para a internet, em um momento de crise do modelo de negócios (CASTELLS, 2001), o noticiário esportivo ganha mais espaço em sites noticiosos, associados ou não aos tradicionais veículos de imprensa.

Independentemente de onde esteja publicada uma reportagem sobre esportes e do contexto sociocultural e histórico em que um acontecimento esteja inserido, cabe ao jornalista que faz a cobertura de eventos esportivos, assim como os que frequentemente trabalham com notícias sobre moda, economia, política, cultura e outros segmentos, preservar os preceitos do exercício de sua profissão, tais como o comprometimento com a ética e a boa apuração – de checar a veracidade das informações, sustentadas pelo conhecimento da matéria – e a missão de fornecer um texto credível, que ao mesmo tempo fuja do trivial e seja de fácil assimilação para a sua audiência.

Jornalismo é jornalismo, seja ele esportivo, político, econômico, social. Pode ser propagado em televisão, rádio, jornal, revista ou internet. Não importa. A essência não muda porque sua natureza é única e está intimamente ligada às regras da ética e ao interesse público (BARBEIRO; RANGEL, 2006, p. 13).

Desse modo, quando um profissional trabalha em uma redação, apura e divulga informações, ele não é exclusivamente o jornalista esportivo, político ou de economia, ele é antes disso um jornalista. Na cobertura do acidente aéreo com a delegação da Chapecoense, muitos profissionais que lidam basicamente com o universo de notícias sobre futebol e de demais modalidades esportivas tiveram que, de repente, trabalhar com temáticas como a morte, inclusive de colegas de profissão, de pessoas com quem conviviam diariamente e até com afinidade pessoal, e mostrar que estavam habilitados, como jornalistas que são, de relatar acontecimentos que rompiam as suas rotinas de trabalho e que exteriorizavam outros tipos de sentimentos, bem diferentes da tristeza e da alegria dos campos, das quadras, pistas e piscinas.

No entanto, como as demais áreas do jornalismo, o segmento esportivo tem suas particularidades, e uma delas é o espírito mais leve, descontraído, da construção das reportagens sobre o desempenho de atletas e clubes de alto rendimento nas mais variadas competições. Conseqüentemente, existe uma linguagem própria e técnica para explicar o que é desenvolvido durante a prática de diversas modalidades, como basquete, vôlei, automobilismo, atletismo, natação, entre outras. E ao se comunicar com o público-alvo, esse jornalista faz uso de uma gramática particular, que evidencia a emoção e o bom humor para falar da euforia de uma vitória ou do dissabor de uma derrota, diferentemente do que ocorre, por exemplo, no noticiário político e econômico.

A emoção é a própria alma do esporte. Ela está nos olhos do jogador que faz o gol do título, na decepção da derrota, nas piscinas, quadras e pistas. Em nenhuma outra área do jornalismo, a informação e o entretenimento estão tão próximos (BARBEIRO; RANGEL, 2006, p. 45).

Ao tratar intimamente com a emoção que o esporte propicia aos seus aficionados e praticantes, o profissional de comunicação não deve comprometer a linguagem e sobretudo a credibilidade do próprio profissional e do veículo para qual ele trabalha. Atributo de todo o ser humano, a emoção ajuda, inegavelmente, a aquecer a cobertura esportiva, principalmente o futebol, o esporte mais popular do País, seja no rádio, na TV, na internet e na mídia impressa. O desafio do jornalista, então, é não confundir emoção com a paixão, que “cega quem tem o dever de enxergar ou atrela o jornalismo a uma causa ou a um ídolo. A paixão emperra a apuração, incentiva a notícia sem acurácia” (BARBEIRO; RANGEL, 2006, p. 22).

Em períodos mais longínquos, sobretudo a partir da década de 1940, “o futebol ganhou os relatos apaixonados em espaços cada dia maiores. Nos diários cariocas, especialmente. E com colunistas como Mário Filho e Nelson Rodrigues” (COELHO, 2004, p.15). As crônicas da época eram recheadas de drama e poesia, que enriqueciam as páginas dos jornais para os quais eles escreviam, movimentando o imaginário das pessoas, principalmente daquelas que acompanhavam as partidas pelo rádio e não tinham condições financeiras de ir aos estádios. Situação um pouco distinta da sociedade contemporânea, na qual há maior possibilidade de vivenciar o ambiente esportivo devido ao maior acesso à tecnologia, à informação e aos meios de locomoção.

Nos tempos dos irmãos Nelson Rodrigues e Mário Filho, entre outros jornalistas, as crônicas esportivas em jornais, de caráter mais lúdico e poético, deram sua parcela de contribuição para a valorização do futebol, motivando o torcedor, ou até mesmo aquele que não é apaixonado por esporte ou por um clube, a ir ao estádio para o jogo seguinte e, especialmente, a prestigiar os principais atletas em campo. “A dramaticidade servia para aumentar a idolatria em relação a este ou aquele jogador. Seres mortais alçados da noite para o dia à condição de semideuses” (COELHO, 2004, p. 17).

Porém, os textos romantizados publicados nos jornais da época, com sua fábrica de heróis e vilões do esporte, carregavam consigo, em muitas situações, também uma imprecisão dos fatos. “Tanto que alguns jogos ruins ou violentos podiam virar quase um romance nas linhas desses periódicos” (BARBEIRO; RANGEL, 2006, p.55). Contudo, a partir dos anos 1970 em diante, devido a uma nova configuração do jornalismo, consolidando-se como profissional e reafirmando o compromisso de relatar fatos de modo mais fiel à realidade, a precisão das informações ganhou mais espaço na mídia esportiva (COELHO, 2004).

Há autores, como Heródoto Barbeiro e Patrícia Rangel (2006), que estão convencidos de que o noticiário esportivo, em diversos veículos de comunicação, a partir dos anos 1980, tornou-se mais frio. Para quem tem ou possa ter um parâmetro de comparação, o que nota-se hoje, diferentemente do início do século passado, é a presença de textos mais descritivos e menos opinativos, talvez essa seja a razão dos autores de considerar as narrativas atuais menos vibrantes do que aquelas publicadas em tempos anteriores.

Os autores supracitados percorrem por essa linha de pensamento e sugerem, diante da busca do jornalista em ser o mais próximo da veracidade dos acontecimentos, que haja o equilíbrio e não a eliminação das emoções, uma vez que todo sentimento tem seu valor

e sentido. “O ideal é que se tenha um equilíbrio dessas duas vertentes: emoção e descrição dos fatos. O esporte não vive sem emoção” (BARBEIRO; RANGEL, 2006, p. 55).

Como o esporte está intrinsecamente associado a uma pluralidade de sentimentos, saber dosar a emoção e a razão e encontrar os limites entre a informação e o espetáculo tornam-se tarefas constantes para quem atua no segmento esportivo. Como um mediador social, que é orientado a dominar seus sentimentos durante o exercício da profissão, o jornalista “não precisa torcer com o torcedor e muito menos pelo torcedor” (BARBEIRO; RANGEL, 2006, p. 46), minimizando ou superdimensionando as notícias, abusando da adjetivação das qualidades e das falhas dos personagens das narrativas. Caso contrário, há sempre o risco para a espetacularização de imagens e eventos, e a transformação de ídolos em mitos e atletas em semideuses. Esse controle sobre as emoções, porém, não extingue a possibilidade de um trabalho bem-humorado, mas sério, sem ser sisudo, desde que sejam respeitados o rigor na apuração e a máxima busca na precisão das informações.

Nenhum jornalista precisa se transformar no Homem de Lata, do *Mágico de Oz*, que não tinha coração [...]. O ser humano tem o senso lírico e os valores mais elevados do coração humano, ou seja, fé, esperança, devoção, amor, e suas antíteses, entre elas o ódio. Tudo isso cabe no jornalismo esportivo com mais espaço do que qualquer outro assunto (BARBEIRO; RANGEL, 2006, p. 48).

Por lidar em sua rotina de trabalho intensamente com as emoções, que talvez não sejam oferecidas em demasia pela vida cotidiana e que apontam para critérios subjetivos, o jornalismo esportivo transmite a ideia de que os assuntos tratados em sua área são menos relevantes do que os temas ligados à política, economia, entre outros. “Uma das explicações possíveis reside no fato de que a ação do jornalista esportivo, a priori, não detém o poder de provocar mudanças significativas em sistemas políticos ou em estruturas econômicas mais complexas” (MARQUES, 2003, p. 2).

Certamente, uma crise da segurança pública ou uma pandemia causada por um novo vírus, por exemplo, trazem maior impacto à sociedade quando comparadas a coberturas de eventos esportivos, por justamente interferir diretamente na vida dos cidadãos. Porém, nem sempre o noticiário denominado político, econômico ou social vai reunir acontecimentos com o poder de influenciar tão fortemente o dia a dia de uma população. Possivelmente, em algum momento, uma cobertura esportiva, como a dos Jogos Olímpicos e da Copa do Mundo de futebol, possa despertar maior interesse da população em detrimento de outros fatos, como já ocorreu ao longo da história.

Evidentemente também que cada área do jornalismo estabelece determinados tipos de competência. No segmento esportivo, como cada modalidade possui suas especificidades, isso exige do profissional uma busca pelo conhecimento que muitas vezes é adquirido pela experiência na área de atuação. Coelho (2004) destaca não ser incomum ouvir queixas de técnicos, atletas, preparadores físicos e fisiologistas sobre o desconhecimento dos jornalistas que tratam sobre os acontecimentos futebolísticos.

O autor ressalta que obter a especialização em determinada modalidade esportiva requer bastante trabalho e que o conhecimento, em sua plenitude, somente é alcançado após anos de experiência na profissão, o que torna-se um diferencial no trabalho realizado principalmente na cobertura de esportes com menor divulgação na mídia. Coelho (2004) ainda destaca que em algumas modalidades, como basquete, vôlei ou tênis, por exemplo, o próprio atleta também exige especialização do profissional de imprensa, e quando ele é dotado dessa capacidade não deveria ser chamado de jornalista esportivo.

Não existe jornalista de esportes. Existe o jornalista, aquele que se dedica a transmitir informações de maneira geral, o especialista em generalidades. Que se torna muitas vezes melhor quando é, de fato, conhecedor do assunto específico. Quando vira jornalista de basquete, de vôlei, de futebol, de automobilismo. Nunca de esportes. (COELHO, 2004, p. 37).

Mais importante do que discutir a validação do uso de uma denominação que tornou-se, de certo modo, convencional, é reconhecer a necessidade de especialização em modalidades esportivas para melhorar a capacitação dos profissionais da imprensa e, conseqüentemente, aperfeiçoar a produção noticiosa. Também é mais relevante colocar em debate as possíveis razões porque se pressupõe que o entendimento sobre o esporte é ou deve ser mais fácil de ser assimilado pelo jornalista em comparação a outros assuntos.

Ao jogar luz na discussão sobre o estigma de ser jornalista esportivo, Marques (2003) entende que o fato de a cobertura esportiva ainda manter uma mentalidade clubística, regionalista, partidária e passional possa ter contribuído com esse tipo de pensamento dentro e fora das redações. Soma-se a isso uma frequente divulgação sobre a vida particular dos atletas, sobretudo daqueles que são considerados astros do futebol, mostrando desse modo uma acomodação do profissional ao privilegiar temáticas de caráter íntimo em detrimento do noticiário sobre o rendimento dos esportistas.

[...] essa acomodação do profissional do esporte na imprensa brasileira tem a ver com a falta de importância ou a falta de seriedade que circundavam o esporte, de forma geral, e com a ideia de que se tratava de uma seção da imprensa ligada apenas ao entretenimento. E como o futebol assumiu preponderância nas coberturas esportivas, ele mesmo passou a ser visto como alienante e aliciador (MARQUES, 2003, p. 8).

No jornalismo esportivo, como qualquer outra atividade exercida pela imprensa, torna-se necessário em algum momento, mesmo com uma rotina estressante de trabalho, refletir sobre as práticas diárias. Nesse segmento, a emoção e o entretenimento, como enfatizado aqui, mantêm uma conexão estreita com a informação. Por isso, há o risco dos jornalistas estabelecerem um tom mais intimista com os entrevistados, o que pode comprometer a relação com suas fontes jornalísticas, situação que não se restringe à imprensa esportiva.

Esse distanciamento entre o jornalista e as suas fontes também determina o desenvolvimento da apuração e, conseqüentemente, da construção das narrativas, que podem, por exemplo, explorar as emoções de atletas e torcedores, a partir da visão e transmissão que o jornalista compreende dos fatos, mas sem abusar da adjetivação e sem cair em um discurso ufanista, para não comprometer a credibilidade do profissional e do veículo para qual ele trabalha.

Quanto à linguagem, mesmo que o jornalista faça uso de uma gramática direcionada a um público-alvo, com termos próprios do futebol e de outras modalidades, é necessário que ela seja também acessível aos leigos, a um maior número possível de pessoas, já que uma parte do público não acompanha habitualmente notícias sobre esportes, mas quando há um grande acontecimento agendado, como Olimpíadas e Copa do Mundo, e inusitado, como o acidente com o avião que transportava a delegação da Chapecoense, jornalistas e convidados, uma parte bem mais significativa do público passa a fazê-lo. Portanto, o vocabulário utilizado não deve poluir o entendimento dos fatos.

1.6 O Jornalismo da era digital

A internet comercial completa 25 anos no Brasil em 2020 e dentre os setores que investiram nesta territorialidade digital desde o início estão as empresas jornalísticas. Em 1995 eram criados os primeiros sites jornalísticos do País, como Jornal do Brasil, O Globo e Estado de S. Paulo, veículos de comunicação já consolidados no mercado impresso que apostaram rapidamente no jornalismo da era digital. Posteriormente, outros meios

informativos (novos canais não hegemônicos e conglomerados midiáticos), uns com mais celeridade do que outros, partiram para a mesma direção visando, sobretudo, a aumentar a audiência e elevar os ganhos publicitários em um território que até então precisava ser desbravado pelos consumidores de notícias e pelos profissionais de Comunicação.

Daquele tempo para os dias atuais, a indústria de notícias, como muitas outras indústrias, conviveu com mudanças no campo sociocultural, político, econômico e tecnológico e ainda deverá passar por novas transformações, visto a expansão das potencialidades das tecnologias digitais da informação como mediadoras das relações e das práticas jornalísticas.

Portanto, a internet²² – não isoladamente – contribuiu para implementar mudanças na maneira de se comunicar, e, conseqüentemente, também mudou o jornalismo. Como pontuou Castells (2001), o surgimento de um novo sistema eletrônico de comunicação, caracterizado pelo alcance global, pela integração das mídias e pelo poder de interatividade, está mudando e mudará para sempre a nossa cultura.

Com menos de três décadas de existência, o jornalismo digital – conhecido também por ciberjornalismo, jornalismo on-line, jornalismo multimídia – é um fenômeno relativamente recente. No entanto, já representa uma revolução na maneira de apurar, produzir e distribuir conteúdo noticioso, fazendo o jornalista “adaptar-se a essa nova mídia, que reúne texto, áudio, vídeo e interatividade em variadas formas de difusão” (BARBEIRO; RANGEL, 2006, p. 99), e que também estimula – ou pelo menos deveria estimular – o profissional a criar informações adicionais (animações, infográficos, entre outros recursos multimídia) que não foram incluídas sobre determinado assunto, em outras plataformas, on-line ou off-line, para assim despertar ou ampliar o interesse e a participação do público.

Quando fala-se de jornalismo digital as palavras sugerem uma velha prática – o jornalismo – em um novo contexto ou território – o digital, que remete a um período consolidado no fim do século XX e associado à otimização dos fluxos informacionais via

²² A internet surgiu nos Estados Unidos em 1969, quando a Advanced Research and Projects Agency (Arpa), uma organização de defesa norte-americana direcionada à pesquisa de informações para o serviço militar criou a Arpanet, rede nacional de computadores. Ela mantinha conexão entre as bases militares de forma descentralizada, ou seja, cada computador possuía uma parte da informação. Assim, no caso de um eventual ataque ao sistema, não seriam perdidas todas as informações. Anos antes do fim da Guerra fria (1991), os militares concederam o uso dessa rede às comunidades científicas e, posteriormente, às universidades americanas. No Brasil, em 1991, a partir da Rede Nacional de Pesquisa (RNP), a comunidade acadêmica teve acesso a redes de pesquisas internacionais. Em maio de 1995, sob o controle da Embratel (Empresa Brasileira de Telecomunicações), a internet comercial no Brasil começou a operar de forma definitiva. Meses depois, empresas privadas também passaram a explorar o serviço, como ocorre nos dias atuais.

redes digitais. O termo é uma justaposição de antigos e novos conceitos, do que é tradicional e do que apresenta-se como inovador, é portanto um conceito difícil de definir com precisão, devido aos significados distintos, mas que pode ser descrito como o “uso de tecnologias digitais para pesquisar, produzir e difundir (ou tornar acessível) notícias e informações para uma audiência cada vez com mais conhecimentos informáticos. (KAWAMOTO, 2003, p. 4, tradução nossa²³).

A definição do conceito ainda continua em fase de amadurecimento, devido aos avanços dos processos tecnológicos e às transformações no jornalismo, mas carrega ao menos seis características, apontadas por Kevin Kawamoto (2003)²⁴, que são típicas, mas não exclusivas, do jornalismo digital e que diferem de um “velho” jornalismo que está se reinventando diante de um mercado digital em expansão.

As seguintes características são típicas do jornalismo digital: hipertextualidade, a vinculação de conteúdo (links) e de outras camadas de informação digital em estruturas não-lineares; interatividade, processo de participação ativa da máquina ou do homem na busca e no compartilhamento de informações; não-linearidade, um sistema flexível de informações que não necessariamente adere aos padrões tradicionais, cronológicos ou convencionais de contar histórias; multimídia, o uso de mais de um tipo de mídia no mesmo produto; convergência, que propõe a combinação de tecnologias e serviços historicamente pontuais; e personalização, que traz a habilidade para moldar a natureza do conteúdo e do serviço para necessidades e desejos individuais.

Inicialmente, a mídia digital basicamente reproduzia reportagens e, em muitas situações, copiava o modelo gráfico da edição impressa, não aproveitando todo o potencial dos recursos multimídia. Com o passar dos anos e os processos de mudança, o jornalismo na era da internet criou a própria identidade e aperfeiçoou o relacionamento com as audiências, diferenciando-se mais de mídias off-line – rádio, TV, revistas, jornais.

Assim que o jornalismo digital amadureceu, muitos consumidores de notícias e informações também aprimoraram suas habilidades em

²³ “The use of digital technologies to research, produce and deliver (or make accessible) news and information to an increasingly computer-literate audience” (KAWAMOTO, 2003, p. 4).

²⁴ [...] the following characteristics are typical of digital journalism: Hypertextuality: the linking and “layering” of digital information through a nonlinear hierarchical structure; Interactivity: the process of engaging active human or machine participation in the process information seeking and information sharing; Nonlinearity: a flexible ordering system of information that does not necessarily adhere to traditional, chronological, or conventionally logical patterns of storytelling; Multimedia: the use of more than one type of media in a single product; Convergence: the melding or blurring of historically discrete technologies and services; Customization and personalization: the ability to shape the nature of the content and service to individual needs and desires.

multimídia. Eles têm acesso a vídeos digitais e galerias de fotos, a slideshows com fotos e áudios, a reportagens especiais detalhadas e abrangentes, com muito mais informações do que as que possivelmente poderiam estar contidas em um simples impresso ou em uma reportagem para TV, alertas por e-mail sobre notícias urgentes e serviços personalizados de notícias (KAWAMOTO, 2003, p. 10, tradução nossa)²⁵.

Apesar da operação jornalística praticada nessa territorialidade digital, com integração de diversas mídias, apresentar competências diferentes quanto ao processo que ocorre, por exemplo, no meio de comunicação impresso, a missão do jornalista continua sendo a mesma, independentemente para quem ele trabalha: que é a de informar com ética e qualidade, pois a essência do jornalismo é a reportagem. Afinal, “apurar e divulgar notícias, contar uma boa história, que seja verdadeira, que tenha sido bem checada e que responda às perguntas básicas do *o quê, quando, onde, como, quem e por quê* é o dever de todo bom jornalista” (BARBEIRO; RANGEL, p. 19-20).

Contudo, um site noticioso ou um produto voltado para a internet só será bem-sucedido, conforme Pollyana Ferrari (2003), se levar em consideração características específicas do meio, indo além da preocupação com a instantaneidade, a edição contínua e em tempo real dos acontecimentos para que o leitor/usuário/consumidor tenha a notícia correta e mais atualizada possível. Na internet, é necessário fazer mais do que isso, como saber por exemplo em que área deve-se publicar cada tipo de material ao longo do dia.

Não basta ter uma boa reportagem na mão para achar que ela fará sucesso na *homepage*, é preciso saber onde publicar e em que horário. [...] Nada na internet é aleatório ou desprovido de intenção – ao menos não deveria ser. Precisamos saber exatamente o porquê de determinado canal ou seção estar disposto naquele espaço geográfico da tela (FERRARI, 2003, p. 75).

No ritmo acelerado de produção típico do jornalismo digital, é necessário ter raciocínio rápido, contextualizar a informação e saber criar hierarquias de importância da notícia, estabelecendo por exemplo local e horário do material a ser publicado na plataforma on-line, para disseminação mais célere do noticiário sob a ótica do empreendimento empresarial, sem perder de vista o uso mais adequado dos recursos

²⁵ “As digital journalism has come of age, many consumers of news and information have also sharpened their multimedia proficiencies. They have access to digital video and photo galleries, multimedia slide shows with photos and audio clips, comprehensive in-depth special reports that have much more information than could possibly be contained in a single print or broadcast report, e-mailed news alerts about breaking news, and customized or personalized news services” (KAWAMOTO, 2003, p. 10).

multimídia disponíveis. São habilidades exigidas de um profissional que precisa estar cada vez mais conectado com a operacionalidade do meio digital, são práticas que também vão ser mais bem desempenhadas, e de modo automatizado no dia a dia de uma redação, a partir da familiaridade com as tecnologias de informação e das experiências adquiridas no exercício deste fazer jornalístico.

Entretanto, uma das críticas persistentes à imprensa digital é quanto a velocidade da tecnologia interfere ou pode interferir na qualidade do jornalismo. Ferrari (2003) pontua que na internet é possível encontrar coberturas jornalísticas irresponsáveis, falta de checagem das informações veiculadas e uma infinidade de erros primários, muitas vezes justificadas pela necessidade da organização jornalística de noticiar os acontecimentos à frente de seus concorrentes. Então, se a atualização constante dos fatos noticiosos permite o consumidor de informações estar supostamente mais antenado com o que acontece ao seu redor, ao seu círculo de experiências, por outro lado, pode deixar a “sensação de que vale mais uma notícia publicada rapidamente do que uma informação checada criteriosamente antes de ser publicada” (COELHO, 2004, p. 62).

Erros não intencionais são inerentes a quaisquer atividades, como a jornalística. Ao coletar informações para esta pesquisa, a respeito do noticiário sobre a queda do voo 2933 da LaMia, verificou-se por exemplo que a informação inicial de 75 mortes, divulgada quando ainda não havia informações mais precisas sobre a tragédia na Colômbia, deixou de ser corrigida para 71 óbitos em determinadas reportagens publicadas no Globoesporte.com e no site da RBS TV – o mesmo não ocorreu em matérias veiculadas pelo Foxsports.com.br dentro do recorte temporal estipulado para a pesquisa.

Provavelmente, a correção a respeito do número de mortos no acidente não deixou de ser feita por falta de uma devida investigação do fato, já que este, com o decorrer do tempo, passou a ser de domínio público, mas possivelmente por conta da alta demanda de trabalho no que tange à cobertura noticiosa. Assim, a informação permaneceu e permanece incorreta até os dias atuais diante de outras tarefas consideradas, naquela oportunidade, mais prioritárias pelos jornalistas e pelas organizações midiáticas.

Esse erro de informação, ou algum outro similar, talvez fosse identificado mais rapidamente em uma matéria veiculada nos dias atuais do que aquela publicada no fim de novembro de 2016. Isso porque há um número crescente de pessoas com acesso às redes sociais digitais – território com circulação intensa de notícias e de outros modos de consumo –, onde verifica-se um maior monitoramento dos erros e acertos dos jornalistas, tanto na vida profissional quanto na particular. Afinal, como os consumidores de

informações sentem-se atraídos pelo poder de sedução da sociabilidade digital, essas redes sociais na internet tornam-se uma extensão de suas rotinas diárias.

O relatório *Digital in 2020*²⁶, produzido pela *Hootsuite* em parceria com a *We Are Social*, aponta que a penetração da internet no território brasileiro atingiu 71%, o equivalente a 150,4 milhões de pessoas. Isso representa, por exemplo, um crescimento de 8,2% em relação a 2018. Atualmente, o brasileiro passa em média 9 horas e 17 minutos diariamente na internet. Já o número de usuários ativos nas redes sociais no País chega a 140 milhões de pessoas (66% dos brasileiros), que gastam, em média, 4 horas e 41 minutos do dia com seus dispositivos móveis. É por esse ambiente que amigos e familiares postam *selfies*, trocam opiniões e consomem notícias. E devido ao potencial de difusão da informação dos fatos presentes nessas conexões, as empresas jornalísticas e também quem pratica jornalismo de modo amador recorrem a estes canais para aumentar o tráfego de leitores/consumidores de suas páginas na internet.

Com as possibilidades ofertadas na sociedade contemporânea pelas mídias digitais, como a produção de conteúdo noticioso em sites e redes sociais – tais como Facebook, YouTube e outros – não somente por parte da imprensa e de seus profissionais, o público tem à disposição um cardápio maior de informações sobre os mais variados assuntos. E partindo da premissa de que os meios de comunicação de massa são dispositivos de construção social da realidade (AGUIAR, 2008; GUERRA, 2008), os tradicionais veículos informativos do País não desejam perder ou conviver com a redução de seu poder de mediador social. Desse modo, há uma atenção maior dedicada ao jornalismo na territorialidade digital, visto que esse é o ambiente onde os cidadãos têm investido boa parte do tempo e estabelecido novos hábitos de compras, de movimentações financeiras, de entretenimento, de relações pessoais e também de consumo da notícia.

Em um período de idolatria às tecnologias digitais que amplia a possibilidade de incontáveis pessoas de produzirem notícias que desejam fazer circular nas redes, a confiabilidade dos fatos noticiados sem o vínculo com a produção e articulação de sites oficiais de grandes empresas de comunicação é posta em questionamento pela sociedade, de um modo geral. Canais hegemônicos de mídia são, frequentemente, acessados para que se possa certificar de que a notícia é aquela mesma, não é uma *fake news*, e merece receber credibilidade (FÍGARO, 2014). Isso sinaliza que, diante das potencialidades de novos jornalismo, dado o maior acesso aos dispositivos móveis, as organizações

²⁶ O relatório publicado em fevereiro de 2020 está disponível em: <https://datareportal.com/reports/digital-2020-brazil>. Acesso em: 6 abr. 2020.

noticiosas comerciais se esforçam em sustentar o protagonismo de mediadores do que é ou não válido como informação, mesmo que por outros caminhos.

Esse cenário descrito aponta que, apesar de um processo de descrédito, jornais, revistas e outros meios de comunicação tradicional, que têm a sua versão digital, ainda detêm credibilidade relevante perante o público como indica uma recente pesquisa sobre a confiabilidade do conteúdo divulgado pela mídia profissional. O estudo global *Trust in the Media*²⁷ realizado em 27 países pela Ipsos – empresa de pesquisa de mercado independente – mostra o Brasil empatado com a Alemanha como o terceiro país em que mais se confia na imprensa. Índia e China lideram o ranking, que foi publicado em 2019.

Por outro lado, em um momento ascendente de individualização do trabalho, de transformações nos modos de consumo e de hábitos culturais, e do surgimento de diferentes formas de engajamento profissional na área da Comunicação, seja em blogs pessoais de informação, instituições de diferentes perfis, coletivos e associações, o importante, como ressalta Roseli Fígaro (2014), é que as opções de viabilizar um novo fazer jornalístico e seus novos arranjos profissionais disputem a credibilidade do cidadão, estejam na linha de frente contra a proliferação de fake news e mantenham o esforço para competir com os conglomerados de mídia, na luta contra o monopólio da informação.

²⁷ Disponível em: <https://www.ipsos.com/sites/default/files/ct/news/documents/2019-06/global-advisor-trust-in-media-2019.pdf>. Acesso em: 26 jul. 2020.

2. A PRODUÇÃO NOTICIOSA E OS CRITÉRIOS DE NOTICIABILIDADE

Desde o nascimento do jornal, no início do século XVII, como meio de comunicação constante, existe o desafio de escolher entre um farto número de acontecimentos reais presentes no dia a dia aqueles que merecem ser divulgados (KUNCZIK, 2002), para posteriormente transmitir relatos credíveis sobre os fatos aos consumidores da informação. Em tom espirituoso a respeito da dimensão histórica do processo de produção das notícias, Thais de Mendonça Jorge (2016, p. 2) acredita que “as variáveis a respeito de um fato são tantas que, se cada jornalista tivesse que decidir, em particular, sobre cada aspecto, em pouco tempo ele poderia ser levado a um manicômio”.

Para preservar a sanidade mental dos profissionais e principalmente organizar as rotinas de produção, as instituições jornalísticas sistematizam as atividades, como a seleção dos fatos e a avaliação da aptidão deles para serem transformados em notícias. Como é necessário tentar simplificar as atividades inerentes aos veículos de comunicação e, conseqüentemente, agilizar a produção noticiosa, existem parâmetros preestabelecidos nas (e pelas) redações que servem de guia para os profissionais em suas tarefas diárias.

Tempos atrás, na longínqua data de 8 de março de 1690, na Alemanha, Tobias Peucer – considerado autor da primeira tese²⁸ sobre Jornalismo no mundo ocidental apresentada em uma universidade –, expôs a partir dos estudos de jornais alemães daquela época, mesmo sem uma aparente intencionalidade, esboços da concepção de noticiabilidade e de atributos dos valores-notícia, que acabaram delineando conceitos importantes e universais até hoje para as pesquisas sobre jornalismo e teorias da notícia (SOUSA, 2004; SILVA, M.P., 2010; JORGE, 2016).

Resumidamente, para Peucer (2004, p. 20-25), as notícias, em seu processo de produção, são constituídas por relatos expositivos e escritos da vida diária, sobre “coisas singulares” do cotidiano para informar e difundir conhecimentos por meio de uma linguagem acessível que possa saciar o desejo de um público ávido por novidades. Essas singularidades, na concepção do autor, são selecionadas por agentes jornalísticos entre vários acontecimentos possíveis e condicionados por fatores como a pressão do tempo

²⁸ A tese “*De relationibus novellis*”, “traduzida para o português como Os relatos jornalísticos, apresentada em 1690 na Universidade de Leipzig, na Alemanha, é considerada o primeiro estudo acadêmico no mundo ocidental a abordar o universo das notícias” (SILVA, M.P.; JERONYMO, R.S., 2017, p.2-3). Naquele período, Peucer apontou caminhos para a pesquisa e reflexão que outros autores só começaram a seguir dois séculos mais tarde, sobre ética jornalística, relações entre jornalismo e história, critérios de noticiabilidade, o papel do mercado na configuração da informação e mesmo sobre agendamento, temas centrais das teorias do jornalismo contemporâneo.

(de entrega do material), a linha editorial do veículo de comunicação e as satisfações da curiosidade humana. Mesmo sem citar as palavras noticiabilidade e valores-notícia, o teórico alemão teceu considerações valiosas onde intui a existência dos dois termos.

Tais peculiaridades dialogam com questões contemporâneas relativas ao estudo do jornalismo, tais como os constrangimentos sofridos no processo de seleção das notícias, a atividade de *gatekeeping*, o foco nos acontecimentos (em detrimento às problemáticas) e, sobretudo, a existência de critérios de noticiabilidade (SILVA, M.P., 2010, p. 175).

No cotidiano da sociedade do século XVII, Peucer (2004, p. 20) observava que os eventos reais eram praticamente “infinitos” e recomendava “estabelecer uma seleção” de parâmetros para dar preferência “àqueles que merecem ser recordados ou conhecidos”. O autor alemão relacionou, então, uma série de fatos noticiáveis, de sua época e de acordo com o contexto espaço-temporal e sócio-histórico-cultural, o que assemelha-se à formulação de valores-notícia, entendidos por diversos teóricos “como um dos elementos da noticiabilidade” (WOLF, 2003; SILVA, G., 2005, 2014; SILVA, M.P., 2014b).

“Com a visão a um só tempo no interesse do leitor e no que seria adequado aos governantes divulgar” (JORGE, 2016, p. 6), Peucer listou basicamente três categorias de acontecimentos potencialmente noticiáveis, que deveriam conter as seguintes características: exótico e monstrosidades; notoriedade e poder; e religião, artes, vida em sociedade. O teórico alemão também valoriza, em sua listagem, a importância de eventos que apelam para os sentimentos humanos, o negativismo e a proximidade – concebida no âmbito geográfico –, para a composição do produto jornalístico.

[...] os prodígios, as monstrosidades, as obras ou os feitos maravilhosos e insólitos da natureza ou da arte, as inundações ou as tempestades horrendas, os terremotos, os fenômenos descobertos ou detectados ultimamente [...], os afazeres da guerra e da paz, as causas das guerras, os planos, as batalhas, as derrotas, as estratégias, as novas leis, os julgamentos, os cargos políticos, os dignitários, os nascimentos e mortes dos príncipes, as sucessões em um reino, as inaugurações e cerimônias públicas [...], as obras novas dos homens eruditos, as instituições, as desgraças, as mortes e centenas de coisas mais que façam referência à história natural, à história da sociedade, da Igreja ou da literatura: tudo isto costuma ser narrado de forma embaralhada nos periódicos (PEUCER, 2004, p. 20-21).

A maioria dos valores elencados por Peucer, apesar do autor ter vivenciado outro contexto espaço-temporal, se conectam, com os devidos ajustamentos, à realidade social

contemporânea, tanto que o que é entendido pelos operadores jornalísticos em suas práticas atuais como atributos relevantes de um acontecimento para serem transformados em notícias se assemelham à proposição do teórico alemão, que aponta caminhos para organizar a máquina jornalística e, ao mesmo tempo, atrair a atenção do público.

Em sua abordagem clássica sobre o jornalismo, o autor afirma que a notícia, entre suas finalidades, é produzida para saciar o desejo do público por novidades. Essa demanda existe de fato, porém, não pode ser entendida como via de mão única. Até porque há a possibilidade de os produtores de notícias tratarem de temas que não sejam necessariamente atuais e ainda terem o intuito de abordar assuntos de interesse próprio ou sob o ponto de vista que lhes convêm, mesmo que os sujeitos consumidores de informação não compreendam por esse viés e possam incorporá-los como seus desejos. Eles podem até mesmo calar-se diante de fatos que confrontam as ideologias das instituições e dos fornecedores de informações, sejam empresários, governantes e outros.

Peucer (2004) ainda ressalta que os fatos noticiáveis são publicados pelo olhar interessado do leitor e também dos governantes. Por essa perspectiva, apontada no final do século XVII, mas que dialoga com o cenário contemporâneo, os elementos simbólicos e políticos hegemônicos estão há tempos incorporados às rotinas de trabalho, mesmo que, às vezes, a identificação desses aspectos não sejam tão evidentes pelo olhar dos próprios jornalistas e dos leitores.

Portanto, a ideia de noticiabilidade, que abarca critérios organizacionais contextualizados com as esferas política, econômica, cultural, mercadológica, social e ideológica, pode ser entendida como o reconhecimento de que existem parâmetros que levam determinados fatos a receber uma valoração jornalística diferenciada no amplo conjunto dos acontecimentos cotidianos. Esse reconhecimento do conceito de noticiabilidade aplicado por (e compartilhado entre) jornalistas de diferentes redações durante o complexo processo de produção das notícias é compreendido, em certa medida, pelo público consumidor de informações, que adquire melhor entendimento do que seja validado como notícia, como enfatiza Marcos Paulo da Silva:

[...] qualquer pessoa, independentemente do estatuto de jornalista, pode atribuir juízos de noticiabilidade aos eventos que compõem sua realidade, mas somente os eventos que respondem aos critérios compartilhados no âmbito da prática profissional do jornalismo são admitidos fundamentalmente como notícias. Os valores-notícia, nesse cenário, são vistos como os aspectos da noticiabilidade imbricados nas rotinas jornalísticas – ou seja, constituem os critérios de noticiabilidade

utilizados no interior das rotinas profissionais para selecionar os fatos que serão efetivamente noticiados (SILVA, M.P., 2014b, p. 76).

Mesmo que os eventos que fogem da lógica do cotidiano sejam percebidos e valorados como produto noticioso por indivíduos que não dominem os rituais estratégicos do ambiente de uma redação, são ainda sob a chancela dos jornalistas e dos veículos de comunicação que os acontecimentos ajustados com os critérios de noticiabilidade são incluídos no noticiário. Sem perder de vista o olhar dos sujeitos consumidores de informação, são os profissionais de imprensa, de acordo com regras preestabelecidas e partilhadas no meio jornalístico, que terão a incumbência de construir relatos de fatos reais que mereçam ser concebidos como um produto comercializável, que é a notícia.

De modo geral, diante do que já foi exposto até aqui, a “comunicação noticiosa estrutura-se como uma cadeia, sendo esta iniciada a partir dos acontecimentos caóticos do mundo e encerrada na imagem pessoal produzida pelo receptor” (SILVA, M.P. 2010, p. 174). No entanto, para que essa interação seja efetivada com maior vigor, é necessário elaborar para a audiência narrativas atraentes, consideradas confiáveis e objetivas da vida pública e cotidiana, interpretadas como características essenciais da atividade jornalística, como aponta Rafael Paes Henriques:

A objetividade jornalística é um conceito fundamental para a atividade, já que serve de orientação e parâmetro não somente para a prática dos jornalistas, como também orienta os seus diversos públicos no consumo diário de notícias. Quem produz a informação tem a pretensão de estar de algum modo, e em alguma medida, revelando fatos e acontecimentos da realidade cotidiana. Por outro lado, quem consome as informações também o faz porque acredita que o produto jornalístico é o resultado de um trabalho comprometido, que condiz, pelo menos em algum grau, com a verdade dos fatos (HENRIQUES, 2018, p. 257).

Mesmo com tais propósitos descritos até aqui, o conceito de noticiabilidade com seus inúmeros critérios “ainda consiste em tema de recorrentes controvérsias entre os próprios profissionais jornalistas” (SILVA, M.P., 2010, p. 175). Tanto que, conforme alerta Traquina (2008, p. 62), “os jornalistas têm uma enorme dificuldade em explicar o que é notícia, de explicitar quais são seus critérios de noticiabilidade, para além de respostas vagas do tipo ‘o que é importante’ e/ou ‘o que interessa ao público’”.

Indo além da reflexão proposta por Traquina, Silva, M.P. traz para o debate indagações sobre o campo de abrangência dos critérios de noticiabilidade. Para o autor, “não basta questionar o porquê de as notícias se caracterizarem como tais, mas – ainda

além – quais os motivos que levam determinados assuntos a receberem a valoração de notícias em detrimento de outros” (SILVA, M.P., 2010, p. 175). Este é um dos questionamentos da presente pesquisa, que pretende ser respondido após uma revisão conceitual apresentada neste capítulo sobre o processo noticioso, mas sobretudo a partir da análise empírica sobre a cobertura jornalística do acidente do voo da Chapecoense, especificamente nos sites da RBS TV, do Foxsports.com.br e do Globoesporte.com, tendo como base na corrente teórica-metodológica do enquadramento multimodal, que também será abordada já neste capítulo.

2.1 Como são as notícias e a transformação em acontecimento jornalístico

Talvez seja menos complicado, entre os jornalistas, reconhecer o que é e o que não é notícia do que explicar realmente o que ela é de fato. Os próprios profissionais da área, que trabalham com a finalidade de produzir tal produto, costumam ter, conforme Traquina (2008), dificuldades de apresentar uma definição consensual do que seja notícia e de determinar quais são os critérios que aplicam para escolher o que entra e o que fica de fora de um noticiário ou, em outros termos, de apontar quais acontecimentos têm atributos para serem legitimados como jornalísticos.

Peucer (2004), no longínquo século XVII, já enumerava características que deveriam estar contidas no acontecimento jornalístico, em relatos sujeitos à pressão do tempo, tais como atualidades, proximidade, proeminência e negativismo. Os condicionantes elencados pelo teórico alemão para definir, mesmo que não intencionalmente, o conceito de notícia aproxima-se da ideia desenvolvida no final do século XX por Traquina (2008) de que há um padrão geralmente estável quanto à seleção noticiosa acionado por jornalistas e veículos de imprensa, que são os critérios de noticiabilidade. Estes, segundo o autor português, são compartilhados entre agentes jornalísticos, nas rotinas de trabalho, para o entendimento do que seja um acontecimento validado como notícia.

A contribuição dada até aqui pelos autores referenciados serve como ponto de partida para tentar responder uma pergunta recorrente nos estudos sobre jornalismo: como são as notícias? Partindo da compreensão de Maria Terezinha da Silva e Vera França (2017, p. 2), de que “o jornalismo se propõe a falar do mundo em que vivemos em sua dimensão concreta, tangível e partilhada por todos”, com base em três eixos complexos e não consensuais – relação com o real, interesse público (pertinente ao grupo ao qual se

comunica) e informação enquanto matéria-prima –, a notícia pode ser definida, de modo sucinto, como “o relato dos acontecimentos a partir de uma seleção e ordenação das informações, de maneira a produzir sentido” (SILVA, M.T.; FRANÇA, 2017, p. 4).

Porém, como destaca as referidas autoras, nem todo acontecimento, nem tudo aquilo que provoca uma ruptura na rotina de vida dos sujeitos, é relatado pela imprensa e transforma-se em notícia, a ser moldada como produto final da máquina jornalística, ganhando “em geral a forma verbal de um enunciado declarativo, de uma descrição ou de uma narrativa sobre eventos reais” (GOMES, 2009, p. 10-11). Os acontecimentos não são por si mesmos naturalmente noticiáveis, e, mesmo se assim fossem, teriam caráter noticiável em certas localidades e não em outras (TRAQUINA, 2001). Eles precisam estar inseridos em um contexto social, colocados em um quadro de significados familiares ao público, para que sejam construídas narrativas em torno deles. Afinal, “um acontecimento só faz sentido se puder colocar-se num âmbito de conhecidas identificações sociais e culturais” (HALL *et al.*, 2016, p. 311). E como enfatizam Silva M.T. e França:

[...] aquilo que se destaca para alguém como acontecimento, os elementos que são identificados enquanto informações relevantes desse acontecimento, e a maneira como tais informações são ordenadas numa narrativa, tomando a forma de uma notícia, fazem parte de um processo que é social (SILVA, M.T.; FRANÇA, 2017, p. 4).

Portanto, para alcançar o entendimento do que é notícia, é necessário compreender que a sua elaboração não está imune a interferências de variados atores sociais, como os fornecedores de informações (as fontes), os anunciantes, entre outros. E “sofre ainda a influência das organizações midiáticas, das rotinas produtivas e das regras jornalísticas, que muitas vezes contradizem as vontades pessoais dos jornalistas” (QUADROS; SPONHOLZ, 2006, p. 4). Isso porque há de se considerar os constrangimentos da redação e as lógicas mercadológicas, socioculturais e tecnológicas que integram a concepção de jornalismo como um negócio, seja ele rentável ou não.

Desse modo, a notícia, que está inserida dentro de um processo que é social, apresenta-se como “resultado de um consenso sustentado pelo jogo das interações e das negociações entre parceiros sociais” (SILVA, M.T.; FRANÇA, 2017). A mercadoria final do jornalismo torna-se, nesse processo relacional, o resultado dos embates do mundo, dos valores culturais, da intersubjetividade construída pela comunidade de jornalistas (TUCHMAN, 1999).

Distanciando-se de um “construcionismo radical”, que supõe que tudo é construção, que não existe o fato, mas apenas a narrativa do fato, o sociólogo francês Louis Quéré (2012) entende que o acontecimento tem uma vida dupla: a primeira é aquela que carrega uma dimensão sensível, o fato na sua empiricidade, que mobiliza o círculo de afetos dos sujeitos; e o acontecimento enquanto objeto, modificado pela linguagem, simbolizado, representando a segunda vida.

Entende-se aqui que a notícia, como produto específico da atividade jornalística, constitui uma “segunda vida” do acontecimento, como sustentam Silva, M.T. e França (2017), construindo, a partir de um contrato que se estabelece com a sua audiência, uma narrativa que é moldada por enquadramentos e elementos de inteligibilidade acionados para interpretar os fatos do mundo que, por sua vez, são da ordem de um contexto cultural. Portanto, o acontecimento se encontra no âmbito do mundo a comentar, em um processo de transformação, ele então nunca pode ser transmitido em estado bruto, já que depende de uma determinada significação (VERÓN, 1995; CHARAUDEAU, 2013).

Para os acontecimentos sociais se transformarem em notícia, eles precisam ser percebidos, capturados, sistematizados e estruturados. Como diz Verón (1995), eles existem na medida em que os meios de comunicação, como dispositivos de produção de discursos, os elaboram para a sociedade.

Os acontecimentos sociais não são objetos que se encontram já feitos em alguma parte da realidade e cujas propriedades e transformações nos são dados a conhecer de imediato pelos meios de comunicação com maior ou menor fidelidade. Eles só existem na medida em que esses meios os elaboram (VERÓN, 1995, p. 6, tradução nossa²⁹).

O jornalismo participa assim, mas com importância não totalizante, da construção da realidade social, numa perspectiva processual dialética que vê a sociedade como produto coletivo humano e o homem como produto social. Assim, um acontecimento nasce, vive e morre no interior de um processo dialético, cuja significância e percepção dependem de um indivíduo que interpreta o mundo a partir, principalmente, da construção de sentido realizada por um sujeito que enuncia o fato (CHARAUDEAU, 2013).

Pela ótica de Charaudeau (2013), a seleção dos acontecimentos, operada pelas mídias, conta com dois tipos de critérios que contribuem para os modos de organização

²⁹ “Los acontecimientos sociales no son objetos que se encuentran ya hechos en alguna parte en la realidad y cuyas propiedades y avatares nos son dados a conocer de inmediato por los medios con mayor o menor fidelidad. Sólo existen en la medida en que esos medios los elaboran” (VERÓN, 1995, p. 6).

dos discursos da informação. Os critérios internos são relativos às escolhas operadas pelas instâncias midiáticas: os acontecimentos relatados (tratam da descrição e explicação do fato); comentados (questionam os fatos, tentam esclarecer o que está oculto e expõem a opinião) e provocados (que têm o intuito de promover o debate no espaço social).

Os critérios externos, por sua vez, estão voltados para o modo de aparição do acontecimento, sendo que este pode ser de três tipos (CHARAUDEAU, 2013, p. 137-138): factual, de caráter inesperado – como o acidente aéreo com a delegação de futebol da Chapecoense que provocou a morte de 71 pessoas, entre jogadores, jornalistas e convidados; programado, que é planejado segundo um calendário que organiza a vida social, como eventos esportivos, eleições e rituais – como o velório coletivo que ocorreu na cidade de Chapecó (SC), no dia 3 de dezembro de 2016, em cerimônia de despedida das vítimas; e suscitado, que é provocado com a finalidade de desviar a atenção da opinião pública sobre um problema, direcionando os holofotes, por exemplo, a um escândalo para encobrir outro caso.

Ainda conforme Charaudeau (2013, p. 150), o acontecimento midiático é construído em função de três tipos de critérios: de atualidade (preocupa-se com a distância temporal entre o fato divulgado e o repasse da informação midiática); de expectativa (trabalha com o princípio de saliência e imprevisibilidade, buscando conquistar o interesse e a atenção do público-alvo); e de socialidade (a informação que afeta os cidadãos no espaço público deve ter o compartilhamento e a visibilidade assegurados).

A sistematização proposta por Charaudeau sobre os acontecimentos jornalísticos expõe os modos e as possibilidades como as mídias constroem as notícias. Algumas estratégias, que chegam a estar enraizadas nas mentes de muitos profissionais devido à rotinização do trabalho, nos permite ter uma melhor compreensão de como procede à encenação de uma narrativa e contextualizar essas ações com o objeto de estudo da presente pesquisa e ainda avaliar os caminhos que levam ao agendamento promovido pelo jornalismo em conexão com os enredos da vida cotidiana. No campo da ética, as proposições do autor dão relevo à discussão sobre os jogos de interesses não somente no momento de salientar determinados fatos em detrimento de outros, mas quando joga-se luz sobre as manipulações das informações, as pressões e os constrangimentos nas redações, a filtragem do material noticioso, como aponta o autor ao descrever, por exemplo, os propósitos dos acontecimentos suscitados.

Independentemente de como será enquadrado um acontecimento pelos agentes e veículos de comunicação ao longo da cadeia da produção jornalística, a notícia fornecida

aos sujeitos consumidores de informações representa um fragmento da realidade, uma forma de conhecimento que é compreendida, que adota normas internas e as contextualiza com o cenário sócio-histórico-cultural de uma cidade, estado, região ou país, e depois é repassada a uma dada coletividade.

Ao construírem as notícias, autores como Charaudeau (2013) entendem (e defendem) que os meios de comunicação não têm como assumir inteiramente o papel de reprodutores transparentes da realidade social, pois isto seria muita pretensão, já que a realidade apresentada é parte de um fragmento, jamais um espelho da realidade:

Se são um espelho, as mídias não são mais do que um espelho deformante, ou mais ainda, são vários espelhos deformantes ao mesmo tempo, daqueles que se encontram nos parques de diversões e que, mesmo deformando, mostram, cada um à sua maneira, um fragmento amplificado, simplificado, estereotipado do mundo (CHARAUDEAU, 2013, p. 20).

Em caráter irônico, mas não menos observador, Sodré (2012) assinala que as organizações midiáticas e seus profissionais, muitas vezes, se cobrem de uma suposta mitologia da neutralidade quando elaboram e dão tratamento aos fatos noticiosos, o que sustentaria a eles coeficientes de confiabilidade pública nos relatos.

Conclusão semelhante, mas menos rígida, foi alcançada por Luiz Gonzaga Figueiredo Motta (2010). O referido autor diz que, como nenhuma história pode ser contada na íntegra, cabe ao leitor, ouvinte, internauta ou telespectador assimilar e controlar as informações narradas de um fragmento da realidade, segundo as suas próprias disposições, para produzir uma imagem pessoal do acontecimento noticioso e tecer os laços de significação temporal da notícia exposta em suportes midiáticos.

As notícias são fragmentos parciais de histórias e atores dos dramas e tragédias humanas contadas e recontadas diariamente, pontuadas de lacunas e hiatos de sentido que precisam ser permanentemente negociados pelo receptor no ato da leitura (MOTTA, 2010 p. 162).

Tal reflexão de Motta (2010) a respeito dos limites do jornalista que atua como uma espécie de mediador das narrativas da vida pública, privada e cotidiana, e também da atividade jornalística para nos colocar a par do que acontece ao nosso redor, aproxima-se das proposições já apontadas por outros autores, como Sodré (2012). Schudson (1988) também assinala que as notícias não são um espelho fiel da realidade, mas destaca que

elas são o resultado do tipo de relações socioculturais estabelecidas entre os jornalistas e as suas fontes, de onde é construída a realidade dos acontecimentos.

Com o objetivo de tornar-se pública, compartilhada e comercializável, a notícia, moldada sob a chancela de atributos como novidade e imprevisibilidade, é ancorada em princípios de neutralidade e objetividade delimitados por profissionais e instituições jornalísticas e também por padrões culturais preexistentes de uma realidade social para reportar os fatos ao público consumidor de informações, trabalhando ainda com o senso popular do que é real e importante. Diante desse dinâmico e complexo processo produtivo, o sociólogo norte-americano afirma que:

[...] a criação das notícias é sempre uma interação de repórter, diretor, editor, constrangimentos da organização da sala de redação, necessidade de manter os laços com as fontes, os desejos da audiência, as poderosas convenções culturais e literárias dentro das quais os jornalistas frequentemente operam se as pensar (SCHUDSON, 1988, p. 26).

Além de uma ação negociada por agentes da redação e atores externos às organizações midiáticas, a notícia consiste em um artefato social complexo formatado por fatores como as rotinas profissionais vigentes nas empresas de comunicação, que regem as práticas jornalísticas, e as influências de diversas e diferentes instituições sociais envolvidas no processo produtivo das informações, mais as variáveis macrossociais como os valores culturais. Portanto, o jornalista, considerado agente mediador responsável por “narrar” o cotidiano, o tempo presente, sob uma perspectiva própria (SODRÉ, 2012), tem suas limitações profissionais, devido a variáveis operacionais como expôs Schudson (1988), para estabelecer aquilo que é notícia – desde o conteúdo até o modo de embalagem do produto a ser ofertado aos sujeitos consumidores da informação.

Apesar de ser atuante desde a seleção primária até a produção final da notícia, o jornalista não tem plena autonomia em seu trabalho como pode sugerir, por exemplo, a Teoria do *Gatekeeper*³⁰, que posiciona o profissional – seja pauteiro, editor, editor-chefe

³⁰ De acordo com Shoemaker e Vos (2011), o termo *gatekeeping* foi relacionado pela primeira vez em 1947 por meio de um manuscrito não concluído do psicólogo social Kurt Lewin (1890-1947) sobre a modificação de hábitos alimentares na população estadunidense. A Teoria do Gatekeeper, de acordo com Traquina (2001), surgiu nos Estados Unidos a partir dos estudos do sociólogo David Manning White, divulgado nos anos de 1950, e difundido nos estudos acadêmicos de comunicação da década de 1960, na qual o jornalista utilizaria seus próprios juízos de valor, seu conjunto de experiências, atitudes e expectativas para decidir o que seria ou não notícia. Já Michael Kunczik (2001, p. 234) afirma que o conceito foi empregado já em 1913 com o sentido de seleção de informações, em trabalho germânico sobre a formação de gostos literários.

– como o “porteiro” da redação, aquele que é responsável por filtrar o que deve ser ou não suprimido do noticiário, sem deixar de adotar em sua atividade a linha editorial e outros critérios internos da cadeia organizacional jornalística.

No processo de seleção, não só se aceitam ou rejeitam notícias, como as que são aceitas são processadas e modificadas. Assim, o meio de comunicação demarca o entendimento sobre os acontecimentos, influenciado por diversas motivações, entre elas a interpretação do que o público-alvo de um produto noticioso tem sobre os fatos (SHOEMAKER; VOS, 2011; LIPPMANN, 2010).

A premissa básica da escola do *gatekeeping* é que as mensagens são geradas a partir de uma informação sobre eventos que tenha atravessado uma série de portões e tenha sofrido modificações ao longo do processo. Algumas dessas informações acabam indo parar na capa dos jornais, outras no meio de algum telejornal ou em uma página eletrônica da internet, e há ainda outras que nunca se transformam em notícia. Semelhantemente, um evento pode aparecer em algum veículo jornalístico, mas não em outros (SHOEMAKER E VOS, 2011, p. 37).

A definição da teoria do *Gatekeeper*, exposta aqui por Shoemaker e Vos (2011), permite refletir porque, por exemplo, os “porteiros” das notícias dos três sites noticiosos – que servem como corpus de análise desta pesquisa – não deram mais destaque à morte dos 20 jornalistas na queda do voo da LaMia ou porque essa notícia ganhou maior relevo em um dos três veículos jornalísticos do que nos outros dois. Evidentemente que os possíveis motivos não estão restritos ao poder de decisão do “porteiro” das notícias, pois a soma de fatores internos e externos à instância midiática, no complexo processo de produção noticiosa, são os que definem os passos da cobertura jornalística.

Ao adotar um sistema de julgamento de fatos, os jornalistas estão naturalmente colocando seu próprio juízo de valores em cada decisão (JORGE, 2016). Porém, “não decidem sozinhos se algo deve receber a atenção da mídia ou não, mas sim juntamente com os fornecedores de informações” (QUADROS; SPONHOLZ, 2006, p. 4). A escolha dos assuntos – mesmo considerando as características distintas de diferentes veículos de comunicação – é condicionada por uma mescla de fatores, em parte, inconsciente, de fatores de mercado, de política editorial, valores sociais, tradição jornalística e outros:

[...] os critérios de escolha, produção e publicação de notícias são mutáveis e sujeitos às ideologias, no caso, a dos emissores, o que inclui o próprio jornalista, suas fontes, e a empresa em que trabalham. Muito desse complexo de ideias – e com frequência – não está consciente [...],

no jornalismo, a notícia, sinônimo de comunicação ou de informação, é um gênero e, como unidade básica de produção, carrega o *modus faciendi* de seu fazedor, obedece a regras, aos valores-notícia introjetados e a ideologia das organizações de mídia, que impõem a submissão a linhas editoriais (JORGE, 2016, p. 15-16).

Por dominar os métodos de operação da cadeia produtiva da notícia, entende-se que jornalista é aquele que tem a incumbência profissional ou o “monopólio do saber” para processar as informações advindas da realidade social. Porém, ao produzir notícias a partir de regras institucionalizadas, o jornalista convive com constrangimentos inerentes à profissão (SCHUDSON, 1988), sendo passível de, em dado momento, ter que falar somente bem ou apenas mal de pessoas (fontes) e instituições, expondo aí também o caráter ideológico da empresa jornalística e até de seus parceiros comerciais.

No entanto, pela perspectiva de Sodré (2012), com o avanço das novas tecnologias de informação alinhada às mudanças de comportamento da sociedade e à participação ativa do usuário inserido no universo da cibercultura, sobretudo nas redes sociais digitais, os jornalistas não são os únicos a transformarem um fato em acontecimento midiático. O público, que aí se redefine como mídia individualizada, está desempenhando esta função com mais frequência nas sociedades midiaticizadas contemporâneas.

Atualmente, o receptor das mensagens está reconfigurado, mesmo sem ainda exercer todo o seu potencial, desempenhando simultaneamente, e de modo híbrido, o papel de emissor e receptor da mensagem noticiosa, passando também a pautar os acontecimentos e ocupando assim novos territórios de atuação (SODRÉ, 2012). Esse cenário confronta por exemplo o que estabelece a Teoria do Agendamento³¹ ou *agenda-setting*, que, resumidamente, entende que a mídia, com o poder de agenda pública, é quem determina quais assuntos farão parte das conversas dos consumidores de notícias.

Mesmo pontuando aqui a relativização do poder dos meios de comunicação sobre a sociedade, os jornalistas ainda são vistos, de modo geral, sobretudo aqueles que atuam na mídia hegemônica tradicional, como os que têm competência para definir o que é notícia. Porém, este sujeito está atrelado a pelo menos dois pontos: as características intrínsecas dos eventos aliadas aos critérios de noticiabilidade que norteiam as lógicas do

³¹ A Teoria do Agendamento, desenvolvida na década de 1970 pelos pesquisadores Maxwell McCombs e Donald Shaw, defende a ideia de que o público tende a considerar os acontecimentos noticiosos veiculados nos meios de comunicação, como os mais importantes, “agendando” as suas conversas por eles. A mídia, pela *agenda-setting*, ajuda a estruturar no público a imagem da realidade social, a organizar novos elementos dessa mesma imagem, a formar opiniões e crenças novas (SOUSA, 2002).

Jornalismo; e os fenômenos socioculturais, inseridos num contexto espaço-temporal concreto e carregado de valores ideológicos, predominantemente hegemônicos, que apresentam-se como determinantes na construção, seleção e hierarquização da notícia.

2.2 Noticiabilidade: conceito e critérios

O caráter noticiável de um acontecimento, como o suposto interesse público, não o promove automaticamente a notícia. Isso porque existe uma rede complexa de parâmetros a definir um fato, entre tantos, com potencial para ser transfigurado em produto jornalístico, “observando a natureza de diferentes fatores que agem no intrincado trajeto que se dá do noticiável ao noticiado” (SILVA, G., 2018, p. 313). Para tentar explicar por que é que temos determinadas notícias e outras não nos meios informativos, a noticiabilidade, uma das áreas centrais da teoria do jornalismo, é frequentemente acionada para responder a essa pergunta (LARA, 2014; SOUSA, 2004).

Uma das pesquisadoras que buscam sistematizar os critérios de noticiabilidade, Gislene Silva (2005, 2014) propõe situá-los em três instâncias, que podem ser resumidas em: 1) origem dos fatos (percepção e seleção primária das ocorrências/ valores-notícia), considerando atributos próprios que são reconhecidos por diferentes profissionais e veículos da imprensa, como conflito, curiosidade, tragédia, etc.; 2) tratamento dos fatos, centrando-se na seleção hierárquica dos eventos e nos fatores inseridos na organização jornalística, tais como formato do produto, qualidade do material apurado e editado (texto, som e imagem), relações do repórter com fontes e públicos; 3) visão dos fatos, a partir de fundamentos éticos, filosóficos e epistemológico do jornalismo, compreendendo critérios mais abstratos, como os conceitos de verdade, objetividade e interesse público.

Silva, G. (2005, 2014) ressalta que esses conjuntos não funcionam isoladamente, porque na prática da produção noticiosa os referidos critérios atuam concomitantemente. A autora afirma ainda ser “reducionista” definir a noticiabilidade como conjunto de requisitos controlados e administrados somente pela empresa jornalística e por seus profissionais para delimitar a quantidade e o tipo de acontecimentos com aptidão ou potencial para serem noticiados, como descreve Wolf (2003).

Para o teórico italiano, a noticiabilidade é resultante da cultura profissional e dos valores dos jornalistas como também da organização do trabalho.

A noticiabilidade é constituída pelo complexo de requisitos que se exigem para os eventos – do ponto de vista da estrutura do trabalho nos aparatos informativos e do ponto de vista do profissionalismo dos jornalistas – para adquirir a existência pública da notícia (WOLF, 2003, p. 195).

Noticiabilidade, segundo Wolf (2003), está vinculada a um conjunto de requisitos relativos aos acontecimentos que confere aos eventos reais as características básicas de uma notícia. Para o autor, nos processos de rotinização das práticas jornalísticas, o produto informacional encontra-se subordinado aos interesses e às necessidades da organização jornalística para que se possa negociar quais fatos devem ser inseridos ou excluídos e de que modo os fatos selecionados serão enquadrados no veículo noticioso.

Sem desconsiderar a perspectiva interna da cadeia de produção noticiosa, Silva, G. (2018) busca não restringir o conceito aos critérios específicos de noticiabilidade – tais como formato do produto jornalístico, qualidade da imagem, linha editorial, público-alvo – e, para tal objetivo, reforça os limites da operacionalidade da conceituação ao incluir na discussão as dimensões da experiência humana para entender a noticiabilidade também como resultante de construções sociais de vivenciar esta experiência na vida cotidiana. Para tanto, a autora recorre a pesquisadores como Silva, M.P. (2014a), que destaca:

[...] a existência de uma grade dinâmica e multifacetada de variáveis econômicas, políticas e socioculturais que resultam na elaboração simbólica de uma concepção de vida cotidiana – esta, de fato, orientadora dos diferentes padrões noticiosos socialmente estabelecidos (SILVA, M. P., 2014a, p. 132).

Silva, M.P. (2014b, p. 75) ressalta a “existência de distintas percepções sobre a noticiabilidade em diferentes recortes geográficos”, fato que se explica pelas próprias realidades sociais que se diferenciam entre si, com os acontecimentos podendo se conectar de modo distinto em diferentes regiões, estados ou nações, sendo “noticiáveis em certas localidades e não em outras” (TRAQUINA, 2001, p. 95). Como ressaltam Shoemaker e Vos (2011, p. 37), nos estudos sobre o *gatekeeping*, uma “determinada informação pode receber um grande destaque em um veículo e ser enterrada em outro”.

No noticiário da morte dos 20 jornalistas após a queda do voo da LaMia, por exemplo, o site da RBS TV tende a noticiar com mais ênfase o falecimento de profissionais que trabalharam ou eram nascidos no Sul do País, região onde justamente a empresa jornalística atua, diferentemente do que ocorre no Foxsports.com.br e no

Globoesporte.com – veículos de maior abrangência nacional que cobrem diariamente as notícias sobre esportes e que não deram tanto relevo à morte desses agentes jornalísticos.

Embora exista, de modo geral, uma concordância entre os jornalistas e a audiência sobre a noticiabilidade de eventos dentro de suas respectivas realidades, há uma dinâmica interpretativa dos fatos, uma possibilidade que concede à noticiabilidade, como um constructo de natureza cognitiva – de julgamentos e experiências individuais, seja de jornalistas ou não –, o estatuto de construção sociocultural (SHOEMAKER; COHEN, 2006; SILVA, M.P., 2014a; HALL, 2016). Essa perspectiva tem afinidade com a ideia de que os acontecimentos não são por si mesmos naturalmente noticiáveis, justamente porque “as ‘notícias’ são o produto final de um processo complexo que se inicia numa escolha e seleção sistemática de acontecimentos e tópicos de acordo com um conjunto de categorias socialmente construídas” (HALL *et al.*, 2016, p. 309).

Sob perspectiva semelhante, Shoemaker e Cohen (2006), e Silva, M.P. (2014b) enfatizam que a impossibilidade de um evento atribuir a si próprio o estatuto de noticiável ocorre porque será necessário haver sempre um consenso entre as pessoas para o que acontecimento possa receber elementos suficientes de noticiabilidade para alcançar os diferentes aspectos de suas realidades sociais. No entanto, há de considerar, além do senso comum, que se um fato obedecer a alguns ou a vários critérios de noticiabilidade crescem as chances de ele ser incluído no noticiário (TRAQUINA, 2001; WOLF, 2003).

Assim, a notícia da queda de avião com vítimas fatais em determinado país, por exemplo, mesmo que siga a critérios de noticiabilidade similares em inúmeras redações, terá certamente um peso noticioso³² distinto em diversas localidades e diferentes veículos de imprensa, sendo incluído com maior ou menor ênfase no noticiário. Haverá a necessidade de sempre contextualizar o acontecimento com as variáveis sócio-histórico-cultural de uma cidade, de um estado, de uma nação, e com os fatores de noticiabilidade conectados à política editorial da mídia noticiosa e à realidade social de uma região.

³² Acontecimentos similares, em locais e épocas diferentes, podem ser enquadrados de modo distinto no noticiário. Para exemplificar, o artigo de Robert Entman, de 1991, intitulado Framing U.S Coverage of International News: Contrasts in Narratives of the KAL and Iran Air Incidents, revela como dois acidentes aéreos, com certas semelhanças, tiveram julgamentos e narrativas diferentes na imprensa dos EUA. Enquanto a derrubada do avião iraniano pelos Estados Unidos – que resultou em 1988 na morte de 290 cidadãos – foi classificada como um problema técnico, o jato coreano abatido por soviéticos em 1983, que causou a morte de 269 ocupantes do voo, fora retratado como um escândalo moral. Disponível em: <http://courses.washington.edu/com201/COM%20201%20readings/Entman-Framing%20US%20coverage%20of%20international.pdf>.

Por essas razões, “fatiar a noticiabilidade em critérios ou parâmetros tem sua validade para compreender algumas entranhas do processo de se fazer notícias” (SILVA, G., 2018, p. 318). Apesar de tal tarefa resultar diretamente em ações e decisões dos jornalistas, isso não significa rejeitar o complexo mosaico de influências em torno da produção noticiosa. Ou seja, “a notícia começa e acaba na sociedade. E no meio do caminho há o jornalista, a empresa de mídia e os inúmeros interesses que elaboram o acontecido e os ditos em produto noticioso comercializável” (SILVA, G., 2018, p. 318).

Tomado como um conceito complexo, a noticiabilidade abarca diversas variáveis, sejam de ordem política, cultural, mercadológica, tecnológica e econômica, que são capazes de agir na configuração da notícia, havendo portanto uma série de critérios que afetam as ações jornalísticas no percurso da produção noticiosa. Em produção acadêmica mais recente, Silva, G. propõe uma revisão do conceito e afirma que:

[...] noticiabilidade pode ser entendida como uma combinação complexa de forças ou fatores potencialmente capazes de agir no processo da produção da notícia, desde características do acontecimento, julgamentos pessoais e habilidades do jornalista, relação dos repórteres com as fontes, qualidade do material apurado e tratado (imagem, som e texto), prazo e linha editorial, condições favorecedoras ou limitantes da empresa de mídia no mercado (econômicas, tecnológicas e políticas editoriais), relação do veículo noticioso com a publicidade, negociações com públicos e audiências (circulação e recepção), questões éticas e ideológicas das decisões editoriais, cultura profissional da categoria e ainda circunstâncias históricas, culturais, políticas e econômicas de uma determinada sociedade (SILVA, G., 2018, p. 317).

Das três instâncias em que propõe situar a noticiabilidade, Silva G. (2005, 2014, 2018) concentra-se mais na discussão da origem e do tratamento dos fatos, etapas que mantêm uma conexão mais íntima com a produção interna do processo noticioso. A autora até pontua a importância das questões éticas e ideológicas das decisões editoriais, mas não se aprofunda nessa vertente. E por acreditar também na relevância dessa visão dos fatos, do contexto sociocultural para a constituição da notícia, os conceitos expressos aqui por autores como Stuart Hall, Pamela Shoemaker e Vera França, entre outros, servem para clarear o objeto de pesquisa do presente trabalho acadêmico.

Buscando abarcar a amplitude do conceito de noticiabilidade, Shoemaker e Vos (2011) revisitaram o estudo de David White (1993) sobre seleção de notícias e desenvolveram um modelo de *gatekeeper* proposto em cinco níveis, apresentados em pesquisa desenvolvida por Shoemaker e Reese (1996), que organiza em círculos

concêntricos cinco grupos de influência para tentar explicar o processo jornalístico de produção de informações. Resumidamente, eis os cinco níveis de fatores: individuais (características individuais dos comunicadores com base em experiências profissionais e valores pessoais); rotinas profissionais (relativo à produção do conteúdo noticioso); organizacionais (hierarquias e estruturas de trabalho); extraorganizacionais (fontes, anunciantes, ambiente econômico e tecnológico); e sistema social (a ideologia), que corresponde às mais amplas estruturas socioculturais presentes na sociedade.

Pelo entendimento dos autores supracitados, os aspectos éticos de um conjunto social têm maior influência do que os valores individuais do profissional, assim como as rotinas profissionais provocam impacto direto no conteúdo noticioso a ser publicado. Diante desse esquema revisado por Shoemaker e Vos (2011), como assinala Silva M.P. (2004a), é necessário considerar que as influências da própria sociedade, localizadas no topo da cadeia hierárquica de fatores, devem ser interpretadas como características que entrecruzam os demais níveis de análise da noticiabilidade.

Quanto à aplicação da noticiabilidade, Tuchman (1978), na obra *Making News: a study in the construction of reality*, destaca que enquanto os jornalistas simultaneamente invocam e aplicam até então as normas padronizadas de noticiabilidade, eles ao mesmo tempo as definem com o passar o tempo. Ou seja, a noção de noticiabilidade recebe definições de momento a momento quando, por exemplo, os editores de jornal negociam que itens devem aparecer na primeira página (TUCHMAN, 1978). E as teorias da notícia que tentam explicar a noticiabilidade, seu conceito e seus critérios, “fazem isso por subáreas de estudos: fontes, valores-notícias, seleção, hierarquização, narratividade, discurso, rotinas produtivas e outras (algumas dessas integrantes da teoria do *newsmaking*³³)” (SILVA, G., 2018, p. 323).

O que entende-se aqui é que a noticiabilidade, compreendida como um constructo de natureza cognitiva localizado nas mediações jornalísticas da vida cotidiana (SILVA, M.P, 2014a), não serve somente para a seleção de acontecimentos, para o jornalista reconhecer o que é noticiável. Os critérios de noticiabilidade são acionados em inúmeras ocasiões nas rotinas produtivas, servindo de argumento para alterar ou direcionar manchetes e títulos de reportagens e para moldar a produção da notícia.

³³ Na teoria do *newsmaking*, o jornalismo constrói a realidade por meio de um trabalho da enunciação, submetido a pressões sociais, culturais e organizacionais que envolvem: noticiabilidade, valores-notícia, constrangimentos organizacionais, construção da audiência e rotinas da produção (SOUSA, 2004).

2.3 Valores-notícia e valores sociais

Um dos importantes elementos da noticiabilidade é o valor-notícia, que, segundo Guerra (2014), indica um ideal de notícia a ser empregado pelo jornalista em sua rotina de trabalho, durante avaliação dos acontecimentos, para possível inclusão no noticiário desde que haja um vínculo que une os produtores da notícia e a audiência. E a ideia central é de que os valores-notícia, atribuídos por profissionais do jornalismo – que dominam as técnicas operadas em uma redação – e reconhecidos pelo seu público e pelas fontes de informação, tipificam os acontecimentos conforme suas características e determinam quais têm maior ou menor peso noticioso (SILVA, G., 2018), com os meios de comunicação esboçando muitas das imagens supostamente aguardadas pelo público, ancorados em atributos como surpresa, impacto, conflito, e outros (LIPPMANN, 2010).

Portanto, os valores-notícia servem como um dos parâmetros que orientam o jornalista a ter noção da importância de determinados fatos, e de seus possíveis desdobramentos, para produzir mensagens que se aproximem do interesse de um maior número possível de consumidores das notícias. Essa “antecipação da audiência real pelos valores-notícia permite aos jornalistas e às organizações um melhor planejamento e realização do trabalho” (GUERRA, 2014, p. 43).

Peucer (2004), como já visto aqui neste capítulo, enumerou em sua pesquisa acadêmica no século XVII uma lista de atributos relevantes dos acontecimentos, tais como ineditismo, fatalidades, empatia, negativismo, que contribuem, conforme o autor, para a seleção de fatos que merecem ser recordados, ou conhecidos, numa alusão ao que viria a ser denominado séculos mais tarde de valores-notícia. Posteriormente, outros autores ao longo do tempo, sobretudo da escola europeia, aprofundaram-se nesta temática para entender como se definem as notícias.

Um dos mais influentes trabalhos citados é o de um artigo de Johan Galtung e Mari Ruge (1965), intitulado *The Structure of Foreign News*. Nele, os autores dinamarqueses identificaram, na forma de uma listagem, cerca de 20 fatores³⁴ que influenciam o fluxo das notícias. Em 2001, Harcup e O’Neill (2017, p. 1471) revisaram a lista e elencaram basicamente 10 elementos: elite do poder, celebridade, entretenimento, surpresa, relevância, magnitude, más notícias (conflito, tragédia), boas notícias (resgate,

³⁴ Galtung e Ruge (1965) optaram pelo termo fatores de notícia. Posteriormente, outros autores utilizaram o termo valores-notícia, como Nelson Traquina, Mauro Wolf, entre outros.

cura), acompanhamento (histórias sobre assuntos já publicados nas notícias), e agenda do jornal (histórias que se encaixam na agenda da organização de notícias).

Numa nova revisão desses valores-notícia, no ano de 2016, Harcup e O’Neill (2017) buscaram atualizar a lista com o intuito de examinar até que ponto esses valores foram alterados no cenário do jornalismo digital. Com mudanças no processo comunicacional, expansão da internet e constante uso das mídias sociais digitais, a nova versão de Harcup e O’Neill (2017, p. 1482)³⁵ apresentou a seguinte lista: exclusividade; notícias negativas (morte, lesões); conflito; surpresa; audiovisual (histórias que possuem fotos impactantes, vídeos, áudio); capacidade de compartilhamento ou *shareability* (histórias que provavelmente geram compartilhamento e comentários via Facebook, Twitter e outras formas de mídia social); entretenimento; drama; continuidade; elite de poder; relevância; amplitude; celebridade; notícias positivas; e pauta da organização jornalística (histórias que definem ou se encaixam na agenda da organização de notícias).

Notou-se, na grande maioria, a repetição de termos já sistematizados por autores em estudos anteriores, como os próprios Galtung e Ruge, mas com outras denominações, confirmando que os valores-notícia apresentam “um padrão geral bastante estável e previsível” (TRAQUINA, 2008, p. 63), mas isso não significa necessariamente que são arquétipos imutáveis. A maior contribuição dada pelos estudos de Harcup e O’Neill (2017) foi apontar o potencial de compartilhamento como novo valor-notícia, o

³⁵ Exclusivity: Stories generated by, or available first to, the news organisation as a result of interviews, letters, investigations, surveys, polls, and so on. Bad news: Stories with particularly negative overtones such as death, injury, defeat and loss (of a job, for example).

Conflict: Stories concerning conflict such as controversies, arguments, splits, strikes, fights, insurrections and warfare.

Surprise: Stories that have an element of surprise, contrast and/or the unusual about them.

Audio-visuals: Stories that have arresting photographs, video, audio and/or which can be illustrated with infographics.

Shareability: Stories that are thought likely to generate sharing and comments via Facebook, Twitter and other forms of social media.

Entertainment: Soft stories concerning sex, showbusiness, sport, lighter human interest, animals, or offering opportunities for humorous treatment, witty headlines or lists.

Drama: Stories concerning an unfolding drama such as escapes, accidents, searches, sieges, rescues, battles or court cases.

Follow-up: Stories about subjects already in the news.

The power elite: Stories concerning powerful individuals, organisations, institutions or corporations.

Relevance: Stories about groups or nations perceived to be influential with, or culturally or historically familiar to, the audience.

Magnitude: Stories perceived as sufficiently significant in the large numbers of people involved or in potential impact, or involving a degree of extreme behaviour or extreme occurrence.

Celebrity: Stories concerning people who are already famous.

Good news: Stories with particularly positive overtones such as recoveries, breakthroughs, cures, wins and celebrations.

News organisation’s agenda: Stories that set or fit the news organisation’s own agenda, whether ideological, commercial or as part of a specific campaign (HARCUP; O’NEILL, 2017, p. 1482).

shareability: o que pôde ser identificado na cobertura jornalística da queda do voo da LaMia, com jornalistas fazendo uso do conteúdo viralizado nas redes sociais digitais, seja de postagens de atletas renomados, de autoridades políticas, de sobreviventes do acidente, de familiares das vítimas ou até mesmo de um grupo de pessoas anônimas que aderiram à hashtag #ForçaChape, que na data do acidente foi a mais usada no Twitter no mundo.

Harcup e O'Neill (2017) comprovaram assim, mesmo sem intencionalidade aparente, que os valores-notícias estão propensos a modificações ao longo do tempo, por influências de todos os âmbitos, seja social, ideológico, político, econômico, educacional ou mesmo da cultura jornalística, e que eles não podem ser vistos como regras estáticas que pautam a produção jornalística, pois são suscetíveis a alterações “de uma época histórica para outra, com sensibilidades diversas de uma localidade para outra, com destaques diversos de uma empresa jornalística para outra, tendo em conta as políticas editoriais” (TRAQUINA, 2008, p. 95).

Como os valores-notícia permeiam diversas fases da produção noticiosa, como uma linha-guia que facilita a rotina produtiva dos jornalistas e das empresas de comunicação (WOLF, 2003; CORREIA, 1997; SILVA, G., 2005, 2014), eles tornam-se também importantes na definição das capas de jornais e revistas, das chamadas dos telejornais e da *homepage*³⁶ dos sites, ou seja, na “embalagem” dos produtos midiáticos, “regem as pautas; orientam o trabalho de apuração do repórter em campo; determinam ordens de edição” (JORGE, 2016, p. 7). e, assim, contribuem para a construção da mercadoria final – que é a narrativa jornalística exposta nos meios de comunicação.

[...] os valores-notícias que caracterizam e tipificam os acontecimentos são atribuídos por sujeitos, os profissionais do jornalismo, fontes e públicos que convivem numa sociedade específica. Os jornalistas porque operam com eles para produzir notícias e as demais pessoas da sociedade porque reconhecem e se interessam por muitos desses mesmos valores-notícias (SILVA, G., 2018, p. 324-325).

Porém, nem sempre é consensual entre jornalistas e audiência o compartilhamento da percepção do que é noticiável e do que merece ser noticiado (SILVA, G., 2018). Não é raro que haja conflitos entre os próprios jornalistas e entre eles e o público em torno da valorização ou subvalorização de um acontecimento potencializado como informação jornalística, o que torna-se complexa a definição e a aplicação dos valores-notícia. Existe

³⁶ Homepage é a página principal, de abertura de um site. Internamente, nas redações de sites jornalísticos, adota-se o nome reduzido de “home”.

até mesmo, como admite Silva, G. (2018), a dificuldade de apreender no universo acadêmico o conceito de valor-notícia, que é considerada uma “concepção escorregadia”, como aponta Shoemaker (1996, p. 36), e “opaco de sentido”, sem transparência suficiente até mesmo para os jornalistas, como descreve Hall (1981, p. 235).

Após revisão bibliográfica, Silva, G. (2018), que trata mais o conceito pela vertente operacional, reconhece a força de outros fatores imbricados com os valores-notícias, como a ideologia e os valores sociais, durante o processo produtivo noticioso, abordagem que apresenta-se mais apropriada para entender os possíveis caminhos que levaram a morte dos 20 jornalistas na Colômbia a ser minimizada pela própria imprensa.

Do mesmo modo que a força das instituições jornalísticas não deve ser superestimada no processo de produção das notícias, a interferência das marcas culturais não pode ser minimizada nessa complexa dinâmica. Muito pelo contrário, ao enxergar os fenômenos jornalísticos, como o noticiário a respeito do acidente aéreo na Colômbia em 2016, é perceptível a existência de ideais dominantes preexistentes – tais como a idolatria aos atletas e aos clubes de futebol, o circuito de afetividade empregado diante de fatalidades, a própria cultura jornalística – que apontam como a nossa sociedade enaltece valores como tragédia, drama e proeminência, que mobilizam, conseqüentemente, narrativas jornalísticas referente ao circuito de afetos dos indivíduos.

As notícias, portanto, seriam vistas não apenas como um produto das pessoas ou um artefato produzido por organizações sociais, mas também como um dispositivo que, mesmo involuntariamente, faz uso de padrões culturais preexistentes para ser realizado e produzir sentido (SOUSA, 2002; SCHUDSON, 1988). Nessa perspectiva, como ressaltam Hall *et al.* (2016), o valor-notícia vai além de uma simples listagem de atributos das notícias, combinados ou combináveis, o conceito de valor-notícia, para os pesquisadores britânicos, é como um mapa cultural, um código ideológico que enxerga o mundo de modo particular, com a mídia exercendo papel decisivo na reprodução da ideologia dominante e atuando, até mesmo, em processos de controle social.

Hall *et al.* (2016) entendem que os valores-notícia operam como estrutura de retaguarda social, profunda e escondida, e que requerem um conhecimento consensual sobre o mundo, eles são atributos amplamente partilhados entre os diversos meios de comunicação e os jornalistas que estão imbricados com um quadro de valores sociais, relações de poder e padrões culturais vigentes na sociedade.

[...] os valores-notícia fornecem critérios nas práticas de rotina do jornalismo que permitem aos jornalistas, editores e agentes noticiosos decidir rotineira e regularmente sobre quais as “estórias” que são “noticiáveis” e quais não são, quais as “estórias” que merecem destaque e quais as que são relativamente insignificantes, quais as que são para publicar e quais as que são para eliminar. Embora não estejam escritos em parte alguma, formalmente transmitidos ou codificados, os valores-notícia parecem ser largamente partilhados entre os diferentes meios de comunicação [...] e constituem um elemento na socialização profissional, prática e ideologia dos jornalistas” (HALL *et al.*, 2016, p. 310-311).

Em concordância com a abordagem realizada por Hall *et al.* (2016), mas sem abrir mão da perspectiva interna da constituição dos valores-notícia como referências para a operacionalidade de análise de notícias, Silva, G. (2014) faz referência à Cristina Ponte (2004, p. 129) para, no primeiro momento, enfatizar que “os valores-notícia³⁷ não são simplesmente marcas de seleção, mas são, principalmente, marcas de representação; uma vez que a seleção seria um ato ideológico de representação” e, na sequência, conclui que:

A demarcação do conceito de valores-notícia se dá, então, dentro da larga compreensão de que a notícia é uma construção social, ou como prefere Schudson, a notícia é um produto cultural. Um mapa, código, perspectiva ou esquema que orienta o trabalho do jornalista, que os auxilia no campo do saber de reconhecimento. Esse saber de reconhecimento é a capacidade de identificar quais são os acontecimentos que possuem valor como notícia. Esse saber, argumentam vários pesquisadores em discordância de muitos profissionais jornalistas, não é instintivo, não depende de faro (SILVA, G. 2014, p. 59).

Entende-se, então, que os valores-notícia, além de “permitir identificar similaridades e diferenciações na seleção ou hierarquização de acontecimentos em diversos veículos de imprensa” (SILVA, G. 2014, p. 59), possibilita percepções históricas e culturais sobre o processo produtivo das notícias. Portanto, eles estão inscritos na dimensão do simbólico e dos processos de representação, na interação entre os sujeitos e no contexto que, na realidade contemporânea, é profundamente marcado pela lógica da mídia e do consumo. Desse modo, é plausível concluir que os critérios de escolha aplicados por profissionais de imprensa durante o processo produtivo das notícias

³⁷ Conforme Gislene Silva (2005, p. 98), “os valores-notícia devem ser sempre atrelados às características do fato em si, enquanto a seleção se estende no interior da redação, quando é preciso não apenas escolher, mas hierarquizar”. Ambos, às vezes interpretados como sinônimos, estão na verdade situados como conceitos específicos pertencentes ao universo mais amplo da noticiabilidade.

também são orientados por valores sociais, que, por sua vez, contribuem para seleção e interpretação de temas e acontecimentos considerados noticiáveis. Como os valores-notícia possuem um forte vínculo com a ideologia e os valores sociais, estes últimos, ao mesmo tempo, por meio de narrativas dos agentes jornalísticos, são reafirmados, questionados ou atualizados (SILVA, M.T.; FRANÇA, 2017).

[...] os atores do campo jornalístico (jornalistas, organizações midiáticas, etc) têm um forte laço com a cultura e a sociedade com a qual se comunicam, sobre a qual falam, conflituam ou compartilham perspectivas e valores sociais. Estas visões e valores comuns também alimentam e orientam a cultura profissional e organizacional do jornalismo, sendo, assim, uma importante mediação a estimular ou constringer suas práticas, seus critérios de decisão, suas interpretações e suas narrativas (SILVA, M.T.; FRANÇA, 2017, p. 10).

Como ressaltam Silva, M.T. e França (2017), os meios de comunicação “falam” de (refletem) uma sociedade específica, e a circulação e a renovação de representações proporcionadas pela mídia em suas narrativas repercutem e atuam na configuração da vida social. Nessa profunda imbricação entre mídia e vida social, para além dos aspectos potencialmente noticiáveis do próprio acontecimento e da presença dos valores sociais contextualizados com os fatos, há a interferência de fatores como subjetividade do enunciador, interesse político e viés cultural ideológico (SILVA, M.T.; FRANÇA, 2017), para relatar/construir uma realidade por meio de um produto comercializável: a notícia.

2.4 O conceito de enquadramento noticioso

Desde quando surgiu no meio acadêmico, no século XX, o conceito de *frame analysis* (análise de enquadramento) tem sido bastante utilizado para “entender o processo de produção das notícias e sua relação com a cultura e a política em uma determinada sociedade” (BONONE, 2017, p. 79). O enquadramento noticioso, que apresenta-se como uma alternativa teórica para analisar os produtos informativos, possibilita trabalhar em conjunto com outras linhas de estudo, como por exemplo a *agenda-setting*³⁸, para que se possa obter um melhor entendimento sobre o fazer jornalístico (SILVA, M.P.; JERONYMO, 2018).

³⁸ O agendamento parte da hipótese de que a agenda dos meios de comunicação, a partir da seleção, disposição e incidência das notícias, direciona-se para estabelecer do que se fala na mídia, enquanto o enquadramento sustenta a noção de que a mídia tem poder de influência sobre a interpretação da audiência a partir dos temas emoldurados por ela.

Uma das definições mais compartilhadas sobre os enquadramentos noticiosos é a de que eles “introduzem ou aumentam a saliência ou importância aparente de certas ideias, ativando esquemas que incentivam os públicos-alvo a pensar, sentir e decidir de uma maneira particular” (ENTMAN, 2007, p. 164, tradução nossa³⁹), por meio de procedimentos estratégicos do jornalismo como seleção, exclusão ou ênfase de determinados aspectos e informações, de forma a compor perspectivas gerais de acontecimentos e situações do dia dados a conhecer. Os enquadramentos noticiosos acabam assim fornecendo ao público pistas interpretativas, que constituem-se em ideias centrais organizadoras dentro de um relato narrativo de um evento (KUYPERS, 2009).

Entman (1993, p. 52) orienta que para analisar o enquadramento noticioso existem basicamente quatro modos de averiguar como determinados aspectos de uma realidade percebida tiveram maior destaque no texto, em detrimento de outros fatores, tornando-se mais salientes em um texto comunicativo: definição do problema (detectando, por exemplo, se é de ordem política ou econômica); diagnóstico das causas do problema; presença de julgamentos morais (avaliando os atores envolvidos e seus efeitos); e recomendações/soluções para o problema. O autor ressalta a necessidade de observar a existência da personificação nas palavras-chave de símbolos, metáforas e elementos visuais que insistentemente aparecem na notícia narrada em um suporte de difusão de informações.

Originalmente, a noção de enquadramento foi proposta por Gregory Bateson⁴⁰ (1954), nos estudos sobre interação no campo da psicologia, com base em quadros de sentido que moldam os comportamentos (ações e interpretações) dos indivíduos. Nas Ciências Humanas, Erving Goffman⁴¹ (2012) tornou-se a principal referência do conceito de *frame* (traduzido como enquadramento), buscando, em suas pesquisas, compreender como os sujeitos organizam suas experiências de vida social para a elas atribuir sentido – observando como se produzem “esquemas de interpretação” ou “quadros de sentido”, conforme a maneira de definir o que são enquadramentos.

³⁹ [...] frames introduce or raise the salience or apparent importance of certain ideas, activating schemas that encourage target audiences to think, feel, and decide in a particular way (ENTMAN, 2007, p. 164).

⁴⁰ Gregory Bateson (1904-1980) foi um biólogo e antropólogo britânico, com jornadas analíticas através da psiquiatria, psicologia, sociologia, comunicação e ecologia. Conduziu seus estudos para o campo da comunicação e propôs o conceito de enquadramento, em 1954, com o artigo “*A theory of play and fantasy*” (Uma teoria do jogo e da fantasia).

⁴¹ Erving Goffman (1922-1982) foi um antropólogo e sociólogo canadense. É o autor da obra “*Frame analysis: an essay on the organization of experience*” (Análise de Enquadramento: um ensaio sobre a organização da experiência), datada de 1974, que é uma referência para o conceito de enquadramento.

Partindo da ideia central de Goffman, de que a experiência social de cada sujeito determina como ele enquadra a realidade ao seu redor – com base nos quadros de referência primários⁴² –, e aplicando aqui o conceito de enquadramento às práticas jornalísticas, entende-se, por exemplo, que um acontecimento a ser fomentado como notícia pode ser relativamente o mesmo, mas o seu enquadramento, de acordo com normas técnicas do jornalismo – pode sofrer variações, porque certos indivíduos podem apresentar perspectivas diferentes de outros para os mesmos fatos, estando propensos a empregar níveis de enfoque distintos para enquadrá-los.

Goffman (2012, p. 31) até salienta que “quando os papéis dos que participam numa atividade são diferenciados – o que ocorre frequentemente –, a visão que uma pessoa tem daquilo que está acontecendo será provavelmente muito diferente da visão de outra”, o que pode ocorrer, por exemplo, em uma redação de jornal, onde os profissionais de uma organização jornalística buscam um consenso, a partir da experiência profissional e pessoal, e da aplicação de normas técnicas do jornalismo, para emoldurar as notícias a serem veiculadas nos meios de comunicação.

Posteriormente aos preceitos de Goffman, outros teóricos passaram a trabalhar com a noção de enquadramento. Uma das pioneiras na incorporação do conceito aos estudos do jornalismo, Gaye Tuchman (1978, 1999) concebe a notícia como uma “ação negociada” constituída em torno do enquadramento dado às escolhas feitas durante as rotinas produtivas (o que noticiar, como, quando, com quais fontes, etc.). O enquadramento noticioso, na visão da autora, ao ser aplicado durante o tratamento dos fatos, busca alcançar uma uniformidade de pensamento para que as mensagens fomentadas pelos veículos de comunicação sejam compartilhadas mais facilmente pelo público consumidor de informações.

Além da vertente operacional, o enquadramento noticioso, pela perspectiva de Tuchman (1978), leva em conta as múltiplas experiências relacionais vivenciadas pelos agentes jornalísticos fora do ambiente da redação como relevantes para o modo como é promovido o *framing*. Afinal, esses profissionais obviamente não vivem exclusivamente nessas instituições, convivem numa sociedade onde existem outros tipos de interação e,

⁴² O quadro primário, segundo os preceitos de Goffman (2012) leva em conta as experiências socioculturais de um indivíduo que dão sentido a determinadas cenas do cotidiano e tendem a possibilitar a compreensão dos acontecimentos. Esses quadros são construídos e modificados socialmente como elemento preponderante da relação entre os sujeitos e da relação entre o sujeito e o mundo em que vive.

portanto, carregam consigo para a atividade profissional outros modos de conhecimentos, como define Carlos Alberto de Carvalho ao referenciar o trabalho da socióloga:

A vida em sociedade exige outras interações e elas não podem ser desprezadas como componentes dos modos como acionamos quadros de referência para a interpretação de uma dada situação. E os operadores jornalísticos, além de não escaparem a essa condição, exercem uma atividade profissional que tem dentre as suas especificidades múltiplas dimensões de negociação com uma grande quantidade de sujeitos/atores sociais. Como consequência, produzem significados que são mais complexos do que aqueles a que são constrangidos pelas relações institucionalizadas (CARVALHO, 2009, p. 7).

A abordagem de Tuchman, referenciada por Carvalho, atenta para aspectos importantes da conexão entre as rotinas institucionalizadas com as interações que os jornalistas têm com os demais atores sociais, mas não toma conta da complexidade das relações do jornalismo com as práticas sociais na constituição do enquadramento. Entendidos aqui como construções simbólicas e interpretativas dos acontecimentos, os enquadramentos referem-se a crenças partilhadas na sociedade, mas que não são imutáveis. Portanto, “não é prudente tomar os enquadramentos jornalísticos como imobilizados em torno de quadros de referência imutáveis ou constrangimentos institucionais” (CARVALHO, 2009, p. 10). Isso porque as crenças, as visões de mundo, os quadros de sentido acionados pelos indivíduos são passíveis de mudança pela ação humana, do tempo e do espaço vivido, conseqüentemente os enquadramentos dos fatos podem ser alterados.

Entende-se aqui que a crítica de Carvalho (2009) seja apropriada, ao considerar que autores como Tuchman (1978) destacam uma certa sobreposição do enquadramento de natureza técnica, operado pelos jornalistas, sobre a lógica dos quadros de referência primário, das práticas culturais dos indivíduos, conforme aponta os preceitos de Goffman. Mesmo que haja a possibilidade de o enquadramento ser direcionado a partir de uma socialidade ou de uma subjetividade do jornalista, aliada a normas técnicas do jornalismo, é pertinente acreditar que para tratar da complexidade dos acontecimentos torna-se necessário e mais eficaz investir na conexão entre os enquadramentos técnicos e primários, do que tomá-los separadamente, para analisar os fenômenos sociais.

Característica intrínseca das dinâmicas das organizações jornalísticas, os enquadramentos devem ser interpretados como estratégias inevitáveis para que possa regular a produção noticiosa, durante o tratamento dos fatos, com o propósito tanto de

auxiliar os jornalistas na constituição de tal produto quanto de atender ao público consumidor na assimilação mais célere das informações. Para tanto, o jornalista “mobiliza uma cadeia de percepções, que vão do repertório da sua experiência individual até as molduras produzidas à escala da sua comunidade interpretativa profissional e àquelas molduras pré-definidas no âmbito do meio em que trabalha” (ANTUNES, 2009, p. 86), tais como o funcionamento das editorias e a linguagem do veículo de comunicação.

Porém, para que o enquadramento noticioso seja concretizado com maior eficiência é necessário haver também uma interação entre o complexo universo de valores sociais, culturais, políticos e históricos presentes em uma sociedade – que são precedentes aos elementos de enquadramentos de natureza técnica – e a cadeia de percepções, relações e interesses dos jornalistas, aliados às lógicas de organização jornalística para a produção de discursos sobre os fatos, sejam verbais ou visuais (BONONE, 2017; SOUZA, 2016; ANTUNES, 2009; CARVALHO, 2009).

Portanto, do mesmo modo que as mídias recorrem a enquadramentos, empregando esquemas cognitivos – tais como estereótipos, visões de mundo, arquétipos, e até senso comum do público – para que os sujeitos consumidores de informação interpretem a maior variedade possível de notícias, a sociedade também precisa lidar com enormes volumes de informações que chegam a ela. Assim, o enquadramento noticioso apresenta-se como um dispositivo das mídias que orienta as pessoas a entenderem o mundo ao seu redor e, assim, formar julgamentos, como reforça Souza (2016).

Embora tenhamos a clareza de que a mídia não force os indivíduos a pensarem exatamente o que elas manipulam, é fato que os esquemas cognitivos elaborados pelas mídias possuem um forte poder comunicativo, pois traçam uma linha narrativa que se identifica com o polo hegemônico e, por que não, do senso comum do público (SOUZA, 2016, p. 23).

O desempenho da mídia no sentido exposto mostra ser notório que os indivíduos não sentem-se (ou não deveriam se sentir) obrigados a ler, ver, ouvir qualquer conteúdo jornalístico. Porém, esses mesmos sujeitos não estão imunes de serem seduzidos a consumir informações a partir de temáticas emolduradas pelas instituições midiáticas que reforçam (ou podem reforçar) a interpretação por parte da audiência de determinadas ideias hegemônicas da sociedade ou de uma dada coletividade.

Ideias hegemônicas que nos remetem, no contexto que tange o conceito e a aplicação do enquadramento, à noção de uma ideologia dominante, que, por sua vez,

sempre “recorre ao argumento de ser portadora da totalidade de uma consciência social, travestindo seu discurso com a fantasia da ‘união’ e ‘não conflitualidade’” (SOUZA, 2017, p. 45), perante os embates existentes no mundo. Os pensamentos dominantes estão ancorados nos modos de vida, que são feitos e refeitos, e buscam controlar efetivamente as instituições culturais e políticas da sociedade, em defesa de um sistema vigente, para evidenciar um conjunto de respostas, ideias que manifestam-se em diversas áreas e sustentam-se pelo senso comum em um determinado tipo de realidade social, conspirando assim para a passividade dos indivíduos.

Visto ser inerente do homem na condição de ser social e histórico buscar respostas para dar sentido à vida, ele projeta teleologicamente suas ações (LUKÁCS, 2012), orientando-se a princípio em acreditar em estruturas postas para atender as suas demandas. Partindo dessa premissa, os enquadramentos de mídia, elaborados a partir da inserção de determinadas ideias – muitas delas trabalhadas para serem consensuais em busca de um entendimento mais ligeiro –, pretendem, como ressalta Gitlin (2003), formular estruturas informacionais que correspondam às necessidades dos jornalistas, aqueles que emolduram e organizam os relatos jornalísticos, e das pessoas que dependem desses relatos e os interpreta.

Enquadramentos de mídia, largamente silenciados e desconhecidos, organizam o mundo para os jornalistas que os relatam e, em algum grau importante, para nós que dependemos de seus relatos. Enquadramentos de mídia são padrões persistentes de cognição, interpretação e apresentação, de seleção, ênfase e exclusão, pelos quais manipuladores de símbolos organizam rotineiramente o discurso, seja verbal ou visual (GITLIN, 2003, p.7, tradução nossa⁴³).

Compreende-se aqui que com o propósito de elaborar, selecionar e salientar mensagens noticiosas que invoquem o esquema cognitivo, de interpretação dos indivíduos, permitindo que os consumidores de notícias localizem e identifiquem as informações ao seu redor, é necessário que as mídias usem do artifício de enquadramento, que sugere sempre interpretações e visões de mundo, para se comunicar com o seu público-alvo. No entanto, é preciso também que as notícias estejam alinhadas com os enredos da vida cotidiana pública e particular, com as relações sociais concretas.

⁴³ “Media frames, largely unspoken and unacknowledge, organize the world both for journalists who report it and, in some important degree, for us who rely on their reports. Media frames are persistent pattern of cognition, interpretation, and presentation, of selection, emphasis, and exclusion, by which symbol-handlers routinely organize discourse, whether verbal or visual” (GITLIN, 2003, p.7).

2.5 Enquadramento em diálogo com as estratégias retóricas

O estudioso norte-americano Jim A. Kuypers (2009) desenvolveu em sua obra *Rhetorical Criticism: Perspectives in Action* uma recuperação histórica do conceito de retórica com o intuito de propor uma interação com a análise de enquadramento. A aproximação dessas duas correntes teórico-metodológicas possibilita revelar como as estratégias retóricas, como uma linguagem informativa e persuasiva, se relacionam também com os valores noticiosos para enquadrar uma realidade. Tal iniciativa de aliar *framing analysis*, perspectiva da crítica retórica e valores-notícia – o que já foi observado em estudos realizados pelos autores Marcos Paulo da Silva e Raquel de Souza Jeronymo (2017) – apresenta-se como válida para esta pesquisa, que busca compreender como foram emolduradas as histórias sobre a queda do voo da LaMia, em especial a cobertura jornalística sobre a morte dos 20 jornalistas brasileiros na Colômbia.

Kuypers e King (2009, p. 2, tradução nossa⁴⁴) situam o estudo da retórica como “uma invenção da civilização ocidental antiga que tem suas raízes nas democracias emergentes da Grécia antiga”. Desenvolvido pelos gregos como “um corpo sistemático de conhecimentos sobre a teoria e a prática de falar em público nos tribunais, nas assembleias de governo e em ocasiões cerimoniais”, e definido por Aristóteles no tratado *The Rhetoric*, escrito por volta de 335 a.C., o modelo original de retórica apresenta-se “como o poder de descobrir os meios de persuasão em qualquer situação” (KUYPERS; KING, 2009, p. 2, tradução nossa⁴⁵). Como destaca Fiorin (2014, p.11), a “retórica foi uma aventura do espírito humano para, na construção da democracia, em que são essenciais a dissensão e a persuasão, compreender os meios de que se serve o enunciador para realizar sua atividade persuasória”.

Ao longo do tempo, o estudo da retórica, que inicialmente concentrava-se no poder da oratória, evolui e se fez fundamental no campo da comunicação.

A retórica agora inclui muito mais do que falar em público; concentrando-se na compreensão da ação simbólica, abrange o discurso na imprensa, no rádio, na televisão e na Internet de várias formas e

⁴⁴ “The study of rhetoric is an invention of early Western Civilization and has its roots the fleding democracies of ancient Greece” (KUYPERS; KING, 2009, p. 2).

⁴⁵ The Greeks developed the original model of rhetoric, a systematic body of knowledge about the theory and practice of public speaking in the law courts, the governing assemblies, and on ceremonial occasions. Rhetoric was codified by Aristotle in his famous treatise, *The Rhetoric*, written somewhere around 335 a.C. He defined rhetoric as the “power of discovering the means of persuasion in any given situation” (KUYPERS; KING, 2009, p. 2).

contextos diferentes. Não é de admirar que agora a retórica esteja sendo estudada em todo um espectro de disciplinas acadêmicas e tenha se tornado uma das disciplinas⁴⁶ centrais de nosso tempo (KUYPERS; KING, 2009, p. 2, tradução nossa⁴⁷).

Ao apresentar o ato de enquadrar como peça vital do processo de comunicação, quando busca-se extrair alguns aspectos da realidade para fazê-los mais acessíveis do que outros, Kuypers (2009, p. 182, tradução nossa⁴⁸) reforça que os enquadramentos encorajam os outros a ver tais fatos do mesmo modo, formando um consenso, e esses quadros tornam-se necessários para a sociedade, que “necessita de maneiras para lidar com as enormes quantidades de informações que chegam diariamente” e que “clamam por enquadramento, uma vez que possuem muitos elementos que carecem de atenção”.

Esta conceituação corrobora com as ideias propostas por Todd Gitlin (2003), para quem os enquadramentos, inevitavelmente, integram as práticas jornalísticas em um processo de organização de volumes de informações a ser executado de modo mais ligeiro e rotineiro para retransmitir as mensagens ao público. Assim, Kuypers (2009) entende que a *framing analysis* é um modo bastante útil de entender o impacto da retórica e os efeitos da comunicação mediada.

Enquadrar envolve como a imprensa organiza o contexto pelo qual o público vê suas notícias. No fundo, este é um processo retórico, e é por isso que acredito que a teoria de enquadramento pode ser especialmente proveitosa quando adaptada a uma perspectiva retórica (KUYPERS, 2009, p. 185, tradução nossa⁴⁹).

Tal conexão entre enquadramento e retórica ocorre porque a retórica possui condicionantes informativos e persuasivos que vão além do uso de meras afirmações para argumentar os fatos e conquistam (ou objetivam conquistar) a aceitação da audiência (KUYPERS; KING, 2009). Estratégia esta que tem afinidade com as práticas jornalísticas necessárias para a construção noticiosa, como os valores-notícia – elemento de

⁴⁶ Assim como Kuypers e King (2009), José Luiz Fiorin (2014) destaca que a retórica tem sido pesquisada e estudada por pesquisadores e especialistas das áreas da linguística e do campo de ensino.

⁴⁷ “Rhetoric now includes far more than public speaking; focusing on understanding symbolic action, it embraces discourse in print, radio, television, and the Internet in many different forms and settings. Small wonder, rhetoric is now being studied across a whole spectrum of academic subjects and has become one of the central disciplines of our time” (KUYPERS; KING, 2009, p. 4).

⁴⁸ “We need ways to negotiate the huge amounts of information that come to us daily. Large and complex ideas and events cry out to frame, once that have so many elements that require attention” (KUYPERS; KING, 2009, p. 182).

⁴⁹ “Framing involves how the press organizes the context through which the public views its news. At its heart this is a rhetorical process, and this is why I believe framing theory can be especially fruitful when adapted to a rhetorical perspective” (KUYPERS, 2009, p. 185).

noticiabilidade, como ressalta Correia (1997), que não funciona isoladamente, mas em diferentes combinações, fazendo parte da cultura profissional dos jornalistas.

Um dos autores que sistematizam valores-notícia, Nelson Traquina (2008, p. 91), traz o conceito de “valor-notícia de construção”, concepção que sugere o que deve ser enfatizado e o que deve ser omitido na elaboração do acontecimento como notícia, e enumera seis valores: 1) simplificação, que reduz o destaque da notícia como uma espécie de esvaziamento de ambiguidade e complexidade; 2) amplificação, que versa que quanto mais amplificado é o acontecimento, mais chances tem a notícia de ser percebida; 3) relevância, que refere-se à habilidade do jornalista de construir a narrativa de modo a conceder um valor simbólico ao fato como se este apresentasse importância única para todos; 4) personalização, que valoriza mais os indivíduos envolvidos no acontecimento em detrimento de problemáticas; 5) dramatização, que reforça o lado emocional; 6) consonância, que insere acontecimentos em uma narrativa mais ampla e já conhecida.

Esses valores-notícia de construção, dentro da proposta apresentada aqui, são compreendidos “muito mais como estratégias argumentativas típicas da retórica e do enquadramento – a exemplo do emprego de figuras de linguagem” (SILVA; JERONYMO, 2017, p. 10) – e aproximam-se da ideia de Gans (2004), que posiciona os chamados valores jornalísticos como valores ideológicos, já que, para o autor, as notícias incluem valores e, conseqüentemente, elas contêm ideologia, mesmo que tais ideologias não sejam aplicadas intencionalmente. Nessa perspectiva, as figuras retóricas de linguagem cumprem a função de criar efeitos nos discursos, amplificando a ideia do que pretende-se passar ao público e que não seria possível com o uso literal e restrito das palavras, são, portanto, recursos capazes de construir sentidos (FIORIN, 2014), muitas vezes com marcas de intencionalidade para conquistar a atenção do receptor.

[...] a ação de proporcionar enquadramentos da realidade a partir da prática jornalística não institui-se dissociada de estratégias retóricas. Tais estratégias, contudo, no plano conceitual, situam-se em um espectro de análise diferente dos chamados “valores jornalísticos” – estes, por sua vez, estão localizados muito mais próximos dos “valores ideológicos” compartilhados nas salas de redação como tratado na acepção de Gans (2004) do que propriamente do *modus operandi* das estratégias retóricas de construção das notícias (SILVA; JERONYMO, 2017, p. 12-13).

Para exemplificar a conexão entre enquadramento, retórica e valores noticiosos, a matéria do Globoesporte.com. de 4 de dezembro de 2016, intitulada “*Nós não somos*

abutres”: a difícil missão de cobrir velório de amigos⁵⁰, traz já no título (Figura 2) e também no decorrer do texto a figura retórica de personalização, quando os jornalistas (nós), se sobrepõem à cobertura do acontecimento, o velório, por justamente descrever o próprio estado emocional ao se depararem com a missão de relatar a morte de colegas de profissão, aí configura-se, desta vez, a dramatização como valor-notícia de construção.

Figura 2 – Título de matéria com elementos de retórica



Fonte: Globoesporte.com, 4 de dezembro de 2016

Além de dar feição às informações, a utilização dos condicionantes retóricos tende também a evidenciar o posicionamento dos meios de comunicação e até dos jornalistas, que, ancorados pelas difundidas normas de neutralidade e objetividade, nem sempre têm o intuito de parecer que tenham algum interesse. Porém, como toda experiência de linguagem implica na construção de sentidos do enunciador, não há dessa maneira discursos livres de propósitos (GOMES, 2009; FIORIN, 2014), pois todo acontecimento nunca pode ser transmitido apenas em estado bruto e, ao ser submetido a um processo de transformação, necessita de uma determinada significação (CHARAUDEAU, 2013) que é constantemente atribuída aos agentes jornalísticos, levando, a partir do enquadramento, o nosso pensamento para direções particulares (KUYPERS, 2009).

E as ferramentas de retórica contribuem decisivamente para dar maior significado aos acontecimentos e para consolidar os enquadramentos noticiosos, a partir do uso de recursos diretos e inteligíveis como expressões do senso comum, estereótipos, jargões,

⁵⁰ Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/sc/futebol/times/chapecoense/noticia/2016/12/nos-nao-somos-abutres-dificil-missao-de-cobrir-velorio-de-amigos.html>.

figuras de linguagem, clichês jornalísticos e símbolos (KUYPERS, 2009) – elementos que buscam organizar a realidade dentro de determinados eixos de apreciação e entendimento do enquadramento, categorizando fatos e atores envolvidos nesses fatos.

Definido por Kuypers e King (2009, p. 4, tradução nossa⁵¹) como “o uso estratégico da comunicação, oral ou escrita, para atingir objetivos específicos”, a retórica, com o seu caráter persuasivo, tem o poder de convencer o receptor a certas ideias, que tornam-se ou consolidam-se hegemônicas a partir do enquadramento noticioso e também do emprego de valores-notícia (de construção) que materializam-se em estratégias retóricas, influenciando assim comportamentos pessoais e coletivos e fazendo-nos concordar, muitas vezes, com o narrador das histórias que uma determinada ação é qualitativamente superior a outra (KUYPERS; KING, 2009).

2.6 O conceito de enquadramento multimodal

O processo de convergência midiática⁵² alterou as maneiras de circulação e de consumo das notícias, mas também modificou, em certo grau, os modos de produção noticiosa e a cobertura jornalística. Na composição de uma matéria publicada em portais noticiosos, tornou-se mais frequente o uso simultâneo de textos, fotos, áudios, vídeos, infográficos, entre outros recursos aplicados ao meio digital, como verificou-se também no Foxsports.com.br, no Globoesporte.com e no site da RBS TV – veículos que servem como corpus de análise para a presente pesquisa.

Portanto, para análise de enquadramentos que busca averiguar como foi noticiada a morte de 20 jornalistas decorrente da queda do voo da LaMia, torna-se necessário incorporar a diversidade de elementos que constrói um acontecimento noticiado nos três veículos jornalísticos supracitados. Para melhor compreensão da cobertura jornalística, esta pesquisa se inspira na análise de enquadramento multimodal, utilizada por Antal

⁵¹ “When we use the term rhetoric in this chapter we mean: The strategic use of communication, oral or written, to achieve specifiable goals” (KUYPERS; KING, 2009, p. 4).

⁵² Proposto por Henry Jenkins (2006), a convergência midiática refere-se à tendência de adaptação das mídias à internet, ao meio digital. Como aborda em seu livro *Cultura da Convergência*, este é um processo multidimensional, facilitado pela implantação de tecnologias digitais de telecomunicação, que afetou os âmbitos cultural e também empresarial, profissional e editorial dos meios de comunicação e possibilitou uma integração de ferramentas, métodos de trabalho e linguagens anteriormente desconectados. A partir também de mudanças nos padrões de comportamento dos indivíduos, mais atuantes no ambiente virtual a partir do uso constante de dispositivos móveis, os jornalistas passaram a elaborar conteúdos que se distribuem através de múltiplas plataformas, em concordância com a linguagem própria de cada uma.

Wozniak, Julia Lück e Hartmunt Wessler (2014) na condução de um estudo sobre a cobertura midiática de assuntos climáticos.

A análise de enquadramento multimodal aplica-se em três níveis que se relacionam – visual, narrativo e enquadramento – e busca preservar a confiabilidade dos resultados que tendem a confirmar ou não padrões de *frame*. “Somente uma análise sistemática dos diferentes modos comunicativos da notícia – imagem, narrativa e *frame* – pode aproximar o pesquisador da imagem geral construída pelo noticiário” (RIZZOTTO; PRUDENCIO; SAMPAIO, 2017, p. 112), evidenciando a capacidade de iluminar detalhes e meandros da cobertura jornalística, algo que poderia ficar obscurecido em uma perspectiva mais clássica de enquadramento – mais restrita à análise textual.

O enquadramento noticioso proposto por Entman (1991, 1993, 2007), que busca evidenciar de que modo alguns elementos ganham saliência na notícia em detrimento de outros, produzindo efeitos de sentido sobre a consciência humana a partir da transferência de informações, configura-se em um dos pilares da análise multimodal e alia-se ao estudo das imagens e da construção narrativa.

Dentro do enquadramento multimodal, Wozniak *et al.* (2014) até admitem que na tentativa de padronizar a análise narrativa e visual pode haver alguma sutil perda interpretativa, porém, os autores insistem que “um procedimento padronizado nos permite estudar as inter-relações entre quadros, narrativas, e representações visuais em um grande número de itens” (WOZNIAK *et al.* 2014, p. 472, tradução nossa⁵³).

Tal padronização das análises narrativa e visual, proposta por Wozniak *et al.* (2014), possibilita ainda uma análise empírica e comparativa entre diferentes veículos de comunicação mais confiável e reproduzível. Portanto, empregar o enquadramento multimodal para analisar a cobertura do acidente aéreo na Colômbia, em especial o noticiário destinado à morte dos 20 jornalistas brasileiros em três sites noticiosos, tende a tornar a presente pesquisa mais robusta em detalhes.

Como o modelo de jornalismo praticado no Brasil tende para a homogeneização no tratamento das notícias (MORAES, 2013), “as matérias jornalísticas, geralmente, buscam ser informativas e objetivas, dando pouca margem para interpretação e/ou posicionamentos mais fortes dos jornalistas, algo que geralmente é reservado para colunas e editoriais” (RIZZOTTO *et al.*, 2017, p. 114). Devido a essa margem reduzida para pontos de vista mais contundentes dos jornalistas, sob ameaça de uma possível perda de

⁵³ “A standardized procedure allows us to study the interrelations between frames, narratives, and visuals across a large number of items” (WOZNIAK *et al.*, 2014, p. 472).

credibilidade ou de uma indisposição com as fontes, entende-se ser necessária uma análise que considere também os elementos visual e narrativo. Assim, o enquadramento multimodal permite evidenciar e compreender os processos da construção da notícia, não limitando-se a avaliar somente a constituição do texto escrito na cobertura jornalística.

Portanto, a análise de enquadramento multimodal que abarca três níveis – visual, narrativo e enquadramento – permite examinar a relação do discurso textual com os níveis de narratividade e as representações visuais, verificando, com maior abrangência, a articulação das notícias e a produção de significados das matérias jornalísticas.

No enquadramento multimodal, a análise visual está baseada na proposta de Rodriguez e Dimitrova (2011) e é realizada a partir de quatro níveis: conotativo, ideológico, denotativo e semiótico-estilístico. “Os níveis conotativo e ideológico buscam responder, respectivamente, quais são os significados sociais inseridos nos símbolos e como as imagens são construídas de maneira a moldar a percepção da audiência” (RIZZOTTO *et al.*, 2017, p. 116), mas, como não são codificados, podem somente ser respondidos de forma interpretativa.

No nível denotativo, os enquadramentos são detectados a partir do levantamento de personagens, objetos e outros elementos presentes na cena, cabendo ao analista responder quem e/ou o que está sendo representado na imagem, além de identificar e classificar o cenário e a ação desempenhada. E o último nível “refere-se à identificação dos elementos estilísticos e técnicos, em que são descritos o plano e o ângulo da câmera, uma imagem em *close*, por exemplo, significa intimidade, enquanto o plano aberto possibilita a visualização do contexto” (RIZZOTTO *et al.*, 2017, p. 117).

Já a análise narrativa centra-se no grau de narratividade, no gênero narrativo e nos papéis associados aos sujeitos presentes na notícia.

Características como dramatização e o uso de expressões emocionais definem o grau de narratividade geral em um artigo; indícios de gênero podem nos dizer a que tipo de gênero narrativo um artigo corresponde; e os atores podem ser identificados como cumprindo papéis narrativos particulares [...] (WOZNIAK *et al.*, 2014, p. 477, tradução nossa⁵⁴).

O grau de narratividade é medido com base na: dramatização, que é codificada quando a notícia apresenta uma história contada em ordem sequencial, com início, meio

⁵⁴ “Features like dramatization and the use of emotional expressions define the degree of general narrativity in an article; genre clues can tell us what kind of narrative genre an article corresponds to; and actors can be identified as fulfilling particular narrative roles” (WOZNIAK *et al.*, 2014, p. 477).

e fim, em oposição ao formato de pirâmide invertida, inclusive com a inserção de elementos ficcionais; emoção, que relaciona-se à descrição do estado emocional de um ou mais sujeitos presentes na notícia; personalização, que apresenta histórias com foco nos sujeitos e em suas ações; e ornamentação estilística, que aparece quando o estilo literário ou poético é utilizado, indo além da simples descrição dos acontecimentos.

A análise do gênero narrativo, por sua vez, se pauta no tema geral da notícia, no tom utilizado e nos resultados alcançados. Para codificação, Wozniak *et al.* (2014) adotam quatro gêneros narrativos: rotineiro, quando o acontecimento é apresentado como usual; romântico, quando o herói triunfa; trágico, quando o desfecho é o fracasso; e apocalíptico, que retrata a luta pela salvação do planeta. E a análise da narrativa que compreende a verificação dos papéis associados aos sujeitos representados nas matérias jornalísticas codifica os papéis dos personagens, tais como vítima, herói e vilão.

Dessa maneira, a solução teórico-metodológica do enquadramento multimodal a ser aplicada para esta pesquisa vai possibilitar a investigação de algumas camadas do texto, privilegiando *frames*, narrativas e representações visuais, pontos de conexão e distinções, para que possa ser comprovada ou não a hipótese de uma sub-retratação da morte dos 20 jornalistas na queda do voo da LaMia.

2.7 Morte, luto e espetacularização em cena

Na sociedade hodierna, com os processos comunicacionais transformados pela midiática em rede e por avanços das tecnologias digitais, somos servidos pelas mídias on e off-line com um farto cardápio de notícias. Na lista constam, entre os acontecimentos jornalísticos consumidos pelos clientes, eventos trágicos elencados como midiáticos e classificados com maior ou menor grau de relevância, e que têm o caráter de potencializar a experiência de luto, de comoção, de sofrimento da perda que aproxima os sujeitos uns dos outros. No entanto, não basta somente uma fartura de mensagens noticiosas para atrair a atenção da audiência, é necessário que jornalistas e instâncias midiáticas mostrem-se credíveis e construam um roteiro capaz também de captar a atenção da audiência.

“A instância midiática acha-se, então ‘condenada’ a procurar emocionar seu público, mobilizar sua afetividade, a fim de desencadear o interesse e a paixão pela informação que lhe é transmitida” (CHARAUDEAU, 2013, p. 92). Diante desse cenário, conforme o autor francês, as mídias vivem a tensão de dois polos antagônicos: o da credibilidade, para satisfazer o princípio de seriedade; e o da captação do grande público,

de olho em sua audiência, com a finalidade de escolher estratégias de encenação da informação para satisfazer o princípio de emoção e produzir efeitos de dramatização.

As mídias, então, preferem navegar entre os dois polos – o de buscar um grau zero de espetacularização da informação, que Charaudeau define como a “finalidade de fazer saber”; e o de adotar estratégias de encenação da notícia, equivalente à “finalidade de fazer sentir” –, o que mostra ser inevitável percorrer simultaneamente os caminhos da objetividade e da subjetividade no complexo processo de produção das notícias. Afinal, “essa dupla finalidade está inscrita no contrato de informação. Uma mídia [...] que só satisfizesse ao rigor sóbrio e ascético do fazer saber estaria condenada a desaparecer” (CHARAUDEAU, 2013, p. 93).

Partindo para a constituição do roteiro da notícia, com enredo de dramatização, sobretudo de temáticas do cotidiano como a morte, o jornalista e as instâncias midiáticas, conforme Charaudeau (2013), devem proceder a uma encenação sutil do discurso de informação. Precisam estar atentos às condutas e representações emocionais dos indivíduos e às crenças compartilhadas de cada comunidade sociocultural, regulando os movimentos de afetividade dos sujeitos. Como uma peça teatral, o elenco conta com atores pré-definidos, tanto que é comum nos enquadramentos noticiosos encontrarmos palavras-chave, tais como herói⁵⁵, anjos e vilão, inscritos nos títulos das reportagens e em regiões pontuais do texto noticioso. Evidentemente que, mesmo com uma recorrente padronização do noticiário, principalmente nas mídias tradicionalmente hegemônicas, verifica-se a presença de variações no tratamento dos fatos e, conseqüentemente, nos enquadramentos marcados pelas mídias.

Em sua crítica à sociedade de consumo e à cultura da imagem, em 1967, Guy Debord (1997) pontua que durante eventos, como as tragédias, as velhas mídias não se eximem de projetar luz na espetacularização do fato, verificando-se aí a dominação de uma sociedade por coisas suprassensíveis embora sensíveis. Na visão do escritor francês, episódios trágicos ganham maior amplitude devido à massificação da narrativa empregada pelos meios de comunicação tradicionais, que dilatam o assunto em suas grades de programação (rádio e TV) com vários propósitos, entre eles destacadamente angariar audiência.

⁵⁵ A palavra “herói” foi utilizada duas vezes nos títulos das matérias do GE, enquanto o termo “anjo” teve uma ocorrência em um título de uma notícia, também publicada no mesmo site. Estes foram os casos: *Danilo, o goleiro que recusou o rótulo de herói e se eternizou na Chape* (29/11/2016); *Até o céu chorou: chuva marca adeus de Chapecó aos seus anjos heróis* (03/12/2016). No Foxsports.com.br e no site da RBS TV, não foram codificadas as palavras “herói” e “anjos” nos títulos.

Numa abordagem mais contemporânea, Kellner (2006) ressalta que eventos trágicos são tratados como megaespetáculos pelos meios de comunicação e dominam o jornalismo e as agitações da internet, funcionando como uma espécie de agenda coletiva. Tais acontecimentos noticiosos são enquadrados pela mídia como eventos-chave de uma era e incluem coberturas jornalísticas exageradas e tecnicamente exuberantes, como eventos esportivos e rituais fúnebres – a exemplificar o velório coletivo realizado em Chapecó (SC), quatro dias após a tragédia aérea com a delegação da Chapecoense, que teve cobertura televisiva⁵⁶ ao vivo de aproximadamente seis horas de duração.

Conforme Kellner (2006, p. 122), “à medida que avançamos no novo milênio, a mídia se torna tecnologicamente mais exuberante, sedutora e assume papel mais importante na vida cotidiana, influenciando o pensamento e a ação dos indivíduos”. Na perspectiva do autor, cada vez mais a cultura da mídia promove espetáculos sofisticados para conquistar audiências e aumentar o poder e o lucro da indústria cultural. E essa cultura do espetáculo está se movendo para os novos domínios do ciberespaço, tanto que temáticas da vida pública, como a morte e a experiência de luto, ganham ainda mais o domínio público e são impulsionadas pelas lógicas de globalização em que vivemos, com maior velocidade das trocas de informações e encurtamento das distâncias, se não geográficas, simbólicas entre os indivíduos a partir do intenso uso de dispositivos móveis.

Com a crescente virtualização das relações, os sentimentos referentes à morte, seja de personalidades midiáticas ou de pessoas anônimas, transcendem ainda mais a comoção familiar, a esfera privada dos enlutados e tornam-se amplamente de domínio público. O que é produzido no território digital, como nas redes sociais, aumenta o poder de afetação do acontecimento, sinaliza o crescimento da interatividade dos consumidores de informação, redireciona o circuito de afetos até então dominantes e altera o modo de olhar para o outro. Por isso, no processo de produção noticiosa, os jornalistas precisam estar cada vez mais conectados ao que acontece no cenário virtual, para acompanhar os enredos da vida pública e cotidiana.

⁵⁶ Em um programa intitulado “O Adeus em Chapecó”, ancorado pelo narrador Galvão Bueno, a TV Globo transmitiu o velório coletivo ao vivo em sua grade de programação no dia 3 de dezembro de 2016 (em um sábado, de 9h14 até as 15h01), mostrando desde o desembarque dos caixões ao aeroporto de Chapecó, acompanhando o trajeto das carretas com os caixões pelas ruas da cidade catarinense, até a chegada dos corpos das vítimas ao estádio da Chapecoense, onde ocorreu a cerimônia, com a presença de autoridades brasileiras e internacionais. Dentro da coleta feita para esta pesquisa, 31 vídeos com trechos da transmissão do velório coletivo foram exibidos no noticiário de dois veículos jornalísticos vinculados ao Grupo Globo: site da RBS TV (16 vezes); e Globoesporte.com (15).

Ao tratar da morte seja na condição de produtor ou de receptor das notícias, numa territorialidade digital ou não, também vivencia-se o luto, que, via de regra, “é a reação à perda de uma pessoa querida ou de uma abstração que esteja no lugar dela, como pátria, liberdade, ideal, etc.”, (FREUD, 2011, p. 46) que torna o mundo do enlutado pobre e vazio. Nessas circunstâncias, costuma-se intensificar a empatia com o próximo, ao mesmo tempo em que alguns comportamentos são modificados, e busca-se um abrigo no olhar do outro.

Em um texto seminal escrito em 1917, Sigmund Freud (2011) afirma que o luto não é uma patologia. Na concepção do autor, o luto é experimentado conforme um ritual, com um conjunto de práticas que fornece lembranças do passado na tentativa de entender os motivos que causaram a perda. Para isso, Freud prescreve três estágios, com duração variada, a serem vivenciados pelo homem enlutado: a negação, o convencimento da perda e a elaboração do luto.

No imaginário de uma sociedade, essa experiência de luto é amplificada conforme a intensidade aplicada por quem detém o poder de contar as narrativas midiáticas e a distribuição do elevado número de informações constantemente atualizadas pelos veículos de comunicação – numa edição contínua dos fatos, em tempo real, que é inerente ao jornalismo digital – e pelas redes sociais digitais – que servem de fonte de informações e onde pode-se medir a “temperatura” dos acontecimentos. Desse modo, a tendência é de nos familiarizarmos mais com os fatos e as vítimas que, em um primeiro momento, eram aparentemente distantes dos nossos territórios afetivos e simbólicos.

No caso da tragédia que causou a morte de 71 ocupantes do voo da LaMia, diante do sentimento de perda de pessoas, não apenas física, mas também simbólica pelo que elas representavam para a Chapecoense e os torcedores, há um caminho percorrido pelas mídias de exaltar os 19 jogadores mortos – atores sociais elencados como “protagonistas” das histórias narradas nos veículos jornalísticos acerca do acidente, vítimas que contavam com o carinho dos fãs do clube catarinense e acabaram intituladas como heróis pela imprensa e também, de um modo geral, pelo público que compareceu aos sepultamentos e principalmente ao velório coletivo.

Os fatos, que às vésperas do início dos jogos finais da Copa Sul-Americana eram narrados a partir de um clima de êxtase criado pela expectativa da principal conquista da história da Chapecoense (que veio a ser confirmada por uma decisão da Conmebol sem a necessidade da realização de duas partidas contra o Atlético Nacional, da Colômbia), passaram após a queda do voo da LaMia a ser contados por uma atmosfera de dor causada

pelas mortes inesperadas de quem proporcionava naquele ano de 2016 orgulho para a cidade de Chapecó e para o futebol brasileiro, o que encaminhava assim o noticiário para um roteiro de dramaticidade.

Mas se havia mais pessoas naquele fatídico voo, existiam outras histórias a ser contadas com a mesma ênfase? Somente os jogadores têm o mérito de recebem o título de heróis, de anjos? O enquadramento do acidente elaborado pelas mídias não teria dado menor relevo à morte de 20 jornalistas daquele trágico evento? A classe jornalística está tão desprestigiada que não mereceu maior atenção do público e da própria categoria? Questionamentos que demandam reflexões e tendem a ser respondidos a partir de uma análise empírica, apoiada na análise do enquadramento multimodal, que consta no próximo capítulo desta dissertação.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para proceder a este estudo, primeiramente foi realizado uma revisão conceitual de noticiabilidade, valor-notícia e enquadramento para compreensão da produção de sentido das notícias e de interpretação da realidade social. Porém, na abordagem empírica do objeto de pesquisa, optou-se pelo enquadramento multimodal como opção metodológica para analisar o enquadramento da morte de 20 profissionais de imprensa brasileiros de jornais, sites e emissoras de rádio e TV na cobertura jornalística da queda do voo 2933 da LaMia, na cidade colombiana de Medellín.

Optou-se, desde o início, pelo jornalismo digital como objeto de investigação da presente pesquisa, por entender, principalmente, que este meio reúne notícias em formato de textos, áudios, fotos e vídeos, agrupando em um suporte midiático um vasto material em constante atualização dos fatos, o que favorece os estudos sobre a pergunta central: como foi retratada a morte dos jornalistas no contexto do acidente aéreo de grande repercussão midiática que ficou marcado como a tragédia da Chapecoense?

Sob a hipótese de uma subvalorização da morte dos 20 jornalistas na própria imprensa, foram escolhidos três veículos jornalísticos on-line como corpus de análise para a pesquisa, o que também permite melhores métricas do material coletado. Os três websites são estes: Foxsports.com.br⁵⁷, versão on-line do canal de TV por assinatura Fox Sports – emissora que, entre os veículos jornalísticos, teve o maior número de vítimas fatais (seis); o site da RBS TV⁵⁸, versão on-line da emissora estadual RBS TV – subsidiária do Grupo RBS, que foi a segunda instância midiática com mais jornalistas mortos (quatro); e o Globoesporte.com (GE)⁵⁹, portal de notícias de esportes mantido pelo Grupo Globo – conglomerado midiático que perdeu quatro funcionários, um do Globoesporte.com e três da TV Globo.

⁵⁷ O site Foxsports.com.br existe desde 2012, ano da criação do canal de TV por assinatura Fox Sports Brasil, e também conta com material fotográfico e noticioso de uma agência brasileira, a Gazeta Press, além das reportagens veiculadas pelo Fox Sports. O canal de esportes é quem detinha os direitos de transmissão dos jogos da Copa Sul-Americana, competição disputada no ano de 2016 pela Chapecoense.

⁵⁸ O site da Rede Brasil Sul de Televisão (RBS TV) está hospedado no portal de notícias G1 desde dezembro de 2011 e é gerenciado por profissionais da RBS TV, emissora afiliada da Rede Globo. Informações disponíveis em: <http://wp.clicrbs.com.br/emoff/2011/12/13/rbs-tv-lanca-g1-e-globoesporte-com-e-o-seu-novo-site-de-programacao/?topo=13,1,1,,18,13&status=encerrado>.

⁵⁹ Líder de audiência no segmento de notícias esportivas on-line no Brasil, o Globoesporte.com também é conhecido como GE, e nesta pesquisa será adotada a identificação GE. Lançado em 2003 com o nome de Esporte na Globo, mudou de nome em 2005, chamando-se Globoesporte.com. O portal atualmente disponibiliza conteúdo de jornalismo esportivo das empresas do Grupo Globo – Rede Globo, SporTV, rádios CBN e Globo, além de material próprio de reportagens em texto, foto, áudio, vídeo e de transmissões ao vivo. A partir de julho de 2020, passou a ser chamar Ge.globo.

O material coletado abarcou um período de 13 dias, que começa no dia do acidente aéreo na Colômbia, nas proximidades do aeroporto de Medellín, em 29 de novembro de 2016, véspera do primeiro jogo da final da Copa Sul-Americana entre a Chapecoense e o time colombiano do Atlético Nacional, e termina em 11 de dezembro do mesmo ano, quando encerrou-se a temporada de futebol do clube catarinense, com o desfecho do Campeonato Brasileiro⁶⁰ – outra competição disputada pela Chapecoense no fim daquele ano. Este foi o recorte temporal delimitado para analisar o conjunto de notícias publicadas pelo Foxsports.com.br, Globoesporte.com e site da RBS TV.

Para a coleta das notícias publicadas nos três sites jornalísticos, utilizou-se alguns caminhos. Inicialmente, foi realizada uma busca manual de matérias na internet, dentro do recorte temporal estipulado, a partir do uso de palavras-chave como Chapecoense, tragédia, acidente e jornalista. Em um segundo momento, em contato com os sites GE e Foxsports.com.br, foram fornecidos os links de todas as matérias possíveis dos dois veículos jornalísticos no período de 13 dias previsto para a pesquisa.

Na terceira e última etapa de busca de dados, com a contribuição do Laboratório de Estudos sobre Imagem e Cibercultura (Labic), da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), foram reunidas mais notícias a partir da utilização do *Script Ford*. Este sistema coletou todos os tuítes com o termo Chapecoense, de 29/11/16 a 11/12/16, por meio de dados disponibilizados pela API pública do Twitter. Dos 15.521 tuítes coletados, foram filtrados 119 do @g1, perfil onde são publicadas todas as notícias do portal g1.globo.com, incluindo subdomínios de interesse: g1.globo.com/sc e g1.globo.com/rs⁶¹.

No total, foram coletadas 489 matérias (93 do Foxsports.com.br; 89 do site da RBS TV; e 307 do GE) e 1.237 fotografias, além de 225 vídeos diferentes publicados nos três websites em um intervalo de 13 dias, entre 29 de novembro de 2016 e 11 de dezembro do mesmo ano, a respeito da cobertura do acidente aéreo e de seus desdobramentos, como velório coletivo, investigações iniciais das causas da queda do voo da LaMia, e outros.

Para responder como foi a noticiada a morte dos jornalistas nesta tragédia aérea e como foram emolduradas as histórias acerca deste personagem nos três supracitados sites

⁶⁰ Depois de muitas discussões, que foram identificadas nesta pesquisa em matérias publicadas no GE e no Foxsports.com.br, a última partida da Chapecoense pelo Campeonato Brasileiro de 2016, prevista para 11 de dezembro daquele ano contra o Atlético-MG em Chapecó (SC), foi adiada pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF). O tema não foi abordado no site da RBS TV.

⁶¹ Matérias do site da RBS TV foram identificadas a partir dos subdomínios <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/> e <https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/>. Em 2016, a RBS TV tinha uma afiliada em Santa Catarina e, consequentemente, matérias publicadas no site da RBS TV referente àquele estado. Em 2017, a RBS Santa Catarina passou a se chamar NSC TV e deixou de pertencer ao Grupo RBS, para ser controlada pela NSC Comunicação, empresa do Grupo NC.

jornalísticos, tornou-se indispensável primeiramente coletar e analisar no período de 13 dias todo o noticiário sobre a queda do voo para, após este percurso, estudar em especial o enquadramento da morte dos profissionais de imprensa nos sites do Foxsports.com.br, do GE e da RBS TV. E a proposta metodológica escolhida, após contribuições realizadas durante o processo de qualificação do mestrado, foi o enquadramento multimodal. Esta alternativa teórica, utilizada por Antal Wozniak, Julia Lück e Hartmunt Wessler (2014) na condução de um estudo sobre a cobertura midiática de temas climáticos, abrange três níveis visual, narrativo e enquadramento (representações textuais).

Conforme exposto no capítulo 2 desta dissertação, a análise de enquadramento noticioso a ser empregada na abordagem empírica desta pesquisa tem como base as ideias propostas por Entman (1991, 1993, 2007). Por entender que a verificação das quatro funções apontadas por Entman – julgamentos morais, definição, diagnóstico e solução do problema –, isoladamente, não dão conta da complexidade de certos fenômenos, Wozniak *et al.* (2014) propõe a análise do enquadramento multimodal, incluindo mais dois níveis: narrativo e visual, este último nos moldes sugeridos por Rodriguez e Dimitrova (2011).

Pelas razões apresentadas, compartilha-se a proposta de Wozniak *et al.* (2014), para aplicar na presente pesquisa a análise multimodal, observando a articulação dos três níveis acerca da cobertura do acidente aéreo e da hipótese de uma sub-retratação do noticiário sobre os jornalistas mortos. Neste capítulo 3, cada tipo de análise está separada em um tópico: 3.1) análise textual; 3.2) análise narrativa; 3.3) análise visual. E em cada um deles estará explicada a utilização de cada nível do enquadramento multimodal, com adaptações pontuais, incluindo apresentações de figuras, gráficos e tabelas para exposição e interpretação dos resultados obtidos a partir do uso da corrente teórico-metodológica.

3.1 Análise textual

Como visto no capítulo 2 e na abertura deste capítulo 3, Entman (1993) sugere quatro funções para efetuar a análise do enquadramento noticioso – definição de problema; interpretação causal; julgamentos morais; e recomendação de tratamento – para evidenciar de que modo alguns elementos ganham saliência na notícia em detrimento de outros. No entanto, para responder prioritariamente como os jornalistas foram emoldurados como personagens das histórias acerca do acidente aéreo, verificando como cada um dos veículos jornalísticos tratou da morte dos profissionais de imprensa, e

concentrar-se menos na cobertura jornalística como um todo, entendeu-se ser necessário realizar algumas adaptações para a análise textual.

Entre essas adaptações tornou-se necessário abrir mão de alguns elementos funcionais e observar, como sugere Entman e outros autores que estudam enquadramento noticioso, a existência da personificação de palavras-chave que aparecem nas matérias jornalísticas. Por isso, optou-se por verificar em que locais do corpo das 489 notícias coletadas (título, lide, sublide), em grande parte compostas no formato de pirâmide invertida, encontrou-se a palavra jornalista e/ou termos similares, objetivando assim mensurar o grau de importância dado aos profissionais nessas histórias.

Também buscou-se averiguar nos moldes aplicados por Rizzotto *et al.* (2017) os componentes enquadrados nas 489 notícias: primeiramente, na análise de todo o corpus da pesquisa e, posteriormente, no exame do material avaliado separadamente que priorizou exclusivamente as histórias referentes aos agentes jornalísticos. Acredita-se que, apesar dessas modificações, também descritas no decorrer deste tópico do capítulo 3, tornou-se possível averiguar quais temas, entre eles a morte dos jornalistas durante a queda do voo da LaMia, foram abordados ou silenciados.

3.1.1. Componente enquadrado: o afeto é o campeão

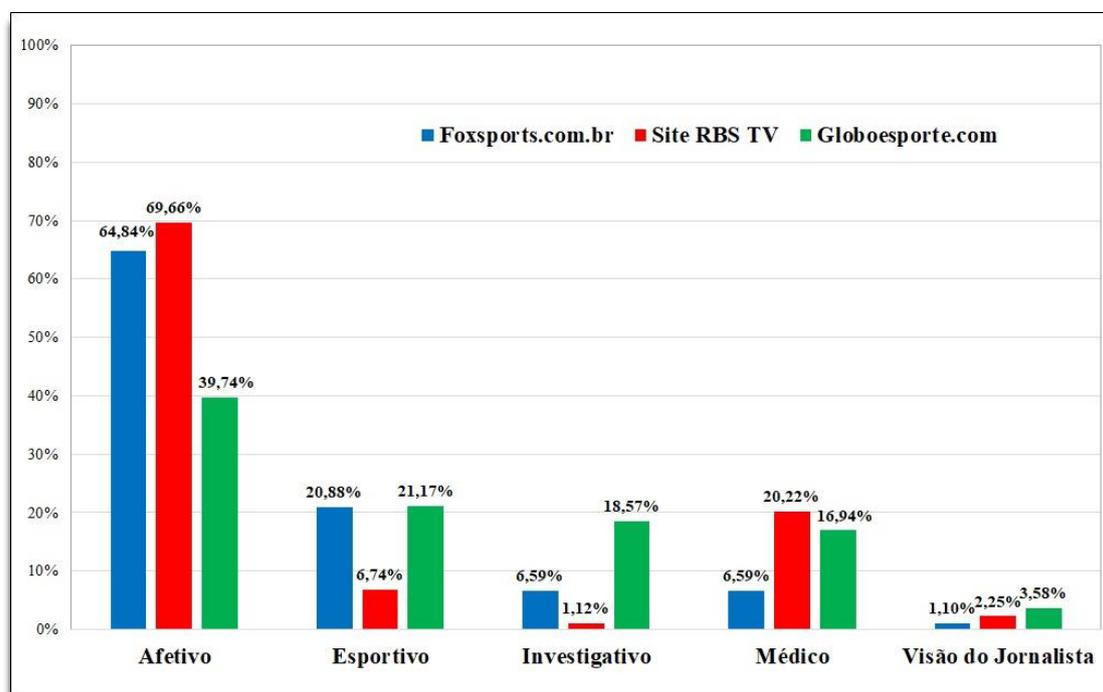
Nos moldes sugeridos por Entman (1991, 1993, 2007), a análise de enquadramento noticioso inicia-se aqui pela definição do problema, pelo “elemento que prepondera no enquadramento” (RIZZOTTO *et al.* 2017, p.122) da cobertura jornalística acerca da queda do voo da LaMia. Como o corpus desta pesquisa abrange um período de 13 dias, a temática não limitou-se às causas do acidente aéreo que terminou com a morte de 71 pessoas, porque vários desdobramentos relacionados ao fato foram identificados nos sites do Foxsports.com.br, do GE e da RBS TV, uns com mais ênfase do que outros. Por esta razão, o primeiro passo foi categorizar os assuntos que dominaram a cobertura jornalística entre os dias 29 de novembro de 2016 e 11 de dezembro do mesmo ano, para examinar dois pontos principais: 1) a partir de como o acontecimento foi tratado nesses veículos de mídia, como o jornalista manifestou-se nessas histórias?; 2) como ele foi notado em cena, como foi emoldurado nas 489 notícias coletadas?

Diante do material coletado e analisado, foram categorizados cinco campos temáticos para, inicialmente, buscar identificar e expor os assuntos abordados na

cobertura jornalística que relacionam-se ou não com os jornalistas (20 mortos e um sobrevivente) que estavam presentes no voo da LaMia.

Estes foram os componentes enquadrados para a pesquisa: 1) Campo afetivo, referente às homenagens e aos atos solidários às vítimas, às cerimônias religiosas (missas, velório coletivo), ao luto e desespero das famílias das vítimas, dos torcedores e da diretoria da Chapecoense, além de matérias sobre sobreviventes celebrando a vida; 2) Campo esportivo, com notícias sobre as competições de futebol (Copa Sul-Americana, Campeonato Brasileiro, Copa do Brasil), a fase de reconstrução da Chapecoense, as finanças e as categorias de base do clube, a carreira dos atletas e da comissão técnica; 3) Campo investigativo, notícias referentes às causas do acidente, à defesa do piloto e da companhia aérea, e às indenizações às vítimas; 4) Campo médico, a respeito de boletins médicos, trabalho voluntário de psicólogos, assistência médica aos parentes das vítimas, traslado dos corpos da Colômbia para o Brasil; 5) Visão do jornalista, que fala especificamente desta categoria, como o luto na imprensa, a carreira dos jornalistas, e a percepção particular dos profissionais acerca da cobertura jornalística e da própria vida.

Gráfico 2 – Componentes enquadrados no noticiário dos três sites jornalísticos



Como se evidencia no Gráfico 2, houve predominância de matérias relacionadas ao campo afetivo: 69,66% no site da RBS TV; 64,84% no Foxsports.com.br; e 39,74%

no GE. Esses números revelam uma tendência dos jornalistas e dos meios de comunicação para os quais eles trabalham de priorizar a emoção dos personagens em cena, tanto com material visual quanto textual, sobretudo em coberturas de acontecimentos trágicos. Por outro lado, verificou-se também que o GE foi o que mais buscou equilibrar quantitativamente as temáticas acerca do acidente, visto os resultados apresentados no Gráfico 2, como o menor distanciamento entre os percentuais de cada componente.

Figura 3 – Matéria do site da RBS TV com componente afetivo

MENU G1 SANTA CATARINA rbs tv

09/12/2016 07h52 - Atualizado em 09/12/2016 08h04

Escola de filhos de 13 vítimas de queda de avião busca ajudar com luto

Avião da Chapecoense caiu no dia 29 de novembro e deixou 71 mortos. Para lidar com luto, alunos escreveram mensagens e colocaram em painel.

Do G1 SC

FACEBOOK TWITTER G+ PINTEREST



Após a queda do avião com a delegação da Chapecoense que matou 71 pessoas, os dias têm sido de homenagens, enquanto famílias, amigos e torcedores das vítimas tentam recomeçar. Em **Chapecó**, no Oeste de Santa Catarina, pais e professores buscam dar atenção especial às crianças, que estão entre os maiores admiradores do time. Em umas das escolas, estudam 13 filhos de vítimas.

Fonte: site da RBS TV, 9 de dezembro de 2016

Do campo afetivo, o site da RBS TV foi quem, em números percentuais, mais valorizou esse componente durante a cobertura do acidente aéreo. Gestos solidários e homenagens de instituições e atores sociais às vítimas e sentimentos expressos por torcedores, ex-jogadores da Chapecoense e familiares dos vitimados, em alguns casos parentes de jornalistas mortos no acidente, ganharam destaque no noticiário, em matérias como *Torcedores da Chape passam a madrugada em frente à Arena Condá* (30/11/2016)⁶² e *Escola de filhos de 13 vítimas de queda de avião busca ajudar com luto* (09/11/2016)⁶³, como mostra a Figura 3, descrevendo como o acontecimento impactou no cotidiano da cidade de Chapecó, o que também ficou reforçado nos relatos jornalísticos.

Entre as subdivisões temáticas acerca do campo afetivo, o luto e a solidariedade – esta última identificada principalmente com uma série de homenagens às vítimas do voo da LaMia – apresentaram-se com maior frequência no noticiário dos três sites jornalísticos, sendo amplificada com o uso recorrente de certas palavras nos títulos e no decorrer do texto das notícias que buscavam evidenciar o discurso de afetividade em torno da Chapecoense e de seus torcedores e simpatizantes. Como os enquadramentos podem ser detectados por sondagem de palavras particulares (ENTMAN, 1991, 1993; KUYPERS, 2009) que surgem em narrativas e transmitem significados, verificou-se, por exemplo, que o vocábulo luto foi identificado no título de oito matérias de um total de 489 coletadas para esta pesquisa, o equivalente a 1,63% do total de notícias.

Ao efetuar uma análise ênfase para verificar o que aparece em destaque nas reportagens de páginas coletadas dos três websites, observou-se que, nas oito matérias em que a palavra luto estava presente nos títulos (quatro no GE, três no site da RBS TV e uma vez no Foxsports.com.br), não havia referência ou menção específica aos 20 jornalistas mortos. Obviamente, é forçoso ressaltar que termos similares como “comoção”, “dor”, e outros também podem identificar o luto como componente enquadrado pelos três sites jornalísticos, mas não com o mesmo impacto pelo fato de o vocábulo luto ser associado mais rapidamente ao sentimento de “perda de uma pessoa querida ou de uma abstração que esteja no lugar dela” (FREUD, 2011, p. 46).

⁶² Disponível em: <http://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2016/11/torcedores-da-chape-passam-madrugada-em-frente-arena-conda.html>.

⁶³ Disponível em: <http://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2016/12/escola-de-filhos-de-13-vitimas-de-queda-de-aviao-busca-ajudar-com-luto.html>. Na matéria não há entrevistas com nenhum filho das vítimas e nem identificação dos pais falecidos das crianças, tanto no texto escrito quanto no material audiovisual – o vídeo de 3 minutos e 23 segundos do programa Jornal do Almoço, da RBS TV.

Ao determinar aspectos que adquirem relevância e outros que simplesmente deixam de existir, o uso da palavra luto fez referência, como constata-se também no decorrer dos textos, a decretos estipulados pelos governos federal, estadual (Rio Grande do Sul) e municipal (Porto Alegre), aos moradores da cidade de Chapecó, à continuidade de competições esportivas diante de fatos inesperados ao longo da história, aos sentimentos de um ex-atleta da Chapecoense e às crianças que estudavam e residiam no município catarinense, como foi realçado na Figura 3.

Quando utilizou-se aqui o mesmo procedimento para verificar a incidência da palavra homenagem ou homenagens nos títulos das 489 matérias coletadas, reforçando um clima de solidariedade a partir das ações de atores sociais, detectou-se a presença do vocábulo em 38 ocasiões, o equivalente a 7,77% do total de notícias: foram 15 ocorrências no GE; 14 no Foxsports.com.br e 9 no site da RBS TV. A maioria dos casos referiu-se à Chapecoense (14 vezes), seguida por vítimas do voo, sem nenhuma especificação (13), jogadores mortos (8) e jornalistas (3).

Apesar de haver menos menções aos jornalistas, esta categoria profissional está incluída entre os homenageados, mesmo que muitas vezes isso não esteja explícito. Afinal, não há como dissociar os 20 profissionais de imprensa dos demais mortos, mesmo que não haja uma saliência similar nos títulos e no decorrer dos textos noticiosos em comparação a outros personagens das narrativas, e também não há, evidentemente, como desconsiderar as emoções dos jornalistas.

Para exemplificar, na matéria publicada pelo site da RBS TV, no dia 3 de dezembro de 2016, intitulada *Homenagens marcam velório coletivo de 50 vítimas na Arena Condá*⁶⁴, os jornalistas em nenhum momento são citados no texto escrito, assim como jogadores e dirigentes da Chapecoense e demais vítimas fatais da queda do voo da LaMia. No entanto, os profissionais de imprensa têm participação nos vídeos (10 no total) que compõem a notícia no meio digital.

Em um deles, o jornalista José Roberto Burnier, da TV Globo, descreve em reportagem exibida pelo telejornal noturno da emissora (Jornal Nacional) os próprios sentimentos durante o desembarque dos caixões que trouxeram os corpos das vítimas para o aeroporto de Chapecó (SC), que posteriormente foram levados para o estádio da Chapecoense, onde foi realizado o velório coletivo. Em um trecho do vídeo, onde aparece para as câmeras, o repórter diz que: “Até nós, aqui, jornalistas estamos com os corações

⁶⁴ Disponível em: <http://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2016/12/homenagens-marcam-velorio-coletivo-de-50-vitimas-na-arena-conda.html>.

batendo mais forte nesse momento, diante da proximidade da chegada do primeiro avião Hércules, da Força Aérea (pausa de dois segundos). Até que surgiu no horizonte o que todos aguardavam, mas ninguém queria ver”.

Figura 4 – Homenagens às vítimas do voo e a emoção do jornalista

 MENU



SANTA CATARINA


03/12/2016 15h28 - Atualizado em 03/12/2016 23h12

Homenagens marcam velório coletivo de 50 vítimas na Arena Condá

Caixões foram levados em cortejo aberto para o estádio da Chapecoense. Cerimônia teve discurso do prefeito de Chapecó e presidente da Fifa.

Do G1 SC








O velório coletivo de 50 das 71 vítimas do acidente aéreo com a delegação da Chapecoense foi marcado por homenagens na Arena Condá, em Chapecó, no Oeste de Santa Catarina, neste sábado (3). Após a cerimônia, que durou cerca de duas horas sob muita chuva, permaneceram em Chapecó para serem velados 16 corpos.

No domingo (4), segundo a RBS TV, o presidente da Chapecoense Sandro Pallaoro será enterrado às 10h no Cemitério Jardim do Eden em Chapecó, e o presidente da Federação Catarinense de Futebol (FCF) Delfim Peixoto será cremado às 16h30 em Balneário Camboriú.

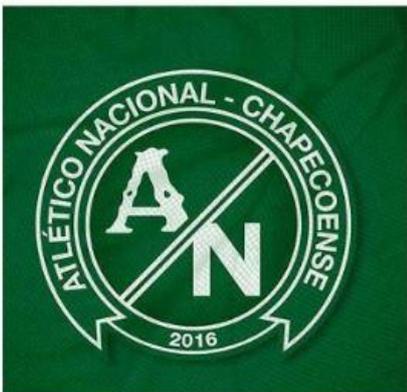
Fonte: site da RBS TV, 3 de dezembro de 2016

Em outro trecho do mesmo vídeo, também extraído da transmissão ao vivo do velório coletivo, que foi denominado de “O Adeus em Chapecó” – com duração aproximada de seis horas na TV Globo – José Roberto Burnier (Figura 4, em imagem congelada) novamente revela suas emoções diante do cortejo de carretas que transportam os corpos das vítimas, sem necessariamente citar nomes e profissões, quando diz que: “É difícil de..., a gente tá algum tempo fazendo isso, sabe, e quando vê essa cena de perto é como tudo se materializasse”.

Figura 5 – Homenagem do Atlético Nacional à Chapecoense

Em um gesto simbólico, mesmo mandante na partida, o Atlético Nacional entrou em campo vestindo seu segundo uniforme, de cor preta. A camisa tinha ainda o escudo da Chapecoense ao lado do emblema do time.

No Twitter oficial do Atlético Nacional, o clube dedicou a vitória e a classificação à Chapecoense e sua torcida, inclusive postando uma montagem em que o escudo dos dois times são misturados.



Colombianos homenagearam Chape com "novo" escudo

Atlético Nacional Mi Pasión
@atnacionalcol

Camiseta con la insignia de Chapecoense para enfrentar a Millonarios esta noche. ¡Vamos Nacional!



Fonte: Foxsports.com.br, 4 de dezembro de 2016

Também é necessário destacar que as homenagens nestas notícias são codificadas não somente com palavras, mas com elementos visuais e símbolos, como em trecho da matéria *Com escudo da Chapecoense na camisa, Atlético Nacional avança à semi do Colombiano*, veiculada no Foxsports.com.br, no dia 4 de dezembro de 2016, conforme demonstra a Figura 5. Nela, um gesto simbólico do clube colombiano como a inserção do escudo do time catarinense na camisa predominante preta do Atlético Nacional, também como sinal de luto às vítimas do voo, que foi usada durante uma partida de futebol e exibida nas redes sociais digitais, retrata o discurso de solidariedade que é reforçado tanto com elementos visuais quanto textuais.

Se o campo afetivo foi “o campeão” dos componentes enquadrados no noticiário da queda do voo, sendo mais destacado pelo site da RBS TV, no campo médico o mesmo veículo jornalístico também foi quem deu maior relevo ao tema – 20,22% contra 16,94% do GE, e 6,59% do Foxsports.com.br –, principalmente ao noticiar boletins sobre o estado de saúde dos sobreviventes, entre eles o jornalista Rafael Henzel. Em compensação, este veículo foi o que deu menor ênfase aos campos investigativo e esportivo.

No campo investigativo⁶⁵, o GE foi quem deu maior destaque, com uma boa margem de diferença sobre os outros dois sites jornalísticos: 18,57% contra 6,59% do Foxsports.com.br e apenas 1,12% do portal de notícias da RBS TV. Neste componente enquadrado, observou-se que em nenhum momento mencionou-se o pagamento de indenizações para os familiares dos jornalistas, somente para os parentes dos atletas e dos integrantes da comissão técnica da Chapecoense, como também não foram identificados por parte dos jornalistas e dos três veículos de comunicação julgamentos e/ou comentários explícitos sobre a conduta do piloto da LaMia, Miguel Quiroga, e da companhia aérea, declarações que couberam a alguns jogadores da Chapecoense e aos familiares dos atletas, que foram descritas principalmente no GE.

Coube também ao GE dar maior saliência ao noticiário esportivo em comparação aos outros dois veículos noticiosos, como mostra o Gráfico 2: 21,17% do GE, contra 20,88% do Foxsports.com.br e 6,74% do site da RBS TV. Utilizando-se muitas vezes de estratégias retóricas, como consonância e amplificação, para projetar a relevância do

⁶⁵ Grande parte das matérias do Globoesporte.com que buscaram averiguar as possíveis causas do acidente aéreo contaram com material produzido por telejornais da TV Globo (Bom Dia Brasil, Jornal Hoje, Jornal Nacional e Jornal da Globo) e pela revista semanal televisiva dominical Fantástico, que foram reproduzidos no site de notícias esportivas da Rede Globo. De um total de 149 vídeos publicados no GE (o que pode ser visto nos apêndices), 18 tratavam das causas do acidente aéreo – o que equivalente a 12,08% do total de vídeos divulgados no site, dentro do recorte temporal estipulado para esta pesquisa. No total, 25 notícias do GE tiveram como componente principal as possíveis razões da queda do voo.

acidente aéreo com a delegação da Chapecoense e da dor do luto durante as competições esportivas, o GE buscou conexões com outras fatalidades do universo esportivo já conhecidas que comoveram grande parte da sociedade, como a morte de Ayrton Senna, em 1994, e os acidentes aéreos trágicos envolvendo clubes europeus, como o Torino, em 1949 (principal time italiano daquela década), e o Manchester United, da Inglaterra, em 1958. Este recurso foi notado em matérias do GE, entre elas: *Acidentes aéreos já devastaram clubes como Manchester United e Torino (29/11/2016)*⁶⁶; *Dor, saudade e superação: como clubes reagiram após tragédias aéreas (30/11/2016)*⁶⁷; *Competições costumam seguir no esporte mesmo diante da dor do luto (02/12/2016)*⁶⁸.

Tal sintonia entre os acidentes não foi construída somente pelos jornalistas, ela foi reforçada por eles, pois os acontecimentos anteriores – os quadros precedentes à narrativa acerca da história de ascensão da Chapecoense e do fatídico episódio na Colômbia – que ligam clubes estrangeiros ao time catarinense já faziam, provavelmente, parte da memória de quem vivencia mais de perto as notícias esportivas. E a retórica de uma aliança entre as equipes também mostrou-se presente na matéria do Foxsports.com.br, do dia 30 de novembro de 2016, intitulada *Torino aceita disputar amistoso com a Chape, confirma presidente do clube italiano*, fato que ocorreu somente no dia 1º de agosto de 2018, em jogo disputado na cidade italiana de Turim.

Já no campo da visão do jornalista, o GE foi quem deu maior relevo às percepções particulares dos profissionais de imprensa acerca do acidente, da cobertura jornalística, dos desafios e das reflexões da profissão. Com pequenos percentuais registrados nos três veículos noticiosos, o GE dedicou 3,58% do seu noticiário a este componente, enquanto o site da RBS TV reservou 2,25% e o Foxsports.com.br, 1,10%.

3.1.2 Componente enquadrado: e os jornalistas?

Depois de identificar pela análise textual como o acontecimento foi tratado pelos três veículos de comunicação, quanto aos componentes enquadrados nas notícias, e como os jornalistas acessaram esse universo noticioso, priorizando sobretudo o círculo de afetos

⁶⁶ Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/sc/futebol/times/chapecoense/noticia/2016/11/acidentes-aereos-ja-devastaram-clubes-como-man-united-e-torino.html>

⁶⁷ Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/sc/futebol/times/chapecoense/noticia/2016/12/dor-saudade-e-superacao-como-clubes-reagiram-apos-tragedias-aereas.html>.

⁶⁸ Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/sc/futebol/times/chapecoense/noticia/2016/12/competicoes-costumam-seguir-no-esporte-mesmo-diante-da-dor-do-luto.html>.

entre clubes e jogadores de futebol, vítimas do voo da LaMia, familiares e amigos dos vitimados e demais atores sociais no Brasil e na Colômbia, destaca-se neste tópico do capítulo 3, em particular, como o jornalista foi emoldurado nessas histórias.

Como o jornalismo brasileiro apresenta tradicionalmente textos construídos em formato de pirâmide invertida (RIBEIRO, 2000; RANGEL, 2006), conforme visto no capítulo 1 desta dissertação, organizando as informações elencadas como principais no primeiro parágrafo, também chamado de lide, e as menos relevantes para o final da notícia – como comprovou-se na maioria das 489 notícias coletadas para esta pesquisa –, entende-se, portanto, que os fatos mais significativos estejam localizados no início do texto e, conseqüentemente, determinadas palavras também.

Conforme Entman (1991, 1993, 2007) e Kuypers (2009), a utilização da análise do enquadramento permite identificar a partir da reincidência de certas palavras, ideias, expressões, analogias e adjetivos presentes nos títulos ou no corpo do texto noticioso como a mídia promove uma abordagem que dá forma ao acontecimento jornalístico, realçando e ocultando, intencionalmente ou não, alguns aspectos e outros não, recortando determinando ângulo do fato para torná-lo mais conhecido. Aplicando aqui esta alternativa teórica, como o personagem jornalista foi realçado nas histórias coletadas?

Para responder a esta pergunta, procurou-se primeiramente mapear onde estava situada a palavra jornalista ou termos similares, como repórter, comentarista, narrador, radialista, cinegrafista, fotógrafo, além do próprio nome do profissional, nas 489 matérias coletadas dos três sites noticiosos entre os dias 29 de novembro de 2016 e 11 de dezembro do mesmo ano, com o objetivo de averiguar o grau de importância dado aos agentes jornalísticos nas histórias, visto que eles teriam que ser ao menos mencionados nos textos como um grupo de 20 vítimas do voo da LaMia (além de ter um sobrevivente, o radialista Rafael Henzel), o que muitas vezes foi simplificado ou até mesmo omitido.

Por ter um maior número de matérias coletadas, um total de 307, o GE registrou quantitativamente mais menções à palavra jornalista ou a um termo similar do que os outros dois veículos noticiosos. Foram 102 citações, o que equivale a 33,22% de todo o seu noticiário em 13 dias de análise. No entanto, percentualmente, o site da RBS TV foi quem mais realçou a categoria jornalística nas matérias, com 63 ocorrências em 89 notícias, o equivalente a 70,78%. Já no Foxsports.com.br, a versão on-line do canal de TV por assinatura Fox Sports – que teve o maior número de profissionais mortos na queda do voo da LaMia (seis) – foi quem menos fez referências aos jornalistas em seu material: foram 27 citações em 93 notícias, o que equivale a 29,03%. Ou seja, a RBS TV – a

segunda empresa jornalística com maior número de jornalistas mortos (quatro) – em sua versão on-line apresentou números percentuais (70,78%) que superam, juntos, o GE (33,22%) e o Foxsports.com.br (29,03%), conforme mostram as Tabelas 1, 2 e 3.

Tabela 1 – Onde está a palavra jornalista nos textos do site da RBS TV

Categorias	Ocorrências	Percentual
Citações em matérias	63	70,78%
Título	20	22,47%
Linha fina	22	24,72%
Lide	29	32,58%
Sublide	17	19,10%
Outros parágrafos	52	58,42%
Somente último parágrafo	4	4,49%

Tabela 2 – Onde está a palavra jornalista nos textos do Globoesporte.com

Categorias	Ocorrências	Percentual
Citações em matérias	102	33,22%
Título	17	5,53%
Linha fina	25	24,51%
Lide	45	44,11%
Sublide	22	21,56%
Outros parágrafos	54	52,94%
Somente último parágrafo	17	16,66%

Tabela 3 – Onde está a palavra jornalista nos textos do Foxsports.com.br

Categorias	Ocorrências	Percentual
Citações em matérias	27	29,03%
Título	9	9,68%
Linha fina	9	9,67%
Lide	11	11,82%
Sublide	15	16,13%
Outros parágrafos	13	13,98%
Somente último parágrafo	2	2,15%

Essas tabelas apresentam dados de onde foi posicionada a palavra jornalista ou termos similares nos textos dos três sites noticiosos, localizando em: título; linha fina (ou

subtítulo); lide (primeiro parágrafo); sublide (segundo parágrafo); outros parágrafos (depois dos dois primeiros parágrafos e antes do último); e somente último parágrafo (o mais baixo grau de importância desta categorização).

A partir da reincidência da palavra jornalista e de outros vocábulos que fazem alusão ao profissional de imprensa, os números apresentados nas três tabelas apontam que o site da RBS TV teve mais menções aos jornalistas tanto nos títulos (22,47% contra 9,68% do Foxsports.com.br e 5,53% do GE) quanto nas linhas finas das notícias (24,72% contra 24,51% do GE e 9,67% do Foxsports.com.br).

No entanto, em outras duas categorias, o GE apresentou percentuais superiores aos demais veículos noticiosos. A palavra jornalista esteve presente no lide em 44,11% das matérias do GE, à frente do site da RBS TV (32,58%) e do Foxsports.com.br (11,82%). No sublide, verificou-se a reincidência do termo jornalista em 21,56% dos textos do GE, seguido do site da RBS TV (19,10%) e do Foxsports.com.br (16,13%).

Por outro lado, o GE foi quem mais vezes destinou o uso da palavra jornalista somente ao último parágrafo dos textos: 16,66% (GE); 4,49% (site da RBS TV); e 2,15% (Foxsports.com.br). Nesses casos, as matérias que enquadraram outras temáticas acerca do acidente apenas citavam os jornalistas nas últimas linhas das notícias, muitas vezes para dizer que os agentes jornalísticos também eram vítimas da queda do voo da LaMia.

Esses dados indicam que o site da RBS TV e o GE deram maior relevo ao jornalista como personagem das histórias, enquanto o Foxsports.com.br apresentou sempre números inferiores nesta análise textual. Uma das possíveis causas é o fato de que a versão on-line do canal de TV por assinatura Fox Sports não publicou texto escrito em 35,48% de seu noticiário (limitando-se ao título ou ao título mais a linha fina), porque em 33 matérias de um total de 93 foram divulgadas apenas vídeos, com a imensa maioria proveniente de programas televisivos do próprio canal esportivo. Esta escolha jornalística não ocorreu no GE e no site da RBS TV, ao menos no recorte temporal estipulado para a presente pesquisa, pois quando foram divulgados vídeos sempre os mesmos estavam associados aos textos.

De qualquer modo, a palavra jornalista ou qualquer outra terminologia em referência à categoria profissional foi encontrada em 192 matérias (102 no GE, 63 no site da RBS TV e 27 no Foxsports.com.br) de um total de 489 notícias coletadas em 13 dias, o que representa 39,26% de todo o noticiário – ou seja, não atingiu nem a metade de todo o material noticioso divulgado, indicando assim uma simplificação em relação à cobertura da morte dos 20 jornalistas na queda do voo da LaMia.

Continuando a tentar responder como o jornalista foi emoldurado nos relatos dos três sites jornalísticos, o próximo passo nesta pesquisa, quanto à análise textual, foi, depois de examinar o todo, selecionar apenas as matérias nas quais o profissional de imprensa é o principal componente enquadrado das notícias do Foxsports.com.br, do GE e do site da RBS TV. Para tanto, tornou-se indispensável selecionar os títulos em referência aos jornalistas para saber quais abordagens foram realizadas acerca dos 20 profissionais que morreram na queda do voo da LaMia e do único jornalista sobrevivente do acidente aéreo, o radialista Rafael Henzel.

Do total de 489 matérias coletadas, foram registrados 46 títulos (20 no site da RBS TV, 17 no GE e 9 no Foxsports.com.br) em que o componente enquadrado eram os jornalistas, o equivalente a 9,40% de todo o corpus analisado. Como comparação do que representa esta baixa porcentagem, a palavra jogador ou qualquer outra semelhante, como o próprio nome do atleta da Chapecoense – em referência aos 19 jogadores mortos na queda do voo da LaMia –, dentro do mesmo recorte temporal, foi utilizada nos títulos das notícias em 113 ocasiões (81 no GE, 21 no site da RBS TV e 11 no Foxsports.com.br), o que representa 23,11% de menções.

Se, por um lado, há de considerar que dos três sites jornalísticos que servem como corpus de análise para esta pesquisa, dois deles (GE e Foxsports.com.br) tratam diariamente de notícias do universo esportivo, havendo assim uma tendência de amplificação quanto ao noticiário sobre atletas e clubes, neste caso específico a Chapecoense. Em contrapartida, é necessário ressaltar que os canais de televisão Fox Sports e RBS TV – representados nesta pesquisa pelos seus sites – e o Globoesporte.com, juntos, perderam 11 profissionais no acidente aéreo, o que faz insistir na pergunta de como a classe jornalística, que perdeu 20 profissionais na queda do voo da LaMia, foi retratada pela própria imprensa e, em particular, por três veículos jornalísticos?

Como os números indicam uma subvalorização quanto aos jornalistas como personagens do acidente aéreo na Colômbia, o passo adiante da pesquisa, quanto à análise textual, foi identificar, a partir da reincidência de determinadas ideias em histórias contadas sobre os agentes jornalísticos, quais temas sobre eles foram expostos pelos três veículos de comunicação durante 13 dias de análise do enquadramento.

Para responder este questionamento, após a leitura de todo o material coletado, foram formuladas cinco alternativas, conforme exposto na Tabela 4: 1) somente jornalistas mortos da própria empresa; 2) além de jornalistas mortos da própria empresa; 3) jornalista Rafael Henzel (sobrevivente); 4) jornalistas que iriam embarcar no voo, mas

desistiram da viagem; 5) percepções dos jornalistas sobre o próprio trabalho e a cobertura do acontecimento.

Ao examinar os dados apresentados na Tabela 4, são encontradas similaridades e algumas particularidades quanto à ênfase dada pelos três sites aos profissionais mortos na queda do voo da LaMia, em notícias que tratam prioritariamente sobre os jornalistas.

Tabela 4 – Notícias em que o principal componente enquadrado é o jornalista

Categorias	Foxsports.com.br (9 notícias)	RBS TV (20 notícias)	GE (17 notícias)
Somente jornalistas mortos da própria empresa	77,78% (7 casos)	50% (10 casos)	5,88% (1 caso)
Além de jornalistas mortos da própria empresa	11,11% (1 caso)	10% (2 casos)	29,41% (5 casos)
Jornalista Rafael Henzel (sobrevivente)	11,11% (1 caso)	35% (6 casos)	41,17% (7 casos)
Jornalistas que iriam embarcar no voo, mas desistiram	0% (nenhum)	5% (1 caso)	5,88% (1 caso)
Percepções do profissional sobre seu trabalho jornalístico	0% (nenhum)	5% (1 caso)	17,65% (3 casos)

Entre as similaridades dos três veículos jornalísticos estão: o maior relevo dado aos jornalistas mortos de suas empresas de comunicação e, conseqüentemente, uma menor ênfase destinada aos colegas de profissão de outras instâncias midiáticas; o baixo destaque dado as percepções dos jornalistas sobre o próprio trabalho, o que revela a pequena presença de narrativas em primeira pessoa; e a proeminência quanto ao estado de saúde do radialista Rafael Henzel, o que indica a escolha por uma notícia aparentemente mais inusitada (um tipo de valor-notícia), a sobrevivência de um jornalista entre os 21 presentes no voo, o que encaminha tal fato para histórias praticamente diárias sobre a recuperação física e psicológica deste personagem e, conseqüentemente, incentiva o público a pensar mais sobre quem ao menos escapou da morte após um trágico acidente, produzindo assim narrativas com maior grau de emoção e dramatização.

Ainda sobre as similaridades identificadas na cobertura jornalística, verificou-se que o Foxsports.com.br, com 77,78%, e o site da RBS TV, com 50%, salientaram com mais vigor a morte de seus próprios profissionais, enquanto o GE, com 5,88%, foi quem menos deu ênfase a isto.

Para exemplificar a proeminência dada à morte de um jornalista pela organização para qual ele trabalhava, a notícia publicada pelo Foxsports.com.br, do dia 30 de novembro de 2016, intitulada *Fox Sports presta homenagem ao inesquecível narrador e amigo Deva Pascovicci*⁶⁹, não tinha texto escrito, apenas um vídeo de 3 minutos e 4 segundos, com uma narração feminina e uma música instrumental de fundo, reforçando a narrativa de apelo emocional, além de diversas cenas intercaladas dos profissionais da Fox Sports e de jogos da Chapecoense durante a Copa Sul-Americana.

O texto começa da seguinte forma: “Quando a dor aperta, as palavras ficam raras até para o mais experiente dos jornalistas. Palavras... são cerca de 500 mil no Aurélio, escolhemos uma exclusiva da nossa língua. Numa só imagem três focos de saudade”.

Na sequência, o goleiro Danilo, da Chapecoense, aparece no vídeo sendo entrevistado pelo repórter Victorino Chermont, da Fox Sports, após o jogo disputado⁷⁰ no dia 23 de novembro de 2016 que garantiu o time brasileiro na final da Copa Sul-Americana. Ambos com fone de ouvido⁷¹, eles escutaram a narração, na voz de Deva Pascovicci, da defesa do goleiro, que praticamente selou a classificação da equipe catarinense para a decisão. A tela, então, se dividiu em duas: uma com o lance capital no final da partida; e a outra com o repórter e o goleiro, ambos sorrindo. Coincidentemente, os três personagens citados no início da matéria morreram na queda do voo da LaMia.

A conjunção entre o texto e a cena que reúne o goleiro Danilo, o repórter e o narrador, ambos da Fox Sports, que estavam no voo 2933 da LaMia torna-se emblemática, pois, seis dias antes do acidente, eles estavam reunidos, cada um ao seu modo, em uma transmissão ao vivo do canal Fox Sports, compartilhando histórias felizes, o que reforça na matéria do Foxsports.com.br a retórica do círculo de afetos, sobretudo da saudade daqueles que morreram na queda da aeronave. Ainda no decorrer do texto, a matéria extraída do programa de televisão da Fox Sports, narrada na primeira pessoa do plural e

⁶⁹ Devido a problemas técnicos do site Foxsports.com.br, a matéria e o vídeo não estão mais disponíveis. Porém, durante o período de coleta do material para esta pesquisa, foi transcrito o conteúdo da notícia.

⁷⁰ No dia 23 de novembro de 2016, a Chapecoense enfrentou o San Lorenzo, na cidade de Chapecó, pela segunda partida da semifinal da Copa Sul-Americana. No primeiro jogo, na Argentina, os times empataram em 1 a 1. Por ter feito um gol no campo do adversário, o time brasileiro avançaria à final com um empate sem gols, o que acabou acontecendo. E o goleiro Danilo teve papel determinante no resultado ao defender com o pé direito um chute de Angeleri, aos 48 minutos do segundo tempo.

⁷¹ A cena retratada em vídeo, com o repórter da Fox Sports e o goleiro da Chapecoense, está disponível em: <https://www.facebook.com/watch/?v=1191292734290819>. No GE, em vídeo extraído do programa Redação SporTV, do canal SporTV, é exibida a narração de Deva Pascovicci. Este material encontra-se na notícia *Aguirre lembra defesa de Danilo no último minuto: “Não deixo de pensar”*, disponível em: <http://globoesporte.globo.com/sc/futebol/times/chapecoense/noticia/2016/11/aguirre-lembra-defesa-de-danilo-no-ultimo-minuto-nao-deixo-de-pensar.html>.

que se desprende do padrão de pirâmide invertida, continua a enfatizar a dor pela perda dos seis profissionais da Fox Sports, em especial do narrador Deva Pascovicci:

Tentamos nos preparar, Deva. Postamos em várias línguas, compartilhamos imagens emocionantes, unimos eternos rivais, pintamos nossos monumentos, elaboramos belas manchetes. Por fim, choramos. Quando não tínhamos mais lágrimas ficamos em silêncio. O ser humano tentou de tudo, Deva, para asfixiar a dor que ainda insiste em respirar, para preencher o impreenchível. A vida tão frágil no acidente também é implacável. Apesar da dor, apesar da saudade, temos que continuar, o jogo ainda segue, a bola ainda rola (FOX SPORTS, 2016).

Falar sobre os profissionais da própria empresa jornalística foi o componente enquadrado com maior recorrência entre as 46 notícias coletadas: foram 18 ocorrências, o equivalente a 39,13% do montante. Posteriormente, dentro deste corpus de análise, aparecem as matérias referente a Rafael Henzel, com 14 ocorrências, o equivalente a 30,43%. Quanto às notícias publicadas pelos três meios de comunicação sobre jornalistas de outras empresas, identificou-se um número baixo de matérias: oito no total (17,39%).

Dessas oito matérias, cinco delas foram veiculadas no GE – o que representa 29,41% do total de 17 notícias exclusivamente sobre jornalistas, seguido do Foxsports.com.br (11,11%) e do site da RBS TV (10%), conforme mostra a Tabela 4. O GE não limitou-se a citar os nomes dos profissionais e dos veículos jornalísticos no corpo do texto, descreveu parte da história deles, mencionando, ao contrário dos outros dois sites noticiosos, nominalmente os mesmos nos títulos.

Como exemplo, as matérias referentes a três profissionais da Fox Sports: *Mário Sérgio: um craque de visão fora do comum capaz de inspirar até R10* (29/11/2016)⁷²; e *Sob forte emoção, famílias e amigos dão adeus a Victorino Chermont e PJ* (04/12/2016)⁷³, conforme mostra a Figura 6. Os três profissionais da Fox Sports citados nos títulos das notícias do GE – os comentaristas Mário Sérgio e Paulo Julio Clement, o PJ, e o repórter Victorino Chermont tiveram passagens pela SporTV, canal de TV por assinatura do Grupo Globo. A partir desse dado, pode-se inferir que o GE, ao falar de profissionais de outras empresas, deu maior ênfase àqueles de maior renome no jornalismo esportivo nacional e que também trabalharam em sua organização jornalística.

⁷² Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/futebol/noticia/2016/11/mario-sergio-um-craque-de-visao-fora-do-comum-capaz-de-inspirar-ate-r10.html>.

⁷³ Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/sc/futebol/times/chapecoense/noticia/2016/12/sob-forte-emocao-familias-e-amigos-dao-adeus-victorino-chermont-e-pj.html>.

As cerimônias fúnebres de Victorino Chermont e Paulo Julio Clement, realizadas no Rio de Janeiro, estão também associadas ao noticiário dos clubes de futebol, pois, além da matéria estar inserida em um site de notícias esportivas, o repórter teve o corpo velado na Gávea, sede do Flamengo, time de coração do jornalista, e o comentarista, torcedor do Fluminense, teve sua despedida feita no salão nobre das Laranjeiras.

Figura 6 – Globoesporte.com fala sobre os jornalistas mortos da Fox Sports

The screenshot shows a news article on the website 'globo.com' under the 'ge' (Globo Esportes) section. The article is titled 'Sob forte emoção, famílias e amigos dão adeus a Victorino Chermont e PJ' and is dated 04/12/2016. The sub-headline reads: 'Dupla Fla-Flu se une na dor ao ceder salões para velórios de jornalistas da Fox Sports mortos no acidente da Chape. "Uma ode ao futebol", diz mulher de Clement'. The author is 'Por Márcio Mará, Rio de Janeiro'. The article includes a photo of a funeral service with a caption: 'Sobre o caixão do corpo de Victorino Chermont, a bandeira do Flamengo e imagem de Nossa Senhora Aparecida (Foto: Márcio Mará)'. The text describes the funeral services for both journalists, mentioning the presence of family and friends, and the emotional atmosphere. It also notes that Juan, a player from Flamengo, attended the funeral of Victorino Chermont, accompanied by the club's president, Eduardo Bandeira de Mello. The article is accompanied by social media sharing buttons for Facebook, Twitter, Google+, and Pinterest, and a sidebar with 'TUDO SOBRE' links for Chapecoense, Flamengo, and Fluminense.

Fonte: Globoesporte.com, 4 de dezembro de 2016

Além de realçar mais a morte dos jornalistas de outras empresas de mídia do que os outros dois sites noticiosos, o GE também deu maior ênfase às matérias sobre Rafael Henzel e as percepções dos profissionais de imprensa quanto ao exercício da profissão e à cobertura jornalística acerca da queda do voo da LaMia e seus desdobramentos.

Com sete ocorrências em 17 notícias (41,17%), o GE dedicou mais matérias ao único jornalista que sobreviveu ao acidente (Figura 7) – trazendo muitas informações e

imagens provenientes das redes sociais de Rafael Henzel –, seguido pelo site da RBS TV (com seis casos ou 35%) e pelo Foxsports.com.br (com uma ocorrência ou 11,11%), este, por sinal, concentrou mais atenção aos seus seis funcionários que morreram no acidente aéreo e às impressões de personagens do cenário esportivo brasileiro – técnicos, jogadores, dirigentes – acerca do futuro da Chapecoense pós-tragédia.

Figura 7 – Noticiário sobre o único jornalista sobrevivente do acidente aéreo

 MENU
 

CHAPECOENSE

05/12/2016 11h04 - Atualizado em 05/12/2016 11h18

Em áudio, jornalista Rafael Henzel conta evolução: "Pronto para próxima"

Profissional da rádio Oeste Capital de Chapecó apresenta quadro de infecção pulmonar, mas respira sem ajuda de aparelhos. Estado de saúde é estável

Por [GloboEsporte.com](#)
Medellín, Colômbia



Narrador Rafael Henzel foi resgatado com vida do acidente com a delegação da Chapecoense (Foto: Reprodução/Facebook)

Um dos sobreviventes do acidente aéreo com a delegação da Chapecoense, em Medellín, o jornalista Rafael Henzel evolui a cada dia. Tanto que, nesta segunda-feira, gravou um áudio para a família. Na gravação, o profissional da rádio Oeste Capital, de Chapecó, tranquiliza a todos sobre seu estado de saúde e promete melhora em breve. Disse estar pronto para a próxima.

- Oi, pessoal, bom dia todo mundo. Estou com a voz assim porque estou muito tempo sem usar. (Quero) Dizer que está tudo bem. Estou avançando, né. Deus me deu uma segunda chance. A gente vai trabalhar muito, todos nós, tá? Mãe, fica bem... "Tavinho" tá bem... Importante é que estamos vivos e prontos para a próxima. Beijo a todo mundo - disse Rafael Henzel.

 FACEBOOK
 TWITTER
 G+
 P

Quanto às matérias em que os jornalistas são emoldurados como personagens reflexivos sobre o acontecimento noticioso e a própria profissão, falando em primeira pessoa e interferindo nas histórias com olhar particular sobre os fatos, o GE registrou 17,65% desses casos, enquanto o site da RBS TV teve 5% e o Foxsports.com.br não contabilizou ocorrência deste tipo.

No GE, as intervenções do jornalista como narrador em primeira pessoa estiveram presentes em matérias como *Em carta aos colombianos, jornalista agradece apoio: “Foram gigantes”* (02/12/2016); *“Nós não somos abutres”: a difícil missão de cobrir velório de amigos* (04/12/2016); *Elo de Chapecó com o mundo: relatos dos jornalistas que cobriram a tragédia* (06/12/2016). Estas duas últimas matérias são discutidas com maior profundidade nesta pesquisa em outro tópico do capítulo 3, que trata de análise narrativa.

Figura 8 – Jornalista fala em primeira pessoa em texto do Globoesporte.com

Leia a carta na íntegra:

Amigos colombianos,

O Brasil é grande para caramba. Vocês já sabem disso. Mas eu estou aqui para dizer que vocês foram maiores. Vocês foram gigantes. O que testemunhamos na última quarta-feira ficará marcado eternamente em nossas memórias – e tenho certeza que chegou ao céu...

Era dia de jogo. 40 mil dentro do Atanasio Girardot, mais uns 60 mil lá fora. A humanidade jogou sozinha, enfileirou um punhado de gols a cada “Vamo, vamo, Chapel!”. Foi um ato de grandeza incomparável, que não se conquista com títulos e troféus. Minha reação ao assistir às homenagens pela TV foi buscar a camiseta da Colômbia no armário e já separá-la para o dia seguinte tamanho o meu orgulho.

Quando me convidou para escrever esta carta, o Andrés (Restrepo, a quem eu conheci no Chile em 2015 quando acompanhávamos a seleção colombiana e tenho enorme carinho) me disse que nós teríamos feito o mesmo. Sinceramente: não sei. Conversei com outros amigos que tiveram a mesma sensação. Não é complexo, não estamos nos rebaixando, pelo contrário. Ao duvidarmos da nossa capacidade de repetir o feito, estamos ao mesmo tempo exaltando vocês pelo grande gesto de união e bondade.

Infelizmente, a Colômbia foi estereotipada no Brasil (e imagino que em outros lugares) pelo seriado Narcos. A relação recente no futebol (Zúñiga-Neymar) também não ajudou. Quem não teve o prazer de conhecer o país ou qualquer colombiano provavelmente tinha outra imagem na cabeça. Agora tenho a absoluta certeza de que todos mudaram. Vocês nos abraçaram, dividiram a nossa dor, choraram conosco - pois às vezes temos mesmo é que chorar para preencher o vazio deixado por quem amamos.

Viva Colômbia, viva Medellín, viva Atlético Nacional, el campeón mundial de los seres humanos!

Siempre recordaremos...

A Figura 8 apresenta a carta escrita pelo jornalista Victor Canedo, do GE, que foi publicada pelo site Goal.com e reproduzida pelo portal de notícias esportivas da Rede Globo, na matéria *Em carta aos colombianos, jornalista agradece apoio: “Foram gigantes”*⁷⁴. A convite de um amigo jornalista, o repórter agradece e exalta as homenagens feitas pelos colombianos às vítimas do acidente aéreo, lamenta a imagem estereotipada que o país carregou devido ao narcotráfico e até coloca em dúvida se os brasileiros teriam gestos solidários semelhantes aos dos vizinhos sul-americanos.

Certamente, a oportunidade de escrever uma carta direcionada aos colombianos é uma exceção à regra, e esta chance não foi ofertada por nenhum dos três sites jornalísticos que servem de corpus de análise para esta pesquisa. No entanto, o GE reproduziu esta carta e em outras ocasiões, dentro do recorte temporal estipulado para esta pesquisa, seis jornalistas que participaram da cobertura do velório no Rio de Janeiro e em Chapecó (SC) trouxeram relatos em primeira pessoa sobre o que presenciaram, o que está descrito nas matérias *“Nós não somos abutres”*: a difícil missão de cobrir velório de amigos; e *Elo de Chapecó com o mundo: relatos dos jornalistas que cobriram a tragédia*.

Respondendo como os profissionais de imprensa são retratados nas notícias coletadas de três sites jornalísticos, a partir da análise do enquadramento noticioso, é necessário dividir a resposta em três momentos. Primeiro, aqueles que morreram no acidente aéreo são considerados como vítimas como os demais passageiros do voo da LaMia, mas são enquadrados nas histórias com menor ênfase quando comparados, por exemplo, aos atletas da Chapecoense e até mesmo ao próprio clube, tanto que em algumas matérias os agentes jornalísticos não são sequer citados ou mencionados apenas no último parágrafo. Veículos de comunicação que mais perderam funcionários, a Fox Sports e a RBS TV deram maior relevo, em sua versão on-line, a morte de seus jornalistas, enquanto o GE, em comparação aos outros dois sites noticiosos, enfatizou com mais frequência a morte de colegas de outras instâncias midiáticas.

Na segunda etapa da resposta, que trata do noticiário sobre o único jornalista sobrevivente da queda do voo da LaMia, o GE e o site da RBS TV procuraram dar o mesmo peso noticioso dos outros três brasileiros que sobreviveram ao acidente – os jogadores Alan Ruschel, Neto e Jakson Follmann. Porém, as histórias foram emolduradas também de acordo com a evolução ou piora clínica de cada um e com as mensagens publicadas por eles em seus perfis nas redes sociais digitais. Já o Foxsports.com.br

⁷⁴ Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/sc/futebol/times/chapecoense/noticia/2016/12/em-carta-aos-colombianos-jornalista-agradece-apoio-foam-gigantes.html>.

concedeu menos espaço ao noticiário sobre os sobreviventes e mostrou-se mais concentrada em assuntos de ordem esportiva.

Por fim, os jornalistas que relataram as notícias. Estes, na maioria das matérias, buscaram manter uma certa rotina de trabalho que pudesse ser válida para lidar com os acontecimentos imprevistos (TUCHMAN, 1999; JORGE, 2016), como a queda de uma aeronave que transportava uma delegação de futebol e dezenas de jornalistas, e causou a morte de 71 pessoas. Porém, desta vez como personagens diretos das notícias, os jornalistas não limitaram-se ao papel de mediador das realidades, de comunidade interpretativa dos fatos, e, por vezes, realizaram intervenções nas histórias e deixaram de lado, nessa situação atípica, os valores jornalísticos de neutralidade, imparcialidade e objetividade para declaradamente expressarem pensamentos e sentimentos acerca do acidente aéreo, principalmente durante a cobertura dos velórios.

Nessas situações, os jornalistas do GE produziram, em formato de notícias, textos com caráter opinativo e relatos em primeira pessoa. Já o site da RBS TV e o Foxsports.com.br até chegaram a emitir comentários, principalmente nos materiais audiovisuais, mas como forma de homenagens aos jornalistas mortos, e não falando sobre as impressões do acontecimento e da profissão de jornalista. Até aqui, está é a primeira parte da análise do enquadramento multimodal, sendo necessário saber também como os jornalistas foram retratados, ou sub-retratados, durante a cobertura do acidente aéreo pelas análises narrativa e visual, que se articularam com o enquadramento noticioso.

3.1.3 Atores de maior fala

As instituições midiáticas operam de acordo com determinadas características organizacionais, rotinas produtivas que contribuem para certos tipos de informações e filtram outros (TUCHMAN, 1978; GITLIN, 2003), o que, conseqüentemente, acaba determinando enquadramentos noticiosos. Como prova dessa prática, os agentes jornalísticos, durante a cobertura de um acontecimento, escolhem “quem ganha acesso ou se torna ‘fonte’ de suas emissões; eles editam e conferem proeminência diferenciada às vozes dos atores sociais, hierarquizam discursos em seus textos e, assim, enquadram sentido” (MAIA, 2009, p. 304).

Para a análise do enquadramento noticioso, conforme sugerido por Entman (1993), elencam-se os atores que têm maior espaço de fala na notícia, para justamente mensurar a hierarquização e a saliência dos conteúdos informativos que tornam-se mais

perceptíveis e significativos aos receptores, a partir de um uso constante de fontes credíveis que favorecem a amplificação de determinadas notícias. Para esta pesquisa contabilizou-se os atores com maior espaço de fala nas notícias, com suas ações reproduzidas em citações diretas e indiretas, e não apenas enumerando aqueles que foram mencionados no decorrer dos textos e vídeos publicados nos três sites jornalísticos.

No site da RBS TV foram identificados 17 atores com espaço de fala em 119 ocorrências. Das 89 matérias publicadas em 13 dias de análise para esta pesquisa, 19 não tiveram registro de nenhum ator de fala, o equivalente a 21,34% do total de notícias.

No Foxsports.com.br, detectou-se 18 atores com espaço de fala em 93 matérias publicadas. Destas, 29 não registraram nenhum ator de fala dentro do recorte estipulado pela pesquisa. Ou seja, 31,18% das reportagens não contaram com falas de entrevistados ou reprodução de mensagens extraídas de redes sociais digitais e/ou de outras mídias. No total, foram registradas 83 ocorrências de fala.

Veículo jornalístico com maior número de matérias, o GE também é o que possui mais atores de fala: são 36 distribuídos em 307 notícias. Não foram encontrados registros de fala de personagens em 65 matérias. Ou seja, 21,17% têm ausência de atores de fala. No total, foram registradas 309 ocorrências de declarações.

Como observado anteriormente, o afeto foi o componente enquadrado nas notícias com maior ênfase, e este fator também esteve presente nas falas de determinados atores que protagonizaram a maioria dos enredos. Os familiares e amigos das vítimas do voo, que externaram o sofrimento diante da morte de seus entes queridos, foram os principais protagonistas das matérias (média de 16,63%; 85 ocorrências), seguidos por dirigentes da Chapecoense (média de 9,78%; 50 ocorrências), que falaram sobre a dor da perda de pessoas próximas e a reconstrução do clube que movimenta a paixão dos torcedores da cidade catarinense, e, em terceiro lugar da lista, apareceram as autoridades políticas (média de 9,39%; 48 ocorrências), que marcaram presença principalmente com mensagens nas redes sociais digitais e durante o velório coletivo em Chapecó.

Como esta tragédia aérea traz uma particularidade em comparação a outras, que é a presença de jornalistas entre as vítimas fatais da queda do voo da LaMia, os profissionais de imprensa engrossaram a lista dos 43 atores com espaço de fala nas matérias coletadas do GE, do site da RBS TV e do Foxsports.com.br. Os agentes jornalísticos estão na oitava posição na lista dos atores com maior espaço de fala nas notícias, com média de 4,69% ou 24 registros.

Analisando cada site noticioso separadamente, a figura do jornalista configura sempre entre os oito primeiros de cada lista, conforme apontam as Tabelas 5, 6 e 7. À frente dos profissionais de imprensa, na média geral, além de familiares e amigos das vítimas (1º lugar), dirigentes da Chapecoense (2º) e autoridades políticas (3º), estão os seguintes atores sociais: 4º) jogadores de outros clubes (6,46%; 33 ocorrências); 5º) médicos (5,87%; 30 ocorrências); 6º) sobreviventes e dirigentes de outros clubes, com 5,08% ou 26 ocorrências cada um.

Como no topo da lista aparecem autoridades políticas, médicos, dirigentes de clubes de futebol e atletas renomados, esses dados ressaltam o peso do valor-notícia de notoriedade apontado por autores como o sociólogo norte-americano Herbert Gans, visto que “as pessoas que aparecem mais frequentemente nas notícias são aquelas conhecidas, e, na maior parte, aquelas em posições oficiais” (GANS, 2004, p. 9, tradução nossa⁷⁵).

Tabela 5 – Atores com maior espaço de fala no site da RBS TV

	Protagonistas	Quantidade	Percentual
1º	Familiares e amigos das vítimas	39	32,77%
2º	Autoridades políticas	18	15,13%
3º	Sobreviventes do acidente aéreo	9	7,57%
4º	Torcedores da Chapecoense	9	7,57%
5º	Médicos	8	6,72%
6º	Dirigentes da Chapecoense	7	5,88%
7º	Jornalistas	7	5,88%
8º	Dirigentes de outros clubes	4	3,36%
9º	Jogadores que morreram no acidente aéreo	3	2,52%
10º	Líderes religiosos	3	2,52%
11º	Ex-jogadores da Chapecoense	2	1,68%
12º	Jogadores de outros clubes	2	1,68%
13º	Redes sociais de clubes brasileiros e estrangeiros	2	1,68%
14º	Representante de Guarda Municipal	2	1,68%
15º	Tenente-coronel do Corpo de Bombeiros	2	1,68%
16º	Gustavo Kuerten (ex-tenista)	1	0,84%
17º	Técnico (sem passagem pela Chapecoense)	1	0,84%
	Total de falas nas matérias do site da RBS TV	119	100%

⁷⁵ “In American news, as in the news of all modern nations, the people who appear most frequently in the news are knowns, and, for the most part, those in official positions” (GANS, 2004, p. 9).

Tabela 6 – Atores com maior espaço de fala no site do Globoesporte.com

	Protagonistas	Quantidade	Percentual
1°	Familiares e amigos das vítimas	42	13,60%
2°	Dirigentes da Chapecoense	35	11,33%
3°	Autoridades políticas	26	8,41%
4°	Médicos	19	6,15%
5°	Autoridades e especialistas em aviação civil	18	5,83%
6°	Dirigentes de outros clubes	17	5,50%
7°	Sobreviventes do acidente aéreo	15	4,85%
8°	Jornalistas	14	4,53%
9°	Jogadores de outros clubes	13	4,21%
10°	Técnicos (sem passagem pela Chapecoense)	11	3,56%
11°	Entidades esportivas	10	3,24%
12°	Ex-atletas	10	3,24%
13°	Jogadores que morreram no acidente aéreo	9	2,91%
14°	Torcedores da Chapecoense	8	2,59%
15°	Jogadores da Chapecoense que não viajaram	7	2,27%
16°	Piloto da LaMia	7	2,27%
17°	Diretoria da LaMia	6	1,94%
18°	Redes sociais de clubes brasileiros e estrangeiros	6	1,94%
19°	Técnico Caio Júnior (vítima fatal)	5	1,62%
20°	Autoridades de segurança pública	4	1,29%
21°	Ex-jogadores da Chapecoense	4	1,29%
22°	Jogadores da base da Chapecoense	3	0,97%
23°	Advogados	2	0,65%
24°	Bombeiros	2	0,65%
25°	Controladora do voo no aeroporto da Colômbia	2	0,65%
26°	Empresários dos jogadores	2	0,65%
27°	Funcionários da LaMia	2	0,65%
28°	Representante de funerárias	2	0,65%
29°	Artista plástico	1	0,32%
30°	Assessor da Chapecoense	1	0,32%
31°	Comerciante de Chapecó	1	0,32%
32°	Consultor de marketing e gestão esportiva	1	0,32%
33°	Líder religioso (bispo da Diocese de Chapecó)	1	0,32%
34°	Morador da região onde aconteceu o acidente aéreo	1	0,32%

35°	Patrocinador de material esportivo da Chapecoense	1	0,32%
36°	Vagner Mancini (técnico da Chape após acidente)	1	0,32%
	Total de falas nas matérias do Globoesporte.com	309	100%

Apesar da notoriedade conferida a determinados atores e a fontes oficiais na cobertura jornalística dos três veículos que servem de corpus de análise da presente pesquisa, são pessoas anônimas, familiares e amigos das vítimas da queda do voo, que apareceram em primeiro lugar com maior espaço de fala, especialmente no site da RBS TV (32,77%) e no GE (13,60%), conforme mostram as Tabelas 5 e 6.

No site da RBS TV, inclusive, a quantidade de falas de parentes e amigos das vítimas (39 ocorrências ou 32,77%) é mais que o dobro de declarações emitidas por autoridades políticas (18 ocorrências ou 15,13%), sem comparar com outros atores sociais que tiveram menor relevância no noticiário. Isso deve-se, principalmente, ao fato de que a cobertura jornalística do referido veículo conferiu proeminência diferenciada às reações dos familiares de jornalistas, atletas, dirigentes e dos sobreviventes do acidente aéreo.

Em contrapartida, dentro do período de coleta de dados, fontes jornalísticas como advogados, especialistas em aviação civil, funcionários e diretores da companhia aérea boliviana não integraram a relação de atores de fala das notícias, o que já revela que, no site da RBS TV, o trabalho de resgate das vítimas do voo da LaMia e as possíveis causas do acidente em Medellín foram excluídos do noticiário, dando proeminência a enquadrar outros fatos que tiveram seu desenrolar no Brasil, principalmente nos estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul, onde é o campo de atuação do Grupo RBS.

O Globoesporte.com, por sua vez, buscou abarcar várias temáticas que circundaram a cobertura do acidente aéreo e seus desdobramentos. Como prova disso, teve 36 atores de fala diferentes, enquanto o site da RBS TV e o Foxsports.com.br, juntos, somaram 35. Ao contrário do que preconceituosamente se poderia imaginar, por ser um veículo de comunicação do segmento esportivo, o GE ainda privilegiou fontes oficiais, tais como políticos, médicos e especialistas em aviação civil, que configuram na lista dos cinco principais atores com espaço de fala (Tabela 6), porque também, em seu noticiário, conferiu ênfase às causas da queda do voo, e mais do que os outros dois sites jornalísticos.

Já o Foxsports.com.br privilegiou maior espaço de fala aos atores do universo esportivo, tanto que, como mostra a Tabela 7, jogadores e dirigentes de times adversários da Chapecoense, clubes brasileiros e estrangeiros (via mensagens de redes sociais digitais), técnicos de futebol sem passagem pela Chapecoense e dirigentes da equipe

catarinense compõem a lista dos cinco principais protagonistas das notícias. Enquanto, ao contrário do GE e do site da RBS TV, familiares e amigos das vítimas não estão no topo da listagem, pois, no Foxsports.com.br, aparecem na sétima posição.

Tabela 7 – Atores com maior espaço de fala no Foxsports.com.br

	Protagonistas	Quantidade	Percentual
1º	Jogadores de outros clubes	18	21,69%
2º	Redes sociais de clubes brasileiros e estrangeiros	15	18,07%
3º	Dirigentes de outros clubes	9	10,84%
4º	Técnicos (sem passagem pela Chapecoense)	9	10,84%
5º	Dirigentes da Chapecoense	8	9,63%
6º	Autoridades políticas	4	4,81%
7º	Familiares e amigos das vítimas	4	4,81%
8º	Jornalistas	3	3,61%
9º	Médicos	3	3,61%
10º	Sobreviventes do acidente aéreo	2	2,41%
11º	Assessor de imprensa do Atlético Nacional	1	1,21%
12º	Conmebol	1	1,21%
13º	Ex-jogadores da Chapecoense	1	1,21%
14º	Ex-técnico da Chapecoense	1	1,21%
15º	Jogadores da Chapecoense que não viajaram	1	1,21%
16º	LaMia	1	1,21%
17º	Líder religioso (Papa Francisco)	1	1,21%
18º	Policial colombiano	1	1,21%
	Total de falas nas matérias do Foxsports.com.br	83	100%

3.2 Análise narrativa

Entre os três níveis da análise de enquadramento multimodal propostos por Wozniak *et al.* (2014), a análise da construção narrativa jornalística, como visto no tópico 2.6 desta dissertação, centra-se no grau de narratividade, no gênero narrativo e nos papéis associados aos sujeitos presentes nas notícias. Ela também permite ter uma melhor compreensão de como os fatos foram contados pela mídia, “envolvendo elementos como suspense, conflito dramático, emoção e eventual resolução” (WOZNIAK *et al.*, 2014, p.

6, tradução nossa⁷⁶), diferentemente do enquadramento noticioso que nos permite entender mais a prevalência de certos argumentos entre os atores sociais.

Para responder como o jornalista foi emoldurado nas histórias contadas sobre a queda do voo da LaMia e como este profissional posicionou-se nas mesmas narrativas do Foxsports.com.br, do GE e do site da RBS TV, optou-se por pequenas adaptações nesta análise. Uma delas foi a análise em particular de narrativas feitas em primeira pessoa, codificadas quando os jornalistas emitiram diretamente suas percepções acerca do acontecimento noticioso, seja comentando sobre os velórios por um olhar mais pessoal, seja avaliando o papel social de jornalista, seja descrevendo as próprias emoções.

Outra mudança consistiu em avaliar o grau de narratividade em duas etapas: a primeira, como um todo, examinando as 489 notícias coletadas para identificar a linha dominante presente nos três sites jornalísticos, de acordo com quatro variáveis: dramatização, personalização, emoção e ornamentação estilística. Posteriormente, efetuou-se o mesmo procedimento, mas tendo como corpus de análise 46 matérias que referenciaram nos títulos somente os jornalistas, para averiguar como foram emolduradas as histórias com ênfase nos profissionais de imprensa.

A análise do gênero narrativo também submeteu-se a alterações. Wozniak *et al.* (2014) codificaram quatro tipos em uma pesquisa sobre a cobertura midiática de assuntos climáticos: rotineiro, romântico (quando o herói triunfa), trágico (fracasso como desfecho) e apocalíptico. A partir da leitura do material coletado sobre o acidente aéreo, observando o tom geral das notícias, tornou-se válido alterar os códigos para: otimista, passional, rotineiro e apocalíptico.

O gênero otimista visualiza mais o lado positivo da história, como a recuperação dos sobreviventes, a suavização/aceitação das mortes e a possibilidade de reconstrução da Chapecoense. Os outros três gêneros são: apocalíptico, uma visão pessimista dos fatos, quanto, por exemplo, ao futuro do clube, dos sobreviventes, da vida dos parentes dos mortos, além dos rumos das investigações; passional, que traz narrativas com alta intensidade emocional, declarações emotivas de atletas, treinadores de futebol, de pessoas envolvidas direta ou indiretamente no caso; e rotineiro, quando é realizada unicamente a descrição dos fatos, dos campeonatos, do trabalho de resgate, da agenda de eventos.

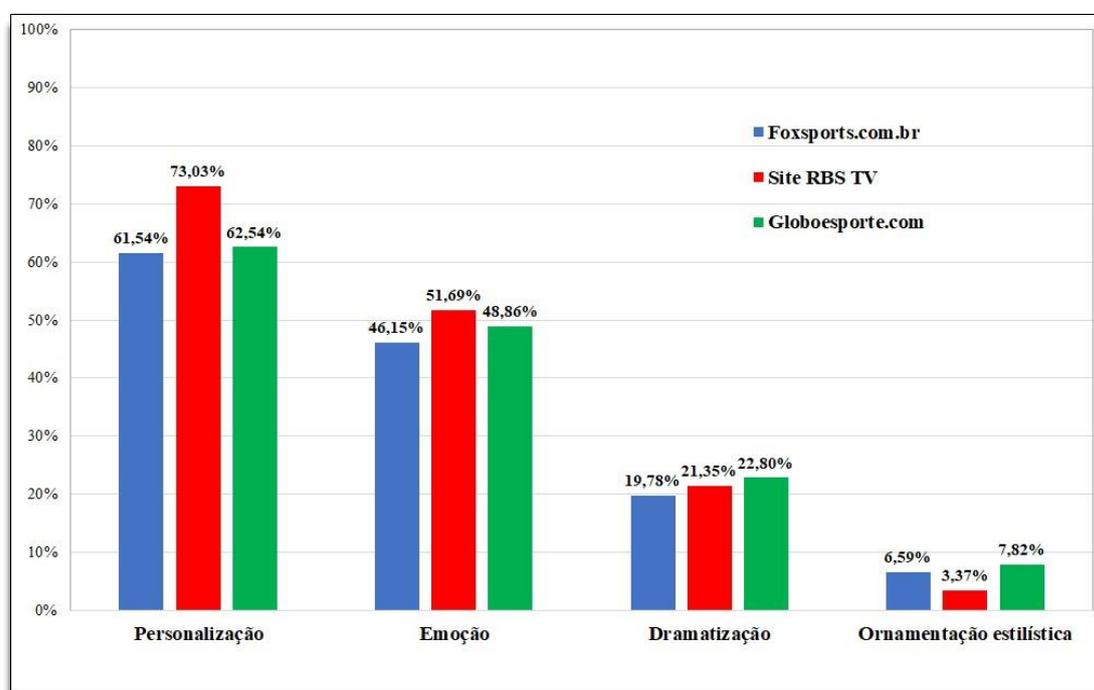
⁷⁶ [...] while frame analysis enables us to understand the exchange and prevalence of arguments between actors in media debate, narrative analysis informs us about how the story of climate change is arranged and told, involving elements such as suspense, dramatic conflict, emotion, and eventual resolution (WOZNIAK *et al.*, 2014, p. 6).

3.2.1 Grau de narratividade nos três sites jornalísticos

Ao avaliar, primeiramente, o grau de narratividade presente no noticiário sobre o acidente do voo 2933 da LaMia veiculado no Foxsports.com.br, no GE e no site da RBS TV, em todas as 489 matérias coletadas registrou-se a ocorrência de ao menos uma das quatro variáveis (dramatização, emoção, ornamentação estilística e personalização) propostas para a análise narrativa. Em 155 unidades de notícias, contando textos e vídeos publicados nos três veículos jornalísticos, foram registradas combinações de duas ou mais variáveis, sendo mais da metade das coocorrências⁷⁷ (84) identificadas no GE.

A estratégia de personalização, aquela que apresenta histórias contadas com foco nos sujeitos (e nas instituições) e em suas ações, foi a mais recorrente, posteriormente surgem, nesta ordem, as variáveis emoção, dramatização e ornamentação estilística. A personalização, conforme mostra o Gráfico 3, foi predominante no Foxsports.com.br (61,54%), no GE (62,54%) e no site da RBS TV (73,03%), o que caracteriza um jornalismo mais direcionado aos personagens do que aos fatos (RIZZOTTO *et al.*, 2017) e uma tendência para a homogeneização no tratamento das notícias (MORAES, 2013).

Gráfico 3 – Grau de Narratividade do noticiário dos três sites jornalísticos



⁷⁷ Quanto ao grau de narratividade do noticiário sobre o acidente aéreo na Colômbia, dentro do recorte temporal estipulado para esta pesquisa, foram registradas 155 coocorrências: 84 no Globoesporte.com; 40 no site da RBS TV; 31 no Foxsports.com.br.

No site da RBS TV, onde os percentuais de personalização foram mais elevados, ela se fez presente em narrativas que deram relevo às vítimas do acidente e às ações de torcedores da Chapecoense, de autoridades políticas do Sul do País, de parentes dos vitimados e dos sobreviventes da tragédia, muitas vezes empregando o discurso retórico da solidariedade, das homenagens pós-morte e do poder de resiliência para enfrentar a dor da perda de familiares e de um time que, com um notório bom desempenho no futebol brasileiro e sul-americano, estava transmitindo orgulho para a cidade de Chapecó.

A personalização das narrativas, em muitos casos, já era constatada nos títulos de matérias e confirmadas ao percorrer o texto, em notícias tais como: *RS e Porto Alegre decretam luto após tragédia aérea da Chapecoense (29/11/2016)*⁷⁸; *Michel Temer vai a velório em estádio de Chapecó, mas não discursa (03/12/2016)*⁷⁹; *Após tragédia, Chapecó quer ampliar Arena Condá e criar memorial (06/12/2016)*⁸⁰. Matérias que também atestam o uso recorrente de fontes oficiais, como o prefeito de Chapecó (SC), Luciano Buligon⁸¹, e o até então presidente da República Michel Temer, e a utilização de mensagens publicadas por prefeituras e governos estaduais nas redes sociais digitais que sustentaram algumas reportagens publicadas pelo site da RBS TV.

Também verificou-se com frequência a personalização de narrativas quando o veículo jornalístico, três dias após a queda do voo, passou a direcionar os holofotes para outros personagens, como os sobreviventes. Tal observação é confirmada quando lista-se aqui cinco títulos em sequência de matérias referentes a um jogador da Chapecoense: *Sobrevivente de voo, Alan Ruschel se comunica por sinais, diz irmã*⁸², *Alan Ruschel ainda não fala, mas está “super bem”, diz noiva de jogador (02/12/2016)*⁸³; *Alan Ruschel é desentubado e passa bem, mas não lembra do acidente (03/12/2016)*⁸⁴; *“Ficou agitado”*,

⁷⁸ Disponível em: <http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2016/11/prefeito-de-porto-alegre-decreta-luto-apos-tragedia-aerea-da-chapecoense.html>.

⁷⁹ Disponível em: <http://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2016/12/presidente-michel-temer-chega-chapeco-para-homenagem.html>.

⁸⁰ Disponível em: <http://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2016/12/apos-tragedia-chapeco-quer-ampliar-arena-conda-e-criar-memorial.html>.

⁸¹ O prefeito de Chapecó, Luciano Buligon, tornou-se uma figura notória durante a cobertura jornalística do acidente do voo 2933 da LaMia porque estava na lista de passageiros como um dos convidados que iria acompanhar a delegação da Chapecoense na viagem a Medellín, na Colômbia, para a primeira partida da final da Copa Sul-Americana de 2016. Porém, como o próprio político explicou à imprensa, compromissos com prefeitos eleitos, na ocasião, impediram o prefeito de acompanhar o time catarinense.

⁸² Disponível em: <http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2016/12/sobrevivente-de-voo-alan-ruschel-se-comunica-por-sinais-diz-irma.html>.

⁸³ Disponível em: <http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2016/12/alan-ruschel-esta-super-bem-diz-noiva-de-jogador-em-hospital.html>

⁸⁴ Disponível em: <http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2016/12/alan-ruschel-e-desentubado-e-passa-bem-mas-nao-lembra-do-acidente.html>.

*diz irmã sobre reação de Alan Ruschel ao saber do acidente (04/12/2016)*⁸⁵; *Alan Ruschel deixa UTI, caminha e come sozinho, comemora irmã (07/12/2016)*⁸⁶.

Sustentadas basicamente por falas da irmã do atleta sobre a evolução do estado de saúde de Alan Ruschel, muitas vezes extraídas de publicações em redes sociais, as histórias contadas mais se assemelham a um boletim diário, bem descritivo, e conseqüentemente fazem esses personagens serem mais (re) conhecidos pelo público pelo uso constante de imagens, pelas menções aos seus nomes e pelos relatos de suas histórias.

Quando o grau de narratividade é medido pela emoção, este recurso também foi mais recorrente no site da RBS TV (51,69%), percentual superior ao do GE (48,86%) e do Foxsports.com.br (46,15%). No noticiário on-line da RBS TV, a emoção foi codificada principalmente pelo uso de adjetivos e advérbios de modo, em falas dos entrevistados e em relatos descritivos dos jornalistas, que expressaram sentimentos contrastantes para explicar a transição do êxtase de jogadores e profissionais de imprensa em suas carreiras para a tristeza de amigos, familiares devido à morte trágica e repentinas dos mesmos.

Adjetivos identificados nas narrativas facilitaram a confirmação do estado emocional de um ou mais personagens nas reportagens do site da RBS TV, tais como: “abalada”, “triste”, “feliz”, “chocados”, “apreensivos”, “irritado”, “indignado”, “perplexos”. Um dos exemplos está na matéria *Luto pela morte de jogadores muda cenário de Chapecó (30/11/2016)*⁸⁷, em que um trecho do texto diz: “Incrédulos com as mortes na Colômbia, alguns comerciantes não sabiam o que responder aos clientes e fornecedores sobre a dúvida de o luto persistir por mais tempo”, realçando o clima de perplexidade que impactou, segundo o site noticioso, até o comércio da cidade de Chapecó.

O uso constante de figuras de linguagem, como metáforas e hipérboles, também apontou para o grau de emoção em demais narrativas do site da RBS TV, como na matéria datada de 29 de novembro de 2016 e intitulada *“Foi arrancado nosso coração”, diz torcedor da Chapecoense na Arena*⁸⁸. A analogia expressa na fala do entrevistado, realçando o sofrimento, serve como representação de um estado emocional coletivo, também exposto no decorrer do texto: “Até agora a ficha não caiu. Parece que a gente tá

⁸⁵ Disponível em: <http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2016/12/ficou-agitado-diz-irma-sobre-reacao-de-alan-ruschel-ao-saber-do-acidente.html>.

⁸⁶ Disponível em: <http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2016/12/alan-ruschel-deixa-uti-caminha-e-come-sozinho-comemora-irma.html>.

⁸⁷ Disponível em: <http://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2016/11/luto-pela-morte-de-jogadores-muda-cenario-de-chapeco.html>.

⁸⁸ Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/sc/futebol/times/chapecoense/noticia/2016/11/foi-arrancado-nosso-coracao-diz-torcedor-da-chapecoense-na-arena.html>.

esperando eles chegarem do jogo da volta para recepcioná-los. O sentimento que fica é que foi arrancado nosso coração”.

No site da RBS TV, a emoção nas narrativas foi identificada sobretudo em temáticas que abordavam as homenagens feitas por torcedores e clubes de futebol (em redes sociais digitais), a angústia dos parentes daqueles que sobreviveram à queda do avião e os sentimentos de dor e luto dos familiares das vítimas fatais do acidente.

Já as variáveis dramatização e ornamentação estilística, com índices inferiores a 23%, foram mais destacadas no noticiário do GE. A dramatização foi identificada, sobretudo, quando os assuntos em destaque tratavam de possíveis causas do acidente, das carreiras dos atletas, da aflição dos parentes em buscas de notícias e dos primeiros passos da reconstrução da Chapecoense pós-acidente.

Para exemplificar, a matéria do dia 29 de novembro de 2016 intitulada *Danilo, o goleiro que recusou o rótulo de herói e se eternizou na Chape*⁸⁹ narra no lide (Figura 9), com ares de suspense, o minuto que praticamente selou a vaga da Chapecoense para a final da Copa Sul-Americana, após empate em 0 a 0 com o time argentino do San Lorenzo.

Figura 9 – Primeiro parágrafo de matéria com dramatização no grau de narratividade

O relógio marcava 49 minutos do segundo tempo na Arena Condá, em Chapecó, na última quarta-feira, dia 23 de novembro. O San Lorenzo, campeão da Libertadores de 2014, pressionava a Chapecoense por um gol que o levasse para a final da Copa Sul-Americana - na Argentina houve empate em 1 a 1. Bola lançada para área, sobra para Angeleri, que chuta. Danilo salva com o pé direito. Segundos depois o árbitro encerra a partida e **o time do interior de Santa Catarina se classifica de forma incrível para a final.**

Fonte: Globoesporte.com, 29 de novembro de 2016

A dramatização reforça o heroísmo de Danilo, enaltecido no título da matéria e também no decorrer do texto – recurso utilizado frequentemente no noticiário esportivo –, e destaca como o goleiro com atuações destacadas em partidas anteriores viveu em um único lance o ápice e o fim de sua carreira no futebol, porque, seis dias depois daquela partida contra o San Lorenzo válida pela semifinal da Copa Sul-Americana, o acidente aéreo tirou a possibilidade de a equipe catarinense de disputar a primeira decisão internacional e de conquistar o título em campo.

⁸⁹ Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/sc/futebol/times/chapecoense/noticia/2016/11/danilo-o-goleiro-que-recusou-o-rotulo-de-heroi-e-se-eternizou-na-chape.html>.

Outro exemplo de dramatização está na matéria do dia 30 de novembro de 2016 intitulada *Copiloto da Avianca revela diálogo dramático de voo da Chape com torre*⁹⁰, que traz o relato do comandante de outro avião que viajava próximo ao voo 2933 da LaMia e ouviu a conversa entre a tripulação da aeronave acidentada e a torre de controle do aeroporto de Medellín, com o pedido de ajuda para encontrar a pista para o pouso imediato devido a um pane elétrica e à falta de combustível. Trechos da notícia, que já traz no título a palavra “dramático”, mostram o grau de dramatização da narrativa:

Inicialmente, segundo o copiloto, a tripulação do voo da LaMia pediu prioridade de pouso do Aeroporto Rio Negro por conta de problemas de combustível. “Solicitamos prioridade para proceder, solicitamos prioridade para proceder ao localizador, temos problemas de combustível”, teria dito o copiloto da LaMia. A controladora do aeroporto teria negado a permissão por conta de outro voo da VivaColombia. Foi então que o comandante do voo da Chapecoense decretou emergência. [...] Enquanto a controladora, segundo o copiloto da Avianca, indicou que seu voo pousasse na pista 1, a tripulação do voo da Chapecoense confirmou a pane elétrica e decretou situação de emergência. “Agora temos uma falha elétrica, temos uma total falha elétrica. Nos ajude a achar a pista, nos ajude a achar a pista”. Posteriormente a torre de controle perdeu o contato com o avião. A controladora ainda tentou contato por mais um tempo com o avião da LaMia, mas sem sucesso (GLOBOESPORTE.COM, 2016).

Diferentemente do formato de pirâmide invertida, as duas notícias narradas com grau de dramatização – em trechos expostos aqui – foram descritas com início, meio e fim, e permitiram ao leitor emoldurar cenas mentais de como ocorreu a história contada, mas em ordem sequencial, o que não é habitual no jornalismo brasileiro. A construção mais usual do texto é composta hierarquicamente por informações consideradas mais essenciais, que remetem a cinco perguntas a serem feitas – “quem”, o “que”, “quando”, “onde”, “por que” e “como” –, e posteriormente aparecem dados secundários e outros detalhes listados de menor relevância até o desfecho da matéria jornalística.

Como o jornalismo brasileiro caracteriza-se por um modelo mais descritivo dos fatos, a ornamentação estilística, que vai na contramão de uma simples descrição dos acontecimentos, apareceu com menor frequência nos textos entre as quatro variáveis de grau de narratividade. Dos três veículos jornalísticos, o GE, com 7,82%, foi o que mais

⁹⁰ Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/sc/futebol/times/chapecoense/noticia/2016/11/piloto-da-avianca-revela-dialogo-dramatico-de-voos-da-chape-com-torre.html>.

utilizou-se dessa estratégia, de um estilo literário ou poético (Foxsports.com.br registrou 6,59% de narrativas com dramatização, e o site da RBS TV, 3,37%).

A ornamentação estilística foi codificada no GE em assuntos sobre as carreiras de jogadores e jornalistas mortos, o sentimento de luto, o espírito de união da população de Chapecó para reconstruir o clube e a empatia dos colombianos e do Atlético Nacional, como está exemplificado na Figura 10, da notícia *Atlético Nacional dá show no campo, na arquibancada e até nos vestiários* (04/12/2016)⁹¹.

Figura 10 – Trecho de matéria com ornamentação estilística no grau de narratividade

A torcida do Atlético Nacional é um remédio para o espírito. Espanta o mau-humor, invoca a euforia e, a julgar pelo burburinho com som alto, cerveja e paquera do lado de fora do estádio em Medellín, pode até trazer a pessoa amada em pouco mais de 90 minutos. A postura do clube inspira, a paixão do povo de branco e verde que não para de cantar mesmo debaixo de forte chuva emociona, e os jogadores vão no embalo: 3 a 0 com a Chape no peito. Mas eles acharam pouco. O mosaico, o minuto de silêncio, os gritos antes da partida, as faixas celebrando "uma nova família que nasce" e desejando força à torcida, familiares e moradores da cidade catarinense, nada disso foi suficiente para uma equipe que ganhou milhões de novos torcedores para o Mundial de Clubes.

Fonte: Globoesporte.com, 4 de dezembro de 2016

A matéria relata a vitória de 3 a 0 do Atlético Nacional sobre o Millonarios, que garantiu ao time de Medellín a vaga para a semifinal do Campeonato Colombiano, antes de disputar o Mundial de Clubes no fim de dezembro de 2016, e salienta em tom lúdico e com uso de figura retórica (como a metáfora “A torcida do Atlético Nacional é um remédio para o espírito”), logo no lide do texto, o comportamento naturalmente festivo e as homenagens dos torcedores do Atlético Nacional durante aquela partida. A ideia que pretende-se passar aqui e que não seria aparentemente possível com o uso literal de palavras é de que a torcida colombiana conseguiu, espontaneamente, aliviar como a eficiência de um remédio o sofrimento de jornalistas e torcedores da Chapecoense.

Ainda no decorrer do texto, a matéria ressalta no sublide que os atletas do Atlético Nacional que entraram em campo com o escudo da Chapecoense em suas camisas, após a partida daquele 4 de dezembro de 2016, reproduziram no vestiário, a portas fechadas, a comemoração da equipe brasileira quando se classificou para a final da Copa Sul-

⁹¹ Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/sc/futebol/times/chapecoense/noticia/2016/12/atletico-nacional-da-show-no-campo-na-arquibancada-e-ate-nos-vestiarios.html>.

Americana, aos gritos de “vamos, vamos Chape”, angariando ainda mais simpatia da imprensa e do público.

3.2.2 Grau de Narratividade: ênfase nas histórias sobre os jornalistas

No subcapítulo anterior, o grau de narratividade das 489 matérias sobre o acidente 2933 da LaMia veiculadas nos três sites noticiosos foi codificado e analisado, com o objetivo de detectar sobretudo a linha dominante das histórias de acordo com quatro variáveis. Depois da análise de todo o conteúdo coletado, e da busca pelo entendimento dessas narrativas, procurou-se agora realizar o mesmo procedimento, com o mesmo recorte temporal, mas analisando, separadamente, as notícias que fazem referência nos títulos somente aos jornalistas, para averiguar como foram emolduradas as histórias com ênfase nos profissionais de imprensa.

Foram coletadas nos três sites jornalísticos 46 matérias que salientaram a tragédia aérea pelo lado da imprensa – mesmo que em todo o corpus de análise muitas vezes as histórias dos 21 jornalistas (20 mortos e um sobrevivente) e dos demais passageiros do voo 2933 da LaMia se cruzassem por algum momento. Nas outras 443 notícias, os profissionais de imprensa até são destacados, mas com menor proeminência, por isso nesta etapa do trabalho será averiguado especificamente o material que realça, ou tende a realçar, o jornalista e o seu comportamento diante dos fatos narrados por ele mesmo.

Se a personalização foi o grau de narratividade mais recorrente na análise de 489 matérias sobre o acidente 2933 da LaMia veiculadas nos três sites noticiosos, o mesmo ocorreu ao analisar somente as notícias referentes aos jornalistas – e aqui estão incluídas 46 matérias sobre os 21 jornalistas que estavam no voo (20 mortos e um sobrevivente), aqueles que estavam na lista de passageiros mas não viajaram, e os que relataram sobre o exercício da atividade jornalística durante a cobertura dos fatos no Foxsports.com.br, no GE e no site da RBS TV. A personalização foi codificada em 30 matérias, seguida de emoção (28), além de dramatização e ornamentação estilística, com 10 ocorrências cada.

Quantitativamente⁹², a personalização foi mais recorrente no site da RBS TV⁹³, com 13 ocorrências (65%). Em oito delas a estratégia estava associada diretamente à

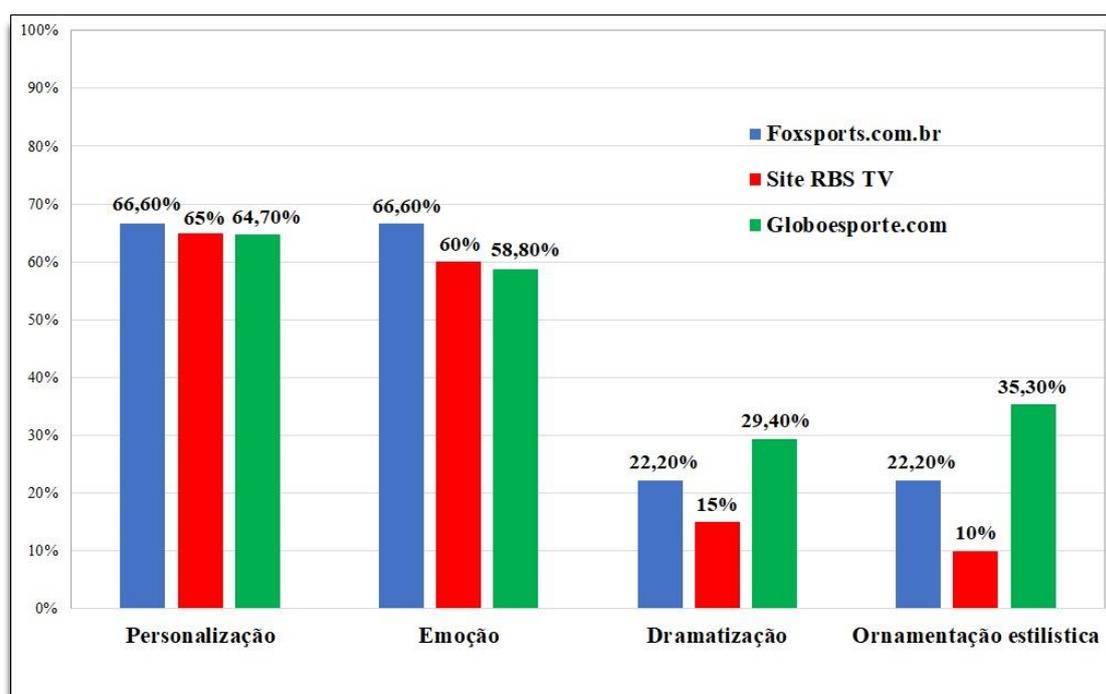
⁹² No site da RBS TV, foram registrados 13 casos em que prevaleceu a personalização nas narrativas: GE (11) e Foxsports.com.br (6).

⁹³ Das 20 matérias com ênfase sobre jornalistas coletadas no site da RBS TV, a personalização se fez presente em 13 casos, seguido de emoção, com 12 ocorrências, dramatização (3) e ornamentação estilística (2).

morte e à carreira dos jornalistas, sendo duas matérias de caráter mais pessoal sobre o repórter Giovane Klein, da RBS TV, e a sua mulher, como na matéria⁹⁴ *Esposa de jornalista morto em voo da Chape escreve carta para marido*, publicada em 4 de dezembro de 2016, na qual a esposa, também jornalista da RBS TV, tenta trabalhar a dor do luto redigindo cartas e publicando algumas delas em seu perfil nas redes sociais digitais.

Em quatro casos a personalização foi direcionada a Rafael Henzel, sobre o seu estado de saúde, e uma vez ao narrador Ivan Carlos Agnoletto, da Rádio Super Condá, de Chapecó, que cedeu lugar no voo para o também narrador Gelson Galliotto, que havia revelado ao colega de emissora o desejo de trabalhar em uma final de competição internacional, conforme mostra a matéria⁹⁵ *Narrador cedeu lugar no voo a colega que sonhava cobrir final da Chape*, veiculada em 29 de novembro de 2016.

Gráfico 4 – Grau de Narratividade em matérias com ênfase nos jornalistas



Em pontos percentuais, a personalização se fez mais presente no Foxsports.com.br (66,60%), seguido do site da RBS TV (65%) e do GE (64,70%) –, conforme mostra o

⁹⁴ Disponível em: <http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2016/12/esposa-de-jornalista-morto-em-queda-de-aviao-da-chape-escreve-carta.html>.

⁹⁵ Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/sc/futebol/times/chapecoense/noticia/2016/11/narrador-cede-lugar-no-voo-colega-que-sonhava-cobrir-final-da-chape.html>.

Gráfico 4. De um total de seis notícias das quais esta variável de narratividade foi proeminente, quatro são referentes a homenagens prestadas pelo próprio veículo jornalístico aos seis profissionais mortos no acidente, como na matéria *Fox Sports presta homenagem às vítimas do acidente em ato ecumênico*, do dia 5 de dezembro de 2016.

Sem texto escrito (somente título e linha fina), a matéria do Foxsports.com.br contava somente com um vídeo de 4 minutos e 55 segundos de duração do canal de TV Fox Sports. Nele, cultos em São Paulo e no Rio de Janeiro prestavam homenagens aos seis jornalistas mortos, e aos seus familiares, com a presença de profissionais da Fox Sports da América Latina. Na matéria, foi destacada uma homenagem da direção da empresa jornalística, que adotou seis estrelas acima do logotipo, com cada uma simbolizando um dos profissionais vítimas da tragédia. A decisão se estendeu para todas as filiais da Fox Sports na América Latina até o fim de 2017, como já era previsto.

Também percentualmente o Foxsports.com.br é o que tem a maior recorrência da estratégia emoção, com 66,60%, seguido do site da RBS TV (60%) e do GE (58,80%). Como “a descrição da emoção sempre acompanha os sujeitos que fazem parte da notícia, ou seja, só aparece naqueles casos em que há personalização” (RIZZOTTO; PRUDÊNCIO, 2017, p. 166), o Foxsports.com.br registrou os mesmos pontos percentuais (66,60%) para as variáveis personalização e emoção nas narrativas coletadas.

No Foxsports.com.br, de um total de nove matérias coletadas⁹⁶, em seis a emoção foi identificada: uma sobre o narrador Rafael Henzel, da Rádio Oeste Capital, na qual o próprio falava sobre a celebração da vida; e cinco em referência aos profissionais da Fox Sports. Uma delas é a matéria *Fox Sports presta homenagem ao inesquecível narrador e amigo Deva Pascovicci*, publicada no dia 30 de novembro de 2016, na qual não há texto escrito, somente o título da matéria, a linha fina e um vídeo com duração de 3 minutos e quatro segundos. Nele, também há a presença das estratégias de personalização e ornamentação estilística. No entanto, há mais trechos com o grau de emoção, capturados sobretudo quando o texto narrado na primeira pessoa do plural fala em nome da empresa e de seus funcionários sobre os seis profissionais vitimados.

No vídeo, um trecho do texto narrado pela repórter diz: “Não estamos preparados para tantas perdas, definitivamente, somos obrigados a lidar com a falta”, destacando que estão inaptos para enfrentar a perda dos seis jornalistas – um narrador, um repórter, um

⁹⁶ Das nove matérias do Foxsports.com.br que têm os jornalistas como personagens principais das narrativas, emoção e personalização têm seis ocorrências cada uma, enquanto dramatização e ornamentação estilística têm duas, cada.

cinematógrafo, um coordenador de transmissões externas e dois comentaristas. Na sequência do vídeo aparecem imagens de cada um dos seis profissionais com o seguinte texto: “Não temos mais imagens para descrever. Palavras para reportar. Análises para comentar. Transmissões para coordenar. Narrações para emocionar”.

Para quem é acostumado a falar diariamente de notícias sobre esportes, cujas emoções se dão pela vitória e pela derrota, lidar com a morte de colegas de profissão em pleno exercício do trabalho tornou-se um desafio inesperado, ainda mais para o canal de TV Fox Sports, que foi o veículo jornalístico com o maior número de profissionais vitimados: seis. Se percentualmente o Foxsports.com.br teve o maior índice da estratégia emoção, quantitativamente o site da RBS TV registrou o maior número de ocorrências desta variável, 12, enquanto o GE teve 10 e o Foxsports.com.br contabilizou seis.

Adjetivos que expressariam lamentação pela morte dos colegas de trabalho deram lugar, muitas vezes, a palavras positivas nas narrativas do site da RBS TV, tais como “alegre”, “feliz”, “brincalhão” e “tranquilo”, para descrever como habitualmente era (e como estava) o estado emocional dos funcionários do Grupo RBS dias e horas antes da queda do voo da LaMia. Assim, empregou-se nesses casos um tom otimista para lembrar os colegas de profissão e atenuar a tristeza, e também para não abrir discussões sobre as causas do acidente, como está salientado no decorrer do texto de algumas matérias como, por exemplo, *Familiares falam sobre profissionais da RBS que sofreram acidente aéreo*⁹⁷ e *Jornalistas do RS estão entre vítimas de queda de avião da Chapecoense*⁹⁸, ambas publicadas no dia do acidente aéreo, em 29 de novembro de 2016.

Quanto às variáveis dramatização e ornamentação estilística em narrativas exclusivamente sobre os jornalistas, foram verificadas maior ocorrência de ambas no GE. A dramatização⁹⁹ se fez presente no GE em 29,41% dos casos (22,2% no Foxsports.com.br e 15% no site da RBS TV), em assuntos que tratavam de sentimentos e impressões particulares dos jornalistas sobre a morte de companheiros de profissão, da cobertura jornalística que estava sendo realizada e do apoio oferecido pelos colombianos, um povo estigmatizado pela guerra do narcotráfico e pelos altos índices de violência.

⁹⁷ Disponível em: <http://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2016/11/familiares-falam-sobre-profissionais-da-rbs-que-estavam-em-acidente.html>.

⁹⁸ Disponível em: <http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2016/11/jornalistas-do-rs-estao-entre-vitimas-de-queda-de-aviao-da-chapecoense.html>.

⁹⁹ Presença da dramatização em narrativas com maior ênfase aos profissionais de imprensa nos três sites em números quantitativos: GE (5); site da RBS TV (3) e Foxsports.com.br (2).

Como exemplo de dramatização, a matéria¹⁰⁰ *Elo de Chapecó com o mundo: relatos dos jornalistas que cobriram a tragédia*, publicada no dia 6 de dezembro de 2016, traz histórias contadas pela equipe do Globoesporte.com, com cinco profissionais de Rio de Janeiro, São Paulo e Florianópolis que desembarcaram em Chapecó (SC) horas depois da queda do avião em Medellín. Uma delas é contada por Janir Júnior, então chefe de reportagem do GE do Rio de Janeiro, conforme trecho destacado na Figura 11.

Figura 11 – Trecho de matéria com dramatização no grau de narratividade

"Na madrugada da terça-feira 29 de novembro – o dia que jamais esqueceremos - acordei sobressaltado. O relógio marcava 4h40. Mensagens do repórter Cahê Mota relatavam a queda do avião com o time da Chapecoense. Zonzo e recheado de informações desencontradas, segui para a redação. Na pressa, não dei um beijo na minha mulher Marina.

Fonte: Globoesporte.com, 6 de dezembro de 2016

O trecho em destaque ressalta a correria típica do jornalista, que muitas vezes, e não intencionalmente, destina mais atenção à profissão do que à própria família, e isso fica mais evidente quando acontecimentos disruptivos interferem diretamente nas rotinas de trabalho. No decorrer do texto, Janir Júnior afirma ainda que, a partir da cobertura desse acidente aéreo, tornou-se um jornalista mais capacitado, mas que por tudo o que viu em Chapecó iria pensar mais nos filhos e em não sair de casa sem dar um beijo na esposa. Além da dramatização, também verificou-se ocorrência de emoção na mesma narrativa, que pode ser detectada na Figura 11 com o uso de adjetivos “sobressaltado” e “zonzo” que reforçam o estado emocional do profissional de imprensa.

Quanto à ornamentação estilística¹⁰¹, o uso foi mais recorrente no GE¹⁰², com 35,30% dos casos, seguido por Foxsports.com.br (22,20%) e pelo site da RBS TV (10%). E os assuntos mais abordados quanto a essa variável foram a respeito das impressões e reflexões dos profissionais do Grupo Globo sobre a atividade jornalística, a vida pessoal e principalmente a dor de perder colegas de profissão, como foi salientado na matéria

¹⁰⁰ Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/sc/futebol/times/chapecoense/noticia/2016/12/elo-de-chapeco-com-o-mundo-relatos-dos-jornalistas-que-cobriram-tragedia.html>.

¹⁰¹ Presença da ornamentação estilística em narrativas destinadas com maior ênfase aos profissionais de imprensa nos três sites em números quantitativos: GE (6); site da RBS TV (2) e Foxsports.com.br (2).

¹⁰² Das 17 matérias referentes aos jornalistas publicadas no GE, quanto ao grau de narratividade, a personalização se fez presente 11 vezes, seguido de emoção (10), ornamentação estilística (6) e dramatização (5).

*Imprensa em dor: tragédia no voo da Chape tira vida de 20 jornalistas*¹⁰³, publicada no dia do acidente, em 29 de novembro de 2016.

No primeiro vídeo da matéria, exibido no Jornal Nacional, da TV Globo, com duração de 5 minutos e 34 segundos e publicado no GE, a ornamentação estilística está presente logo na abertura do texto do repórter Eric Faria:

Informação, emoção, são as nossas ferramentas do jornalismo esportivo, e a Chape estava oferecendo um roteiro delicioso, matéria-prima de primeira. Éramos 20 no avião e outros tantos nas redações à espera dessa final inédita. Infelizmente, esse jogo acabou sem começar. Desta vez, doeu estar perto da notícia, doeu ser a notícia. Companheiros de trabalho queriam sim mostrar uma outra história. Nós do esporte escrevemos com alegria nas mãos, filmamos com brilho no olhar, gostamos de falar sorrindo. Nos próximos dias, os brasileiros iriam assistir à penúltima aventura da Chapecoense na Copa Sul-Americana, mas, infelizmente, as câmeras e os microfones perderam bons amigos (GLOBOESPORTE.COM, 2016).

Intercalado com imagens de vídeo de gols da Chapecoense, de jogadores e torcedores do clube catarinense vibrando, de jornalistas do Grupo Globo durante o trabalho, dos destroços do avião da LaMia, além de uma música lenta e instrumental, o acontecimento narrado pelo repórter, que é habituado a cobrir eventos esportivos, é dotado de um estilo mais próximo do poético, numa tentativa de ao mesmo tempo suavizar a dor e emocionar o público.

Mesmo a matéria dando saliência aos oito jornalistas do Grupo Globo mortos na queda do voo – quatro da RBS TV, três da TV Globo e um do GE –, um outro trecho do texto do repórter Eric Faria, que diz “Desta vez, doeu estar perto da notícia, doeu ser a notícia”, fala simbolicamente em nome de toda a imprensa brasileira e busca resumir uma sensação diferente vivida por esses profissionais, a de expor seus sentimentos ao público, ou controlá-los, durante o compromisso de transmitir informações com sobriedade.

E ao avaliar o grau de narratividade nas matérias de três sites noticiosos com maior ênfase dada aos profissionais de imprensa, verificou-se a predominância das estratégias emoção e personalização, com os veículos jornalísticos priorizando falar mais de seus profissionais. Porém, nas matérias coletadas do GE, notou-se a maior presença de textos opinativos e uma possibilidade de relatar as experiências vivenciadas em vários dias de

¹⁰³ Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/sc/futebol/times/chapecoense/noticia/2016/11/imprensa-em-dor-tragedia-no-voo-da-chape-tira-vida-de-20-jornalistas.html>.

cobertura jornalística, o que não foi observado no Foxsports.com.br e no site da RBS TV com a mesma intensidade, pelo menos no recorte temporal proposto para esta pesquisa.

3.2.3 Narrativas em primeira pessoa

Narrar histórias em terceira pessoa, posicionado fora dos fatos narrados e buscando explicitar ponto (s) de vista (s) de modo mais honesto possível, como um intermediário entre o sujeito da notícia e o leitor. É assim que se propõem ou agem a maioria dos jornalistas e grande parte dos veículos de imprensa na construção de textos noticiosos, respeitando princípios como a isenção e a objetividade jornalística, conceito este que é visto como fundamental para o exercício da atividade, pois “serve de orientação e parâmetro não somente para a prática dos jornalistas, como também orienta os seus diversos públicos no consumo diário de notícias” (HENRIQUES, 2018, p.257).

Na lógica jornalística, os profissionais “veem-se, muitas vezes, fadados a narrar o óbvio e/ou o superficial – para serem pragmáticos, claros e objetivos” (RESENDE, 2004, p. 5), e a tomar posicionamentos mais fortes geralmente quando escrevem para colunas e editoriais (RIZZOTTO *et al.*, 2017). Porém, devido ao ineditismo do acidente que causou a morte de 20 jornalistas presentes no voo que levava a delegação da Chapecoense para Colômbia para disputar o primeiro jogo da final da Copa Sul-Americana, observou-se que algumas matérias coletadas para esta pesquisa apresentaram narrativas em primeira¹⁰⁴ pessoa – se não foi por completo, ao menos em alguns trechos das notícias – com os profissionais falando aquilo que testemunharam durante a cobertura jornalística.

A narrativa em primeira pessoa foi mais recorrente no noticiário do GE (ao menos oito matérias de um total de 307), com os jornalistas expressando seus sentimentos, individualmente ou coletivamente. No portal de notícias esportivas, alguns vídeos que compuseram as matérias trouxeram narrativas em primeira pessoa, como na notícia¹⁰⁵ *O dia mais triste: relembre a carreira dos 19 jogadores e do técnico Caio Jr.*, publicada no site em 29 de novembro de 2016. No material audiovisual, o narrador Galvão Bueno leu

¹⁰⁴ O uso do eu em narrativas jornalísticas não é um fato novo. Conforme Fernando Resende (2002), ícones do jornalismo norte-americano como Gay Talese e Tom Wolfe cunharam o termo novo jornalismo, que despontou nos anos de 1960, para identificar textos escritos em primeira pessoa. O conceito valoriza a subjetividade nos relatos, com recursos literários, e a investigação jornalística em profundidade.

¹⁰⁵ Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/sc/futebol/times/chapecoense/noticia/2016/11/o-dia-mais-triste-relembre-carreira-dos-19-jogadores-e-do-tecnico-caio-jr.html>. O mesmo vídeo foi divulgado em outra matéria do GE, também do dia 29 de novembro de 2016, intitulada Imprensa em dor: tragédia no voo da Chape tira vida de 20 jornalistas.

um texto que encerrou o Jornal Nacional, da TV Globo, daquele dia. Ao lado de Heraldo Pereira e Giuliana Morrone, âncoras do telejornal daquela noite, e de dezenas de outros funcionários da emissora, o locutor esportivo disse, em material reproduzido pelo GE:

Todos nós sabemos como o esporte provoca emoção e paixão. Os atletas são e serão sempre os grandes protagonistas de tantas histórias inesquecíveis. São eles, os técnicos, os dirigentes que fazem o espetáculo. Mas quem leva a você a emoção que o futebol provoca são os jornalistas: das TVs, das rádios, dos jornais impressos e da internet. É absolutamente simbólico e muito triste que seja esse acidente a nos lembrar de forma tão explícita, tão doída, essa ligação. Só nos resta, então, uma última homenagem para os jogadores, a comissão técnica, os dirigentes da Chapecoense e para os jornalistas de todos os veículos que nos deixaram hoje tão tragicamente. Todos nós, aqui na redação do Jornal Nacional, de pé, juntos, damos uma salva de palma (JORNAL NACIONAL, 2016).

Logo após a leitura do texto, durante 1 minuto e 20 segundos de aplausos até o encerramento do telejornal o ângulo da câmera mudou para uma visão aérea da redação, mostrando dezenas de pessoas e o telão com imagens das 71 vítimas fatais do acidente. A homenagem ressaltou que os protagonistas do esporte, em especial do futebol, são e serão sempre as “estrelas” do show, mas sem o trabalho jornalístico a informação e as emoções não teriam como chegar ao alcance do público, e ainda salientou à conexão existente entre atletas e profissionais de imprensa.

Sob essa perspectiva que insere o jornalista como ator da notícia, o princípio da objetividade que padroniza os textos perdeu força, não por completo, no momento em que verificou-se relatos em primeira pessoa sobre sensações e impressões acerca do que era vivenciado. O uso do “eu” valorizou a subjetividade, o espaço íntimo dos indivíduos, e revelou a incorporação de estratégias personalistas e emocionais nas narrativas, mas, desta vez, com o protagonismo do profissional de imprensa, como já foi codificado na análise do grau de narratividade em matérias com ênfase em histórias sobre os jornalistas.

Esse cenário pôde ser identificado na matéria *Elo de Chapecó com o mundo: relatos dos jornalistas que cobriram a tragédia*, veiculada em 6 de dezembro de 2016, quando cinco jornalistas do GE relataram as experiências vividas durante a cobertura do acidente, em especial do dia do velório coletivo em Chapecó. Nesta notícia do GE, os textos narrados em primeira pessoa não continham imagens de jornalistas, mas a linguagem visual para reforçar os sentimentos de uma coletividade estava representada em ações de outros personagens, como no abraço e no choro de pai e filho (Figura 12).

Figura 12 – Texto de jornalista narrado em primeira pessoa

Cada lágrima, um abraço acolhedor



Foto: Amanda Kestelman

"Apesar da mesma idade e profissão, eu e Renan não nos conhecemos. Na última semana, soube que ele era um profissional respeitado e querido em Chapecó. Horas depois de ser informado da tragédia, seu pai, Luis Carlos Agnolin, abraçou os amigos jornalistas de seu filho. Eu estava ali do lado e também surpreendida por aquele abraço sofrido cerca de 30 minutos após chegar na Arena Condá pela primeira vez. Aquele gesto deixaria claro que a semana seria dura.

E como foi. Depois do pai do Renan, conheci a filha do massagista Serginho. Vi o abraço desesperado dos familiares do lateral Gimenez, o pranto da esposa do zagueiro William Thiego, vi a revolta do pai do Filipe Machado e me acolhi nos gestos de carinho da mãe do Danilo. O abraço de dona Ilaídes no meu colega, Guido Nunes, foi sentido por mim e pelos mais de 1.000 jornalistas que ali estavam. Obrigada de novo.

A cobertura de um velório coletivo é um daqueles momentos que ninguém está preparado para enfrentar. O telão do estádio mostrou os primeiros caixões saindo dos aviões da força aérea. Com a tela dividida, mostrava também o velório de nossos colegas da Globo no Rio. Foi ali que procurei um canto e chorei um pouco mais intensamente achando que ninguém me via. Mas Mariana me achou.

Mariana era uma psicóloga voluntária. Chapecó tinha tantos voluntários, tanta gente solidária. Ficamos juntas alguns minutos, e eu parei de chorar. Consegui ir até o fim. Mariana e o povo de Chapecó não sabem, mas nós deram força para continuarmos.

Antes de deixar a Arena Condá, cruzei novamente com Luis Carlos Agnolin. Foi a minha vez de ir até ele. Me aliviou poder retribuir aquele primeiro abraço.

Nunca havia me deparado com o sofrimento em tão larga escala. Isso aumenta nosso senso de humanidade, respeito e solidariedade. Assim como meu novo amigo Carlinhos, o índiozinho mascote, saio daqui sentindo a Chape dentro de mim. Ao fim dessa jornada triste, um dos funcionários do clube que nos ajudaram me disse: "Você volta, vai cobrir a festa do nosso título catarinense". Estamos na torcida." – **Amanda Kestelman, repórter do Rio de Janeiro**

No primeiro subtítulo desta matéria, *Cada lágrima, um abraço acolhedor*, conforme destacado na Figura 12, a repórter Amanda Kestelman admitiu em seu texto que, em determinado momento do velório coletivo em Chapecó, chorou “escondido”, mas, em vão, porque logo foi descoberta e consolada por uma psicóloga voluntária. A jornalista ainda revelou ter retribuído com um abraço o carinho que recebeu de Luis Carlos Agnolin, pai de Renan Agnolin, repórter da Rádio Oeste Capital e jornalista da RIC TV, afiliada da TV Record em Chapecó – um dos 20 jornalistas mortos em Medellín.

Aqui o jornalista, como um dos protagonistas do ato, quando reposiciona-se nas narrativas, ao fazer uso do pronome eu, “cria possibilidades de articular-se no tecido da vida (...) e não faz sua a voz do outro e nem se propõe, tão somente, a parafrasear suas fontes” (RESENDE, 2004, p. 12). Ele substitui o narrador distanciado e onisciente, aquele que supostamente sabe mais do que qualquer personagem da história, por “uma voz diretamente envolvida naquilo que narra” (LEITE, 2006, p. 73).

Na narrativa escrita por Amanda Kestelman, a fotografia, também de autoria da repórter do GE, não trouxe a representação de nenhum profissional de imprensa durante a cobertura dos fatos, como poderia sugerir a narrativa, e sim do mascote Carlinhos, o indiozinho da Chapecoense – outro personagem das histórias –, chorando e consolando o pai em um dia de homenagens na Arena Condá. Esta mesma imagem, porém, harmonizou-se com o subtítulo “Cada lágrima, um abraço acolhedor”, realçando assim que, na cidade catarinense, as sensações negativas são respondidas prontamente com um circuito de afetos dos habitantes de Chapecó, fato registrado na referida notícia e, conseqüentemente, reforçado pelo enquadramento dado aos gestos solidários.

Nos outros dois sites noticiosos que servem como corpus de análise desta pesquisa, também verificou-se casos em que a narrativa em primeira pessoa (intercalada com a narrativa em terceira pessoa) foi empregada, sendo esta estratégia de comunicação mais recorrente quando materiais audiovisuais foram anexados às notícias. Em algumas delas, o vídeo estava localizado logo abaixo da linha fina, como na matéria¹⁰⁶ *Profissionais da RBS mortos em acidente recebem homenagem*, publicada em 29 de novembro de 2016, conforme destacado na Figura 13.

No vídeo, o texto que abre a matéria logo diz: “Na contramão do que fazemos todos os dias, hoje a vontade era de não levar a história ao ar”. Na breve frase denota-se

¹⁰⁶ Disponível em: <http://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2016/11/profissionais-da-rbs-mortos-em-acidente-recebem-homenagem.html>. Na imagem congelada, em primeiro plano, o cinegrafista Djalma Neto, que trabalhava na RBS TV desde 2003.

que a obrigação profissional precisava superar quaisquer tipos de sentimentos mais aflorados, não sobre o resultado de um jogo, a perda de um título de campeonato, mas acerca da perda de vidas de pessoas de um convívio muito próximo. Em contrapartida, o exercício da atividade jornalístico neste caso propiciou realizar uma espécie de tributo aos jornalistas do Grupo RBS, quando a narrativa aparentemente planejada, e intercalada por trechos em primeira e terceira pessoa, descreveu a carreira profissional e as curiosidades de cada um dos jornalistas da RBS TV.

Figura 13 – Narrativa em primeira pessoa exibida em vídeo

☰ MENU
G1
SANTA CATARINA
rbs tv

29/11/2016 21h22 - Atualizado em 29/11/2016 21h22

Profissionais da RBS mortos em acidente recebem homenagem

71 corpos foram resgatados; 6 sobreviveram no acidente na Colômbia. Avião decolou de Santa Cruz de la Sierra (Bolívia) com destino a Medellín.

Do G1 SC

f FACEBOOK
t
g+
p



A RBS TV fez uma homenagem aos cinco profissionais que estavam no avião **que levava a delegação da Chapecoense para a Colômbia** e que caiu na madrugada desta terça (29), como mostrou o RBS Notícias. (Veja vídeo)

Fonte: site da RBS TV, 29 de novembro de 2016

Estratégia semelhante ocorreu em outra matéria¹⁰⁷ do site da RBS TV, publicada em 3 de dezembro de 2016, com o título *Três profissionais da RBS são sepultados na Grande Florianópolis*, conforme demonstrado na Figura 14.

Figura 14 – Narrativa em primeira pessoa exibida em vídeo

03/12/2016 14h34 - Atualizado em 03/12/2016 20h27

Três profissionais da RBS são sepultados na Grande Florianópolis

André Podiacki e Djalma Araújo foram velados no cemitério do Itacorubi. Velório do técnico de externas Bruno Mauri da Silva ocorreu em Palhoça.

Do G1 SC

FACEBOOK

BRUNA BERNARDES
colega de trabalho

Três dos cinco profissionais da RBS mortos na queda do avião da Chapecoense na Colômbia foram velados e sepultados na Grande Florianópolis neste sábado (3).

O velório do técnico de externas Bruno Mauri da Silva ocorre no Campo do Avante, bairro Pacheco, em Palhoça. O enterro foi no Cemitério Bom Jesus de Nazaré, no bairro Passa Vinte.

O repórter do Diário Catarinense André Podiacki e o cinegrafista da RBS TV Djalma Araújo foram velados no cemitério do Itacorubi, em Florianópolis. O enterro de Podiacki foi no Cemitério do Itacorubi e de Djalma no Cemitério Municipal de Canajurê.

Fonte: site da RBS TV, 3 de dezembro de 2016

¹⁰⁷ Disponível em: <http://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2016/12/tres-profissionais-da-rbs-sao-velados-na-grande-florianopolis.html>.

O texto escrito foi analisado aqui como informativo, sóbrio, com cinco parágrafos curtos – sem declarações de fontes e com três fotografias de amigos e familiares durante as cerimônias de despedida – e narrado em terceira pessoa. Já o vídeo, com duração de 4 minutos e 6 segundos e anexado abaixo da linha fina apresentou trechos narrados em primeira pessoa que revelaram a dificuldade de contar histórias sobre a perda de colegas de profissão do Grupo RBS, como no início do material audiovisual, quando enfatizou-se que o dever profissional precisava se sobrepor naquela circunstância, ao ser dito que: “A gente recebeu a missão mais difícil que uma equipe de telejornalismo pode ter que cumprir: contar como foi o velório e o sepultamento dos companheiros que morreram trabalhando. Acredite, você não iria querer passar por isso. Mas esse é o nosso dever”.

No mesmo vídeo, parentes, amigos e colegas de profissão são entrevistados durante os velórios e sepultamentos, entre eles Bruna Bernardes (na imagem “congelada”, da Figura 14), repórter de esportes do Diário Catarinense e amiga particular de André Podiacki, um dos 20 jornalistas que morreram no acidente aéreo. E o desfecho da matéria assume novamente uma narratividade de emoção e ornamentação estilística, emoldurando um circuito de afetos, como no trecho que finaliza a cobertura do velório de três profissionais da RBS TV: “De vocês, nossos colegas, nossos amigos, o que vai ficar agora é uma saudade que não tem tamanho, uma lembrança que não tem como apagar, um vazio que está difícil de preencher. Mas a vida seguiu seu curso, um dia a gente se vê”.

Se no site da RBS TV foram codificadas, de um total de 89 notícias, ao menos quatro matérias com a presença de narrativas em primeira pessoa, o personagem-narrador, no Foxsports.com.br, de um total de 93 matérias, em apenas duas foram identificadas esta estratégia de comunicação. Em ambas, são salientadas as homenagens prestadas pelo canal de TV Fox Sports aos seus profissionais mortos no acidente aéreo, em vídeos exibidos durante a programação televisiva.

As matérias foram as seguintes: *Fox Sports presta homenagem ao inesquecível narrador e amigo Deva Pascovicci* (30/11/2016); e *Fox Sports presta homenagem às vítimas do acidente em ato ecumênico* (5/12//2016). Nesta última notícia, alguns trechos ressaltaram o luto pela morte dos colegas de trabalho, tais como: “Ainda dói, os dias ainda são de luto, de abraços, de comoção” e “Aqui estamos nós trabalhando por eles para que sigam lembrados e para que sejam devidamente homenageados e para que de alguma forma permaneçam por perto, porque a ausência nunca vai deixar de doer”.

Nesta análise verificou-se que em todas as matérias identificadas com narrativas em primeira pessoa, seja em todo o texto ou em alguns trechos dele, o componente

enquadrado pertencia ao campo afetivo ou a uma visão do jornalista acerca dos acontecimentos, com um grau de narratividade que privilegiou, nestas situações mais do que em outras, a dramatização (com histórias contadas em ordem sequencial) e a ornamentação estilística (a partir do uso de um estilo próximo ao literário), para abordar, em formatos que fogem um pouco ao padrão da construção do texto jornalístico, as reflexões dos jornalistas sobre a imprensa, a vida particular, o companheirismo nas redações e as experiências vivenciadas no velório e sepultamento dos colegas de profissão e de demais vítimas do acidente aéreo ocorrido em Medellín – como foi emoldurado, por exemplo, na matéria em destaque na Figura 15.

Figura 15 – Relatos de jornalistas que cobriram a tragédia aérea em Medellín

The image shows a screenshot of a news article from the website GloboEsporte.com. The header is green with the 'ge' logo and the word 'CHAPECOENSE' in white. Below the header, the article title is 'Elo de Chapecó com o mundo: relatos dos jornalistas que cobriram a tragédia'. The sub-headline reads: 'Equipe do GloboEsporte.com chega no município do Oeste de Santa Catarina no dia da queda do avião; em meio às matérias ao longo dos dias, dor, comoção e lágrimas'. There are social media sharing buttons for Facebook, Twitter, Google+, and Pinterest. The main text begins with: 'Nesta terça-feira, o trágico acidente aéreo com o time da Chapecoense completa uma semana. Para jornalistas envolvidos na cobertura in loco do caso na pequena e acolhedora Chapecó parece bem mais. Os dias foram mais longos. A missão era informar; e enxugar lágrimas. No maior acidente aéreo do mundo do esporte, uma cobertura inédita para todos os envolvidos.' The text continues with details about the journalists' arrival in Chapecó and their interactions with the families of the victims.

Fonte: Globoesporte.com, 29 de novembro de 2016

Logo no lide da matéria *Elo de Chapecó com o mundo: relatos dos jornalistas que cobriram a tragédia*, o trecho “A missão era informar; e enxugar lágrimas. No maior acidente aéreo do mundo do esporte, uma cobertura inédita para todos os envolvidos” já reforçava a experiência inusitada vivenciada pela classe jornalística, antes de a matéria apresentar os relatos de cada um dos cinco jornalistas do GE. Porém, como a essência do enquadramento é a ampliação ou redução do tamanho da realidade retratada, o que a torna mais ou menos saliente (ENTMAN, 1991), alguns temas não foram abordados – ou praticamente silenciados – pelos jornalistas, nas narrativas em primeira pessoa, como a discussão sobre as prováveis causas do acidente aéreo.

Acredita-se aqui que, em parte, por questões de ética jornalística, não foram feitos julgamentos acerca do tema por não haver até aquele momento uma investigação consolidada que apontasse os culpados pela queda do voo. Também entende-se haver o respeito ao momento de luto para tentar assimilar o impacto de tal acontecimento e assim não tecer opiniões sobre tal fato, além do interesse dos veículos de comunicação, principalmente o GE, de apresentar os relatos de seus profissionais por outro viés, o emotivo, com homenagens aos colegas de trabalho – principalmente com cada organização midiática realçando mais a morte de seus funcionários.

A partir de todo o material coletado para esta pesquisa, e não somente nos registros de notícias com narrativas em primeira pessoa, também observou-se que ao mesmo tempo em que o acidente aéreo na Colômbia foi enfatizado, em algumas oportunidades (como destacado na Figura 15), como o “maior acidente aéreo do mundo do esporte¹⁰⁸” – o que não é correto afirmar, pois este é o maior desastre aéreo da história do futebol mundial quando contabiliza-se o número de vítimas fatais, e não de todo o universo esportivo –, o noticiário do GE, do Foxsports.com.br e do sites da RBS TV, dentro do recorte temporal estipulado para este trabalho, não mencionou que a queda do voo da LaMia também tornou-se o episódio com o maior número de jornalistas brasileiros mortos da história (20 vítimas), superando, em números quantitativos, as 14 mortes de profissionais de televisão

¹⁰⁸ Das 71 vítimas fatais da queda do voo da LaMia, em novembro de 2016, na Colômbia, 42 eram da delegação da Chapecoense: 19 jogadores, 14 membros da comissão técnica e 9 dirigentes. O maior acidente aéreo do universo esportivo aconteceu em 14 de novembro de 1970, quando, devido a um forte nevoeiro, uma aeronave da companhia Southern Airways explodiu após tentar pousar e acabar colidindo no solo, causando a morte de 75 pessoas nos Estados Unidos, entre eles 45 integrantes da delegação do time de futebol americano da Universidade de Marshall que voltavam para casa após uma partida na Carolina do Norte. Morreram no acidente todos os 37 atletas/estudantes, 8 membros da delegação, 25 torcedores e 5 tripulantes. Disponível em: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2016/11/relembre-acidentes-aereos-com-times-de-futebol-e-atletas.html>. Acesso em: 11 dez. 2019.

causadas pela explosão¹⁰⁹ de uma aeronave que se chocou com um morro nas proximidades de Macaé, no Rio de Janeiro, em 28 de junho de 1984. Naquela data, equipes de reportagem de quatro emissoras viajaram a convite da Petrobras para a cobertura noticiosa sobre as atividades da companhia estatal.

O silenciamento, dentro da análise de 489 matérias coletadas, sobre o fato de a queda do voo da LaMia ser o maior acidente aéreo envolvendo jornalistas brasileiros da história contrasta com a eloquência dada pela mídia – ou no mínimo ressaltada pelos três sites jornalísticos que servem como corpus de análise desta pesquisa – ao se falar do maior desastre da aviação do mundo quando refere-se a delegações esportivas. Aqui não reivindicam-se ampla proeminência à morte dos 20 profissionais de imprensa, pois até entende-se que os mesmos eram ocupantes do voo que tinham o objetivo de cobrir *in loco*, com todos os detalhes possíveis, a primeira partida da final da Copa Sul-Americana. Ou seja, eles iriam contar histórias sobre os protagonistas: os jogadores da Chapecoense. No entanto, o acontecimento disruptivo do dia 29 de novembro de 2016 reposiciona a classe jornalística como personagem, e não um simples narrador, deste enredo trágico.

Mesmo, como confirma-se aqui, que a linha dominante da história seja, de fato, a morte dos atletas e as consequências para a Chapecoense – e que dois dos três sites noticiosos (Foxsports.com.br e Globoesporte.com) atendem ao segmento esportivo e priorizam diariamente o que interfere na vida dos clubes –, não há como dissociar por completo os jornalistas das notícias, sem sequer ao menos mencionar em alguma parte das narrativas, em primeira e/ou terceira pessoa, que tal episódio representou o maior acidente aéreo envolvendo jornalistas brasileiros mortos da história.

Ao buscar responder como a figura do jornalista é emoldurada nas cenas contadas por três veículos jornalísticos durante um período de 13 dias, atestou-se que, embora houvesse um possível desconhecimento sobre a informação, uma rápida pesquisa seria capaz de preencher esta lacuna, tanto em imagens quanto em palavras, e, consequentemente valorizaria o que mais foi salientado nas matérias coletadas: as emoções dos personagens.

¹⁰⁹ O acidente com um Bandeirante da TAM matou 18 pessoas no dia 28 de junho de 1984. Entre os ocupantes do voo estavam 14 profissionais de televisão de quatro emissoras – Globo, Bandeirantes, Manchete e TV Educativa (hoje TV Brasil) –, dois tripulantes e dois funcionários da Petrobras, empresa que fretou a aeronave. No dia seguinte, um jornalista e um cinegrafista da TV Globo morreram em um acidente automobilístico quando retornavam, em um Chevrolet Veraneio, ao Rio de Janeiro após fazer uma reportagem sobre a queda do voo nas proximidades de Macaé (RJ). Disponível em: <https://tvhistoria.com.br/a-reportagem-que-virou-tragedia-aviao-com-equipe-da-globo-explodiu-em-1984-confira-video/>. Acesso em 9 mar. 2020.

3.2.4 O abraço de dona Ilaídes em todos os jornalistas

Habitados a contarem histórias de diversos personagens, a falarem dos outros, os jornalistas tornaram-se nominalmente e, do modo mais indesejável, parte da notícia após a divulgação e repercussão da morte de 20 profissionais de imprensa na queda do voo da LaMia. Muitos daqueles que perderam a vida no acidente aéreo na Colômbia transformaram-se em sujeitos de narrativas, enquanto outros que trabalharam ao longo desta cobertura jornalística, que são rotulados e também se autodefinem como mediadores de uma realidade noticiada, em algum momento falaram ao público sobre um outro ser bem próximo, o seu colega de profissão, e também disseram sobre si mesmos, sobre a classe profissional. Com maior ou menor proeminência, os jornalistas passaram a ser atores de narrativas acerca do acidente e de seus desdobramentos.

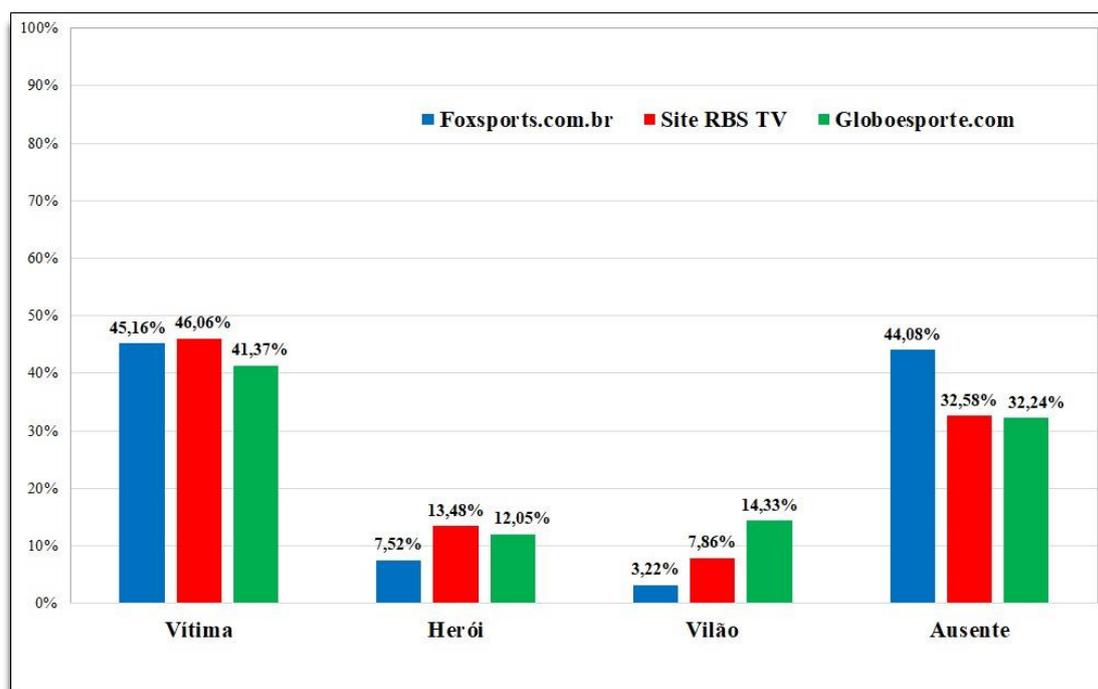
No entanto, como sujeitos presentes nas notícias produzidas por eles mesmos e por colegas de profissão, os jornalistas foram associados a quais papéis na análise narrativa? Para buscar responder a essa pergunta, primeiramente os papéis de todos os personagens das notícias coletadas foram codificados e classificados como vítima, herói e vilão, desde que cumprissem função preponderante nas narrativas, para averiguar a relevância dada aos profissionais de imprensa e aos demais sujeitos nas histórias. E o personagem representado nos acontecimentos narrados nos sites da RBS TV, do GE e do Foxsports.com.br foi definido como individual, coletivo ou institucional.

Nesta pesquisa, o papel de vítima é configurado quando uma pessoa, classe de cidadãos ou instituição é prejudicada (ferida, morta, mesmo sem intencionalidade), ou quando um sujeito sofre agressão verbal, ou quando precisa ser amparado por outros indivíduos ou age defensivamente por ser imputado como culpado de alguma ação. O vilão é aqui classificado por ser responsável por problemas específicos, prejuízos ou danos em relação a outros. Já o herói é qualquer pessoa, grupo ou instituição que seja admirado por seu sucesso, seus resultados alcançados ou qualidades nobres, e também aparece ao agir em defesa de uma vítima ou quando tem embates contra o vilão.

Em cada unidade de análise um sujeito poderia ser identificado em mais de um papel – como um jornalista ser apontado como vítima e vilão simultaneamente em um mesmo texto – ou poderia haver dois ou mais personagens diferentes tipificados na mesma matéria de maneiras distintas, como, por exemplo, o piloto da LaMia codificado como vilão e a instituição Chapecoense identificada na condição de vítima. Em ambos os casos, configuram-se coocorrências de atribuição de papéis em determinada narrativa.

Das 489 matérias analisadas nos três veículos jornalísticos sobre o noticiário do acidente aéreo no período de 13 dias, 320 notícias¹¹⁰ (65,43%) associavam papéis aos sujeitos. Ou seja, em 169 matérias (34,56%) não foram codificados nenhum dos três personagens narrativos elencados. Pela média dos três sites jornalísticos, verificou-se, nesta ordem, a predominância dos seguintes papéis: vítimas, em 210 notícias (42,94%); heróis, em 56 casos (11,45%); e vilões, em 54 unidades de análise (11,04%).

Gráfico 5 – Atribuição de papéis na narrativa do acidente aéreo



A figura do jornalista aparece como personagem preponderante em 46 ocasiões¹¹¹ nas matérias dos três sites jornalísticos (9,40% do total de notícias). Por 45 vezes, seu papel está associado ao de vítima e apenas uma vez ao de vilão. Não houve registro de casos em que foi classificado como herói. Apesar de serem elogiados pela conduta profissional por colegas de trabalho e fontes jornalísticas, como treinadores e atletas, os jornalistas não reuniram nas histórias atributos suficientes que os levassem a protagonizar ações denominadas como extraordinárias ou que solucionassem conflitos, e nem foi verificado na análise uma projeção para assumir tal missão.

¹¹⁰ Em 320 notícias foram codificados papéis associados aos personagens: 208 matérias do GE; 60 do site da RBS TV; e 52 no Foxsports.com.br.

¹¹¹ Das 46 vezes em que o jornalista foi codificado como personagem das histórias, 18 foram registradas no GE, 15 no site da RBS TV e 13 no Foxsports.com.br.

Apenas em uma situação, em matéria publicada no GE no dia 4 de dezembro de 2016, o jornalista foi considerado vilão. Intitulado “*Nós não somos abutres*”: a difícil missão de cobrir velório de amigos, o texto¹¹² assinado pela repórter Sofia Miranda, do Globoesporte.com, relatou sentimentos e reflexões da profissional ao acompanhar a despedida de colegas de trabalho da TV Globo. Narrado em grande parte na primeira pessoa, em formato de diário, os acontecimentos vivenciados por ela em duas datas específicas descreveram como a rotina jornalística foi alterada bruscamente pela morte de amigos de profissão.

Na matéria, ao relatar o momento em que carros de funerária chegaram a General Severiano, sede do Botafogo, no Rio de Janeiro, onde aconteceu o velório dos jornalistas Guilherme Marques e Guilherme Van Der Laars, da TV Globo, a repórter ouviu de uma pedestre que passava próximo ao local o grito de “bando de abutres”, justamente quando Sofia Miranda e outros jornalistas se preparavam para registrar imagens.

A metáfora pejorativa para classificar o papel dos jornalistas naquela ação, codificado nessa narrativa como vilão, foi a única registrada em todo o corpus de análise referente à classe jornalística. Ao relatar a acusação de uma mulher anônima, a repórter, que no decorrer do texto já se dizia inconsolável pela morte de amigos e companheiros de trabalho, negou qualquer tipo de sensacionalismo na conduta dos profissionais de imprensa presentes ao local, conforme está destacado na Figura 16.

Figura 16 – Vilão e vítima na mesma narrativa

A missão de registrar uma foto tornou-se dilacerante quando uma mulher, pedestre, passava no exato momento e gritou para nós, jornalistas:

- Bando de abutres!

Não, nós não somos abutres. Sei que é difícil entender o trabalho do jornalista e sua relação com o que é notícia, e que muitas situações desse mundo louco corroboram para que enxerguem apenas o que é ruim e mesquinho, mas aquele momento era de tristeza geral. Geral mesmo. Eu garanto que ninguém gostaria de estar cobrindo aquilo. Precisávamos. Devíamos respeito e tratamento igual aos nosso colegas, assim como foi dado a todas as vítimas.

Fonte: Globoesporte.com, 4 de dezembro de 2016

¹¹² Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/sc/futebol/times/chapecoense/noticia/2016/12/nos-nao-somos-abutres-dificil-missao-de-cobrir-velorio-de-amigos.html>.

Além de ser identificado como vítima na matéria supracitada, o jornalista foi descrito com esse papel narrativo quando houve referência aos 20 integrantes da imprensa mortos no acidente que tiveram seus planos de vida pessoal e profissional ceifados – em menções feitas individualmente ou em grupo – e quando foram registradas matérias sobre o narrador Rafael Henzel, único jornalista sobrevivente, que na ocasião teve sete costelas quebradas e uma lesão no pé direito, ficando 20 dias internado, metade deles na Unidade de Terapia Intensiva (UTI). Em outras situações, técnicos e clubes brasileiros em postagens em seus perfis nas redes sociais digitais falaram sobre os jornalistas mortos em Medellín, mesmo quando outros personagens eram realçados nas matérias.

No entanto, a cena em que o jornalista assumiu de fato, e espontaneamente, o papel de vítima nas narrativas foi registrada em 2 de dezembro de 2016, um dia antes do velório coletivo em Chapecó, quando o repórter Guido Nunes, do canal de TV por assinatura SporTV (do Grupo Globo), conversou ao vivo com dona Ilaídes Padilha, mãe do goleiro Danilo, durante o programa Seleção SporTV, diretamente do gramado do estádio da Chapecoense. Após quatro minutos de entrevista, ao falar da espera para rever o filho e das 12 horas de angústia até a confirmação da morte do jogador, e responder quatro perguntas, dona Ilaídes, com naturalidade, questionou o jornalista:

“Agora posso fazer uma pergunta?”. Guido Nunes responde baixinho: “Pode”. E dona Ilaídes então prossegue olhando diretamente para o jornalista: “Como vocês da imprensa estão se sentindo, perdendo tantos amigos queridos lá? Você pode responder?” O repórter balança a cabeça negativamente e, com a voz embargada, diz não. E a mãe de Danilo pede: “Não, né! Posso te dar um abraço em nome da imprensa?” E ela continua serena e abraça o repórter. Por menos de 15 segundos, a imagem mostra dona Ilaídes consolando e falando ao pé do ouvido do repórter. Ciente de que o jornalista não teria condições de prosseguir a entrevista, o âncora do programa Seleção SporTV, Marcelo Barreto, pede para retornar as imagens para o estúdio. Posteriormente, são mostradas imagens dos dois ainda no gramado, sem o áudio do local e com dona Ilaídes enxugando, com as próprias mãos, as lágrimas que corriam pelo rosto do repórter (Figura 17).

No material coletado para esta pesquisa, o vídeo foi disponibilizado no GE para exibição em quatro notícias, e a história rendeu assunto para pelo menos seis matérias. Para efeitos de atribuição de papéis na análise narrativa, o episódio expôs a vulnerabilidade emocional da classe jornalística, na condição de vítima, enquanto tentava controlar os sentimentos para cumprir os deveres profissionais. E dona Ilaídes, mesmo não intencionalmente, assumiu a personagem de heroína, e palavras como guerreira e

gigante ditas e escritas no noticiário do GE descreveram a mãe de Danilo, que conviveu com informações desencontradas vindas da Colômbia sobre o estado de saúde do filho, ora declarado morto ora incluído na lista de sobreviventes antes da confirmação do óbito.

Figura 17 – Dona Ilaídes, mãe do goleiro Danilo, consola o repórter Guido Nunes



Fonte: SporTV, imagem extraída de vídeo disponibilizado no portal Globoesporte.com

Nas matérias coletadas do GE, Foxsports.com.br e do site da RBS TV, não foram identificadas declarações de Guido Nunes a respeito do gesto da mãe do goleiro Danilo. No livro-reportagem de Alan Alexandrino “Aos que contaram as histórias: A imprensa na maior tragédia do jornalismo brasileiro”, o repórter disse que o abraço foi um gesto simbólico para todos os jornalistas e, de modo espontâneo, representou o carinho aos profissionais de imprensa. Ele explicou ainda que teve menos de 15 segundos para se apresentar para dona Ilaídes antes da entrevista e descreveu a cena: “Ali não foi um abraço no Guido, foi um abraço em toda classe da imprensa. Porque a gente também perdeu colegas. Eu acho que foi essa grandeza dela, de saber que a gente também estava sofrendo. Ali não tem como você dividir. Era uma coisa só” (ALEXANDRINO, 2018, n.p.). Na matéria intitulada “*Nós não somos abutres*”: a difícil missão de cobrir velório de amigos (04/12/2016), a repórter do GE Sofia Miranda ratifica a afirmação de Guido ao dizer em um trecho do texto: “Não foi só o Guido que se sentiu acolhido. Fomos todos nós”.

Também verificou-se que das 45 ocorrências em que o jornalista é codificado como vítima nas narrativas (17 no GE, 15 no site da RBS TV e 13 no Foxsports.com.br),

em apenas quatro delas (8,88% do total de 45 registros) os três sites noticiosos analisados nesta pesquisa fazem referência nominal a jornalistas de uma outra empresa, relatando a história de vida pessoal e/ou profissional dos mesmos, o que indica uma dificuldade, ou até um possível desinteresse, da imprensa brasileira, de um modo geral, de falar sobre o profissional de outra organização jornalística. O choro do repórter Guido Nunes ao entrevistar dona Ilaídes, por exemplo, não foi sequer mencionado nas notícias coletadas do Foxsports.com.br e do site da RBS TV.

Entretanto, há também casos excepcionais, como o que foi registrado no dia 1º de dezembro de 2016, quando o Foxsports.com.br publicou a matéria *Jornalistas da TV Globo mortos em acidente darão nomes a cabines do Engenhão*, em que dois profissionais de um grupo de mídia concorrente do canal de TV Fox Sports são citados já no título da notícia. Mesmo que, no corpo do texto, possa ser salientado mais a iniciativa do Botafogo – responsável pelo estádio Engenhão –, deu-se destaque, mesmo em um matéria curta, aos jornalistas de uma outra organização midiática.

Com texto extenso e um maior número de imagens do personagem da narrativa, o Globoesporte.com – que integra o Grupo Globo – noticiou¹¹³, *Mário Sérgio: um craque de visão fora do comum capaz de inspirar até R10*, no dia 29 de novembro de 2016. O ex-jogador e técnico de futebol, Mário Sérgio era naquela ocasião comentarista dos canais Fox Sports, já tendo trabalhado no canal de televisão por assinatura SporTV, outro produto jornalístico do Grupo Globo.

Sobre a ausência da figura do jornalista como herói, explica-se por um outro lado pelo fato de raramente haver o conflito como ponto central das histórias, o que pudesse enaltecer um possível heroísmo da imprensa no enfrentamento aos “vilões das narrativas”, como, por exemplo, a produção de material jornalístico que indicasse os culpados pelo acidente – possivelmente o piloto da LaMia, Miguel Quiroga (morto no acidente), e a companhia aérea –, já que na época, que abrange o recorte temporal desta pesquisa, a falta de combustível era apontada nas investigações preliminares das autoridades competentes como provável causa da queda do voo. Outro argumento possível é o descrédito da própria sociedade quanto ao jornalismo como ferramenta social de combate às injustiças que pudesse fazer do jornalista um dos profissionais mais admirados pelos cidadãos.

¹¹³ Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/futebol/noticia/2016/11/mario-sergio-um-craque-de-visao-fora-do-comum-capaz-de-inspirar-ate-r10.html>.

Como ressalta Adghirni (2005, p.46), “a imagem do jornalista foi historicamente construída calcada sobre os ideais nobres da democracia, da justiça e da liberdade. Mas a realidade do século XXI é outra. Nem herói nem vilão, os jornalistas, como os guerrilheiros, estão apenas cansados”. Cansados porque se veem hoje pressionados pelo mercado em condições de trabalho cada vez mais precárias e responsabilidades sociais mais rígidas, vivem uma crise de identidade profissional, e estão mais preocupados com a estabilidade profissional e as novas tecnologias de produção e distribuição das notícias (LELO, 2019; PEREIRA; ADGHIRNI, 2011), como descrito em alguns partes do Capítulo 1 desta dissertação. Assim, a imagem romantizada de revolucionário, de derrubador de políticos corruptos e de super-herói, que rodeava o imaginário coletivo sobretudo no século XX, apresenta-se há algum tempo descolada da realidade atual.

3.2.5 A principal vítima é a Chapecoense

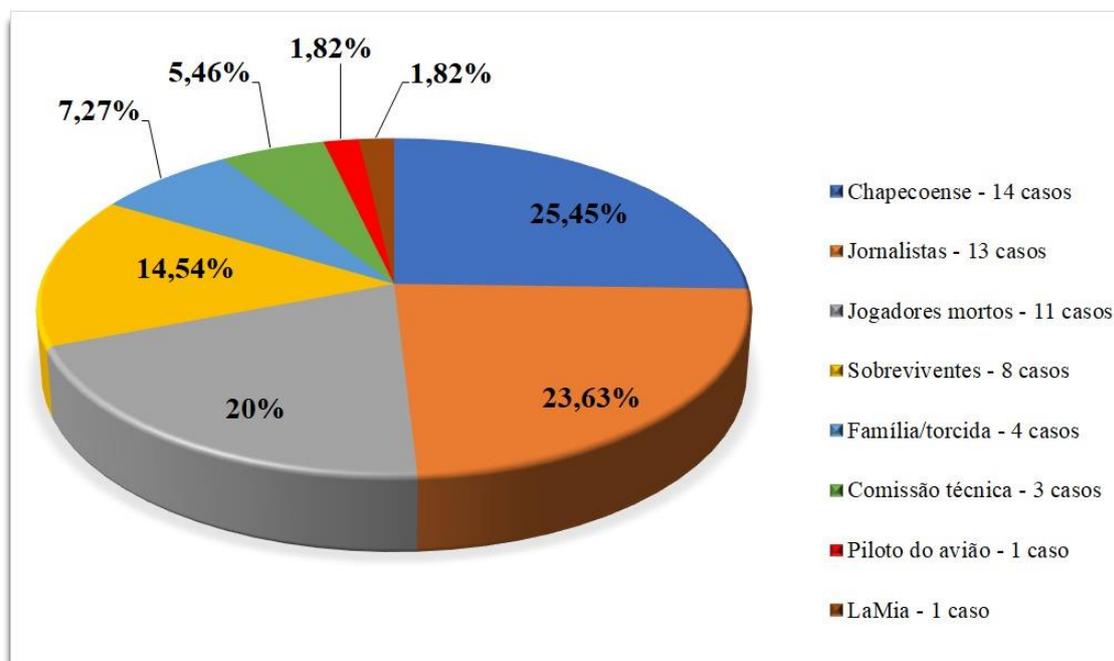
Jogadores, dirigentes, comissão técnica, jornalistas, convidados e tripulantes. Essas foram as vítimas fatais do acidente aéreo que matou 71 pessoas em Medellín. Outros personagens de histórias narradas pela imprensa, como os seis sobreviventes e os familiares dos vitimados, por se sentirem desamparados após as perdas de entes queridos, também engrossam a lista de vítimas. Porém, quem aparece com a maior vítima não é uma figura individual ou coletiva, e sim institucional: a Associação Chapecoense de Futebol (ACF), como confirma-se na análise narrativa em que estão elencados os personagens, e os seus papéis desempenhados, das notícias veiculadas e coletadas no site da RBS TV, no Foxsports.com.br e no GE para a presente pesquisa.

Ao identificar 260 referências a papéis narrativos no material coletado dos três sites jornalísticos, verificou-se que a Chapecoense é quem aparece mais vezes como vítima, com 54 ocorrências (20,77% desse total). Na sequência, em 53 casos (20,38%), estão os sobreviventes¹¹⁴, que aparecem com maior frequência principalmente no noticiário após o velório coletivo, ocorrido em 3 de dezembro de 2016. Com 45 ocorrências ou 17,30%, aparecem os jornalistas em terceiro lugar.

¹¹⁴ O jornalista Rafael Henzel, o único integrante da imprensa que sobreviveu à queda do voo, ao ser destacado nas narrativas com o papel de vítima é contabilizado para esta pesquisa tanto na categoria jornalistas quanto no grupo de sobreviventes, pois entende-se que não há como dissociar nesta situação a ocupacional profissional (existente antes do acidente aéreo) da figura de um dos seis sobreviventes, pois o locutor esportivo também passou a ser reconhecido deste modo após o acidente aéreo.

Ao analisar separadamente cada veículo noticioso, a Chapecoense é a principal vítima no Foxsports.com.br (25,45%) e no GE (23,91%). O clube não está no topo da lista apenas no levantamento referente ao site da RBS TV, pois os familiares das vítimas aparecem à frente, em 28,36% das notícias.

Gráfico 6 – As vítimas nas narrativas do Foxsports.com.br



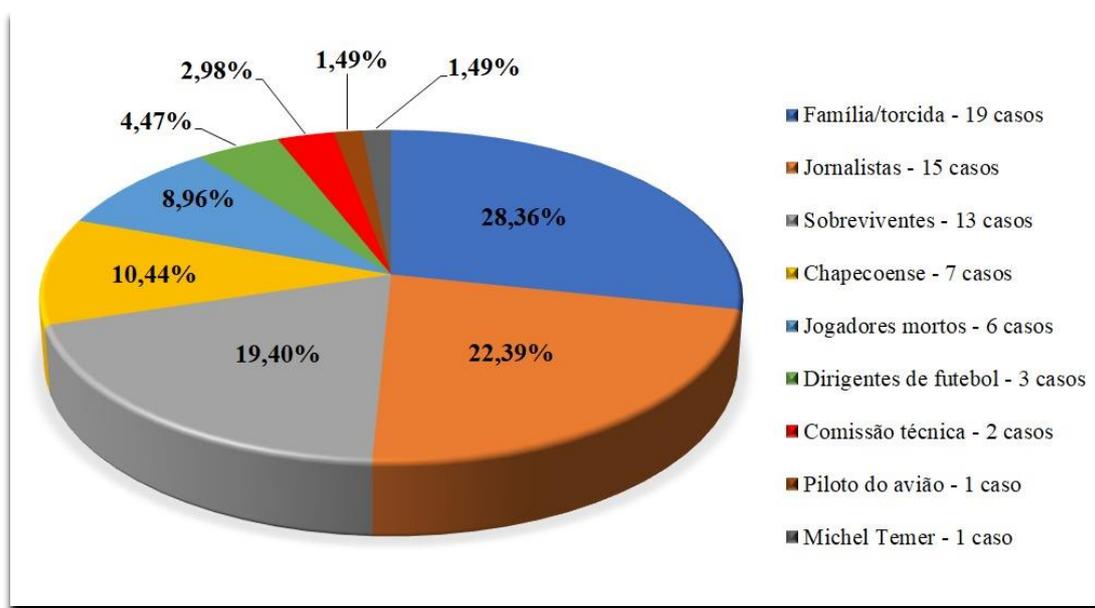
No Foxsports.com.br, a Chapecoense configura-se como vítima na condição de desamparado, daquele que terá apoio espontâneo de clubes brasileiros e estrangeiros, que se propõem a ceder jogadores para a montagem da equipe catarinense – como destaca a matéria do dia 11 de dezembro de 2016, *Pensando em reforços, diretor de futebol da Chapecoense pede ajuda aos clubes* –, e ainda ajuda de profissionais até de fora do País, como ressalta a matéria *Técnico tricampeão colombiano se oferece para treinar de graça a Chapecoense*, do dia 2 de dezembro de 2016.

Ainda sobre a temática da reconstrução, o site ressaltou os convites oferecidos à agremiação para disputar torneios na Espanha e Itália para angariar recursos financeiros, como assinala a notícia *Barcelona oferece ajuda e convida a Chapecoense para torneio amistoso em 2017* (08/12/2016).

De 55 ocorrências do papel de vítima nas narrativas do Foxsports.com.br, 14 são da Chapecoense (25,45%), conforme mostra o Gráfico 6, seguido por jornalistas, com 13 casos (23,63%) – principalmente de funcionários da própria organização jornalística –, e

por jogadores mortos, com 11 ocorrências (20%). Por tratar-se de um site de notícias de esportes, já haveria uma tendência que as histórias valorizassem mais os jogadores e a própria Chapecoense – personagens que rotineiramente fazem parte do noticiário deste veículo jornalístico.

Gráfico 7 – As vítimas nas narrativas do site da RBS TV



Já no site da RBS TV, a categoria família/torcida, que também abarca os amigos dos vitimados, prevalece no papel de vítima das narrativas, com 19 ocorrências (28,36%), conforme indica o Gráfico 7. Novamente os jornalistas aparecem em segundo lugar em uma lista, desta vez em 15 casos (22,39%), à frente de sobreviventes – 13 ocorrências (19,4%). Utilizando-se de declarações dos entrevistados nos títulos, as notícias reforçam a retórica do sofrimento de familiares das vítimas, como descrita nas matérias “*É meu aniversário e vou enterrar meu filho*”, *lamenta pai de Filipe Machado* (29/11/2016)¹¹⁵ e “*Deus levou meus amigos*”, *diz ex-campeão da Chapecoense* (01/12/2016)¹¹⁶.

Em outros casos, é reforçada a assistência destinada a familiares das vítimas, no enfrentamento do luto, como na matéria *Escola de filhos de 13 vítimas de queda de avião busca ajudar com luto* (09/12/2016)¹¹⁷ e em trechos que remetem a outras tragédias de

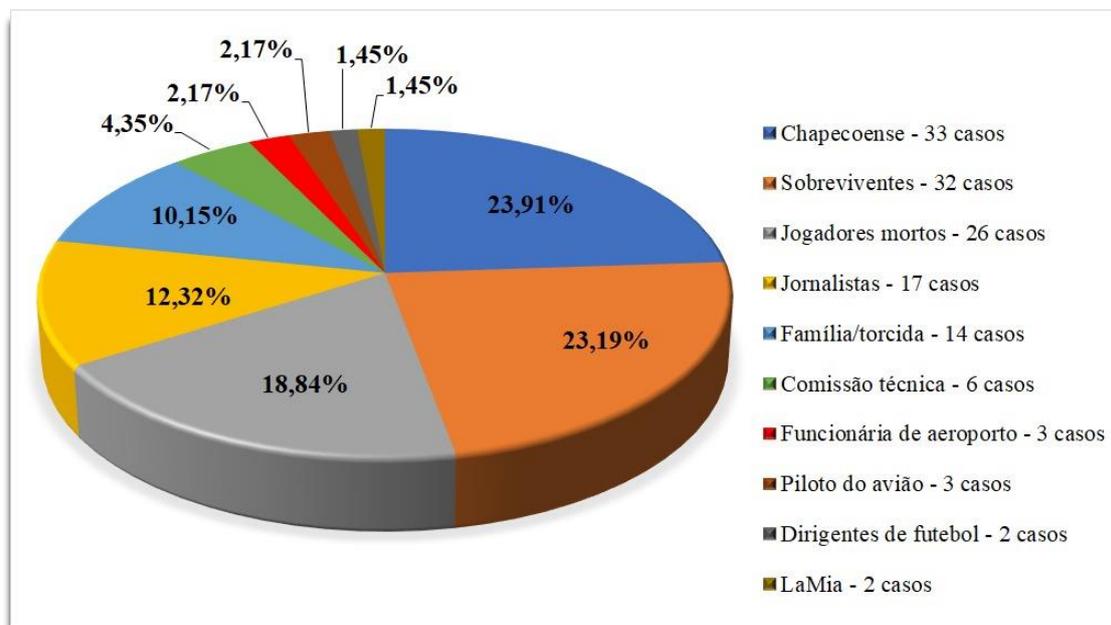
¹¹⁵ Disponível em: <http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2016/11/e-meu-aniversario-e-vou-enterrar-meu-filho-lamenta-pai-de-filipe-machado.html>.

¹¹⁶ Disponível em: <http://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2016/12/deus-levou-meus-amigos-diz-ex-campeao-da-chapecoense.html>.

¹¹⁷ Disponível em: <http://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2016/12/escola-de-filhos-de-13-vitimas-de-queda-de-aviao-busca-ajudar-com-luto.html>.

grande repercussão midiática como este: “Mais de 200 psicólogos voluntários, entre eles profissionais que atuaram na tragédia da boate Kiss, no Rio Grande do Sul, em 2013, vão atender familiares e torcedores no velório coletivo das vítimas da queda do avião que levava a delegação da Chapecoense”, da notícia *Voluntários da tragédia da Kiss vão dar apoio no caso da Chapecoense* (30/11/2016)¹¹⁸.

Gráfico 8 – As vítimas nas narrativas do Globoesporte.com



No GE, assim como ocorreu no Foxsports.com.br, a principal vítima nas narrativas foi a Chapecoense, com 23,91% (33 ocorrências), conforme mostra o Gráfico 8. Os assuntos também são similares entre os sites noticiosos, o que aponta uma homogeneização da cobertura jornalística. São eles: socorro financeiro ao clube, profissionais se prontificando a trabalhar de graça, clubes oferecendo atletas, convite para amistosos e torneios para que a renda das partidas dos mesmos seja revertida às vítimas e movimento de clubes brasileiros para que a Chapecoense, devido às consequências do acidente aéreo, não fosse rebaixada para a Série B do Campeonato Brasileiro de futebol, como está exemplificado na notícia *Em ofício à CBF, clubes pedem que Chape não seja rebaixada por 3 anos* (02/12/2016)¹¹⁹.

¹¹⁸ Disponível em: <http://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2016/11/voluntarios-da-tragedia-da-kiss-vao-dar-apoio-no-caso-da-chapecoense.html>.

¹¹⁹ Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/sc/futebol/times/chapecoensenoticia/2016/12/em-oficio-cbf-clubes-pedem-que-chape-nao-seja-rebaixada-por-3-anos.html>.

Principal vítima das histórias narradas no material coletado para esta pesquisa, a Chapecoense já carrega essa designação sempre quando há referência à queda do voo 2933 da LaMia. Não à toa consolidou-se, também por um senso comum, chamar tal episódio de “A tragédia da Chapecoense”. Compreende-se aqui que assim seja chamada, pois a delegação do clube catarinense foi numericamente a mais afetada pelo acidente, com 42 mortos – 19 jogadores, 14 integrantes da comissão técnica e nove dirigentes.

Soma-se a isso alguns fatos que antecedem ao trágico acontecimento e valorizam a agremiação como o principal agente do conjunto de matérias. Entre eles, a história de um clube relativamente novo, fundado em 1973, localizado na cidade de Chapecó (SC), fora dos grandes centros do esporte, que já despertava a simpatia da crônica esportiva por ter um orçamento modesto, em comparação aos principais clubes do País, mas que, com um boa gestão financeira, conseguia ter desempenho expressivo em campo, como por exemplo subir, em um intervalo de cinco anos (de 2009 a 2013), da Série D do Campeonato Brasileiro para a Série A¹²⁰.

E o fato de ainda chegar pela primeira vez às finais da Copa Sul-Americana, eliminando times de maior tradição no futebol sul-americano, e posteriormente ter interrompido o direito de conquistar o título em campo devido ao acidente aéreo, possibilita a construção, com auxílio de estratégias retóricas, de narrativas que engrandecem um clube modesto, de uma cidade pequena, que vivia o ápice de sua história, mas que precisou conviver com dramas que não costumam pertencer ao universo do futebol. E os próprios setoristas de imprensa que acompanharam a evolução do time até chegar à decisão da competição internacional, e estavam no voo da LaMia, já emolduravam narrativas exaltando o time catarinense, o que teve prosseguimento com outros integrantes da crônica esportiva.

Observou-se aqui também que quando há referência às vítimas, principalmente no noticiário do site da RBS TV e do Foxsports.com.br, a narrativa é predominantemente emoldurada no campo afetivo e amplificada pelas expressões textuais (e também visuais) de sofrimento, de luto coletivo, de solidariedade e de exaltação aos vitimados – sejam jornalistas, jogadores, e outros. Nota-se então que quanto mais amplificam-se esses acontecimentos, como estratégia retórica, crescem a possibilidade dessas notícias serem percebidas pelo público (TRAQUINA, 2008), também simplificam-se nesses dois

¹²⁰ Em 2019, a Chapecoense foi pela primeira vez rebaixada para a Série B do Campeonato Brasileiro de Futebol (2ª Divisão), e disputou esta competição no ano de 2020. O time catarinense garantiu o retorno à elite do futebol brasileiro (Série A) para a temporada de 2021, e ainda conquistou o título da Série B.

veículos jornalísticas outras discussões, como as possíveis causas do acidente aéreo que lesaram essas mesmas vítimas, uma temática praticamente silenciada pelo menos dentro do recorte temporal estipulado para esta pesquisa.

No GE, apesar de também ser realçado o círculo de afetos, verificou-se nas narrativas que têm as vítimas como agente principal do conjunto de matérias uma preocupação maior de ampliar o debate para outras questões. Mesmo sendo um portal de notícias sobre esportes, foram abordados por exemplo, com maior frequência do que nos outros dois sites noticiosos, as possíveis causas do acidente e o andamento do processo de indenização às vítimas, em especial às famílias dos jogadores, como assinalam duas matérias do GE, intituladas *Famílias de jogadores da Chape vão receber indenização de 26 salários (02/12/2016)*¹²¹ e *CBF deve pagar seguro às famílias de jogadores da Chapecoense (01/12/2016)*¹²². Porém, não há menções nos títulos das notícias nem no decorrer dos textos sobre a situação dos familiares dos jornalistas no que diz respeito às indenizações, pelo menos no recorte temporal proposto para esta pesquisa.

3.2.6 Heróis após a morte

A sociedade parece carecer sempre de figuras que lhe sirvam de referência e, desse modo, projeta até inconscientemente seus desejos em outros indivíduos, prioritariamente naqueles de incontestável sucesso (MORIN, 2002), como astros de cinema, artistas célebres, craques de futebol e outros. Porém, esse processo torna-se mais eficaz quando a imprensa de massa, ao notar a produção de um senso comum que facilite a construção de notícias – às vezes supervalorizadas pela própria mídia – também contribui para a criação de pessoas geralmente de extrema competência em suas áreas de atuação em ídolos, mitos e heróis. Essas figuras da mídia, chamadas por Morin (2002) de novos olímpianos, são imitáveis, mais humanizadas e, geralmente, falam uma linguagem mais próxima a do público.

Após a queda do voo da LaMia na Colômbia, os jogadores da Chapecoense mortos no acidente, que já eram admirados por seus torcedores, foram elevados, uns mais do que outros, a esse posto de divindade por um conjunto de fatores, entre eles o próprio

¹²¹ Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/sc/futebol/times/chapecoense/noticia/2016/12/familias-de-jogadores-da-chape-va-receber-indenizacao-de-26-salarios.html>.

¹²² Disponível em: <http://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2016/12/cbf-deve-pagar-seguro-familias-de-jogadores-da-chapecoense.html>.

acontecimento trágico, a sinergia entre atletas e moradores de Chapecó e a cobertura jornalística pós-morte que salientou esses e outros itens que dignificaram a imagem dos atletas como heróis. Na análise narrativa das notícias veiculadas nos sites da RBS TV, do Foxsports.com.br do e GE, verificou-se que os jogadores mortos – muitos deles não conhecidos do grande público – foram alçados a personagens heroicos por contribuírem para que o clube catarinense tivesse êxito e conquistasse maior visibilidade.

A maioria desses jogadores morreu no auge da carreira, como o noticiário do GE mostrou em uma série de matérias publicadas sobre a vida de cada um dos 19 atletas vitimados – exibindo gols marcados por eles e entrevistas com familiares e amigos. Grande parte havia jogado em equipes de menor expressão do futebol até chegar à Chapecoense e, no ano de 2016, vivia junto à agremiação o melhor momento da vida profissional, reforçando um entrelaçamento das histórias de ambos, clube e atletas.

Por terem sido em vida, conforme o material jornalístico coletado para esta pesquisa, atletas de bom convívio com a imprensa e os moradores de Chapecó, por terem um perfil mais reservado, sem badalações típicas das estrelas do futebol, e um estilo de vida mais condizente com o padrão cultural dos habitantes de um município¹²³ pequeno, esses jogadores criaram uma identificação com a cidade e serviram de exemplo para os seus torcedores, que já estavam eufóricos com o desempenho do time da Chapecoense nas competições de 2016, principalmente na Copa Sul-Americana.

Portanto, é necessário, primeiramente, compreender o contexto que antecede à queda do voo da LaMia para buscar entender as razões desses atletas do time catarinense consolidarem-se nas narrativas como heróis modelos, sem estabelecer antecipadamente como definitivo aos jornalistas, e aos veículos para os quais trabalham, a exclusividade por criar “lendas”, “mitos”. Visto que o herói exerce um fascínio sobre as pessoas porque resume em si todos os anseios e a figura ideal de cada ser humano (MULLER, 1992), em um processo que abarca os méritos desse sujeito, as necessidades do outro de buscar referências e a produção discursiva dos meios de comunicação perante os acontecimentos.

Na análise das narrativas dos três sites, verificou-se a atribuição da figura de herói em 56 notícias (11,45%, de um total de 489 matérias). Em números quantitativos, este personagem, o herói, se fez mais presente no GE, em 37 casos (12,05%), enquanto no site

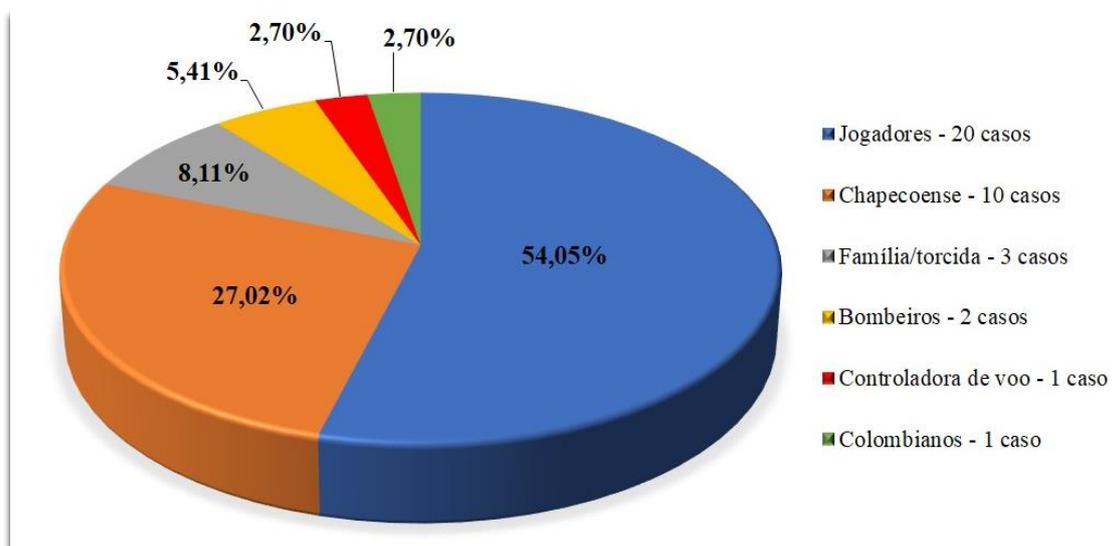
¹²³ Segundo o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), Chapecó está localizado no Oeste de Santa Catarina e tem uma população estimada em 220 mil habitantes. O município é um grande exportador de alimentos industrializados e figura entre as quatro cidades mais importantes do estado. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sc/chapeco/panorama>. Acesso em: 3 jul. 2020.

da RBS TV registrou-se o maior índice percentual: 13,48%, com 12 ocorrências. No Foxsports.com.br, foram sete referências, o equivale a 7,52% do total de matérias.

Ao contabilizar apenas as 56 matérias em que foram codificadas a presença da figura do herói, 32 delas (57,14%) foram representadas pelos jogadores da Chapecoense que morreram no acidente. Palavras como “heróis”, “lendas”, “campeões do céu” ditas por entrevistados e/ou escritas por jornalistas e extraídas de faixas, cartazes, mensagens em redes sociais digitais foram identificadas nos textos para categorizar esses atores nas peças jornalísticas.

No GE, em 37 narrativas que atribuíram aos personagens o papel de herói, foram identificadas 20 referências (54,05%) aos jogadores mortos. Outras vítimas, como jornalistas¹²⁴, dirigentes e demais integrantes da delegação da Chapecoense não foram elevados a tal condição, tanto no GE quanto nos outros dois sites. Como mostra o Gráfico 9, outros personagens e/ou grupos foram enquadrados como heróis nas histórias contadas pelo GE, como Chapecoense (27,02%), família/torcida (8,11%), bombeiros (2,70%), controladora de voo do aeroporto de Medellín (2,70%) e o povo colombiano (2,70%).

Gráfico 9 – Os heróis nas narrativas do Globoesporte.com



Os jogadores da Chapecoense que morreram no acidente aéreo foram elencados como heróis em histórias como *Até o céu chorou: chuva marca adeus de Chapecó aos*

¹²⁴ Nas notícias coletadas do GE, Foxsports.com.br e do site da RBS TV, os jornalistas que estavam na aeronave da LaMia que caiu nas proximidades do aeroporto de Medellín foram identificados, quando verificou-se algum papel narrativo preponderante, como vítimas e apenas uma vez como vilão.

seus anjos heróis, matéria¹²⁵ publicada no dia do velório coletivo, em 3 de dezembro de 2016. A começar pelo título, no trecho do “Até o céu chorou”, utilizou-se uma figura retórica de linguagem, a hipérbole, aplicada quando há exagero propositado para definir algo de maneira dramática (FIORIN, 2014), para transmitir justamente uma ideia amplificada do autêntico.

Tornando esta narrativa com maior valor dramático, a palavra herói vem acompanhada do termo “anjos”, sintetizando a ideia, até mesmo alimentada por um senso comum, de que esses jogadores eram mensageiros entre Deus e os seres humanos, o que estaria emoldurado em momentos de comunhão existentes na cerimônia religiosa e, conseqüentemente, nos relatos da matéria jornalística. Já no decorrer do texto, como está destacado na Figura 18, logo no lide, é dado relevo a frases “O campeão voltou” (leia-se a Chapecoense voltou, em um dos cânticos de torcida), “Os heróis voltaram”, avisando sobre a entrada dos caixões no gramado do estádio.

Figura 18 – Exaltação aos jogadores da Chapecoense mortos no acidente

Quando o primeiro caminhão passou pelo apertado portão da Arena Condá, por volta de 12h28, o choro se refez em um grito. Lá dentro, apesar da forte chuva que castigava Chapecó desde cedo, os torcedores, firmes, buscaram forças: "O campeão voltou". Os heróis voltaram. Em clima de comoção, familiares, amigos e toda uma cidade começaram a se despedir de jogadores da Chapecoense, membros da comissão técnica, dirigentes e jornalistas, vítimas do acidente que deixou 71 mortos na madrugada da última terça-feira.

Fonte: Globoesporte.com, 3 de dezembro de 2016

Na gramática particular do jornalismo esportivo, metáforas, analogias, hipérboles e demais figuras de linguagem são habitualmente utilizadas para enaltecer as emoções, os dramas das narrativas, as disputas esportivas, e este recurso retórico também foi aplicado nas notícias do GE referentes ao acontecimento trágico, principalmente na cobertura do velório coletivo em Chapecó, com associações entre as palavras “chuva”, “céu” e “heróis”, com o objetivo de exaltar a cerimônia e os jogadores da Chapecoense e convencer o leitor de que essas mensagens transmitiam a “verdade” dos fatos.

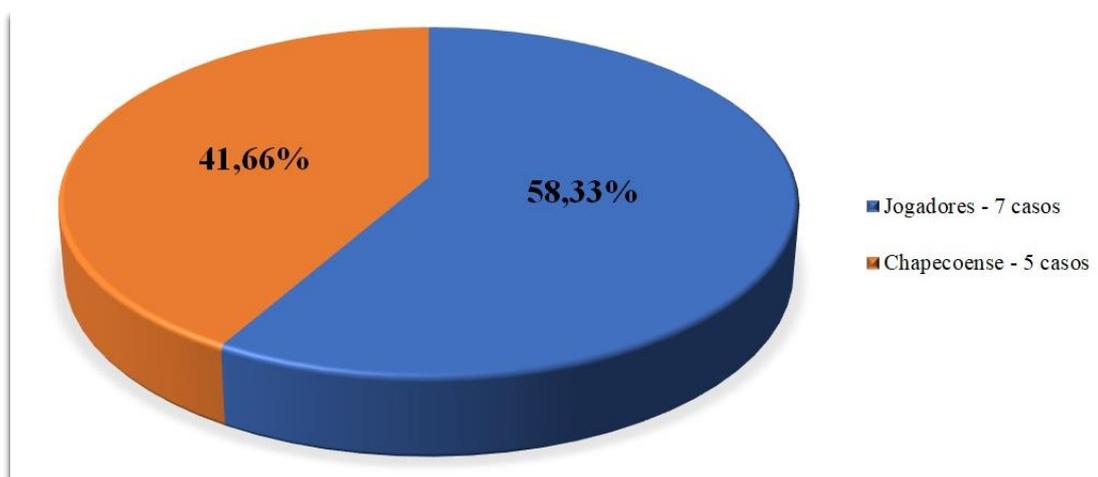
Ainda na gramática própria do noticiário esportivo, para o goleiro sempre estará reservado o papel de vilão, caso uma falha decreta a derrota de seu time, ou de herói,

¹²⁵ Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/sc/futebol/times/chapecoense/noticia/2016/12/sob-muita-chuva-corpos-de-vitimas-chegam-arena-condá-para-velorio.html>.

graças a uma ou mais defesas “milagrosas”, “salvadoras” que possam o consagrar. Dos jogadores projetados como heróis, as narrativas dos três sites jornalísticos personificaram o goleiro Danilo como o principal protagonista. Em nove matérias, o jogador teve o nome citado como herói: seis vezes no GE, duas no site da RBS TV e uma no Foxsports.com.br.

Eleito o herói da classificação para a decisão da Copa Sul-Americana de 2016, quando fez “um milagre” ao defender um chute aos 49 minutos do segundo tempo do jogo com o pé direito, que garantiu o empate em 0 a 0 contra o San Lorenzo, da Argentina, e a vaga para a final da competição, Danilo também virou personagem na luta pela própria vida. Chegou a ser resgatado com vida da queda da aeronave e, após informações desencontradas, teve o óbito confirmado por não resistir aos ferimentos.

Gráfico 10 – Os heróis nas narrativas do site da RBS TV

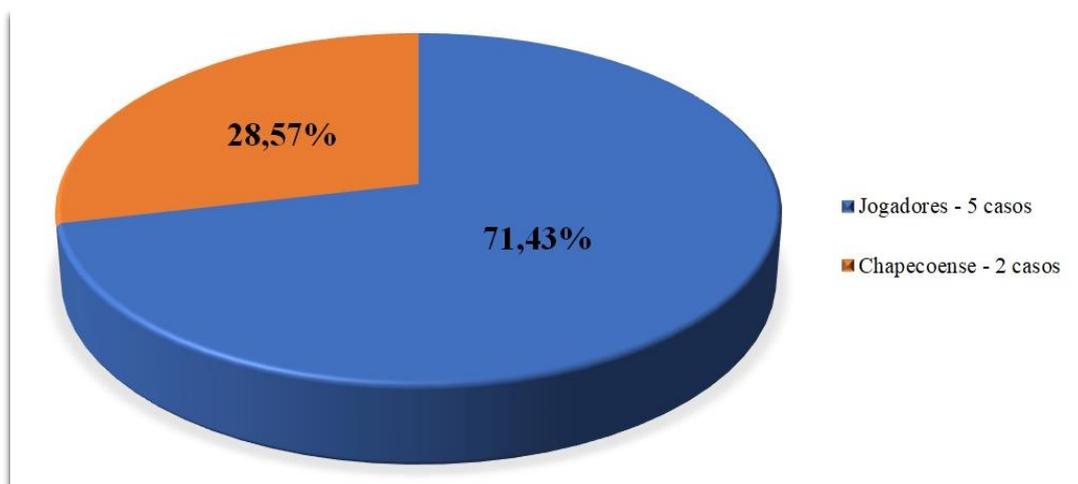


Se no material coletado do GE dentro do recorte temporal desta pesquisa observou-se ao mesmo seis personagens ou grupos elencados como heróis (jogadores, Chapecoense, família/torcida, controladora de voo, bombeiros, colombianos), o mesmo não ocorreu no Foxsports.com.br e no site da RBS TV. Em ambos, houve uma polarização entre os atletas mortos e a Chapecoense, com maior proeminência para os jogadores.

No site da RBS TV, das 12 ocorrências ao papel de herói, sete foram destinadas para os jogadores mortos (58,33% deste total) e cinco para a Chapecoense (41,66%), conforme mostra o Gráfico 10.

Já no Foxsports.com.br, foram codificados sete casos atribuindo o papel de herói aos personagens das narrativas: cinco para os atletas que morreram na queda do avião (71,43%); e dois para a equipe catarinense (28,57%), como indica o Gráfico 11.

Gráfico 11 – Os heróis nas narrativas do Foxsports.com.br



No noticiário do Foxsports.com.br, assim como nas matérias publicadas nos sites da RBS TV e do GE, reproduziu-se nos textos, nas fotografias e nos recursos audiovisuais (vídeos) expressões utilizadas por torcedores brasileiros e colombianos, frases escritas em faixas que foram expostas nas arquibancadas dos estádios, tanto no Brasil quanto na Colômbia, e também nas redes sociais digitais de clubes e de esportistas famosos, com compartilhamento das publicações – que deram relevo aos 19 jogadores mortos da Chapecoense como figuras heroicas.

Figura 19 – Atribuição ao papel de herói em narrativa do Foxsports.com.br

Gazeta Press

A Chapecoense não foi esquecida no primeiro jogo do Atlético Nacional-COL após a tragédia da última terça-feira (29 de novembro), que deixou 71 mortos. Com faixas, homenagens na camisa e gritos de "Vamos Chape", o clube colombiano venceu o Millionarios por 3 a 0, na partida de volta das quartas de final do campeonato local.

Para avançar à semifinal, o Atlético Nacional precisava vencer por dois gols de diferença, já que perdeu a primeira partida por 2 a 1. Com festa nas arquibancadas, Guerra, Díaz e Nieto anotaram os tentos que o time de Medellín precisava.

Antes mesmo da bola rolar, as homenagens às vítimas da tragédia de avião tomaram conta do estádio Atanasio Girardot. Das arquibancadas, a torcida gritava "Vamos, vamos Chape!". Também foram vistas diversas homenagens em cartazes. "Campeões do céu", "Futebol não tem fronteiras. Força famílias e povo Chapecoense", e "Chegaram como nossos rivais, se foram como nossos heróis".

Fonte: Foxsports.com.br, 4 de dezembro de 2016

Na notícia *Com escudo da Chapecoense na camisa, Atlético Nacional avança à semi do Colombiano* (04/12/2016), um trecho do texto¹²⁶, conforme demonstrado na Figura 19, descreve homenagens expostas nas arquibancadas pela torcida colombiana em cartazes, como “Chegaram como nossos rivais, se foram como nossos heróis”, demarcando o clima de solidariedade e glorificação ao time brasileiro, umas das retóricas presentes na cobertura do trágico acontecimento na Colômbia que contribuíram para moldar uma ideia consensual sobre as atitudes do povo colombiano.

3.2.7 Vilão na “boca do entrevistado”

Se as narrativas dos três sites noticiosos, dentro da proposta apresentada para esta pesquisa, atestou a Chapecoense como a principal vítima e deu maior proeminência aos jogadores que morreram no acidente como figuras heroicas das histórias contadas, couberam a companhia aérea boliviana LaMia e ao piloto Miguel Quiroga, que também era o proprietário da empresa, os papéis de vilões. Apoiado por princípios do jornalismo, tais como a ética e a credibilidade, “ouvindo” todos os lados possíveis da notícia, o profissional de imprensa pôde ser notado em cena na cobertura dos fatos noticiados ao adotar procedimentos inerentes à profissão, como emoldurar nas matérias declarações de entrevistados que, além de serem julgadas como relevantes no contexto jornalístico, sinalizavam os culpados pela queda do voo 2933 da LaMia.

Apesar de não indicar diretamente seu posicionamento sobre o tema, ao dar relevo a determinadas frases, sobretudo no título das matérias, o profissional de imprensa fez uso de uma recorrente prática jornalística para informar e, mesmo que não possa ser tão perceptível ao público, emitir juízos sobre um acontecimento do qual o jornalista é um dos atores das cenas narradas. Utilizando-se deste recurso, os jornalistas amplificaram tal retórica, aumentando a possibilidade da notícia ser notada desta maneira. E como as prováveis causas do acidente aéreo são destacadas majoritariamente no GE, é neste portal de notícias esportivas que, após a análise do enquadramento multimodal efetuada aqui,

¹²⁶ No recorte do texto extraído da matéria do Foxsports.com.br, publicado em 4 de dezembro de 2016, com o título *Com escudo da Chapecoense na camisa, Atlético Nacional avança à semi do Colombiano*, aparece a procedência Gazeta Press. Está é uma agência brasileira de notícias e fotos que fornece serviços aos veículos de comunicação, entre eles o Foxsports.com.br. Das 93 notícias do site da Fox Sports Brasil coletadas para esta pesquisa, de 29 de novembro de 2016 a 11 de dezembro do mesmo ano, 34 eram procedentes da Gazeta Press – o equivalente a 36,56% do material publicado pelo site no recorte temporal estipulado para este trabalho acadêmico.

encontrou-se declarações que apontaram uma iminente culpa¹²⁷ da LaMia e do piloto Miguel Quiroga pelo acidente em Medellín.

Entre as notícias do GE que realçaram o comandante do voo como vilão está a matéria¹²⁸ *Pai de zagueiro da Chapecoense ataca piloto da LaMia: “Lixo de gente”* (02/12/2016). Em um trecho do texto, Osmar Machado, pai do jogador Filipe Machado, demonstra raiva ao falar sobre o acidente, o piloto – que também morreu no acidente – e as indenizações a serem pagas pela empresa: “Não vou me preocupar com esse lixo de gente, esse monstro. Não vou fazer nada. Você imagina o momento que tiver uma audiência e eu tiver que ouvir o nome desse estrume que fez o que fez com o meu filho”.

Na matéria¹²⁹ *“Não foi acidente, o único culpado é o piloto”, diz jogador da Chapecoense*, veiculada no dia 3 de dezembro de 2016, novamente o vilão está na “boca do entrevistado”, desta vez do atleta Moisés, um dos jogadores do clube catarinense que não estava na lista de passageiros, reforçando o mesmo procedimento jornalístico. No decorrer do texto, verificou-se o piloto Miguel Quiroga como vilão na fala do atleta: “Não foi um acidente. Meus amigos foram assassinados. O único culpado disso é o piloto, nada nem ninguém mais. Ele destruiu muitas famílias e toda a vida da cidade de Chapecó”.

No GE, foram codificadas 44 aparições do papel de vilão, o equivalente a 14,33% do total de notícias publicadas pelo veículo noticioso. No site da RBS TV, verificou-se sete registros (7,86%), enquanto no Foxsports.com.br foram identificadas apenas três referências (3,22%).

Ao analisar somente as 44 ocorrências do GE, 21 delas eram referentes à LaMia (47,73%) e 14 foram codificadas em nome do piloto (31,82%). Em alguns casos, uma mesma matéria apontava ambos como vilões, como na notícia¹³⁰ *Perfil da companhia que levou Chape recebe críticas: “Assassinos”*. Nas postagens mencionadas no decorrer do texto, havia referência aos diretores da companhia aérea, como “Assassinos! Por dinheiro

¹²⁷ Investigações promovidas pelo governo boliviano apontaram a LaMia e o piloto Miguel Quiroga, um dos sócios da companhia aérea, como responsáveis pelo acidente aéreo. Uma das conclusões, já aventada no fim do ano de 2016, foi a de que a aeronave continha o mínimo de combustível necessário para realizar o trajeto, sem uma quantidade extra, o que provocou a queda próximo ao aeroporto de Medellín. Também foram constatadas uma série de irregularidades da empresa, como atraso no pagamento de salários dos funcionários. No Brasil, o Ministério Público considerou que a Chapecoense, que fretou o voo, não foi culpada. As investigações no País ainda continuam sem um total desfecho.

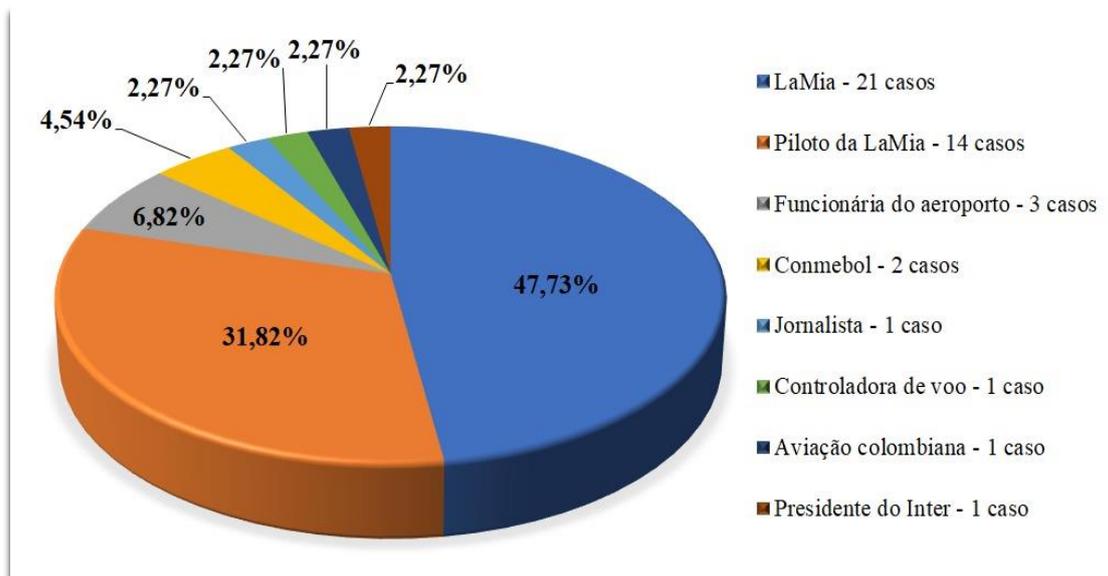
¹²⁸ Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/sc/futebol/times/chapecoense/noticia/2016/12/pai-de-zagueiro-da-chapecoense-ataca-piloto-da-lamia-lixo-de-gente.html>.

¹²⁹ Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/sc/futebol/times/chapecoense/noticia/2016/12/nao-foi-acidente-o-unico-culpado-e-o-piloto-diz-jogador-da-chapecoense.html>.

¹³⁰ Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/sc/futebol/times/chapecoense/noticia/2016/11/perfil-da-companhia-aerea-que-levou-chape-recebe-criticas-assassinos.html>.

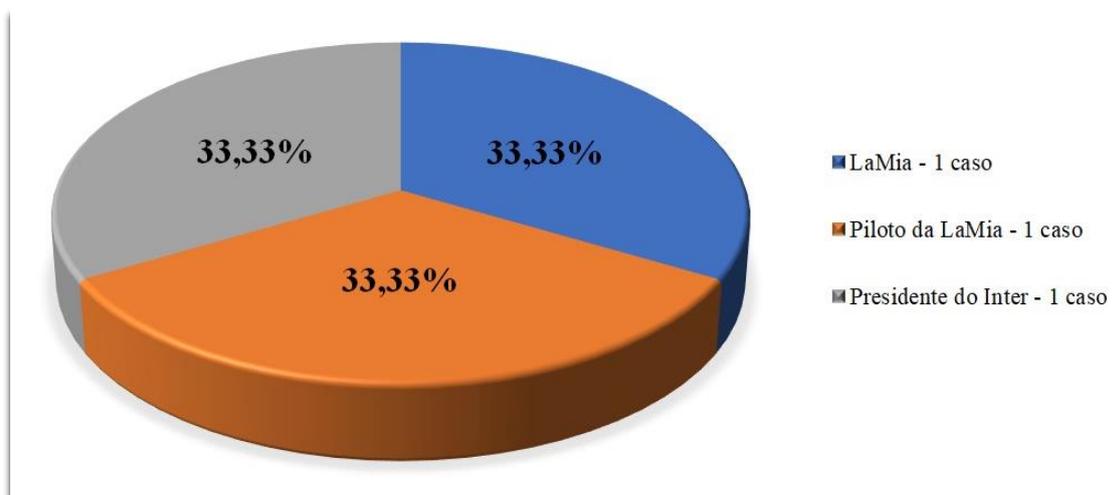
destruíram vidas, arrasaram famílias, uma cidade inteira”, e ao piloto, na publicação que dizia: “A sua falha humana leva a Bolívia a uma vergonha internacional”.

Gráfico 12 – Os vilões nas narrativas do Globoesporte.com



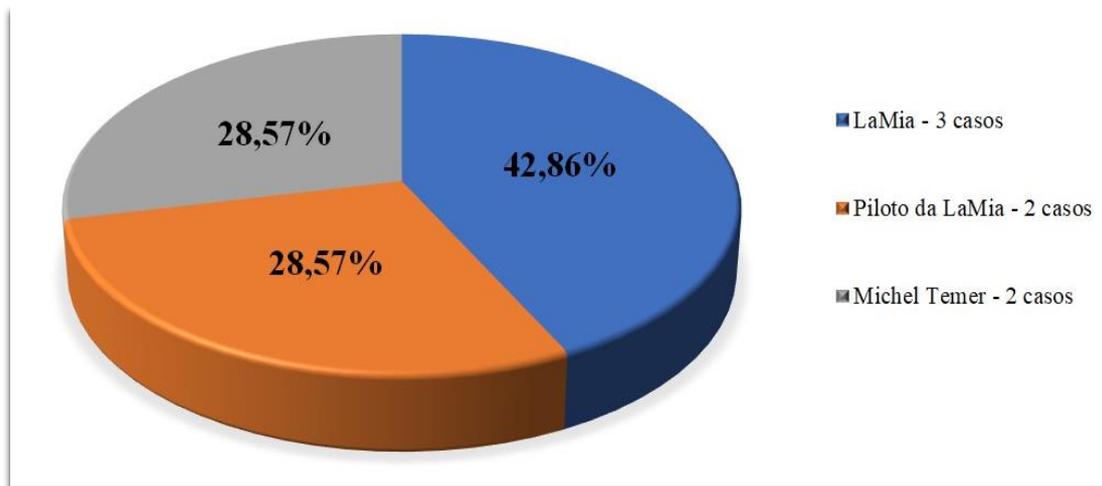
Como o Foxsports.com.br e o site da RBS TV deram pouca ênfase a possíveis causas do acidente, o conflito não foi salientado como componente central das narrativas. No Foxsports.com.br, conforme indica o Gráfico 13, a atribuição ao papel de vilão também mostrou-se rara, o que foi comprovado também pela escassez de títulos neste site noticioso referentes ao piloto Miguel Quiroga (duas ocorrências) e à LaMia (uma).

Gráfico 13 – Os vilões nas narrativas do Foxsports.com.br



Já no site da RBS TV, há casos em que a LaMia e o piloto Miguel Quiroga foram codificados como vilões somente no corpo do texto de matérias que emolduravam outras situações sobre os desdobramentos do acidente aéreo.

Gráfico 14 – Os vilões nas narrativas do site da RBS TV



Na matéria¹³¹ *Pai diz ter recusado convite para cerimônia com Temer no aeroporto*, publicada no site da RBS TV em 2 de dezembro de 2016, o conflito central estava entre o pai do jogador Filipe Machado, Osmar Machado, e o então presidente da República Michel Temer devido a um suposto convite do Palácio do Planalto para os familiares das vítimas fatais recepcionarem o político durante a chegada dos corpos ao aeroporto de Chapecó, o que, no fim, não se confirmou.

Porém, a partir do intertítulo desta mesma matéria, novamente uma declaração de um parente das vítimas – Osmar Machado, pai do jogador Filipe Machado – colocou o piloto Miguel Quiroga, que era um dos sócios da LaMia, como vilão da narrativa, conforme mostra a Figura 20, no trecho em que o familiar do atleta condena a atitude do comandante do voo de não ter parado para abastecer a aeronave, que operou nos limites de suas condições técnicas.

Desse modo, o procedimento de dar mais voz às fontes na construção do texto, mesmo que estas não estivessem habilitadas para avaliar tal situação, exceto pelo fator emocional – exime, ou buscar eximir, o jornalista de responsabilidade sobre possíveis julgamentos, apesar de que neste contexto o agente jornalístico tenha sido também vítima

¹³¹ Disponível em: <http://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2016/12/pai-diz-ter-recusado-convite-para-cerimonia-com-temer-no-aeroporto.html>.

de irregularidades cometidas, e posteriormente comprovadas por autoridades, pela companhia aérea LaMia e pelo piloto Miguel Quiroga.

Figura 20 – Piloto da LaMia como vilão da narrativa

galeria de fotos

trajeto do avião teve volta

'sonho acabou'

jogador resgatado

jogador operado

equipes de resgate

perguntas e respostas

repercussão

Indignação
Machado afirmou estar indignado e irritado com a LaMia, empresa que levava os jogadores para Medellín, na Colômbia, onde o time disputaria o primeiro jogo da final da Copa Sulamericana. Ele também responsabiliza a fiscalização da aviação local, que permitiu que o avião voasse com quantidade de combustível limite para o trajeto.

"Foi a ganância do piloto que matou todo que estava naquele avião. Se ele tivesse parado para abastecer, estava tudo resolvido. Voar [com combustível no limite] é uma irresponsabilidade do piloto, desespero por dinheiro, para não gastar mais com combustível, não pagar multa. Mas ele também morreu, né? Não pode sentir a dor que estamos sentindo."

Fonte: site da RBS TV, 2 de dezembro de 2016

3.2.8 Gênero narrativo

A análise do gênero narrativo “se pauta no tema geral da notícia, no tom utilizado e nos resultados alcançados” (RIZZOTTO; PRUDÊNCIO, 2017, p. 164). Aqui, porém, o processo comunicativo sobre o acidente aéreo e os desdobramentos da queda do voo da LaMia serão avaliados somente pelo tema geral da notícia, que já atende aos questionamentos propostos pela presente pesquisa, visto que na tentativa de analisar o tema geral mais o tom utilizado nas narrativas foram alcançados resultados similares.

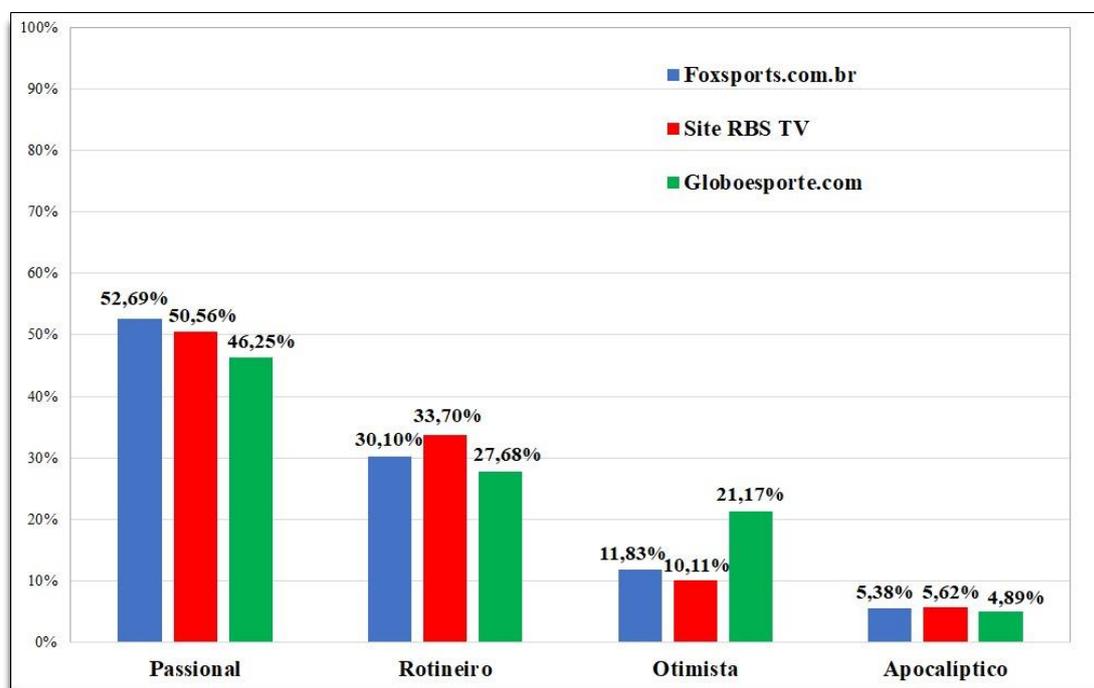
Como mencionado no tópico 3.2 desta dissertação, a partir da leitura das 489 matérias coletadas – com ou sem ênfase na morte dos 20 jornalistas – nos três sites jornalísticos, os códigos estabelecidos por Wozniak *et al.* (2014) foram modificados para: passional (narrativas com ênfase nas declarações emotivas de atletas, ex-jogadores, treinadores de futebol, entre outros personagens); otimista (que visualiza mais o lado

positivo das histórias e de seus desdobramentos); apocalíptico (visão mais pessimista dos fatos); e rotineiro (que limita-se mais à descrição dos acontecimentos).

Como observado no Gráfico 15, há uma predominância do gênero passional nas narrativas dos três sites jornalísticos (Foxsports.com.br, com 49 casos ou 52,69%; site da RBS TV, com 45 ocorrências ou 50,56%; e GE, com 142 casos ou 46,25%), o que comprova a linha dominante de histórias com carga emocional, até mesmo aquelas que direcionam foco mais nos personagens do que nos fatos, com as relações de afeto como principal componente enquadrado. Nos três veículos informativos os gêneros narrativos aparecem sempre nesta ordem: 1º) passional; 2º) rotineiro; 3º) otimista; 4º) apocalíptico.

Apesar do evento trágico, o noticiário busca evitar o gênero apocalíptico, que representa uma retórica negativista ou de luta contra uma situação desfavorável, tanto é que sempre o tom otimista se sobrepõe a este último, seja dando ênfase à recuperação dos sobreviventes, entre eles o jornalista Rafael Henzel, à reorganização do clube para as temporadas seguintes, à resignação de parentes e amigos, na fase de aceitação do luto, e também às lembranças positivas deixadas pelas vítimas.

Gráfico 15 – Gênero narrativo nos três sites jornalísticos



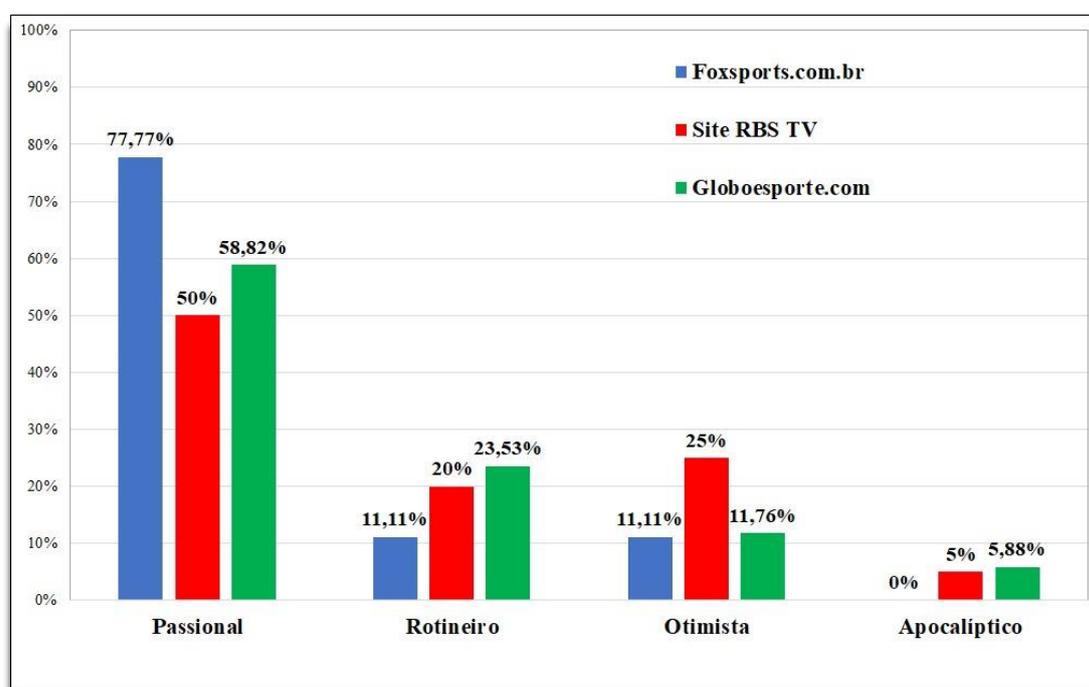
Ao olhar para o noticiário como um todo, no qual os jornalistas evidentemente estão inseridos, mas com menor proeminência, o passo adiante quanto à análise do gênero narrativo foi analisar separadamente as 46 matérias em que o profissional de imprensa é

o principal componente enquadrado das histórias. Nelas, o resultado apresentado nos três veículos jornalísticos assemelhou-se ao que foi constatado no contexto geral das notícias, conforme indica o Gráfico 16, com os gêneros narrativos aparecendo na seguinte ordem: 1º) passional; 2º) rotineiro; 3º) otimista; 4º) apocalíptico.

Apenas no site da RBS TV, houve uma alteração na classificação, com o gênero otimista (5 casos ou 25%) à frente do rotineiro (4 casos ou 20%).

No Foxsports.com.br, nenhuma história com ênfase nos agentes jornalísticos foi codificada como apocalíptica, apesar do clima notório de tristeza dos profissionais de imprensa pela morte, principalmente, dos seis companheiros de trabalho. As narrativas, neste caso, estavam carregadas de um tom de resignação, enfatizando que os jornalistas mortos no acidente deixaram legados importantes na vida familiar e profissional.

Gráfico 16 – Gênero narrativo em matérias com ênfase nos jornalistas



O que observou, não somente quanto ao gênero narrativo, mas à análise narrativa como um todo, foi a repetição de esquemas narrativos nas notícias, que “pode ter tanto a ver com a coesão entre os jornalistas quanto com a compreensão das audiências ou com o reforço da mensagem” (ZELIZER, 2000, p. 36). Nesse processo de exclusão e ênfase das informações efetuado pelos próprios agentes jornalísticos, notou-se ao mesmo tempo a adoção de certos tipos privilegiados de narração pelas três organizações noticiosas e a neutralização, ou redução drástica, de outras descrições do mesmo acontecimento.

3.3 Análise visual

Imagens vistas em sites noticiosos, na tela de um dispositivo móvel ou em uma página de jornal, devido ao seu poder de atração, geralmente fornecem aos indivíduos a primeira impressão de uma história e são mais facilmente entendidas e lembradas de imediato, muitas vezes por conta do valor emocional e representativo que elas transmitem de uma realidade, mesmo não podendo ser tão explícitas quanto o texto ao apresentarem relações de causa e efeito de um acontecimento. Por esse atributo da modalidade visual, conforme ressaltam Rodriguez e Dimitrova (2011, p. 51, tradução nossa¹³²), “a identificação dos quadros pode representar um desafio, porque é menos provável que as declarações sejam percebidas nas representações visuais de realidade sem a presença do texto”.

Os elementos visuais, assim como o texto, “podem operar como dispositivos de enquadramento, na medida em que fazem uso de várias ferramentas retóricas – metáforas, representações, símbolos – que pretendem capturar graficamente a essência de um problema ou evento” (RODRIGUEZ; DIMITROVA, 2011, p. 51, tradução nossa¹³³). As imagens, portanto, servem de auxiliares à compreensão de um texto, mas também podem se sobrepor aos fatos narrados, principalmente por serem menos invasivas do que as palavras e por exigir menos carga cognitiva. Elas ainda “abrem canais para possibilidades discursivas para entender os fenômenos sociais; legitimam (e assim facilitam) os fundamentos sobre os quais algumas interpretações podem ser favorecidas e outras dificultadas” (RODRIGUEZ; DIMITROVA, 2011, p. 51, tradução nossa¹³⁴).

Nesta fase da pesquisa de enquadramento multimodal, a proposta é realizar a análise visual do site da RBS TV, do Foxsports.com.br e do Globoesporte.com nos moldes sugeridos por Rodriguez e Dimitrova (2011). Primeiramente, foram coletadas todas as imagens possíveis nas notícias, codificando fotografias e fotomontagens, sendo

¹³² “Visuals may not be as explicit and as accurate as text in being able to explain propositions such as cause-and-effect relationships, an attribute that may pose a challenge in the identification of frames because claims are less likely to be perceived in visual depictions of reality that stand alone (without text)” (RODRIGUEZ; DIMITROVA, 2011, p. 51).

¹³³ “Visuals, like text, can operate as framing devices insofar as they make use of various rhetorical tools – metaphors, depictions, symbols – that purport to capture the essence of an issue or event graphically” (RODRIGUEZ; DIMITROVA, 2011, p. 51).

¹³⁴ “In this sense, visuals channel discursive possibilities for making sense of social phenomena; they legitimize (and thus facilitate) the grounds upon which some interpretations can be favored and others impeded” (RODRIGUEZ; DIMITROVA, 2011, p. 51).

eliminados infográficos¹³⁵ e vídeos desta análise – por agruparem muitas vezes mais elementos textuais do que visuais. No total, foram contabilizadas 1.237 imagens publicadas nos três sites jornalísticos em um intervalo de 13 dias, entre os dias 29 de novembro de 2016 e 11 de dezembro do mesmo ano.

Após a coleta desses dados, a análise visual de todo o conteúdo publicado no intervalo de 13 dias foi realizada, inicialmente, de acordo com os níveis denotativo e semiótico-estilístico, com códigos estabelecidos dentro da proposta de Rodriguez e Dimitrova (2011), já verificando as imagens que fizeram ou não referência aos jornalistas. A partir daí, aplicou-se a análise de forma interpretativa conforme dois níveis que não são codificados: o nível conotativo, aquele que busca compreender ideias e conceitos inseridos nas imagens; e o nível ideológico, que responde a quais interesses estão sendo representadas as fotografias e fotomontagens.

3.3.1 Uma fotografia de jornalistas no Foxsports.com.br

Dos três sites noticiosos que são objetos de análise para esta pesquisa, o Foxsports.com.br é o que apresenta o menor número de imagens coletadas: são 70 pessoas e/ou objetos representados, enquanto o Globoesporte.com e o site da RBS TV têm, respectivamente, 809 e 358 registros fotográficos. Do total de 93 matérias publicadas pelo Foxsports.com.br, do período de 29 de novembro de 2016 a 11 de dezembro do mesmo ano, 40 não têm nenhuma imagem publicada, o equivalente a 43%. Ou seja, 53 reportagens (57%) têm pelo menos uma fotografia publicada.

Quanto ao nível denotativo para analisar os *media frames*, o conjunto de pessoas e objetos representados nas imagens publicadas no Foxsports.com.br, dentro do recorte temporal estipulado para a pesquisa, mostra que as 71 vítimas fatais do acidente aéreo – como os 20 jornalistas –, os seis sobreviventes (entre eles um jornalista), além de familiares daqueles que morreram em Medellín não estão no topo da lista de sujeitos presentes nas cenas coletadas.

Em primeiro lugar da lista, conforme demonstrado na Tabela 8, aparecem os jogadores de outros clubes (12,86%) – nenhum deles trabalhou na Chapecoense – e, na sequência, os técnicos de futebol (11,43%) – que não comandaram o time catarinense. Ou

¹³⁵ Da análise de 489 notícias coletadas, somente o Foxsports.com.br não apresentou infográficos em suas matérias. Os outros dois sites, da RBS TV e do Globoesporte.com, utilizaram o recurso para a mesma finalidade: descrever os detalhes da queda do avião da LaMia, sobretudo com auxílio de mapas e gráficos.

seja, personagens do cenário esportivo que, a princípio, eram notabilizados mais pela relação profissional com aqueles que faleceram no acidente aéreo do que pelo contato aparentemente mais próximo e afetivo.

Dos jogadores e técnicos sem vínculo direto com a Chapecoense representados nas imagens coletadas do Foxsports.com.br, sejam brasileiros ou estrangeiros, o técnico Alexi Stival, conhecido como Cuca, era um dos que tiveram vínculo maior com a instituição Chapecoense, por ter vestido a camisa do time catarinense em 1996, seu último ano como jogador de futebol. Outros técnicos representados individualmente nas cenas, como Mano Menezes e os portugueses Jorge Jesus e José Mourinho, tinham convivência pessoal mais próxima com Caio Júnior, técnico da Chapecoense e uma das vítimas fatais da queda do avião, conforme matérias publicadas pelo site de notícias esportivas.

A partir do conteúdo explicitado no corpo da matéria, estabeleceu-se uma conexão entre os textos e as imagens desses treinadores¹³⁶. Portanto, os registros fotográficos, neste caso como também em outras situações presentes no noticiário do Foxsports.com.br, serviram de auxiliares para compreensão do fato narrado, porque a fotografia por si só não apresentaria ao espectador elementos suficientes para interpretação coerente da imagem total e do próprio texto.

Retomando a lista de representações visuais no Foxsports.com.br, depois de jogadores e treinadores como as mais recorrentes, aparecem na sequência os destroços do avião da LaMia, e os uniformes de clubes brasileiros e estrangeiros com o escudo da Chapecoense (em homenagem ao time catarinense), cada um com 8,57%, à frente das postagens em redes sociais digitais e dos sobreviventes da queda do voo (7,14%).

Deste último grupo, foram encontradas quatro imagens publicadas de apenas dois dos seis sobreviventes: três de Alan Ruschel e duas de Jakson Follmann, ambos atletas da Chapecoense. Não foram coletadas, dentro do recorte temporal, imagens do jornalista Rafael Henzel; de Hélio Zampier Neto, o Neto, jogador da equipe catarinense; e dos tripulantes bolivianos Ximena Suárez e Erwin Tumiri.

Apesar do canal de TV por assinatura Fox Sports ter o maior número de profissionais mortos no acidente (seis), em sua versão on-line foi coletada apenas uma fotografia referente a jornalistas, conforme demonstra a Tabela 8. A única foto de integrantes da imprensa no Foxsports.com.br foi registrada no dia 1º de dezembro de

¹³⁶ No fim do ano de 2016, os técnicos comandavam as seguintes equipes: Cuca (Palmeiras), Mano Menezes (Cruzeiro), Jorge Jesus (Sporting, de Portugal) e José Mourinho (Manchester United, da Inglaterra).

2016, na matéria *Jornalistas da TV Globo mortos em acidente darão nomes a cabines do Engenhão*. Na ocasião, o Botafogo homenageou o repórter Guilherme Marques e o produtor esportivo Guilherme Van der Laars, ambos torcedores alvinegros, com os seus nomes em duas cabines de imprensa do estádio Nilton Santos, e postou na conta de uma rede social do clube a foto das duas vítimas do acidente ao lado do escudo do Botafogo.

Tabela 8 – Pessoas e objetos representados nas imagens do Foxsports.com.br

	Elementos representados nas fotos	Quantidade	Percentual
1º	Jogadores de futebol (sem passagem pela Chapecoense)	9	12,86%
2º	Técnicos de futebol (sem passagem pela Chapecoense)	8	11,43%
3º	Destroços do avião da LaMia	6	8,57%
4º	Uniformes de clubes com escudo da Chapecoense	6	8,57%
5º	Mensagens de texto em redes sociais	5	7,14%
6º	Sobreviventes do acidente aéreo	5	7,14%
7º	Dirigentes de clubes de futebol	4	5,71%
8º	Torcedores da Chapecoense	4	5,71%
9º	Escudo da Chapecoense	3	4,29%
10º	Time da Chape posado em campo (vítimas fatais)	3	4,29%
11º	Autoridades do meio político	2	2,86%
12º	Avião da LaMia antes da queda	2	2,86%
13º	Escudo do Atlético Nacional em tributo à Chape	2	2,86%
14º	Ex-jogadores da Chapecoense	2	2,86%
15º	Flores e cartazes no estádio	2	2,86%
16º	Delegação da Chapecoense (vítimas fatais)	1	1,43%
17º	Fachada de estádio iluminada com a cor verde	1	1,43%
18º	Goleiro Danilo (vítima fatal)	1	1,43%
19º	Jogadores de basquete da NBA	1	1,43%
20º	Jornalistas do Grupo Globo (vítima fatal)	1	1,43%
21º	Papa Francisco	1	1,43%
22º	Piloto da LaMia (vítima fatal)	1	1,43%
	Total de imagens representadas no site da Fox Sports	70	100,02%

Portanto, nenhuma fotografia dos seis funcionários do canal de TV Fox Sports que morreram no acidente aéreo foi publicada pelo próprio Foxsports.com.br durante o recorte temporal desta pesquisa. Porém, esses profissionais de imprensa foram representados em matérias com predominância de vídeos, não deixando assim de haver,

em algum momento, o destaque para a morte desses jornalistas no veículo de comunicação para qual eles trabalhavam.

Para exemplificar quantitativamente o enquadramento visual no nível denotativo, a ocorrência de registros fotográficos de jornalistas no Foxsports.com.br equivale a 1,43% do total de imagens publicadas, o mesmo valor referente ao de jogadores da Chapecoense mortos no acidente (a foto do goleiro Danilo), mas abaixo do percentual de pessoas que não estavam diretamente envolvidas no acidente na Colômbia, como, por exemplo, autoridades políticas (2,86%) e dirigentes de clubes de futebol (5,71%). Isso indica também o baixo número de notícias sobre os profissionais de imprensa e os atletas que morreram em Medellín na cobertura jornalística deste site noticioso que, pela análise visual, deu proeminência a outros atores sociais.

Quanto às outras variáveis que constroem os enquadramentos visuais no nível descritivo, os cenários das imagens foram categorizados nesta pesquisa em interno, externo, não identificado e redes sociais digitais (mensagens de textos). No Foxsports.com.br, a maioria das imagens (50,7%) foram capturadas em ambientes externos, como os estádios e o local do acidente aéreo, enquanto 40,6% são de pessoas e objetos localizados em ambientes internos, principalmente em salas de entrevista coletiva, e 4,4% de mensagens em redes sociais. Não foi identificado o cenário em 4,4% das fotos.

Na variável ação desempenhada nas imagens, a mais recorrente foram de pessoas em estado passivo (31,42%); seguidos por personagens em estado ativo ou participativo (20,03%); discurso/apresentação (11,42%), verificado principalmente durante falas feitas por jogadores, técnicos e dirigentes em entrevistas coletivas; e atividades cotidianas flagradas (2,85%). Em 34,28% dos casos não foram identificadas ações dos sujeitos.

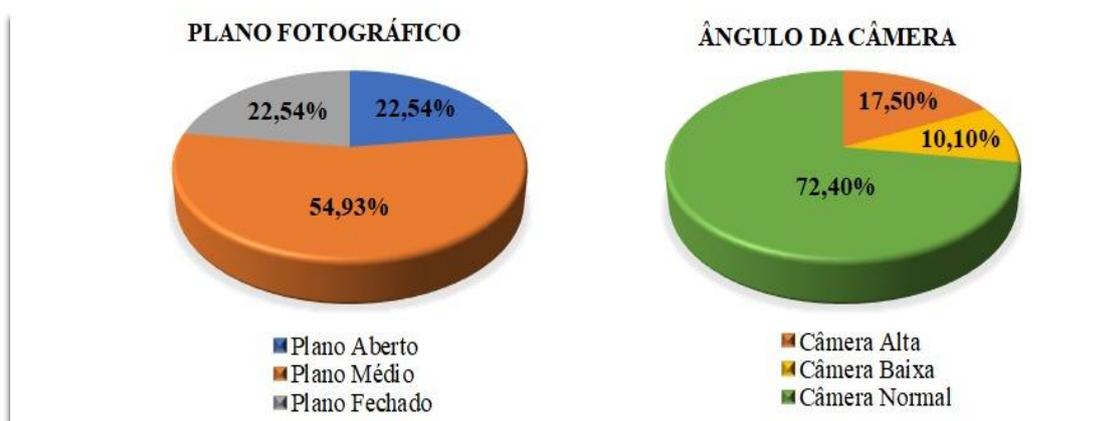
O segundo nível de análise visual é identificação dos elementos estilísticos e técnicos, em que são descritos o plano e o ângulo da câmera¹³⁷, como está demonstrado no Gráfico 17. Para Rodriguez e Dimitrova (2011, p. 54-55, tradução nossa)¹³⁸, “o nível semiótico-estilístico leva em conta as convenções de estilo e as transformações técnicas presentes na representação. Isso implica em saber como convenções e estilos das figuras adquirem significados sociais”.

¹³⁷ Para descrever planos e ângulos da câmera utilizados na captura das imagens dos três sites jornalísticos foram tomados como base os conceitos de linguagem cinematográfica, de noções de enquadramento, com senso narrativo e estético, utilizados no livro *O Primeiro Filme* (2012), do professor Carlos Gerbase.

¹³⁸ “This level also takes into account the stylistic conventions and technical transformations involved in representation. These include how pictorial conventions and styles gain social meanings” (RODRIGUEZ; DIMITROVA, 2011, p. 54-55).

No Foxsports.com.br, as variáveis plano e ângulo mostram que as imagens capturadas por jornalistas do site noticioso, reproduzidas de agências de notícias e redes sociais digitais, e selecionadas pelos editores em sua maioria foram feitas em plano médio (54,93%) e ângulo normal (72,40%), o que indica relação pessoal, mas sem tanta interação e proximidade física, na medida em que o observador não está face a face com os sujeitos e/ou objetos representados nas fotografias.

Gráfico 17 – Como as imagens são destacadas no Foxsports.com.br



No único registro fotográfico de jornalistas mortos no Foxsports.com.br, a imagem publicada foi extraída do Instagram do Botafogo, um dos clubes que prestaram solidariedade às vítimas do voo da LaMia – em discurso retórico presente em narrativas visuais e textuais tanto nas redes sociais quanto nos conteúdos jornalísticos, em torno de uma sensação de pertencimento, de estar ao lado de quem sofreu a dor da perda, com indivíduos e instituições expressando seus valores muitas vezes em símbolos e metáforas, conforme demonstrado na Figura 21.

A imagem que expõe os jornalistas Guilherme Marques e o Guilherme Van Der Laars, com a inscrição “Vocês fazem parte da nossa história”, foi publicada dois dias depois do acidente por conta de uma homenagem feita pelo Botafogo, que colocou o nome de ambos em cabines de imprensa do estádio do qual o time carioca faz uso. Na fotomontagem, que segue o padrão de ângulo normal e plano médio identificado na maioria das matérias do Foxsports.com.br, o clube alvinegro usa uma das cores de seu escudo, o preto, para expressar o sentimento de luto e respeito aos profissionais.

E o fato de o Botafogo divulgar o gesto solidário em seu perfil nas redes sociais digitais dá margem a cogitar que se não houvesse tal informação, possivelmente o

Foxsports.com.br não publicasse nenhuma fotografia referente aos jornalistas, pelo menos no período que abrange o material coletado para esta pesquisa.

Figura 21 – Único registro fotográfico de jornalistas no Foxsports.com.br



Fonte: Twitter do Botafogo-RJ e publicada no Foxsports.com.br, 1º de dezembro de 2016

Na análise visual, verificou-se ainda não haver registro fotográfico nem da família e de amigos das vítimas, nem de sobreviventes sendo resgatados a caminho de hospitais na Colômbia, o que pode sugerir uma cobertura jornalística mais sóbria, sem a captura de imagens de luto, sofrimento. Porém, não há como afirmar aqui se tal decisão deve-se a uma linha editorial da organização jornalística, pois há também entrevistas por escrito e em vídeos publicadas pelo Foxsports.com.br com parentes de jogadores e jornalistas mortos no acidente aéreo.

Como os quadros mais comuns identificados foram os de jogadores e técnicos de futebol que nunca trabalharam na Chapecoense, os dados indicam que o enquadramento visual do Foxsports.com.br privilegiou o olhar de quem conviveu em algum momento com as vítimas, sem tanta intimidade – pelo menos por essa análise visual –, mas que simbolicamente vestiu a camisa do time catarinense após o acidente aéreo, pelo discurso retórico da solidariedade. Quanto ao número inexpressivo de fotografias de jornalistas, tal fato aponta que, no contrato de comunicação entre público e leitor, abordar com mais ênfase a morte dos jornalistas não apresentou-se como uma das prioridades.

3.3.2 Proeminência de imagens de jornalistas da RBS TV

Em 13 dias de análise da cobertura jornalística, do dia da queda do avião da LaMia até 11 de dezembro de 2016, o site da RBS TV divulgou 358 imagens que foram distribuídas entre 89 matérias – e apenas sete destas não tiveram nenhum registro fotográfico, o equivalente a 7,86% de todo o noticiário sobre o acidente, enquanto as outras 82 reportagens (92,14%) contavam com ao menos uma foto publicada.

Diferentemente do Foxsports.com.br, que expôs uma fotografia de jornalistas mortos dentro do recorte temporal proposto para esta pesquisa, o site da RBS TV, no mesmo período de análise, publicou 74 fotos de profissionais de imprensa. Destes jornalistas, 50 são do Grupo RBS – o que já mostra a proeminência dada à morte de seus funcionários – enquanto 24 imagens do site são de jornalistas de outras empresas.

Do levantamento realizado de pessoas e objetos representados nas cenas das matérias do site da RBS TV, os profissionais de imprensa mortos no acidente ocupam a primeira colocação, com 20,67%, o que reforça, no nível denotativo da análise visual, a ênfase dada aos jornalistas – conforme demonstra a Tabela 9.

Tabela 9 – Pessoas e objetos representados nas imagens do site da RBS TV

	Elementos representados nas fotos	Quantidade	Percentual
1°	Jornalistas mortos no acidente (vítimas fatais)	74	20,67%
2°	Familiares e amigos das vítimas	42	11,73%
3°	Jogadores mortos no acidente (vítimas fatais)	38	10,61%
4°	Mensagens em redes sociais	34	9,50%
5°	Torcedores da Chapecoense	33	9,22%
6°	Comissão técnica (vítimas fatais)	26	7,26%
7°	Sobreviventes do acidente aéreo	26	7,26%
8°	Escudo da Chapecoense	14	3,91%
9°	Destroços do avião da LaMia	12	3,35%
10°	Tripulantes do voo (vítimas fatais)	8	2,23%
11°	Estruturas metálicas para o velório	7	1,96%
12°	Caixões cobertos (vítimas fatais sem identificação)	4	1,12%
13°	Fachadas de lojas de Chapecó com laços preto	4	1,12%
14°	Militares e pessoas civis carregando caixões	4	1,12%
15°	Diretoria da Chapecoense	3	0,84%
16°	Ex-jogador da Chapecoense	3	0,84%

17°	Presidente da Federação Catarinense (vítima fatal)	3	0,84%
18°	Avião da FAB transporta corpos das vítimas	2	0,56%
19°	Avião da LaMia antes da queda	2	0,56%
20°	Fachada de igreja com laço preto	2	0,56%
21°	Médico em hospital colombiano	2	0,56%
22°	Piloto da LaMia (vítima fatal)	2	0,56%
23°	Acesso à cidade de Nova Hartz (RS)	1	0,28%
24°	Autoridade política	1	0,28%
25°	Avião colombiano transporta corpos das vítimas	1	0,28%
26°	Avião da Gol	1	0,28%
27°	Avião presidencial do Brasil	1	0,28%
28°	Bandeiras em Chapecó a meio palmo	1	0,28%
29°	Cartazes e faixas	1	0,28%
30°	Fachada da boate Kiss (RS)	1	0,28%
31°	Fachada da Catedral de Florianópolis	1	0,28%
32°	Jornalista que desistiu de viajar para Medellín	1	0,28%
33°	Local do acidente aéreo via imagem do Google	1	0,28%
34°	Placa em homenagem a ex-jogador da Chapecoense	1	0,28%
35°	Velas e flores	1	0,28%
	Total de imagens representadas no site da RBS TV	358	100%

Na sequência da lista de pessoas e objetos representados nas imagens do site da RBS TV estão os familiares e amigos das vítimas fatais ou não do acidente (11,73%), com 42 imagens¹³⁹, sendo que, desta categoria de sujeitos, 12 fotografias são de parentes de jornalistas, todos da RBS TV, durante missas, velórios e sepultamentos. Isso indica que o veículo jornalístico não tinha, ou optou por não ter, registros fotográficos de cerimônias fúnebres dos demais agentes jornalísticos, nem mesmo daqueles que trabalhavam e/ou residiam no Sul do País – região de maior alcance da organização jornalística. Fechando as três primeiras posições da lista estão os jogadores mortos no acidente (10,61%), com 38 fotos.

A predominância do enquadramento visual dos profissionais da RBS TV mortos no acidente em seu próprio site pode ser medida também pela repetição das imagens dos

¹³⁹ Das 42 imagens de familiares e amigos das vítimas, 12 são de parentes de jogadores, 12 de jornalistas, 8 são de pessoas sem parentesco identificado, 6 de familiares dos sobreviventes e 4 de membros da comissão técnica da Chapecoense.

jornalistas do Grupo RBS¹⁴⁰, em formato de mosaico (conforme a Figura 22), tanto que em oito das 89 unidades de notícias foram publicadas a mesma combinação de fotos.

Figura 22 – Mosaico com fotos de jornalistas do Grupo RBS que morreram no acidente



Fonte: site do RBS TV, 2 de dezembro de 2016

¹⁴⁰ O site da RBS TV informa em suas matérias que teve cinco jornalistas mortos no acidente aéreo em Medellín, na Colômbia: Bruno Mauri da Silva, técnico de externas da emissora; Djalma Araújo Neto, repórter cinematográfico; Giovane Klein Victória, repórter da RBS TV em Chapecó; André Luiz Goulart Podiacki, repórter de esportes do jornal Diário Catarinense (veículo de comunicação que em 2016 pertencia à RBS, em Santa Catarina, e que no ano seguinte consolidou a venda de todas as operações do Grupo RBS em Santa Catarina ao Grupo NC); e Laion Machado de Espíndula, repórter do Globoesporte.com em Santa Catarina (o Globoesporte.com é uma subsidiária da Direção Geral de Jornalismo e Esporte da Rede Globo, organização midiática que tem a RBS TV como uma de suas afiliadas). Informações que constam também na matéria intitulada “Cinco profissionais da RBS estavam no avião da Chapecoense”, de 29 de novembro de 2016 e disponíveis em: <http://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2016/11/cinco-profissionais-da-rbs-estavam-no-aviao-da-chapecoense.html>.

A repetição como um dos recursos de retórica pode surtir efeitos positivos ou negativos, conforme a impressão que produz, e aqui, mesmo sem uma análise dos efeitos da recepção dos leitores, entende-se que o uso recorrente dessas fotografias, efetuada de modo espontâneo ou intencional, criou uma regularidade em conjunto com a narrativa textual para dar relevo ao fato e para fixar a memória visual do público em torno da figura desses jornalistas da RBS TV, mesmo que este leitor não tenha acessado todas as notícias do site referentes à morte desses profissionais da imprensa.

Além da ênfase direcionada aos jornalistas mortos, sobretudo aos da RBS TV, o site noticioso expôs frequentemente a foto do narrador Rafael Henzel, único jornalista resgatado com vida dos escombros do avião da LaMia. Do grupo de seis sobreviventes do acidente (7,26%), de um total de 26 registros¹⁴¹, a imagem do profissional da Rádio Oeste Capital prevaleceu sobre os demais, com 11 ocorrências. Como o radialista nasceu em São Leopoldo (RS) e, na época, trabalhava em Chapecó (SC), além de já ter sido repórter da RBS TV em Santa Catarina¹⁴², é possível assinalar que a imagem de Henzel também ganhou maior relevo pelo fato de o Grupo RBS atender a um público prioritariamente da região Sul do País, concentrando assim a cobertura jornalística em torno de pessoas e acontecimentos pertencentes àquele território, o que aponta ainda para um valor-notícia que adere ao critério de proximidade geográfica.

No mesmo levantamento de imagens do site da RBS TV, também observa-se um número expressivo de fotografias alusivas às vítimas fatais¹⁴³ da queda do voo: um total de 150 registros fotográficos, o equivalente a 41,9% de todo o material publicado dentro do recorte temporal estabelecido aqui, o que aponta para uma ênfase destinada a esse grupo de sujeitos, diferentemente do que ocorreu, por exemplo, no Foxsports.com.br.

Quanto aos cenários das imagens, no site da RBS TV, assim como no Foxsports.com.br, foram contabilizadas mais ocorrências em ambientes externos (51,1%) – tais como cemitérios, ruas da cidade de Chapecó, o estádio da Chapecoense (Arena

¹⁴¹ Das 26 imagens de sobreviventes do acidente divulgadas pelo site da RBS TV, entre fotografias de arquivo e outras extraídas de redes sociais, 11 são do jornalista Rafael Henzel, 9 do jogador Alan Ruschel, 4 do zagueiro Neto e 2 do goleiro Jakson Follmann. Não há fotos dos outros dois sobreviventes: os tripulantes bolivianos Ximena Suárez e Erwin Tumiri.

¹⁴² Rafael Henzel trabalhou na RBS TV em Santa Catarina, conforme destacado na matéria “Jornalista Rafael Henzel sobrevive a queda de avião da Chapecoense”, do dia 29 de novembro de 2016. Disponível em: <http://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2016/11/sobrevivente-divulgou-video-com-jogador-da-chape-antes-de-acidente.html>.

¹⁴³ Do total de imagens coletadas de vítimas fatais do acidente estão: jornalistas (74); jogadores da Chapecoense (38); comissão técnica (26); tripulantes do voo (8); e caixões fechados com os corpos das vítimas (4). Nesta pesquisa, esses personagens foram selecionados e classificados separadamente para observar quantitativamente a relevância dada pelos três sites noticiosos a cada grupo de pessoas.

Condá). Na sequência aparecem locais internos (29,3%), como as igrejas onde ocorreram funerais; redes sociais digitais (8,4%), com mensagens de textos de clubes do futebol catarinense – como Avaí e Figueirense, que são rivais da Chapecoense –, de autoridades políticas de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul e do ex-tenista Gustavo Kuerten, que é catarinense. Em 11,2% das matérias os cenários não foram identificados.

Na variável ação desempenhada, as imagens mais recorrentes foram de sujeitos em estado passivo (27,9%), o que pôde ser observado no uso de fotos posadas de sobreviventes e vítimas fatais, procedentes de acervo pessoal ou de publicação em redes sociais digitais. Na sequência aparecem personagens em estado ativo (24%), no exercício de atividades profissionais e em celebrações fúnebres e religiosas pela região Sul do País; discurso/apresentação (13,6%), verificado sobretudo em imagens de arquivo de atletas da Chapecoense durante entrevistas coletivas concedidas após dias de jogos e treinamentos; e atividades rotineiras (7,2%). Não foram identificadas ações em 27,3% das fotografias.

Já no que refere-se ao nível semiótico-estilístico da análise visual, as variáveis plano e ângulo – conforme demonstra o Gráfico 18 – mostram que as imagens em sua maioria foram feitas em plano médio (45,74%) e ângulo normal (77,60%). Porém, diferentemente do Foxsports.com.br, o site da RBS TV tem um percentual superior de imagens em plano fechado, também conhecido por *close*: 28,70% a 22,54%.

Gráfico 18 – Como as imagens são destacadas no site da RBS TV



Em comparação ao enquadramento visual do Foxsports.com.br, esse dado sinaliza uma maior proximidade entre o observador e os sujeitos das cenas publicadas pelo site da RBS TV, principalmente quando há a captura de expressões de sofrimento de torcedores, de amigos e familiares das vítimas presentes aos sepultamentos, ao velório coletivo e nos

arredores do estádio da Chapecoense horas depois da divulgação do acidente, conforme demonstra a Figura 23, em uma fotografia produzida pela agência de notícias Reuters.

Figura 23 – Momento de comoção de torcedores e familiares na Arena Condá

 MENU
 
SANTA CATARINA



Com a comoção de centenas de torcedores e familiares da delegação da Chapecoense a bordo do avião que caiu na Colômbia na madrugada desta terça-feira (29), o clube abriu os portões da Arena Condá em Chapecó, no Oeste de Santa Catarina, no fim desta manhã. Diante do estádio, os torcedores fizeram uma oração pelas vítimas

Segundo as autoridades colombianas, a aeronave levaria 81 pessoas a bordo: 72 passageiros e 9 tripulantes. No entanto a **lista inclui quatro** que não embarcaram e estão vivos. Não há confirmação se outras pessoas embarcaram no lugar deles.

Parentes de dirigentes do clube e moradores da cidade se reuniram nos arredores do estádio para aguardar notícias e fazer orações pelos atletas.

A família do presidente da associação dos clubes de Santa Catarina, Sandro Pallaoro, aparece nas imagens exibidas pelo Jornal do Almoço muito abalada com a tragédia (veja vídeo).



Torcedores apreensivos se reúnem no entorno da Arena Condá, casa da Chapecoense, em Chapecó (SC), à espera de informações (Foto: Paulo Whitaker/Reuters)

Nível denotativo

Pessoas reunidas no entorno do estádio da Chapecoense, chorando e consolando uns aos outros.

Semiótico-estilístico

Ângulo alto e plano médio. A emoção capturada nas expressões do rosto das pessoas enaltece a dor coletiva e a fragilidade diante de tantas perdas.

A imagem, segundo o nível semiótico-estilístico, revela o posicionamento da câmera alta, com a captura do movimento das pessoas de cima para baixo, e o plano médio. Tal estratégia visual permite visualizar as reações corporais e faciais dos personagens em cena e conecta-se à matéria¹⁴⁴ *Chapecoense abre portões da Arena Condá para familiares de atletas* (29/11/2016), o que reforça a narrativa personalizada e emotiva em torno da comoção de torcedores e familiares das vítimas, que aguardavam com apreensão, como destacado na legenda, por notícias mais consistentes sobre a queda do voo, como também está descrito em trechos da notícia (segundo e terceiro parágrafos). E ao contrário do que foi publicado nesta notícia, com base em informações oficiais daquele dia, conforme mostra a Figura 23, a aeronave da LaMia transportava 77 pessoas: 68 passageiros e nove tripulantes.

Apesar de haver um modelo padrão visual nos quadros identificados no site da RBS TV, também existe uma variedade de elementos nas cenas coletadas, que, conseqüentemente, se conectam com uma diversidade de matérias relacionadas ao pacote noticioso sobre o acidente aéreo na Colômbia que matou 71 pessoas. Um exemplo disso é apontado na Figura 24, na imagem onde estão Giovane Klein e, naquela ocasião, a namorada e também jornalista da RBS TV Isabella Fernandez Ibarгойen, na qual o casal curti provavelmente momentos de lazer. A foto postada no perfil de Isabella no Facebook, e também publicada pelo site da RBS TV, ilustra a matéria *“Ele vai ler”, diz namorada de vítima de queda de avião sobre carta na internet*¹⁴⁵, que conta sobre as cartas¹⁴⁶ escritas por ela endereçadas ao repórter com quem conviveu por quatro anos.

Na matéria assinada por Mateus Marques, repórter da RBS TV, como também foi emoldurado no vídeo de 3 minutos e 33 segundos de duração que compõe a notícia publicada no site, fotografias da vida pessoal dos jornalistas mortos no acidente, como a do repórter Giovane Klein, se contextualizaram com os textos que descreveram os profissionais além da posição de mediadores das realidades noticiadas via imprensa. Ao mesmo tempo, neste site, buscou-se “humanizar” a imagem desses profissionais perante o público, trazendo detalhes da

¹⁴⁴ Disponível em: <http://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2016/11/chapecoense-abre-portoes-da-arena-conda-para-familiares-de-atletas.html>.

¹⁴⁵ Disponível em: <http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2016/12/em-algum-momento-ele-vai-ler-diz-namorada-de-vitima-de-voe-sobre-carta.html>.

¹⁴⁶ Em 10 de junho de 2017, a jornalista Isabella Fernandez Ibarгойen lançou em Chapecó (SC), o livro “Cartas de Isabella”. A obra reúne 22 crônicas em forma de cartas que a repórter da RBS TV Chapecó escreveu para Giovane Klein após a morte do jornalista. Disponível em: <https://redeglobo.globo.com/sc/rbstvsc/noticia/reporter-da-rbs-tv-lanca-livro-com-cartas-ao-namorado-vitima-da-queda-do-aviao-da-chapecoense.ghtml>. Acesso em: 19 mar. 2020.

vida particular, e transmitir a mensagem de poder de resiliência, como o da então namorada do funcionário da RBS TV, para o enfrentamento da dor causada pela perda de entes queridos.

Figura 24 – Namorada fala sobre relacionamento de 4 anos com Giovane Klein



Fonte: Facebook e publicada no site da RBS TV, 5 de dezembro de 2016

3.3.3 Dramatização visual no Globoesporte.com

Dos três veículos jornalísticos que são objetos de análise desta pesquisa, o Globoesporte.com, também conhecido como GE, é o que apresenta o maior número de registros fotográficos no recorte temporal aqui estabelecido: são 809 pessoas e/ou objetos representados – número bem superior de fotos comparado ao dos sites do Foxsports.com.br (70) e da RBS TV (358). E do total de 307 matérias jornalísticas publicadas no GE no período de 13 dias, 22 destas não tiveram nenhuma foto publicada, o equivalente a 7,17% de todo o noticiário coletado sobre o acidente aéreo. Ou seja, 285 reportagens (92,83%) contavam com ao menos uma imagem divulgada.

Ao identificar os enquadramentos visuais a partir do levantamento de objetos, personagens e demais elementos presentes nas cenas veiculadas pelo Globoesporte.com, verificou-se a maior presença de fotografias de jogadores da Chapecoense que morreram no acidente aéreo (9,02%) – com 73 imagens de arquivo dos atletas durante treinamentos,

partidas de futebol e alguns momentos da vida particular. Completam a lista das cinco imagens mais recorrentes, como apresenta a Tabela 10, os seguintes grupos: torcedores da Chapecoense (8,28%); familiares e amigos das vítimas (6,92%); sobreviventes (6,60%) e mensagens de redes sociais digitais (6,30%).

Pelo levantamento de imagens publicadas no GE, identifica-se uma ênfase maior dada à equipe da Chapecoense, em especial aos 19 atletas mortos, principalmente o goleiro Danilo¹⁴⁷. Um dos protagonistas da classificação do time catarinense à final da Copa Sul-Americana de 2016, o jogador já carregava o status de ídolo da torcida da Chape antes de sua morte, o que também era enaltecido pela mídia esportiva especializada. E a maior ocorrência de fotos do atleta – emoldurado em narrativas como uma figura heroica devido a atuações elencadas como grandiosas – ainda deve-se ao fato de que seu nome, por informações iniciais desconstruídas, chegou a constar na lista de sobreviventes do acidente por algumas horas, o que expôs mais a imagem e o nome de Danilo no noticiário, em narrativas carregadas de emoção e dramatização.

Essa proeminência de imagens de jogadores mortos da Chapecoense, e de pessoas ligadas intimamente a eles, também é reforçada em mais outras duas categorias: 1) das 56 fotos¹⁴⁸ de familiares e amigos das vítimas, mais da metade (32 no total) eram de parentes dos jogadores que estavam no voo da LaMia – apenas quatro eram de parentes de jornalistas; 2) das 53 imagens¹⁴⁹ dos sobreviventes, a maioria delas (39) são dos atletas Alan Ruschel, Jakson Follmann e Neto – único jornalista que sobreviveu à queda do voo, Rafael Henzel aparece em sete ocasiões.

Entende-se que o GE salientou a narrativa visual de jogadores não tão conhecidos do grande público que ajudaram a Chapecoense – um clube considerado pela mídia esportiva de pequeno a médio porte do futebol brasileiro – a chegar pela primeira vez à final de uma competição internacional após superar times de maior renome na América

¹⁴⁷ Das 73 fotografias de jogadores da Chapecoense que morreram na queda do voo da LaMia, o uso mais recorrente foi o da imagem do goleiro Danilo, em 10 ocasiões. Depois do camisa 1 do time catarinense, os mais representados nas imagens, com cinco ocorrências cada, foram: o meio-campista Cléber Santana (capitão da equipe), os zagueiros Filipe Machado e Thiego, e os atacantes Ailton Canela, Bruno Rangel e Everton Kempes. Todos os 19 atletas que faleceram no acidente tiveram ao mesmo tempo duas fotos publicadas pelo Globoesporte.com dentro do período de 13 dias de análise do noticiário.

¹⁴⁸ Das 56 imagens de familiares e amigos das vítimas do acidente aéreo publicadas no Globoesporte.com durante 13 dias de coleta de dados, 32 são de pessoas que se relacionavam mais intimamente com os jogadores da Chapecoense (foram identificadas fotos de parentes e amigos de 11 atletas). Na sequência estão: familiares sem parentesco identificado (8); familiares dos sobreviventes (7); familiares de jornalistas mortos (4); dos integrantes da comissão técnica (4); e um parente do piloto da LaMia.

¹⁴⁹ Foram coletadas 53 fotografias dos seis sobreviventes do acidente aéreo, a maioria dos três atletas da Chapecoense: Neto (22); Jakson Follmann (9); Alan Ruschel (8); além de 7 imagens do jornalista Rafael Henzel; 5 do tripulante Erwin Tumiri; e 2 da também tripulante Ximena Suárez.

do Sul, mas que foram impedidos pelo acidente aéreo às vésperas da primeira partida da final da Copa Sul-Americana de 2016 de disputarem o título em campo.

Tabela 10 – Pessoas e objetos representados nas imagens do Globoesporte.com

	Elementos representados nas fotos	Quantidade	Percentual
1º	Jogadores mortos no acidente (vítimas fatais)	73	9,02%
2º	Torcedores da Chapecoense	67	8,28%
3º	Familiares e amigos das vítimas	56	6,92%
4º	Sobreviventes do acidente aéreo	53	6,60%
5º	Mensagens de redes sociais	51	6,30%
6º	Jornalistas mortos no acidente (vítimas fatais)	48	5,93%
7º	Escudo da Chapecoense	46	5,70%
8º	Destroços do avião da LaMia	37	4,57%
9º	Diretoria da Chapecoense	31	3,83%
10º	Jogadores de outros clubes de futebol	30	3,71%
11º	Cartazes e flores	26	3,21%
12º	Jogadores da Chape não relacionados para viagem	26	3,21%
13º	Avião da LaMia antes da queda	19	2,35%
14º	Povo colombiano (sem identificação de torcedor)	14	1,73%
15º	Médicos	13	1,61%
16º	Torcedores de outros clubes	13	1,61%
17º	Jornalistas trabalhando na cobertura do acidente	12	1,48%
18º	Bandeiras da Chapecoense	11	1,36%
19º	Ex-jogadores (sem passagem pela Chapecoense)	11	1,36%
20º	Técnicos de futebol (sem passagem pela Chape)	11	1,36%
21º	Autoridades políticas	10	1,24%
22º	Caixões com as vítimas (sem identificação)	10	1,24%
23º	Militares carregando caixões	10	1,24%
24º	Estruturas metálicas para o velório	9	1,11%
25º	Fachadas de estádios com homenagens à Chapecoense	9	1,11%
26º	Prédios e pontos turísticos fazem tributo à Chapecoense	9	1,11%
27º	Dirigentes de outros clubes	7	0,87%
28º	Estradas de acesso ao local do acidente	7	0,87%
29º	Fachada do Instituto Médico Legal de Medellín	7	0,87%
30º	Ex-jogadores da Chapecoense	6	0,74%
31º	Jogadores da base da Chapecoense	6	0,74%

32°	Técnico Caio Júnior (vítima fatal)	6	0,74%
33°	Piloto/dono da LaMia (vítima fatal)	5	0,62%
34°	Documentação	4	0,49%
35°	Material esportivo do goleiro Danilo	4	0,49%
36°	Vagner Mancini, novo técnico da Chapecoense	4	0,49%
37°	Camisas em homenagem à Chapecoense	3	0,37%
38°	Delegação da Chapecoense antes da viagem	3	0,37%
39°	Fabricação da camisa da Chapecoense	3	0,37%
40°	Jornalistas que não viajaram para Colômbia	3	0,37%
41°	Plano de voo da LaMia	3	0,37%
42°	Preparador de goleiros Boião (vítima fatal)	3	0,37%
43°	Troféu da Copa Sul-Americana	3	0,37%
44°	Avião da FAB transporta corpos das vítimas	2	0,25%
45°	Cerimônia fúnebre na Olimpíada de 1972	2	0,25%
46°	Fachada de hospital colombiano	2	0,25%
47°	Funcionária boliviana de controle de tráfego aéreo	2	0,25%
48°	Socorristas durante acidente com Ayrton Senna	2	0,25%
49°	Voluntários em Medellín	2	0,25%
50°	Ambulância no gramado da Arena Condá	1	0,12%
51°	Bispo da Diocese de Chapecó	1	0,12%
52°	Bombeiros durante o resgate	1	0,12%
53°	Caixa preta do avião da LaMia	1	0,12%
54°	Caminhões de imprensa em volta do estádio	1	0,12%
55°	Carreta para transportar caixões com as vítimas	1	0,12%
56°	Diretor-geral da LaMia	1	0,12%
57°	Fachada de igrejas	1	0,12%
58°	Fachada do Ministério Público Federal	1	0,12%
59°	Imagem de Nossa Senhora Aparecida	1	0,12%
60°	Pombas soltas no céu	1	0,12%
61°	Porta-voz da LaMia	1	0,12%
62°	Posto policial na Colômbia	1	0,12%
63°	Preparador físico Anderson Paixão (vítima fatal)	1	0,12%
64°	Terroristas durante atentado na Olimpíada de 1972	1	0,12%
	Total de imagens representadas no site do GE	809	100%

Neste levantamento do enquadramento visual, os jornalistas mortos estão identificados em 48 ocasiões no GE (5,93%), aparecendo em sexto lugar na lista de pessoas e objetos representados nas imagens. A maioria das fotografias (16 ocorrências) são dos seis funcionários do canal de TV Fox Sports Brasil, predominantemente com imagens de menor tamanho em matérias¹⁵⁰ que trouxeram a relação de integrantes da imprensa que morreram no acidente aéreo. Na sequência estão os profissionais da RBS TV, com 13 fotos, os da TV Globo (9 ocorrências); do GE (5 ocorrências); e os de emissoras de rádio (também com 5).

No entanto, considerando que TV Globo, RBS TV e Globoesporte.com integram o mesmo conglomerado de mídia, a maioria das imagens de jornalistas mortos veiculadas no Globoesporte.com foram de funcionários do Grupo Globo (27 no total) – inclusive com fotos de maior tamanho, além de vídeos e reportagens dedicados a esses profissionais¹⁵¹, o que evidencia uma proeminência direcionada aos contratados do Grupo Globo quando compara-se ao número de imagens divulgadas de todos os profissionais de outros veículos de comunicação.

Em outra categoria de imagens, a de familiares e amigos das vítimas do acidente aéreo, de um total de 56 registros, o Globoesporte.com expôs quatro fotografias de parentes de jornalistas mortos – enquanto o site da RBS TV publicou 12 em um universo menor de matérias comparada ao do GE, e no site da Fox Sports não houve registro fotográfico desse grupo de pessoas no período analisado para a pesquisa.

No GE, foram expostas duas fotos de familiares de profissionais da TV Globo (uma da família do cinegrafista Ari Júnior e outra do repórter Guilherme Marques) e duas de familiares de funcionários do canal de TV Fox Sports (do repórter Victorino Chermont e do comentarista Paulo Julio Clement, ambos ex-profissionais do canal SporTV, que pertence ao Grupo Globo) – número inferior ao de parentes de jogadores mortos (32), que ganharam maior relevo na narrativa visual no GE, especialmente durante os velórios e sepultamentos, conforme Figura 25.

Nas cerimônias fúnebres dos quatro jornalistas, que foram realizadas em salões e ginásios de clubes de futebol dos quais esses profissionais eram torcedores, o GE publicou imagens de familiares que estavam vestidos com uniformes dessas agremiações, como

¹⁵⁰ Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/sc/futebol/times/chapecoense/noticia/2016/11/veja-lista-dos-21-jornalistas-que-estavam-no-voo-da-chapecoense.html>.

¹⁵¹ Três jornalistas da TV Globo morreram no acidente em 29 de novembro de 2016: Ari de Araújo Jr., Guilherme Marques e Guilherme Van der Laars. Um do Globoesporte.com, Laion Espíndula, e quatro da RBS TV: Bruno Mauri da Silva, Djalma Araújo Neto, Giovane Klein e André Podiacki.

destacado na matéria “*Nós não somos abutres*”: a difícil missão de cobrir velório de amigos (04/12/2016)¹⁵², ou de bandeiras dos times que cobriram os caixões dos profissionais de imprensa, que ilustram a notícia *Sob forte emoção, famílias e amigos dão adeus a Victorino Chermont e PJ* (04/12/2016)¹⁵³.

Figura 25 – Cenas dos velórios de jornalistas do Fox Sports e da TV Globo



Fonte: Globoesporte.com, 4 de dezembro de 2016; fotomontagem – elaboração própria

Desse modo, revelou-se ou tornou-se mais notória a preferência clubística de jornalistas que muitas vezes não é exposta na rotina de trabalho ou mesmo fora dela e, simultaneamente, reforçou-se a retórica de solidariedade dos clubes – que inclusive disponibilizaram suas instalações para os velórios – e de homenagens às vítimas da queda do voo da LaMia. Assim como o GE, o site da RBS TV adotou procedimento similar, porém na cobertura jornalística dos velórios realizados no Sul do País, onde residiam e trabalhavam outros profissionais de imprensa.

¹⁵² Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/sc/futebol/times/chapecoense/noticia/2016/12/nos-nao-somos-abutres-dificil-missao-de-cobrir-velorio-de-amigos.html>.

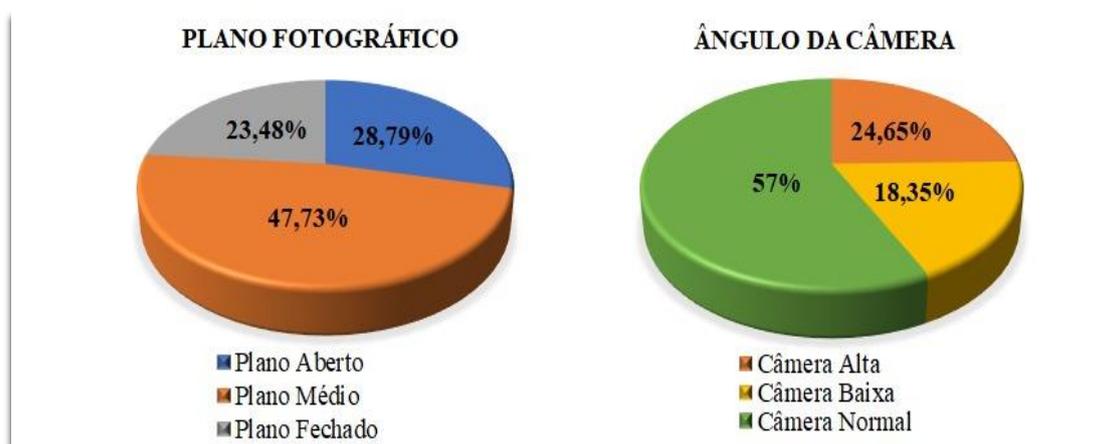
¹⁵³ Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/sc/futebol/times/chapecoense/noticia/2016/12/sob-forte-emocao-familias-e-amigos-dao-adeus-victorino-chermont-e-pj.html>.

Diferentemente do Foxsports.com.br e do site da RBS TV, o GE registrou imagens do trabalho realizado por seus jornalistas e por outros profissionais de imprensa, e consequentemente os recursos visuais estavam associados a matérias sobre a atividade jornalística durante a cobertura do acidente de repercussão internacional. Apesar do percentual não ser expressivo (1,48% do total de fotos no portal de notícias), o GE publicou 12 fotos de jornalistas trabalhando nas notícias que relatavam as impressões desses atores sociais em torno da cobertura do acidente aéreo.

Quanto aos cenários das imagens, assim como nos outros dois sites, a maior incidência no GE foi registrada em ambientes externos (54,82%) – principalmente no estádio da Chapecoense, onde realizou-se o velório coletivo de 50 pessoas –, seguido por locais internos (22,80%) e redes sociais digitais (12,73%) – com mensagens de textos de diversos atores sociais. Em 9,65% dos casos não foram identificados cenários.

Na variável ação desempenhada, a mais recorrente foram de pessoas em estado ativo (31,06%), especialmente em atos realizados em igrejas e nos estádios do Brasil e da Colômbia. Na sequência, sujeitos em estado passivo (23,94%), seguidos de apresentação ou discurso (12,5%) – principalmente em entrevistas coletivas de médicos falando sobre o estado de saúde dos sobreviventes, o que não foi observado nos outros dois sites – e atividades cotidianas (2,4%). Em 30,1% dos casos a ação não foi identificada.

Gráfico 19 – Como as imagens são destacadas no Globoesporte.com



Já no nível semiótico-estilístico da análise visual do GE, as variáveis plano e ângulo, como indica o Gráfico 19, seguem o padrão observado nos outros dois sites jornalísticos, com a predominância de imagens em plano médio (47,73%) – que ocupa parte considerável do ambiente e registra a movimentação dos elementos em cena – e

fotos em ângulo normal (57%), com a captura de imagens ao nível dos olhos da pessoa fotografada.

A variável ângulo segue o mesmo padrão nos três sites noticiosos, porém, há no GE um percentual maior de figuras posicionadas em câmera alta (plongée) aos olhos do observador (GE: 24,65%; Foxsports.com.br: 17,50%; site da RBS TV: 14,80%). A utilização deste recurso visual enquadra os sujeitos de tal modo que eles aparecem em tamanho reduzido em cena, “diminuído” no recorte fotográfico, o que fornece a sensação de enfraquecimento ou falta de poder dos personagens.

Ao usar a estratégia de enquadrar a imagem de cima para baixo, captando por exemplo cenas de choro durante o velório, o que reforça o momento de fragilidade das pessoas, aliada à narrativa textual de tom emotivo do acidente aéreo, há uma tendência de amplificar a retórica da vivência da dor, do sofrimento e do circuito de afetos de um grupo de atores sociais. Nesse processo de construção da notícia, os jornalistas buscam estar alinhados aos mapas culturais da sociedade, à identidade e aos significados sociais de uma coletividade (HALL *et al.*, 2016), acionando percepções sobre os indivíduos, mesmo que não seja de modo planejado e sim de maneira cognitiva, para compreender o senso comum e, a partir daí, interpretar fatos e realçar determinados valores noticiosos.

Para exemplificar essa prática, verificou-se na análise visual do material coletado do GE, cenas em que são emolduradas de modo recorrente o clima de luto, sobretudo, pela morte dos jogadores, o que simbolizou de modo trágico a interrupção da fase, até agora, mais áurea da história do clube, que, desportivamente, ganhava os holofotes da imprensa esportiva especializada, no cenário brasileiro e sul-americano, o que também era vivenciado pelos torcedores da Chapecoense e aficionados por futebol. Mas, por outros valores-notícia, como a tragédia, a dramatização, o inesperado, o noticiário foi o potencializado por outro viés, conforme demonstrado na Figura 26.

Na matéria *O 29 de novembro que Chapecó não esquecerá: dor, união e reconstrução* (30/11/2016)¹⁵⁴, sete imagens compõem a notícia. A primeira fotografia, a mais próxima ao título, a de torcedores da Chapecoense – segunda imagem mais recorrente do noticiário do GE (8,28%, como um total de 67 fotos) –, já aponta que, em acontecimentos como o acidente aéreo que provoca a morte de quase a totalidade dos passageiros, o “jornalismo tenderá a realçar os elementos extraordinários, dramáticos, trágicos” (HALL, 2016, p. 310). E a dramatização textual e visual (como está exposto na

¹⁵⁴ Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/sc/futebol/times/chapecoense/noticia/2016/11/o-29-de-novembro-que-chapeco-nao-esquecera-dor-uniao-e-reconstrucao.html>.

avaliação em nível semiótico-estilístico) pode ser percebida logo no primeiro parágrafo, ao apresentar um estilo poético, que foge do padrão de pirâmide invertida de contar as histórias, para dar significados ao modo como este acontecimento é relatado.

Figura 26 – Dramatização textual e visual

☰ MENU
ge
🛡️
CHAPECOENSE

30/11/2016 02h35 - Atualizado em 30/11/2016 09h28

O 29 de novembro que Chapecó não esquecerá: dor, união e reconstrução

Luto une cidade que teve as 24 horas mais difíceis de sua história; quem fica pensa em reconstrução de futebol devastado: "Tem que continuar, não tem outra escolha"

Por Amanda Kestelman
Chapecó, SC

f FACEBOOK
🐦 TWITTER
g+
p



Torcida da Chapecoense na Arena Condá (Foto: Reuters)

Era para ser uma semana de verde cintilante. A cor de Chapecó nunca chegou tão longe, nunca foi tão reluzente. De forma devastadora, uma tragédia sem precedentes na história do esporte colocou fim ao sonho da equipe de maior ascensão atual do futebol brasileiro. Nas ruas da cidade catarinense que tem o clube como maior orgulho, o luto uniu. Juntos na Arena Condá – palco de tantas alegrias em 2016 –, uma

população chorou junto. Lágrimas da família dos jogadores, dos funcionários, dos colegas dos jornalistas. O luto oficial é de 30 dias, mas choramos todos no 29 de novembro que Chapecó jamais esquecerá.

Nível denotativo

Torcedores se reúnem no estádio da Chapecoense horas após o acidente e se comportam como se fosse um dia de jogo. Uniformizadas, as pessoas em primeiro plano são as que têm reações mais expressivas, cantando de forma fervorosa e erguendo os braços.

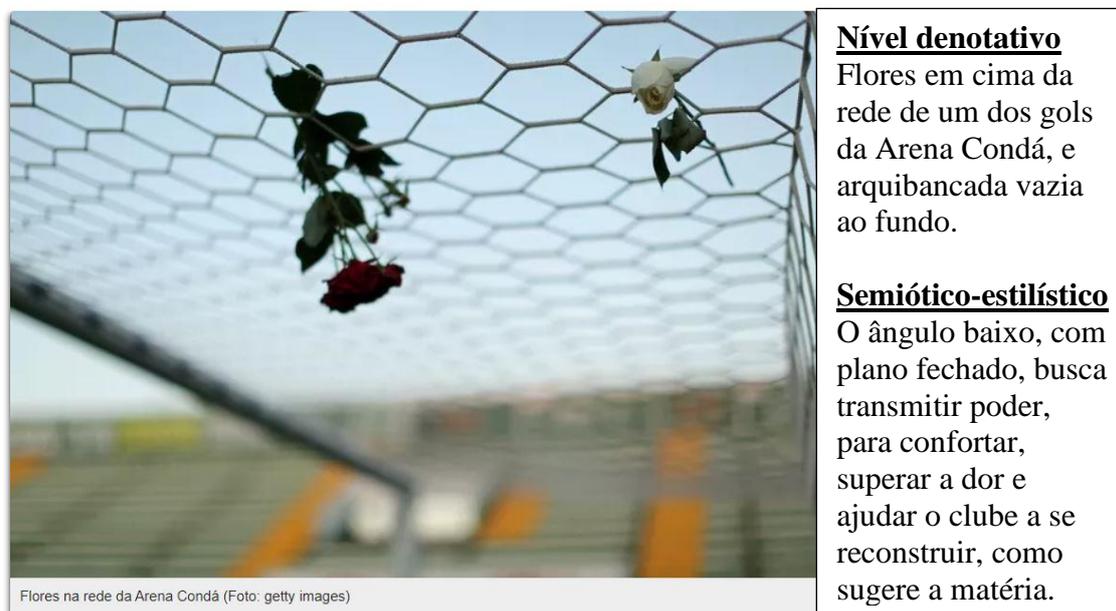
Nível semiótico-estilístico

Plano médio mostra um recorte da torcida no estádio, indicando que esteja lotado, em clima de união. O ângulo da câmera é alto, que dá noção de profundidade, e sugere que torcedores estejam cantando, erguendo as mãos aos céus, em alusão ao time da Chapecoense, vivendo a dor.

No lide, nas últimas linhas, a figura do jornalista se manifesta como integrante da cena, mas o próprio não se enquadra como o protagonista, e aqui não objetiva-se reivindicar tal papel para o personagem, mas constatar a sua presença como narrador e ator presente nas histórias, mesmo que esteja ausente em várias narrativas. Na referida matéria, no primeiro parágrafo, o trecho “Lágrimas da família dos jogadores, dos funcionários, dos colegas dos jornalistas”, revela que, mesmo que tentem manter um certo distanciamento, esses profissionais não podem (ou não deveriam) se dissociar da tragédia.

No texto, é explícito que os jornalistas compartilham o luto e, em tom positivista, a união e o projeto de reconstrução da vida, seja pessoal, profissional e institucional, o que de certo modo está assinalado no noticiário dos três veículos jornalísticos. Em outro trecho da mesma matéria do GE, que diz “Os jornalistas que ali estavam para relatar a tristeza dos outros, desta vez, tinham que digerir suas perdas mais próximas”, mostra o quanto é desconfortável, e até mesmo sacrificante, para a imprensa esportiva cobrir tais fatos que rompem com a rotina de trabalho e os expõem emocionalmente, e em público.

Figura 27 – Gesto simbólico de solidariedade no estádio da Chapecoense



Fonte: Globoesporte.com, 30 de novembro de 2016

No entanto, na notícia que sintetiza como foi o dia na cidade de Chapecó, não há imagens publicadas que reforçam esse tipo de sentimento, até porque em vários cenários, principalmente abertos (ao ar livre), em todo o corpus de análise, como estádio, ruas, cemitérios, foi verificado que o jornalista buscou manter-se o mais reservado possível

quanto ao seu estado emocional. Para retratar os sentimentos de diversas procedências, o que observou-se, sobretudo no noticiário do GE, foi a presença de elementos visuais que deram proeminência a gestos de solidariedade, e esses atos simbólicos narrados pelos jornalistas aconteceram, em sua maioria, na cidade de Chapecó ou no estádio da Chapecoense, conforme demonstrado na Figura 27, em imagem também extraída da matéria *O 29 de novembro que Chapecó não esquecerá: dor, união e reconstrução*.

Apesar de haver similaridades quanto ao enquadramento visual entre os três veículos jornalísticos que servem aqui como objetos de análise, cada um deu relevo a diferentes personagens. O Foxsports.com.br privilegiou imagens de jogadores de futebol sem passagem pela Chapecoense, repercutindo em seu noticiário mais o impacto do acidente no universo esportivo. O site da RBS TV, por sua vez, foi quem deu mais proeminência aos 20 jornalistas mortos, sobretudo os de sua equipe de reportagem, enquanto o GE realçou a figura de um outro grupo de vítimas fatais: a dos 19 jogadores da Chapecoense. Por serem veículos segmentados de notícias esportivas, GE e Foxsports.com.br publicaram mais fotos de personagens do futebol (jogadores, técnicos, torcedores), ao contrário do que verificou-se no site da RBS TV – versão on-line da emissora de televisão que abrange uma variedade maior de assuntos do cotidiano, que não se restringe ao segmento do noticiário esportivo.

3.4 Resultados

A análise do enquadramento multimodal permitiu encontrar respostas para os questionamentos propostos para esta dissertação. Sobre a pergunta central, como foi a noticiada a morte dos 20 jornalistas na queda do voo da LaMia nas proximidades do aeroporto de Medellín, a metodologia aplicada apontou para a prática de algumas características do jornalismo brasileiro que apresentaram-se como determinantes para atestar a hipótese de subvalorização desta notícia nos três sites jornalísticos escolhidos como objetos de investigação da presente pesquisa.

Uma das particularidades da cultura jornalística brasileira identificadas foi a dificuldade, ou até um provável desinteresse, de falar sobre o profissional de uma outra organização jornalística ou de produzir conteúdo sobre esses personagens, mesmo em um caso excepcional como a morte de 20 jornalistas em decorrência de um acidente aéreo. Neste caso, verificou-se, principalmente no nível narrativo do enquadramento, que o GE

retratou mais vezes, e com maior profundidade do que o Foxsports.com.br e o site da RBS TV, sobre os jornalistas mortos que trabalhavam em outras empresas de jornalismo.

Ao cruzar dados obtidos, por exemplo, das análises narrativa e visual, evidenciou-se que o site da RBS TV foi quem deu maior relevo aos jornalistas mortos. Porém, enalteceu basicamente os funcionários do próprio Grupo RBS e mencionou no corpo do texto, em certas ocasiões, os profissionais que trabalhavam nas emissoras de rádio e televisão de Chapecó. Um olhar exclusivo para a seção de enquadramento noticioso até revelou esta inclinação da cobertura jornalística, como o maior número de menções aos jornalistas nos títulos das notícias, mas não com o detalhamento e o volume de dados obtidos a partir da análise dos outros dois níveis de enquadramento multimodal.

Outra marca desta cultura jornalística, verificada na análise multimodal, que contribuiu para a sub-retratação da morte dos jornalistas é o fato de a imprensa tradicional atribuir a si próprio o poder de interpretação dos acontecimentos sociais (RIBEIRO, 2000; ZELIZER, 2000), o que consequentemente direciona o olhar para o outro e raramente para si, sustentando assim o discurso de distanciamento pessoal dos fatos que valde para o profissional, e também para as organizações jornalísticas e o próprio público, os ideais de isenção e objetividade que, em um discurso tradicional dos meios de comunicação, são vistos como pré-requisitos da chamada boa prática do jornalismo.

Desse modo, os jornalistas privilegiaram, na maioria dos casos, mais a descrição dos acontecimentos, tentaram evitar maiores rupturas da rotina profissional, e, mesmo diante da morte de amigos e colegas de profissão, buscaram de alguma maneira controlar as próprias emoções, principalmente nos textos escritos, visto que os sentimentos expressos pelos profissionais de imprensa foram detectados com maior frequência em vídeos divulgados por programas televisivos anexados aos três sites jornalísticos, mas esse comportamento mais emotivo não foi notado em maior quantidade ao analisar todas as notícias coletadas dos três sites jornalísticos para esta dissertação.

Entende-se que tal postura de olhar para o outro, e menos para si, influenciou diretamente no enquadramento efetuado pelos três veículos noticiosos, que estavam mais direcionados a noticiar o círculo de afetos em torno de atletas mortos, familiares e amigos das vítimas fatais, e da própria Chapecoense, estes sim elencados como protagonistas das histórias. Neste caso, nota-se que o discurso de objetividade como condição de legitimidade do jornalismo apresenta-se como frágil. Afinal, mesmo que tente agradar ao público, informando-o e satisfazendo as suas necessidades, tal prática jornalística, como

aqui destacada, mostra que as notícias são produzidas e ganham maior valor a partir de categorias ideológicas, normalmente não explicitadas e constantemente naturalizadas.

Os agentes jornalísticos e os três veículos noticiosos que servem como corpus de análise desta pesquisa preocuparam-se então, dentro do possível, em manter a rotina produtiva, o ritual de comunicação no qual o jornalista é o fabricante da notícia e o público, o consumidor – cada um com suas atribuições. Neste jogo social, como ressaltam Umbelino e Freitas (2017, p. 161), há outro fato que, muitas vezes, não é explicitado: o próprio jornalista não se enxerga como público, pois “o público é sempre um Outro que completa a lógica simbólica do Eu jornalístico”.

Apesar de transitar nos mesmos espaços físicos e sociais, e mesmo que compartilhem vários sistemas simbólicos agregadores maiores (a nacionalidade, o conceito de cidadão, de morador urbano, etc.), pode-se observar que o jornalista não se considera e nem se vê como seu próprio público, não se confunde com ele, e não se reconhece nele. O público, portanto, também é um Outro para o jornalista (UMBELINO; FREITAS, 2017, p.157-158).

Como os jornalistas não se enxergam como público e posicionam-se como testemunhas dos acontecimentos, eles, na maioria dos casos, procuraram não salientar a própria classe profissional e concentraram-se mais em descrever o desenrolar dos fatos, evitando considerações subjetivas, uma prática mais reservada a artigos, colunas, blogs. Assim, os esquemas narrativos tornaram-se por muitas vezes similares, o que aponta para mais uma característica do jornalismo nacional: a homogeneização no tratamento das notícias (MORAES, 2013), com a predominância nos três veículos noticiosos de narrativas de apelo emocional, inclusive quando trataram exclusivamente de notícias sobre os jornalistas mortos e os relatos de amigos e familiares destas vítimas.

Uma das razões identificadas para que os jornalistas mortos tivessem menor saliência nos enquadramentos estabelecidos pelos três sites noticiosos reside também na existência de quadros antecedentes à tragédia aérea. Entre os quadros primários que reduziram o tamanho da realidade retratada sobre os jornalistas mortos estava a sinergia existente entre jogadores da Chapecoense, torcedores e moradores da cidade do Oeste catarinense, e até a imprensa local, resultante de um “conto de fadas esportivo” – assim descrito em um dos vídeos publicados no GE – no qual, às vésperas do acidente aéreo, a crônica esportiva brasileira já emoldurava narrativas de exaltação a um clube

relativamente novo e sem tanta visibilidade no País pela rápida e exemplar ascensão no cenário do futebol brasileiro e sul-americano.

Conseqüentemente, a maior atenção da mídia em torno da comoção coletiva derivada da morte de quase toda a delegação esportiva da Chapecoense criou mais oportunidades para o contato do público com as mensagens referentes ao clube, aos atletas mortos e aos seus familiares, reforçando a centralidade desses personagens em diversas narrativas, sobretudo àquelas direcionadas a tributos realizados na Colômbia e ao velório coletivo ocorrido em Chapecó. Por conseqüência, a valorização deste enquadramento atenuou a importância da morte dos 20 jornalistas, mesmo que o episódio em particular da imprensa brasileira esteja intimamente conectado à chamada tragédia da Chapecoense.

Outro quadro primário no que tange à cobertura do acidente aéreo e a um apagamento da morte dos 20 jornalistas que deve ser levado em conta diz respeito ao futebol como esporte de marca identitária da cultura brasileira, o que contribuiu para a superexposição de informações sobre a modalidade mais popular do País na construção do noticiário – no qual está inserida a Chapecoense –, ainda mais quando dois sites de notícias esportivas, GE e Foxsports.com.br, servem como objetos de pesquisa.

Portanto, a linha dominante das histórias relaciona a Chapecoense como a maior vítima da tragédia aérea, conforme demonstrado nos dados referentes ao papéis narrativos. Entretanto, os jornalistas figuram entre os três primeiros desta lista e, assim, esses profissionais habituados a contarem histórias de diversos personagens, também entram no rol de atores das peças jornalísticas. Como dito em um dos vídeos publicados pelo GE extraído do programa Esporte Espetacular, da TV Globo, no qual a jornalista Glenda Kozlowski dizia que “21 jornalistas embarcaram em São Paulo para algo fantástico. Serem testemunhas de uma página inédita na história de um clube de futebol, mas não deu. O roteiro mudou”. Justamente pela mudança do *script*, os agentes jornalísticos não eram mais somente testemunhas das 489 notícias coletadas para esta pesquisa, eram também atores das mesmas narrativas.

Mesmo com similaridades quanto ao enquadramento efetuado pelos três veículos noticiosos, como o maior relevo dado aos jornalistas mortos de suas empresas de comunicação e, conseqüentemente, uma menor ênfase destinada aos colegas de profissão de outras instâncias midiáticas, e o baixo destaque dado as percepções dos jornalistas sobre o próprio trabalho, cada site noticioso apresentou determinadas diferenças referente ao noticiário sobre os 21 jornalistas (20 mortos e um sobrevivente) presentes na queda do

voo da companhia boliviana LaMia, como observou-se na análise de enquadramento, em seus níveis narrativo, visual e *framing*.

Apesar de haver uma expectativa de que o Foxsports.com.br pudesse agrupar um maior volume de material referente aos jornalistas, devido ao simples fato de que o canal de TV por assinatura Fox Sports ter o maior número de vítimas fatais (seis) no acidente aéreo, isso não se confirmou. Em números quantitativos e percentuais, a centralidade das narrativas neste site destinou-se às impressões de personagens do cenário esportivo brasileiro – técnicos, jogadores, dirigentes – acerca do futuro da Chapecoense pós-tragédia. O Foxsports.com.br ainda privilegiou falar mais de seus funcionários que morreram na queda do voo e, com uma cobertura textual mais sóbria, coube ao material audiovisual produzido pelo canal de TV Fox Sports homenagear com mais ênfase os seis profissionais que perderam a vida no acidente aéreo.

Até mais do que o Foxsports.com.br, o site da RBS TV foi quem deu maior relevo à morte de seus jornalistas – do Grupo RBS –, com volume superior de matérias e registros fotográficos em comparação aos outros dois veículos de comunicação, o que ficou comprovado na análise dos três níveis de enquadramento multimodal. Noticiou também por vezes sobre profissionais de emissoras de rádio e TV do Sul do País, quando referiu-se sobretudo aos velórios, o que indica a adoção do valor-notícia de proximidade geográfica no tratamento das notícias.

No site da RBS TV, observou-se uma articulação mais intensa entre os três níveis de enquadramento multimodal, com imagens de jornalistas do Grupo RBS TV, extraídas do perfil das redes sociais dos mesmos, em momentos de descontração no trabalho e na vida particular, dialogando com notícias que enfatizaram um clima de saudade e de competência profissional dos agentes jornalísticos, em narrativas predominantemente personalistas (sobre as ações dos personagens) e de apelo emocional.

No GE, houve maior recorrência de menções ao jornalista no último parágrafo das notícias, o que assinala, a partir da clássica análise do enquadramento noticioso, uma subvalorização deste personagem nas narrativas, quando considera-se o grau de importância das palavras na construção de textos em formato de pirâmide invertida. Em contrapartida, o portal de notícias esportivas foi quem mais enfatizou a morte de colegas de outras empresas jornalísticas, dado constatado sobretudo na análise narrativa, além do nível visual. Também registrou uma maior recorrência de histórias narradas em primeira pessoa, principalmente após a chegada dos corpos vindos da Colômbia e durante a

cobertura jornalística dos velórios no Rio de Janeiro e em Chapecó, com os agentes jornalísticos expondo suas percepções sobre os fatos e a própria rotina de trabalho.

Quanto aos objetivos específicos da pesquisa, como o profissional de imprensa manifestou-se nas histórias e como ele foi notado em cena, a análise multimodal indicou que, em forma de homenagens coletivas promovidas pela empresa jornalística ou de maneira espontânea durante a cobertura de eventos como o velório coletivo, os jornalistas emitiram suas opiniões e expressaram seus sentimentos quando já não havia possibilidade de omitir, como no caso em que o repórter Guido Nunes, do canal SporTV, foi questionado pela mãe do goleiro Danilo (um dos jogadores mortos no acidente) sobre a dor de perder amigos de profissão. Na ocasião, o jornalista não segurou as lágrimas durante a transmissão ao vivo, em vídeo reproduzido pelo GE. Porém, na maioria das situações, o agente jornalístico procurou retratar as emoções de seus entrevistados, até por isso a inversão de papéis, com a entrevistada – dona Ilaídes Padilha – questionando o repórter, estabeleceu-se uma ruptura na comunicação que permitiu revelar o abalo emocional dos profissionais de imprensa, sobretudo daqueles que estavam em Chapecó.

Já a maneira como o jornalista foi emoldurado nas cenas mostra este profissional inserido em um dos principais grupos de vítimas fatais do acidente, mas não como protagonista. Em nenhum momento, foi atribuído a ele o papel de herói das narrativas, sendo elencando apenas um vez como vilão, quando uma mulher bradou para repórteres, fotógrafos e cinegrafistas nas proximidades do local onde realizou-se o velório de dois jornalistas da TV Globo no Rio de Janeiro, chamando os profissionais de imprensa de “abutres”. Em algumas ocasiões, no site da RBS TV e no GE, o jornalista narra notícias em primeira pessoa, colocando-se como participante ativo das histórias, mas sem a utilização da imagem desses profissionais no material produzido por eles.

Quanto ao modo como foram enquadradas as narrativas sobre Rafael Henzel, o radialista ganhou espaço nos três veículos noticiosos, principalmente no GE e no site da RBS TV. Pelo fato de ter sido o único jornalista sobrevivente do acidente, tornou-se a figura mais notória entre os 21 jornalistas que viajaram com a delegação da Chapecoense para a Colômbia. A narratividade quanto ao noticiário sobre este profissional, principalmente sobre o seu estado de saúde naquela oportunidade, teve um alto grau de emoção e dramatização. De certa maneira, as imagens, mesmo retiradas das redes sociais digitais do narrador – antes e depois do acidente aéreo – que demonstravam serenidade do jornalista, conectaram-se aos textos produzidos na imprensa, pois, com o passar dos dias, houve uma evidente evolução do quadro clínico do paciente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados alcançados a partir da análise de enquadramento multimodal apontaram inevitavelmente para comparações entre a cobertura jornalística do GE, do Foxsports.com.br e do site da RBS TV, não somente quanto à moldura dos quadros referentes à morte dos 20 jornalistas. O GE, por exemplo, buscou com maior frequência do que os outros dois sites notícias sobre as possíveis causas do acidente aéreo e o andamento do processo de indenização às vítimas, em especial às famílias dos jogadores da Chapecoense, entre outras temáticas decorrentes da queda do voo da LaMia. Com maior volume de matérias (307, contra 93 do Foxsports.com.br e 89 do site da RBS TV), o GE tentou ampliar o debate para outras questões, mesmo não afastando-se da linha dominante da história – a política de afeto em torno da Chapecoense.

Porém, observou-se que em nenhum momento mencionou-se o pagamento de indenizações para os familiares dos jornalistas, somente para os parentes dos atletas e integrantes da comissão técnica da Chapecoense, como também não foram identificados por parte dos jornalistas e dos três veículos de comunicação julgamentos e/ou comentários explícitos sobre a conduta do piloto da LaMia, Miguel Quiroga, e da companhia aérea boliviana. Declarações mais contundentes couberam a alguns jogadores da Chapecoense e a familiares dos atletas, que foram descritas principalmente no GE.

Em outro momento, o GE utilizou-se de estratégias retóricas, como consonância e amplificação, para projetar a relevância do acidente com a delegação da Chapecoense, buscando conexões com outras fatalidades do universo esportivo que comoveram grande parte da sociedade. Porém, o mesmo procedimento não foi visto, por nenhum dos três sites noticiosos, para ressaltar que a morte dos 20 profissionais de imprensa na queda do voo da LaMia representou o maior acidente envolvendo jornalistas brasileiros da história, superando, em números quantitativos, as 14 mortes de profissionais de quatro emissoras de televisão causadas pela explosão de uma aeronave que se chocou com um morro perto da cidade de Macaé, no Rio de Janeiro, em 28 de junho de 1984. Desse modo, constatou-se o silenciamento quanto esta informação nas 489 matérias coletadas para a pesquisa, reduzindo drasticamente a possibilidade dessas notícias serem percebidas pelo público.

Neste trabalho, não reivindicou-se maior proeminência da morte dos jornalistas em detrimento da valorização de outros personagens das histórias, o objetivo era questionar se a perda de 20 profissionais de imprensa no acidente aéreo – número superior ao de atletas da Chapecoense (19) que morreram na queda do voo da LaMia – não teve,

e por quais razões, maior atenção por parte da própria imprensa e conseqüentemente do público consumidor de notícias, que também não foi estimulado a se interessar por essa história, como comprovou-se na análise de enquadramento multimodal.

Entre as razões para uma subvalorização da morte dos jornalistas no noticiário estão: o fato de as empresas jornalísticas e os próprios profissionais de imprensa, de um modo geral, adotarem nas reportagens uma postura mais distante dos acontecimentos, como mediadores de uma realidade, uma característica da cultura jornalística brasileira; nessa tentativa de distanciamento dos personagens das cenas existe conseqüentemente uma menor abertura para que os repórteres expressem visões acerca dos fatos noticiados, o que fica mais reservado a espaços como blogs, artigos, entre outros formatos, onde o jornalista não se reveste de uma suposta “capa” de objetividade; há também uma diminuição da dimensão do noticiário sobre os jornalistas mortos por conta de, na véspera do acidente aéreo, a crônica esportiva já emoldurar narrativas de exaltação ao time da Chapecoense, pela rápida e elogiável ascensão no futebol brasileiro e sul-americano.

No entanto, na cobertura deste acidente aéreo, alguns profissionais de imprensa tiveram a experiência de exteriorizar, durante o exercício da profissão, os sentimentos em relação à perda de pessoas com quem conviviam diariamente e até com afinidade pessoal, pois a redação de um jornal, muitas vezes, torna-se uma segunda casa, onde divide-se não somente informações, mas alegrias e tristezas do cotidiano. Os jornalistas do site da RBS TV e do Foxsports.com.br até emitiram comentários em suas matérias, principalmente nos materiais audiovisuais, mas como forma de homenagens aos jornalistas mortos, e não expressando suas impressões do acontecimento e da profissão de jornalista.

No GE, foram identificadas notícias com textos opinativos dos jornalistas, com impressões e sensações do que eles vivenciaram em velórios, além de reflexões dos mesmos sobre a relação trabalho-família. Essas percepções narradas em primeira pessoa – que fugiram da trivialidade sem apelar para um possível sensacionalismo – estavam presentes nos textos escritos e também em materiais audiovisuais, provenientes de programas televisivos da TV Globo e do canal SporTV.

No entanto, as matérias que podem ser consideradas mais emblemáticas, que renderam comentários imediatos dos jornalistas, tiveram origem em situações inusitadas, como a pergunta espontânea de dona Ilaídes Padilha, mãe do goleiro Danilo (morto no acidente), para o repórter Guido Nunes, sobre o sentimento dele e da imprensa, de um modo geral, diante da perda de tantos colegas – questionamento que assemelha-se a alguns realizados neste estudo. Porém, a pergunta da mãe de Danilo seguida de uma breve

resposta do repórter e de um abraço entre eles um dia antes do velório coletivo em Chapecó ficou reservada ao GE, ao mesmo no recorte temporal de 13 dias, pois não identificou-se o registro de tal fato no Foxsports.com.br e no site da RBS TV.

Outra situação peculiar aconteceu também durante a cobertura jornalística do velório de dois profissionais da TV Globo, no Rio de Janeiro, quando uma transeunte chamou de abutres os jornalistas presentes. Evidentemente que a jornalista do GE, Sofia Miranda, poderia ter omitido o fato em sua matéria, mas o episódio serviu para a repórter e o próprio portal de notícias, além de negar a afirmação, relatar, mesmo que brevemente, como é o trabalho do jornalista e sua relação com a notícia, reafirmando que era necessário cumprir esse dever profissional e, como disse Sofia Miranda, dar tratamento igual aos colegas, assim como foi dado a todas as vítimas.

Entretanto, mesmo que haja a intenção de fornecer um tratamento igualitário aos personagens de uma história, os procedimentos estratégicos do jornalismo como seleção, exclusão ou ênfase de determinados aspectos das notícias, raramente permitem que tal objetivo seja alcançado, pois certos atores acabam sendo privilegiados nas narrativas textuais e visuais, como indicado nesta pesquisa a partir da própria literatura do enquadramento, que tem como essência ampliar ou reduzir elementos da realidade representada para torná-los mais ou menos salientes (ENTMAN, 1993).

Entre os atores elencados como protagonistas dos acontecimentos pelos três sites noticiosos, os jornalistas apareceram esporadicamente com destaque, até mesmo no Foxsports.com.br – versão on-line do canal de TV por assinatura Fox Sports, que teve o maior número de profissionais mortos na queda do voo da LaMia. Na análise visual, apenas uma foto de profissional de imprensa foi identificada. Já no nível narrativo, poucas referências aos agentes jornalísticos foram encontrados. Porém, essa constatação não significa afirmar, por exemplo, que o canal de TV Fox Sports tenha procedido da mesma maneira. Como também seria até impróprio generalizar e atestar que todos os meios de comunicação de massa desvalorizaram a morte dos jornalistas na queda do voo da LaMia, havendo assim a necessidade de promover mais pesquisas para poder analisar e debater, com mais regularidade, as práticas jornalísticas empregadas pela imprensa brasileira.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, L.A. de. Entretenimento: valor-notícia fundamental. **Estudos em Jornalismo e Mídia**. Florianópolis, v.5, n.1, p. 15-25, 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2008v5n1p13/10217>. Acesso em: 7 abr. de 2020.
- ALEXANDRINO, A. **Aos que contaram as histórias: A imprensa na maior tragédia do jornalismo brasileiro**. Edição do Kindle. 2018. Não paginado.
- ANTUNES, E. Enquadramento: considerações em torno de perspectivas temporais para a notícia. **Revista Galáxia**, São Paulo, n. 18, p. 85-99, 2009. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/galaxia/article/view/2641/1682>. Acesso em: 1 nov. 2018.
- BARBEIRO, H.; RANGEL, P. **Manual do jornalismo esportivo**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.
- BONONE, L. M. Construção de método para pesquisa de Frame Analysis. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Florianópolis, v. 13, n. 2, p. 78-87, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2016v13n2p78/33613>. Acesso em: 23 nov. 2018.
- BOURDIEU, P. O campo científico. In: ORTIZ, R. (Org.) **Pierre Bourdieu – Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983, p. 122-155.
- _____. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1997.
- CARVALHO, C. A. de. Sobre limites e possibilidades do conceito de enquadramento jornalístico. **Contemporânea**, Salvador, v. 7, n. 2, p. 1-15, 2009. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/contemporaneaposcom/article/view/3701/2885>. Acesso em: 23 nov. 2018.
- CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. 5. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001.
- CHARAUDEAU, P. **Discurso das mídias**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2013.
- COELHO, P.V. **Jornalismo Esportivo**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004.
- CORREIA, F. **Os jornalistas e as notícias**. Lisboa: Editorial Caminho, 1997.
- DEBORD, G. **A Sociedade do Espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- ENTMAN, R. Framing bias: media in the distribution of power. **Journal of Communication**. v. 57, n. 1, 2007, p. 163-173. Disponível em: http://www.communicationcache.com/uploads/1/0/8/8/10887248/framing_bias-media_in_the_distribution_of_power.pdf. Acesso em: 17 dez. 2018.
- _____. Framing: Toward Clarification of A Fractured Paradigm. **Journal of Communication; Research Library Core**, v.43, n.4, 1993, p. 51-58. Disponível em: https://is.muni.cz/el/1423/podzim2018/POL256/um/Entman_1993_FramingTowardclarificationOfAFracturedParadigm.pdf. Acesso em: 3 maio 2019.
- _____. Framing U.S Coverage of International News: Contrasts in Narratives of the KAL and Iran Air Incidents. **Journal of Communication; Research Library Core**, v.41, n.4, 1991, p. 6-

27. Disponível em: <http://courses.washington.edu/com201/COM%20201%20readings/Entman-Framing%20US%20coverage%20of%20international.pdf>. Acesso em: 2 jun. 2020.

FERRARI, P. **Jornalismo Digital**. São Paulo: Contexto, 2003.

FÍGARO, R. Jornalismo e trabalho de jornalistas: desafios para as novas gerações no século XXI. **Parágrafo**, v.2, n.2, p. 23-37, 2014. Disponível em: <http://revistaseletronicas.fiamfaam.br/index.php/recicofi/article/view/231>. Acesso em: 8 mai. 2019.

FÍGARO, R.; NONATO, C.; GROHMANN, R. **As mudanças no mundo do trabalho do jornalista**. São Paulo: Atlas, 2013.

FIORIN, J. L. **Figuras de retórica**. São Paulo: Contexto, 2014.

FREUD, S. **Luto e melancolia**. São Paulo: CosacNaify, 2011.

FURTADO, J. **O mercado de notícias: um documentário sobre jornalismo**. Brasil, 2014. Produção de Nora Goulart. (94 min), DVD, som digital. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nIX8qQR70U>. Acesso em: 29 mar. 2020.

GANS, H. J. **Deciding What's News: A Study of CBS Evening News, NBC Nightly News, Newsweek, and Time**. Illinois: Northwestern University Press, 2004.

GERBASE, C. **Cinema: primeiro filme – descobrindo, fazendo, pensando**. Porto Alegre: Artes Ofícios, 2012. Disponível em: <http://www.primeirofilme.com.br/site/o-livro/enquadramentos-planos-e-angulos/>. Acesso em: 1 jun. 2020.

GITLIN, T. **The Whole World Is Watching: Mass Media in the Making and Unmaking of the New Left**. California: University of California Press, 2003.

GOFFMAN, E. **Os quadros da experiência social: uma perspectiva de análise**. Petrópolis: Vozes, 2012.

GOMES, W. **Jornalismo, fatos e interesses: ensaios de teoria do jornalismo**. Florianópolis: Insular, 2009.

GROHMANN, R. O trabalho do jornalista a partir dos processos comunicacionais e produtivos: dimensões teóricas em cenário de flexibilização e tensionamentos identitários. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Florianópolis. v.13, n.1, p. 6-18, jan./jun.2016. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/viewFile/1984-6924.2016v13n1p6/32811>. Acesso em: 26 jul. 2019.

GUERRA, J. **O percurso interpretativo na produção da notícia: verdade e relevância como parâmetros de qualidade**. São Cristóvão: Editora UFS: 2008.

_____. Uma discussão sobre o conceito de valor-notícia. In: SILVA, G.; SILVA, M. P.; FERNANDES, M. L. (Orgs.). **Crítérios de noticiabilidade: problemas conceituais e aplicações**. Florianópolis: Insular, 2014, p. 39-49.

HALL, S. *et al.* A produção social das notícias: o *mugging* nos media. In: TRAQUINA, N. **Jornalismo: questões, teorias e “estórias”**. 2. ed. Lisboa: Vega, 2016. p. 309-341.

HALL, S. The determination of news photographs. *In*: COHEN, S. e YOUNG, J. (Orgs.). **The manufacture of news: social problems, deviance and the mass media**. Beverly Hills: Sage, 1981, p. 226-243.

HARCUP, T.; O'NEILL, D. What is News? News values revisited (again). **Journalism Studies**, v.18, n.12, p. 1470-1488, 2017. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/pdf/10.1080/1461670X.2016.1150193?needAccess=true>. Acesso em: 19 abr. 2020.

HENRIQUES, R. P. O problema da objetividade jornalística: duas perspectivas. **Griot: Revista de Filosofia**. Amargosa, BA, v. 17, n.1, p. 256-268, 2018. Disponível em: <https://www3.ufrb.edu.br/seer/index.php/griot/article/view/796/510>. Acesso em: 19 abr. 2019.

JENKINS, H. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2006.

JORGE, T. M. Valores-notícia nas capas dos periódicos: ideologia e poder. *In*: XIV ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 2016. Palhoça. **Anais** [...]. Palhoça: SBPJor, Universidade do Sul de Santa Catarina, 2016, p. 1-17. Disponível em: <http://sbpjour.org.br/congresso/index.php/sbpjour/sbpjour2016/paper/viewFile/225/93>. Acesso em: 8 mar. 2019.

KAWAMOTO, K. **Digital Journalism**. Emerging Media and the Changing Horizons of Journalism. New York, 2003.

KELLNER, D. Cultura da mídia e triunfo do espetáculo. *In*: MORAES, D. (Org.). **Sociedade midiaticizada**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006, p. 119-147.

KUYPERS, J. A. Framing analysis. *In*: KUYPERS, J. A. (Org.). **Rhetorical Criticism: perspectives in action**. New York: Lexington Books, 2009, p. 181-203.

KUYPERS, J. A.; KING, A. What is Rhetoric? *In*: KUYPERS, J. A. (Org.). **Rhetorical Criticism: perspectives in action**. New York: Lexington Books, 2009, p. 1-12.

KUNCZIK, M. **Conceitos de Jornalismo: norte e sul**. São Paulo: Edusp, 2002.

LARA, E. Quem faz a agenda? *In*: LEAL, B. S.; ANTUNES, E.; Vaz, P. B. (Orgs.). **Para entender o Jornalismo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2014, p. 29-40.

LASSWELL, H. *A estrutura e a função da comunicação na sociedade*. *In*: ESTEVES, J. P. (Org.). **Comunicação e sociedade**. Lisboa: Livros Horizonte e CIMJ, 2002, p. 49-60.

LEITE, L. C. M. **O foco narrativo (ou A Polêmica em torno da ilusão)**. 10. ed. São Paulo: Ática, 2006.

LELO, T. V. **Reestruturações produtivas no mundo do trabalho dos jornalistas: precariedade, tecnologia e manifestações da identidade profissional**. 2019. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2019. Disponível em: <https://www.fenaj.org.br/wp-content/uploads/2019/03/Tese-LELO-T-Reestrutura%C3%A7%C3%B5es-produtivas-no-mundo-do-trabalho-dos-jornalistas.pdf>. Acesso em: 26 jun. 2019.

LIPPMANN, W. **Opinião Pública**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

LOPES, F. L. Nebulosidades nas fronteiras: o status do jornalismo como atividade, campo e profissão. *In*: V CONGRESSO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 2007, São Paulo.

- Anais** [...]. São Paulo: Intercom, 2007, v.1, p. 1-14. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/outros/hmidia2007/resumos/R0010-1.pdf>. Acesso em: 29 abr. 2020.
- LUKÁCS, G. **Para uma ontologia do ser social I**. São Paulo: Boitempo, 2012.
- MAIA, R. Debates públicos na mídia: enquadramentos e troca pública de razões. **Revista Brasileira de Ciência Política**, n.2, p. 303-340, 2009. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/277986080_Debates_publicos_na_midia_enquadramentos_e_troca_publica_de_razoes. Acesso em: 11 ago. 2019.
- MARQUES, J. C. O estigma de ser jornalista esportivo: A discriminação do profissional de esporte na imprensa brasileira. *In: XXVI CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO*, 2003, Belo Horizonte. **Anais** [...]. Belo Horizonte: Intercom, 2003, v.1, p. 1-13. Disponível em: http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2004/errata2003/estigma_ser_jornalista_esportivo.pdf. Acesso em: 2 abr. 2020.
- MICK, J.; LIMA, S. **Perfil do jornalista brasileiro: características demográficas, políticas e do trabalho jornalístico em 2012**. Florianópolis: Insular, 2013.
- MORAES, D. de. Sistema midiático, mercantilização cultural e poder mundial. *In: MORAES, D.; RAMONET, I.; SERRANO, P. **Mídia, Poder e Contrapoder: da concentração monopólica à democratização da informação***. São Paulo: Boitempo, 2013, p. 19-52.
- MORIN, E. Os Olimpianos. *In: MORIN, Edgar. **Cultura de Massas no Século XX: neurose***. 9. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002, p. 105-110.
- MOTTA, L. G. Análise pragmática da narrativa jornalística. *In: LAGO, C.; BENETTI, M. (Org.). **Metodologia de pesquisa em Jornalismo***. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2010, p. 143-167.
- MULLER, Lutz. **O Herói: Todos nascemos para ser heróis**. São Paulo: Cultrix, 1992.
- NEVEU, E. **Sociologia do jornalismo**. São Paulo: Loyola, 2006.
- PEREIRA, F. H.; ADGHIRNI, Z. L. O jornalismo em tempo de mudanças estruturais. **Intexto: UFRGS**, v.1, n.24, p. 38-57, jan./jun. 2011. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/33544832.pdf>. Acesso em: 4 ago. 2019.
- PEREIRA, F. H. **Jornalistas-intelectuais no Brasil**. São Paulo: Summus, 2011.
- PEUCER, T. Os relatos jornalísticos. **Estudos em Jornalismo e Mídia**. Tradução de Paulo da Rocha Dias. Florianópolis, v. 1, n. 2, p. 13-30, 2004. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/2070/1812>. Acesso em: 21 fev. 2019.
- PONTE, C. **Leituras das notícias: contributos para uma análise do discurso jornalístico**. Lisboa: Livros Horizonte, 2004.
- QUADROS, C. I.; SPONHOLZ, L. Deu no blog jornalístico, é notícia? **Intexto**, Porto Alegre, v.2, n.15, p. 1-14, 2006. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/228689328_Deu_no_Blog_Jornalístico_e_notícia. Acesso em: 5 mar. 2019.

QUÉRÉ, L. A dupla vida do acontecimento. Por um realismo pragmatista. *In*: FRANÇA, V.R.; OLIVEIRA, L. (Orgs.). **Acontecimento: reverberações**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012, p. 21-38.

RANGEL, M. B. Profissionalização Jornalística: Identidade, Anonimato e Autoridade. *In*: XXIX CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2016, Brasília. **Anais [...]**. Brasília: Intercom, 2016, p. 1-15. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2016/resumos/R0106-1.pdf>. Acesso em: 9 mai. 2020.

RESENDE, F. O olhar às avessas: a lógica do texto jornalístico. *In*: XIII ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO, 2004, São Bernardo. **Anais [...]**. São Bernardo: Compós, 2004, p. 1-14. Disponível em: http://www.compos.org.br/data/biblioteca_668.pdf. Acesso em: 5 jul. 2020.

_____. **O olhar às avessas: a lógica do texto jornalístico**. 2002. Tese de Doutorado – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo (ECA/USP), São Paulo, 2002.

RIBEIRO, A. P. G. **Imprensa e história no Rio de Janeiro dos anos 50**. 2000. Tese de Doutorado – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro (ECO/UFRJ), Rio de Janeiro, 2000. Disponível em: <https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/10420/1/498965.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2020.

RIGO, L. B.; HOHLFELDT, A. História da imprensa brasileira: a influência da Literatura no Jornalismo Cultural. *In*: XL CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2017, Curitiba. **Anais [...]**. Curitiba: Intercom, 2017, p. 1-13. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2017/resumos/R12-0436-1.pdf>. Acesso em: 2 abr. 2020.

RIZZOTTO, C.; PRUDENCIO, K. Corpos sem cabeça, sujeitos sem razão: análise multimodal da Marcha das Vadias. **Conexão – Comunicação e Cultura**: UCS, Caxias do Sul. v. 16, n. 31, jan./jun. 2017, p. 157-178. Disponível em: <http://www.uces.br/etc/revistas/index.php/conexao/article/view/5143/3034>. Acesso em: 27 mai. 2020.

RIZZOTTO, C.; PRUDENCIO, K.; SAMPAIO, R. Tudo normal: a despolitização no enquadramento multimodal da cobertura do impeachment de Dilma Rousseff. **Comunicação e Sociedade**: São Bernardo do Campo, v. 39, n.3, p. 111-130, 2017. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/CSO/article/view/7843/6103>. Acesso em: 1 out. 2019.

RODRIGUEZ, L.; DIMITROVA, D. The levels of visual framing. **Journal of Visual Literacy**, Iowa State University: Ames, IA. v.30, n.1, p. 48-65, 2011. Disponível em: https://www.academia.edu/799221/The_Levels_of_Visual_Framing. Acesso em: 21 mai. 2020.

ROTHBERG, D. Enquadramento e metodologia de crítica de mídia. *In*: V ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 2007, Aracaju. **Anais [...]**. Aracaju: SBPJor, 2007, p. 1-15. Disponível em: http://sbpjour.org.br/admjor/arquivos/coordenada_5_danilo_rothberg.pdf. Acesso em: 15 dez. 2018.

SANTORO, E. Estereótipos, preconceitos e políticas migratórias. **Revista de Estudos Constitucionais, Hermenêutica e Teoria do Direito (RECHTD)**: Unisinos, São Leopoldo. v.6, n.1, p. 15-30, 2014. Disponível em:

<http://revistas.unisinos.br/index.php/RECHTD/article/view/rechtd.2014.61.02/4130>. Acesso em: 17 mai. 2020.

SARTRE, J. P. **Em defesa dos intelectuais**. São Paulo, Ática, 1994.

SCHUDSON, M. As notícias como um gênero difuso: a transformação do jornalismo na contemporaneidade. **Comunicação & Cultura**, Lisboa, n.12, p. 139-150, 2011. Disponível em: <http://comunicacaoecultura.com.pt/wp-content/uploads/08.-Michael-Schudson.pdf>. Acesso em: 12 mar. 2019.

_____. Porque é que as notícias são como são. **Revista de Comunicação e Linguagens**. Lisboa, n.8, p. 17-27, 1988.

SHOEMAKER, P. J.; COHEN, A. *News around the world: Practitioners, Content, and the Public*. New York: Routledge, 2006.

SHOEMAKER, P. J. Hardwired for news: Using biological and cultural evolution to explain the surveillance function. **Journal of Communication**, v.46, p. 32-47, 1996.

SHOEMAKER, P. J; VOS, T. P. **Teoria do gatekeeping: seleção e construção da notícia**. Porto Alegre: Editora Penso, 2011.

SILVA, G. Engrenagem da noticiabilidade no meio redemoinho. **Revista Observatório**. Palmas, v.4, n.4, p. 308-333, 2018. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/observatorio/article/view/5502/13309>. Acesso em: 7 mar. 2019.

_____. Para pensar critérios de noticiabilidade. **Estudos em Jornalismo e Mídia**. Florianópolis, v.2, n.1, p. 95-107, 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/viewFile/2091/1830>. Acesso em: 20 jan. 2019.

_____. Para pensar critérios de noticiabilidade. In: SILVA, G.; SILVA, M.P.; FERNANDES, M. L. **Critérios de noticiabilidade: problemas conceituais e aplicações**. Florianópolis: Insular, 2014, p. 51-69.

SILVA, M.P. A significância social como dimensão da noticiabilidade. In: SILVA, G.; SILVA, M. P.; FERNANDES, M. L. **Critérios de noticiabilidade: problemas conceituais e aplicações**. Florianópolis: Insular, 2014a, p. 115-135.

_____. Como os acontecimentos se tornam notícia: uma revisão do conceito de noticiabilidade a partir das contribuições discursivas. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v.7, n.1, p. 173-184, 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2010v7n1p173/12707>. Acesso em: 29 mar. 2019.

_____. Seleção noticiosa, critérios de noticiabilidade e valores-notícia. In: SILVA, G.; SILVA, M. P.; FERNANDES, M. L. (Org.). **Critérios de noticiabilidade: problemas conceituais e aplicações**. Florianópolis: Insular, 2014b, p. 71-83.

SILVA, M. P.; JERONYMO, R. S. Uma análise crítica dos “valores-notícia de construção”: contribuições da retórica e dos estudos de enquadramento para problematização do conceito. In: XL CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2017, Curitiba. **Anais [...]**. Curitiba: Intercom, 2017, v.1, p. 1-15, Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2017/resumos/R12-2511-1.pdf>. Acesso em: 13 jan. 2019.

_____.; _____. Apontamentos críticos sobre os valores-notícia de construção: contribuições para a problematização do conceito a partir da *frame analysis* e da crítica retórica. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v.15, n.1, p. 52-61, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2018v15n1p52/37248>. Acesso em 17 fev. 2019.

SILVA, M. T.; FRANÇA, V. Jornalismo, noticiabilidade e valores sociais. **E-Compós**. Brasília, v.20, n.3, p. 1-21, 2017. Disponível em: <http://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/1398/948>. Acesso em: 16 fev. 2019.

SODRÉ, M. **A narração do fato**: notas para uma teoria do acontecimento. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

SOUSA, J. P. **Teorias da Notícia e do Jornalismo**. Chapecó: Argos. 2002.

_____. Tobias Peucer: progenitor da Teoria do Jornalismo. **Estudos em Jornalismo e Mídia**. Florianópolis, v.1, n.2, p.31-46, 2004. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/2071/1813>. Acesso em: 19 fev. 2019.

SOUZA, R. B. R. A dialética da crise do jornalismo: o sociometabolismo do capital e seus limites estruturais. **Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação** [on-line], v.41, n.2, p.55-69, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/interc/v41n2/1809-5844-interc-41-2-0055.pdf>. Acesso em: 5 mai. 2019.

_____. Enquadramentos jornalísticos e hegemonia: por uma teoria crítica da produção de sentido noticiosa. In: SOUZA, R. B. R. e CARDOSO, Y.G. (Org.). **Jornalismo e Crítica de Mídia na Amazônia**. São Paulo: Scortecci, p.13-26, 2016.

_____. Lukács, Mészáros e a atualidade da noção de ideologia. **Lutas Sociais**: Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais – PUC/SP. São Paulo, v.21, n.38, p.40-50, 2017. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/ls/article/view/33242/pdf>. Acesso em: 1 mai. 2019.

_____. O trabalho do jornalista e suas contradições: uma ontologia da crise. **Matrizes**. São Paulo, v.11, n.3, p.129-149. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/1430/143054926008.pdf>. Acesso em: 29 abr. 2019.

SPONHOLZ, L. A batalha da realidade no campo das ideologias. **Observatório da Imprensa**. Seção: Jornal de Debates. n. 422, 2007. Não paginado. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/jornal-de-debates/a-batalha-da-realidade-no-campo-das-ideologias>. Acesso em: 5 mar. 2019.

_____. **Jornalismo, conhecimento e objetividade: além do espelho e das construções**. Florianópolis: Insular, 2009.

TRAQUINA, Nelson. **O estudo do jornalismo no século XX**. São Leopoldo: Unisinos, 2001.

_____. **Teorias do Jornalismo, Volume II**: A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional, 2. ed. Florianópolis: Insular, 2008.

TUCHMAN, G. A objectividade como ritual estratégico: uma análise das noções de objetividade dos jornalistas. In: TRAQUINA, Nelson. (Org.). **Jornalismo: questões, teorias e “estórias”**. 2. ed. Lisboa: Vega, 1999. p. 74-90.

_____. **Making News: a Study in the Construction of Reality**. New York: Free Press, 1978.

UMBELINO, J. E. M.; FREITAS, L. A. S. O Espelho e os Narcisos – A imagem do público entre os jornalistas goianos. **Comunicação & Informação**: UFG, Goiânia. v.20, p.152-170, 2017. Disponível: <https://www.revistas.ufg.br/ci/article/view/43063/24693>. Acesso em: 11 mai. 2020.

VERÓN, E. **Construir el acontecimiento**: los medios de comunicación masiva y el accidente en la central nuclear de Three Mile Island. Colección El Mamífero Parlante. Barcelona: Gedisa, 1995.

WOLF, M. **Teorias da comunicação de massa**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

WOZNIAK, A.; LÜCK, J.; WESSLER, H. Frames, Stories, and Images: The Advantages of a Multimodal Approach in Comparative Media Content Research on Climate Change. **Environmental Communication**, p.469-490, 2014.

ZELIZER, B. Os Jornalistas enquanto comunidade interpretativa. *In*: **Revista de Comunicação e Linguagens: Jornalismo**. Lisboa: Relógio D'Água editores, 2000, p. 33-61.

APÊNDICE A

Tabela A1 – Matérias publicadas pelo Foxsports.com.br

FOXSPORTS.COM.BR – 29 de novembro de 2016		
Nº	Título da matéria publicada no site	Horário
1	Avião que levava equipe da Chapecoense sofre falha elétrica e faz pouso forçado na Colômbia	4h43
2	Alan Ruschel é o primeiro jogador da Chapecoense resgatado com vida, diz rádio	5h14
3	Após acidente com avião da Chapecoense, CBF adia final da Copa do Brasil entre Grêmio e Atlético-MG	8h42
4	Rádio colombiana afirma que Neto é o quarto jogador da Chapecoense encontrado com vida após acidente	9h04
5	Presidente do Brasil, Michel Temer decreta luto oficial de três dias por tragédia com a Chapecoense	9h16
6	Vice-presidente da Chapecoense diz que prepara comitiva rumo à Colômbia	10h03
7	Corinthians cancela treino no gramado após acidente com a Chapecoense	11h51
8	Em rede social, Atlético Nacional posta mensagem de solidariedade à Chapecoense	13h18
9	Atlético Nacional solicita que título da Copa Sul-Americana seja entregue à Chapecoense	14h25
10	Reforço do Palmeiras, Hyoran não viajou com a Chape devido a lesão	16h17
11	Chape divulga comunicado e publica vídeo de homenagem ao elenco	16h32
12	Atlético-MG pede o cancelamento da partida contra a Chapecoense pelo Campeonato Brasileiro	17h57
13	Presidente da Colômbia faz pronunciamento oficial sobre tragédia	18h39
14	Atlético Nacional publica vídeo em homenagem à Chapecoense	18h44
15	Papa Francisco declara “profundo pesar” por acidente da Chapecoense	19h04
16	Polícia colombiana encerra buscas na região onde caiu o avião da Chapecoense	19h43
17	Torcida da Chapecoense lota Arena Condá e grita “É campeão!” Veja!	22h15
18	Vice-presidente da Chapecoense planeja funeral coletivo na sede do clube	22h26
19	Tragédia com avião da Chape teve 71 mortos e seis sobreviventes; quatro pessoas não viajaram	–
20	Jogadores e clubes do Brasil e do mundo prestam homenagens à Chapecoense	–
21	Cuca desabafa sobre tragédia: “A Chapecoense é nossa caçula”	–
22	Zagueiro Dante se solidariza com tragédia da Chapecoense: “Momento muito triste”	–
23	Martinuccio diz não acreditar em tragédia com Chapecoense: “Quero que o dia acabe rápido”	–
24	Eutrópio lembra montagem do elenco da Chapecoense: “Grupo para uma temporada inteira”	–
FOXSPORTS.COM.BR – 30 de novembro de 2016		
25	Tragédia da Chapecoense é destacada em capas de jornais ao redor do mundo	7h59

26	Em noite de homenagem a Chapecoense, Bucks vencem campeão Cavaliers	9h03
27	Familiares acreditam que piloto “fez até o impossível para salvar a todos” em voo da Chapecoense	13h06
28	São Paulo prioriza famílias de vítimas e refuta “homenagens midiáticas”	13h50
29	Ex-Chapecoense, zagueiro Vilson relembra época no clube e não segura a emoção	13h59
30	Presidente do Flamengo comenta homenagem à Chapecoense: “Tocou o coração dos jogadores”	16h22
31	Torino aceita disputar amistoso com a Chape, confirma presidente do clube italiano	16h22
32	Felipão bota Guangzhou Evergrande na causa pela Chape: “Estamos à disposição para ajudar”	16h52
33	Adidas dá aval para Palmeiras usar camisa da Chape na última rodada do Brasileirão	17h15
34	Sala de imprensa do Flamengo passará a se chamar Victorino Chermont (*)	17h21
35	Ex-Corinthians, capitão do Estoril vota nos titulares da Chapecoense para seleção do mundo da Fifa	17h53
36	Líder do Cruzeiro, Henrique quer cancelamento da última rodada do Campeonato Brasileiro	18h23
37	Chapecoense divulga nova atualização médica com Neto e Jackson Follmann estáveis	21h53
38	Torcida da Chapecoense lota Arena Condá e faz homenagens às vítimas da tragédia	22h30
39	Torcida do Atlético Nacional homenageia Chapecoense com o grito: “Vamos, vamos, Chape”	23h04
40	Fox Sports presta homenagem ao inesquecível narrador e amigo Deva Pascovicci (*)	–
41	Prefeito de Medellín adia festas de Natal e convoca população para homenagem	–
42	Peter Siemsen garante “apoio total” do Fluminense para reconstrução da Chapecoense	–
FOXSPORTS.COM.BR – 1º de dezembro de 2016		
43	Autoridades da Colômbia dizem que avião não tinha combustível quando caiu	7h26
44	Mourinho faz lembrança ao colega Caio Júnior: “Vamos sentir muita falta”	10h24
45	Marinho condena palavras de vice-presidente do Internacional e diz: “Que acabe o campeonato”	12h05
46	Chapecoense agradece ajuda, mas fala em se reestruturar com as próprias pernas	12h50
47	Jogador do San Lorenzo promete entrar em campo com camisa da Chape	15h45
48	Jornalistas da TV Globo mortos em acidente darão nomes a cabines do Engenhão (*)	15h49
49	Inter de Milão irá usar faixas para homenagear a Chape contra o Napoli	16h04
50	Chapecoense será convidada para disputar o Troféu Ramón de Carranza, em 2017, na Espanha	16h24

51	Presidente da Chapecoense indica que velório ocorrerá no sábado de manhã	17h47
52	Flamengo jogará contra o Atlético-PR com o escudo da Chapecoense no uniforme	19h36
53	Henrique Dourado lamenta tragédia envolvendo elenco da Chapecoense: “Ainda tentando assimilar”	–
54	Presidente garante: Atlético-MG não vai jogar contra Chapecoense: “É o mínimo”	–
55	Equipe FOX Sports presta homenagem aos amigos vítimas de acidente da Chapecoense (*)	–
FOXSPORTS.COM.BR – 2 de dezembro de 2016		
56	Técnico tricampeão colombiano se oferece para treinar de graça a Chapecoense	7h50
57	David Braz lembra de promoção com Caio Júnior e amizade com “Messinho Maia”	8h22
58	Chapecoense libera 2 mil pessoas no gramado em velório sábado	11h04
59	Com lágrimas nos olhos, Mano Menezes se emociona ao falar do “irmão” Caio Júnior	11h57
60	Danilo, Gimenez e Neto: trio da Chapecoense esteve perto de jogar no Corinthians	14h37
61	Pai de Filipe Machado sobre filho não ser velado no Inter: “Não se prontificaram”	15h15
62	Médico da CBF revela que Jackson Follmann está consciente e se comunica com familiares	22h16
FOXSPORTS.COM.BR – 3 de dezembro de 2016		
63	Chapecoense e Cléber Santana são homenageados pelo Atlético de Madrid	18h32
64	Médicos contam relato de Jackson Follmann sobre amputação de perna: “Prefiro a vida”	19h35
65	Milan usará escudo da Chapecoense na manga do uniforme em partida da Série A Tim	23h16
66	Pai de Alan Ruschel exalta melhora, mas diz que filho não se lembra do acidente	–
67	Tite diz que tragédia com a Chapecoense é a maior que ele já vivenciou no futebol	–
FOXSPORTS.COM.BR – 4 de dezembro de 2016		
68	Presidente do Flamengo se emociona ao lembrar de Victorino Chermont: “Fará muita falta” (*)	10h14
69	Com escudo da Chapecoense na camisa, Atlético Nacional avança à semi do Colombiano	10h43
70	Atlético Nacional quer título do Mundial de Clubes para dedicar à Chapecoense	20h36
71	Após classificação, jogadores do Atlético Nacional postam vídeo com canto: “Vamos, vamos, Chape”	–
FOXSPORTS.COM.BR – 5 de dezembro de 2016		
72	Ex-Barça quer reeditar dupla com Ronaldinho na Chapecoense	11h30

73	LaMia emite nota uma semana após tragédia com a Chape: “Buscamos o bem-estar dos afetados”	15h59
74	Conmebol oficializa Chapecoense como campeã da Copa Sul-Americana de 2016	17h03
75	Grêmio planeja homenagens à Chapecoense e torcida descarta “caixões do Inter”	17h21
76	Em áudio, jornalista Rafael Henzel diz: “Deus me deu uma segunda chance” (*)	18h10
77	Pai de Victorino Chermont agradece apoio de amigos e familiares: “Ele cumpriu o papel dele” (*)	–
78	Levir Culpi é primeira opção da diretoria para assumir a Chapecoense	–
79	Fox Sports presta homenagem às vítimas do acidente em ato ecumênico (*)	–
80	Maior artilheiro da Chapecoense: conheça a história do goleador Bruno Rangel	–
FOXSPORTS.COM.BR – 6 de dezembro de 2016		
81	Piloto de avião que causou tragédia tinha ordem de prisão decretada na Bolívia	0h59
FOXSPORTS.COM.BR – 7 de dezembro de 2016		
82	Novo sócio da Chapecoense, Cuca elogia iniciativa de colega Levir Culpi	12h26
83	Patrocinadores liberam, e São Paulo usará camisa especial pela Chape	17h21
FOXSPORTS.COM.BR – 8 de dezembro de 2016		
84	Torcidas de Atlético-PR e Coritiba se unem e lotam Couto Pereira em homenagem à Chape	10h10
85	Barcelona oferece ajuda e convida a Chapecoense para torneio amistoso em 2017	12h10
86	Chapecoense terá escudo novo em 2017; estrelas entram em homenagem às vítimas da tragédia	18h53
87	Corinthians descarta uniforme verde e usará escudo da Chapecoense em preto e branco	19h20
FOXSPORTS.COM.BR – 9 de dezembro de 2016		
88	Chapecoense aceita convite e vai encarar o Barcelona em torneio amistoso em 2017	13h13
89	Vagner Mancini é o novo técnico da Chapecoense	–
FOXSPORTS.COM.BR – 10 de dezembro de 2016*		
<i>*Não foi identificada nenhuma reportagem a respeito do acidente aéreo neste dia</i>		
FOXSPORTS.COM.BR – 11 de dezembro de 2016		
90	Atlético Nacional já treina no Japão e Chapecoense é a grande inspiração para o título	10h56
91	São Paulo homenageia Chapecoense com goleada em último jogo sem Rogério Ceni	21h09
92	Deva Pascovicci é homenageado na partida entre Santos e América-MG (*)	–
93	Pensando em reforços, diretor de futebol da Chapecoense pede ajuda aos clubes	–

(*) As nove matérias do Foxsports.com.br que têm o jornalista como o principal componente enquadrado nas notícias.

Tabela A2 – Matérias publicadas pelo site da RBS TV

RBS TV – 29 de novembro de 2016		
Nº	Título da matéria publicada no site	Horário
1	Autoridades de SC lamentam a tragédia com a Chapecoense	6h46
2	Jornalista Rafael Henzel sobrevive a queda de avião da Chapecoense (*)	9h25
3	“Tudo que ocorre tem um porquê”, diz Paulo Paixão após perda do filho	9h34
4	Torcedores da Chapecoense fazem vigília em frente à sede do time	10h46
5	Times de futebol homenageiam Chapecoense em redes sociais	11h04
6	“Estava muito feliz”, diz irmão de Matheus Biteco após queda de avião	11h13
7	Jogador Filipe Machado fez vídeo no voo da Chapecoense antes da queda	11h41
8	Presidente da Federação Catarinense de Futebol estava em avião que caiu	11h50
9	Família de Alan vive momentos de apreensão em busca de notícias	11h51
10	Só Deus explica, eu acabei ficando”, diz prefeito de Chapecó	12h06
11	Aos 80 anos e se recuperando de AVC, fundador da Chapecoense vê “fim de sonho”	12h26
12	“Milagre”, diz pai de Follmann após saber que filho sobreviveu à tragédia	12h34
13	“O que mais queria era jogar futebol”, lamenta irmã de Dener após tragédia	12h54
14	Com #ForçaChape, catarinenses fazem homenagem após tragédia	13h04
15	Chapecoense abre portões da Arena Condá para familiares de atletas	13h38
16	Cinco profissionais da RBS estavam no avião da Chapecoense (*)	14h06
17	“Foi arrancado nosso coração”, diz torcedor da Chapecoense na Arena	14h10
18	RS e Porto Alegre decretam luto após tragédia aérea da Chapecoense	15h01
19	Famílias de vítimas de acidente aéreo devem viajar à Colômbia nesta quarta	15h17
20	“É meu aniversário e vou enterrar meu filho”, lamenta pai de Filipe Machado	16h08
21	Narrador cedeu lugar no voo a colega que sonhava cobrir final da Chape (*)	16h30
22	Amigos lamentam morte do “Alemão” Josimar: “Passa um filme na cabeça”	16h42
23	Repórter sobrevivente de voo pediu que hospital ligasse para a sua mulher (*)	16h43
24	Pai relata ligação do goleiro Danilo antes de viajar: “Pode ficar tranquilo”	17h34
25	Familiares falam sobre profissionais da RBS que sofreram acidente aéreo (*)	17h47
26	Jornalistas do RS estão entre vítimas de queda de avião da Chapecoense (*)	19h05
27	Profissionais da RBS mortos em acidente recebem homenagem (*)	21h22
28	Torcedores da Chapecoense oram e fazem passeata por vítimas de tragédia	22h54
RBS TV – 30 de novembro de 2016		
29	Luto pela morte de jogadores muda cenário de Chapecó	6h08
30	Torcedores da Chape passam a madrugada em frente à Arena Condá	6h59
31	Familiares aguardam liberação de corpos para homenagens no RS	7h09
32	Psicólogos e tradutores vão receber parentes de vítimas na Colômbia	9h26
33	Avião da FAB chega à Colômbia com membros do Itamaraty e peritos	10h25

34	Missas e homenagens estão agendadas para a noite em Chapecó	14h00
35	Estrutura de velório coletivo começa a ser montada na Arena Condá	15h07
36	Chapecoense diz que respeitará decisão de cada família sobre velório	16h25
37	Padre torcedor da Chapecoense vai rezar pelos mortos na Arena Condá	16h29
38	Voluntários da tragédia da Kiss vão dar apoio no caso da Chapecoense	17h37
39	Arena Condá tem tributo e cerimônia pelas vítimas de voo da Chapecoense	20h14
RBS TV – 1º de dezembro de 2016		
40	Governador de SC vai participar de velório coletivo em Chapecó	8h06
41	“Deus levou meus amigos”, diz ex-campeão da Chapecoense	8h42
42	Velório coletivo deve durar 4 horas com ao menos 51 vítimas em Chapecó	11h21
43	“Vamos fazer uma nova Chape”, disse indiozinho ao pai durante homenagem	14h27
44	CBF deve pagar seguro às famílias de jogadores da Chapecoense	16h41
45	Chapecoense afirma que velório coletivo na Arena será no sábado (3)	17h08
RBS TV – 2 de dezembro de 2016		
46	5 profissionais da RBS, vítimas de queda de avião, serão homenageados (*)	13h26
47	Família de médico da Chapecoense viaja do Acre para velório em Chapecó	14h15
48	Alan Ruschel já conversou com a família, diz boletim da Chapecoense	15h45
49	Cidade de Alan Ruschel se une em torcida pela recuperação do jogador	16h23
50	Temer irá a aeroporto, mas não ao estádio para funeral da Chapecoense	18h28
51	Pai diz ter recusado convite para cerimônia com Temer no aeroporto	18h57
52	Sobrevivente de voo, Alan Ruschel se comunica por sinais, diz irmã	19h30
53	Alan Ruschel ainda não fala, mas está “super bem”, diz noiva de jogador	20h44
54	Taxista diz que “mundo desabou” ao saber de acidente da Chapecoense	20h45
55	Presidência pede desculpas à família de jogador da Chapecoense	21h08
56	Ex-jogador da Chape veste “manto sagrado” para vender camisa do time	21h37
RBS TV – 3 de dezembro de 2016		
57	Veja como serão os funerais para vítimas neste sábado (3) em SC	5h00
58	Avião com corpos de profissionais da RBS chega a Florianópolis (*)	7h01
59	Moradores de Chapecó aguardam na Arena Condá chegada de corpos	7h48
60	Michel Temer vai a velório em estádio de Chapecó, mas não discursa	8h48
61	Aviões com corpos de vítimas de acidente aéreo chegam a Chapecó	9h27
62	Profissionais da RBS mortos em voo são homenageados em Florianópolis (*)	10h14
63	Onze vítimas de acidente com voo da Chapecoense serão sepultados no RS	13h45
64	Três profissionais da RBS são sepultados na Grande Florianópolis (*)	14h34
65	Alan Ruschel é desentubado e passa bem, mas não lembra do acidente	14h57
66	Homenagens marcam velório coletivo de 50 vítimas na Arena Condá	15h28
67	Corpos de jornalistas mortos em voo da Chapecoense são velados no RS (*)	20h39
68	Delfim Peixoto é velado em Balneário Camboriú na sede da CFC	21h15
RBS TV – 4 de dezembro de 2016		
69	Corpo de jogadores e de dirigente da Chapecoense são velados no RS	10h28

70	Esposa de jornalista morto em voo da Chape escreve carta para marido (*)	13h15
71	“Ficou agitado”, diz irmã sobre reação de Alan Ruschel ao saber do acidente	17h57
72	Homenagens a vítimas de voo emocionam em sete cidades do RS	20h45
RBS TV – 5 de dezembro de 2016		
73	“Deus me deu 2ª chance”, diz jornalista que sobreviveu à queda de avião (*)	11h28
74	Semana terá novas homenagens às vítimas do acidente na Colômbia	12h55
75	“Ele vai ler”, diz namorada de vítima de queda de avião sobre carta na internet (*)	13h32
76	Jornalista que sobreviveu a queda de avião posta foto no hospital (*)	21h35
RBS TV – 6 de dezembro de 2016		
77	Após tragédia, Chapecó quer ampliar Arena Condá e criar memorial	10h56
78	Missa aberta em Chapecó e outras celebrações lembram vítimas em SC	18h56
RBS TV – 7 de dezembro de 2016		
79	Sobrevivente, Rafael Henzel fala sobre cirurgia e comemora: “8 dias de vida” (*)	8h27
80	Alan Ruschel deixa UTI, caminha e come sozinho, comemora irmã	15h11
81	Em vídeo, Alan Ruschel caminha e agradece apoio de torcedores	16h47
RBS TV – 8 de dezembro de 2016		
82	Missa em Florianópolis homenageia funcionários da RBS mortos em voo (*)	22h56
RBS TV – 9 de dezembro de 2016		
83	Escola de filhos de 13 vítimas de queda de avião busca ajudar com luto	7h52
84	Sobrevivente, Henzel fala sobre cirurgia: “O caminho está sendo feito” (*)	8h54
85	Cinzas do lateral Dener, da Chape, são levadas a Bagé para homenagem	15h21
86	Ainda na UTI, Neto se comunica e faz testes para respirar sozinho	18h39
RBS TV – 10 de dezembro de 2016		
87	Sobrevivente de voo, jornalista Rafael Henzel vai para o quarto: “Feliz da vida” (*)	14h47
RBS TV – 11 de dezembro de 2016		
88	Médicos estudam transporte para o Brasil de sobreviventes de voo	17h04
89	“A gente não sabia o que estava acontecendo”, diz sobrevivente de voo	21h38

(*) As 20 matérias do site da RBS TV que têm o jornalista como o principal componente enquadrado nas notícias.

Tabela A3 – Matérias publicadas pelo Globoesporte.com

GLOBOESPORTE.COM – 29 de novembro de 2016		
Nº	Título da matéria publicada no site	Horário
1	Avião da Chape cai, e autoridades informam: 71 mortos e 6 sobreviventes	3h15
2	Rival da Chape, Atlético Nacional manifesta apoio nas redes sociais	4h12
3	Conmebol lamenta acidente e suspende decisão da Sul-Americana	5h24
4	Clubes brasileiros e de fora do país manifestam apoio à Chapecoense	5h33
5	Chape aguarda informações oficiais para se pronunciar sobre acidente	6h04
6	Imprensa internacional repercute acidente aéreo envolvendo a Chape	6h21
7	Neymar, R10, Messi, Marta... ídolos lamentam acidente da Chapecoense	6h41
8	Acidentes aéreos já devastaram clubes como Manchester United e Torino	7h45
9	Veja a lista dos 21 jornalistas que estavam no voo da Chapecoense (*)	8h27
10	Final da Copa do Brasil é adiada após tragédia com voo da Chapecoense	8h39
11	Veja a lista dos jogadores que estavam no voo da Chapecoense	8h57
12	Avião da Chape caiu em um “buraco” que dificulta resgate e remoção dos corpos	10h09
13	Família mantém esperança de que Lucas esteja vivo após acidente	10h27
14	“Ele prometeu me ligar no sábado, meu aniversário”, diz mãe de Gimenez	12h00
15	Monumento histórico de Chapecó recebe faixa de luto após tragédia	13h24
16	Goleiro Jackson Follmann tem perna amputada após acidente da Chape	13h26
17	Acidente no voo da Chapecoense: o que já se sabe sobre a tragédia	13h28
18	Todos pela Chape: Atlético Nacional convoca torcida para homenagem	13h30
19	Clubes se unem para ajudar Chapecoense com jogadores	13h43
20	Prefeito de Chapecó cita pane elétrica em avião e crê na salvação de Neto	13h44
21	Chocado, Abel lamenta tragédia com voo da Chape: “Notícia estarrecedora”	13h49
22	Atlético Nacional pede que o título da Sul-Americana fique com a Chape	14h01
23	Zagueiro Filipe Machado fez vídeo no voo da Chapecoense antes da queda	14h02
24	“Foi arrancado nosso coração”, diz torcedor da Chapecoense, na Arena	14h20
25	Médico diz que estado de Neto “é crítico”, mas confia em recuperação	14h23
26	Tios de Marcelo revelam angústia da família por notícias sobre o jogador	14h32
27	Conheça a história de Boião, mineiro de Pirapora, morto no voo da Chape	14h32
28	Dirigente da Chape crê em corpos de vítimas liberados até sexta-feira	15h05
29	Famílias de vítimas de acidente aéreo devem viajar à Colômbia nesta quarta	15h37
30	Jogadores devem ter velório coletivo na Arena Condá, diz vice da Chape	16h35
31	Narrador cede lugar no voo a colega que sonhava cobrir final da Chape (*)	17h24
32	Identificação de corpos avança, e familiares não devem ir à Colômbia	17h40
33	Associação de Aviadores da Colômbia atribui tragédia à falta de combustível	17h54
34	Fora por lesão, Martinuccio lamenta tragédia: “Jantava sempre com Danilo”	17h59
35	Anac: Argentina permitiu voo para o Brasil com mesmo avião da Chape	18h01

36	Desolado, Lisca descobre convite para apadrinhar casamento de Ruschel	18h06
37	Mário Sérgio: um craque de visão fora do comum capaz de inspirar até R10 (*)	18h21
38	Danilo, o goleiro que recusou o rótulo de herói e se eternizou na Chape	19h01
39	Repórter sobrevivente de voo pediu que hospital ligasse para a sua mulher (*)	19h02
40	Mario Kempes se emociona com morte trágica de seu xará da Chape	19h06
41	Caio Júnior vivia sonho: “Se morresse amanhã, morreria feliz”, disse	19h07
42	Cléber Santana, o andarilho que ressurgiu aos 35 sonhando com o título	19h13
43	Caio Júnior: um técnico com o sonho interrompido muito perto do auge	19h55
44	Bruno Rangel, o garoto de Campos que virou o maior artilheiro da Chape	20h00
45	Caramelo, titular da Chapecoense e futuro promissor no São Paulo	20h06
46	Sérgio Manoel o bom baiano que foi se criar no interior de São Paulo	20h07
47	Matheus Biteco, de promessa do Grêmio até a volta por cima na Chape	20h08
48	Gimenez abriu mão de salário atrasado para seguir carreira até o fim na Chape	20h08
49	Com nome de artilheiro argentino, Kempes deixa fãs de Carpina ao Japão	20h10
50	Em meio à tristeza, Chapecoense começa a pensar em reestruturação	20h10
51	Filipe Machado: da Espanha ao Irã, zagueiro experiente, técnico e cordial	20h12
52	Garoto de Bagé e apaixonado pela família, Dener vivia momento mágico	20h12
53	Pelotense, Josimar reforçou Brasil-RS um ano antes de tragédia com ônibus	20h13
54	Gil, de cigano do futebol ao sonho continental com a Chapecoense	20h14
55	TV boliviana gravou com elenco da Chape antes da decolagem	20h16
56	Arthur Maia: revelado do Vitória, meia da Chape se destacava pela habilidade	20h17
57	Sobrevivente revela que escapou da tragédia ao ficar na posição fetal	20h17
58	Ananias, o atacante dos apelidos diferentes e dos gols marcantes	20h18
59	Aílton Canela: atacante fez alegria do elenco antes de fim trágico em avião	20h18
60	Lucas Gomes, do interior do Pará ao sonho de conquistar a América	20h19
61	Tiaguinho: jovem atacante que seria pai vinha ganhando espaço na Chape	20h22
62	Marcelo, da persistência no início da carreira ao destino cruel na Colômbia	20h24
63	O dia mais triste: relembre a carreira dos 19 jogadores e do técnico Caio Jr.	20h27
64	Aguirre lembra defesa de Danilo no último minuto: “Não deixo de pensar”	20h32
65	Fora da lista de relacionados, zagueiro se emociona ao elogiar Bruno Rangel	20h51
66	Vice da Chape teve pressentimentos e não viajou; veja outros “sobreviventes”	20h55
67	Cirurgia é bem-sucedida, e zagueiro Neto tem situação instável	20h56
68	Goleiro diz que todo o time o felicitou pelo aniversário antes do embarque	21h53
69	Comando do futebol argentino oferece jogadores à Chapecoense	21h56
70	# ForçaChape: confira monumentos com homenagens à Chapecoense	22h01
71	Ronaldinho Gaúcho faz homenagem para Matheus Biteco: “Vai em paz”	22h12

72	Imprensa em dor: tragédia no voo da Chape tira vida de 20 jornalistas (*)	22h17
73	Lucas Leiva diz que foi muito difícil jogar após tragédia da Chapecoense	22h47
74	Brasileira que disse estar no outro voo revela avião estava atrasado e voltou	22h51
75	Casa Branca se solidariza com a Chapecoense e o povo brasileiro	23h11
76	Pai de Alan Ruschel viaja à Colômbia: “Só quero ver meu filho bem”	23h23
GLOBOESPORTE.COM – 30 de novembro de 2016		
77	Na Espanha, Roberto Carlos chora ao comentar tragédia com Chapecoense	1h01
78	O 29 de novembro que Chapecó não esquecerá: dor, união e reconstrução	2h35
79	Voluntários brasileiros montam grupo de apoio a familiares em Medellín	2h38
80	Filha do massagista da Chape chora por pai: “Morreria para salvar alguém”	2h54
81	Diário Olé, da Argentina, homenageia a Chape em capa: “Championcoense”	2h56
82	Porta-voz confirma autonomia de avião e descarta falha humana em acidente	3h07
83	Copiloto da Avianca revela diálogo dramático de voo da Chape com torre	4h40
84	Familiares não vão precisar ir à Colômbia identificar corpos de vítimas	6h17
85	Ex-senador boliviano exilado no Brasil era sogro de piloto: “Um filho”	6h58
86	Sobrevivente do voo da Chape revela que luzes apagaram antes da queda	7h24
87	Médico avisa que Neto evoluiu, mas precisa ficar mais 48 horas em observação	8h29
88	Familiares vão aguardar em Chapecó a chegada dos corpos, prevista para sexta-feira	8h52
89	Site faz campanha para Sul-Americana ser batizada como Copa Chapecoense	9h11
90	Filmagem de helicóptero mostra que avião da Chape colidiu durante queda	9h23
91	Prefeito de Chapecó diz que não há prazo para liberação de sobreviventes	9h44
92	Diretor da LaMia: voo poderia parar para reabastecer e plano B complicou	9h55
93	Clubes brasileiros fazem homenagens às vítimas do acidente antes do treino	11h05
94	Médico da Chape elogia hospitais da Colômbia: “Estrutura de primeira linha”	11h11
95	Para honrar atletas mortos, Chape sub-20 quer disputar torneio	11h17
96	Chape decide por velório no gramado da Arena Condá e estuda detalhes	11h22
97	Tirado do voo, Nivaldo cancela o seu jogo 300 e se aposenta após tragédia	11h49
98	Chapecoense programa simulação para velório coletivo na Arena Condá	12h38
99	De “injustiçado a sobrevivente”, Boek quer ajudar na reconstrução da Chape	12h45
100	“Falha total”: áudio mostra piloto do avião da Chapecoense insistindo para pousar	14h01
101	Feridos se recuperam bem: Follmann tem risco de nova amputação	14h20
102	Membro da comissão técnica morreu logo após resgate, afirma bombeiro	14h43
103	Perfil da companhia que levou Chape recebe críticas: “Assassinos”	15h36
104	Avião não parou para reabastecer por causa de atraso, diz filho do copiloto	15h50
105	Fornecedor relata procura mundial por camisas da Chapecoense	16h04

106	Chapecoense faz simulado e espera 100 mil pessoas em velório coletivo	16h10
107	Esposa de Cleber Santana revela tatuagem feita por mulheres e atletas	16h21
108	Chape revela pedido de Del Nero para jogo com Atlético-MG: “Grande festa”	16h35
109	Presidente em exercício revela adesão de 13 mil sócios de fora de Chapecó	16h45
110	“Conduzidos pela LaMia, estamos bem”, diz Kempes em último vídeo	17h22
111	Maurício de Sousa faz homenagem à Chapecoense com Turma da Mônica	17h32
112	Prefeito de Medellín pede união e diz que corpos serão identificados até quinta	17h38
113	Retomada tem dez atletas, e Chape torce por imunidade ao rebaixamento	17h53
114	Conmebol nega participação na logística de viagens: “Rumores”	18h43
115	Dor, saudade e superação: como clubes reagiram após tragédias aéreas	19h00
116	Jornal afirma que LaMia não seguiu protocolo; advogado alerta para calote	19h52
117	Radar mostra movimentação do avião da Chape antes da queda na Colômbia	20h00
118	Torcedores lotam Arena Condá em comovente homenagem às vítimas	20h41
119	Revelado na Chape, Fabiano vai às lágrimas em vigília na Arena Condá	21h34
120	Atlético Nacional lota estádio em apoio à Chape: “Uma nova família nasce”	22h48
121	Falta de combustível causou apagão súbito em aeronave da Chapecoense	22h58
GLOBOESPORTE.COM – 1º de dezembro de 2016		
122	Autor do chute defendido por Danilo lamenta: “Queria mudar o que passou”	0h46
123	Nas redes sociais, torcedores fazem campanha por Ronaldinho na Chape	1h49
124	Vice da Federação Colombiana apoia título à Chape, mas expõe dificuldades	2h46
125	Comoção nacional reduz tradicional queima de fogos na noite de Medellín	4h37
126	Como explicar a tragédia a fãs mirins da Chape? Pais e filhos respondem	7h45
127	Chape mantém previsão de velório para sexta-feira, mas adia horário	8h12
128	Começa o processo de repatriação dos corpos das vítimas do acidente	8h42
129	IML termina identificação de todas as 71 vítimas do acidente aéreo da Chape	8h53
130	Chape agradece tributo e manifesta apoio a Atlético Nacional em Mundial	9h55
131	Corpos de vítimas seguirão direto para Chapecó em três aviões da FAB	10h31
132	Associação isenta controladora e diz que pouso poderia ter ocorrido antes	10h40
133	Funcionária de agência boliviana questionou plano de voo, diz jornal	10h46
134	“Temos o melhor time no céu”: Arena tem mensagens a jogadores mortos	11h21
135	Após gol de título, Fabiano passa da alegria absoluta à dor imensa do luto	11h34
136	Presidente avisa: Atlético-MG não vai entrar em campo contra a Chapecoense	11h35
137	Sub-20 da Chape fica fora de Copa e atletas serão utilizados no profissional	11h54
138	Chapecoense afirma que feridos no acidente não correm risco de morte	11h59
139	Avião da LaMia fez reabastecimento na Bolívia em outro voo para Medellín	12h05
140	Após campanha, irmão não descarta R10 na Chape: “Queremos ajudar”	12h13

141	Acidente da Chape: perguntas e respostas atualizadas sobre a tragédia	12h54
142	Funerárias preveem saída de corpos da Colômbia na manhã de sexta	12h55
143	Controladora de voo faz desabafo em carta: “Fiz o humanamente possível”	14h00
144	Após acusações, LaMia é suspensa por agência aeronáutica da Bolívia	14h08
145	Colômbia planeja caravana fúnebre no transporte de vítimas até aeroporto	14h45
146	Cria da Chape, Grolli se emociona e lembra momentos no clube: “Amigos”	15h47
147	Irmão de Cavani dá detalhes sobre homenagem a Chape: “Ele desenhou”	16h19
148	Conmebol vai declarar Chapecoense campeã da Copa Sul-Americana	16h29
149	Presidente da Chape diz que velório será realizado na manhã de sábado	16h49
150	Além dos campos: empresário fala sobre relação com zagueiro Thiego	16h59
151	Jogadores de clubes paulistas vestem camisa da Chape em homenagem	17h22
152	Chape não vai jogar a última rodada: “CBF não manda nada nesse aspecto”	17h54
153	Belletti representará o Barcelona em velório; ex-jogador não descarta ajuda	18h41
154	Troféu duplo: Chape recebe taça da Sul-Americana e camisa de Kempes	19h16
155	Follmann passa por nova cirurgia, e hospital descarta outra amputação	21h40
156	Chape desautoriza funcionário e só vai tratar de jogo com o Galo após velório	22h18
157	Pai de Neto vibra: “Venho informar que meu filho está cada vez melhor”	23h57
GLOBOESPORTE.COM – 2 de dezembro de 2016		
158	VivaColombia nega que avião que pousou na propriedade teve emergência	1h42
159	Técnico colombiano deseja trabalhar de graça na Chape, afirma jornalista	3h07
160	Famílias de jogadores da Chape vão receber indenização de 26 salários	4h00
161	Trajeto de um resgate: a epopeia que salvou vidas na tragédia da Chape	5h00
162	“Força, Neto”: artista pinta muro de Barcelona em homenagem a zagueiro	6h00
163	Chilavert responsabiliza Conmebol por tragédia: “Mataram sonho de meninos”	6h34
164	Vendas de produtos da Chape batem recorde, e site é retirado do ar	7h00
165	Primeiro corpo de vítima do voo da Chapecoense chega ao Paraguai	7h46
166	Em carta aos colombianos, jornalista agradece apoio: “Foram gigantes” (*)	8h22
167	Ex-técnico, Guto Ferreira fala em lição da Chape para o mundo: “Elo de amor”	9h00
168	Chapecoense vai liberar 2 mil pessoas no gramado em velório	9h59
169	Sobrevivente, auxiliar de voo faz texto emocionado: “Ainda estou em choque”	10h22
170	Plano de voo recebido previa saída de Cobija, afirma autoridade colombiana	10h37
171	Corpos das vítimas começam a deixar a Colômbia; confira o cronograma	11h56
172	Muito abalada, mulher de Danilo vive à base de calmante e reluta deixar Arena	12h16
173	Chapecoense abre nova modalidade na campanha de sócio-torcedor	12h34
174	Em ofício à CBF, clubes pedem que Chape não seja rebaixada por 3 anos	12h39
175	“Se não fosse o coração, queria jogar na Chape”, diz ex-meia Éverton Costa	12h53

176	Cedo para recomeçar? Saiba como o mundo esportivo reage após tragédias	13h15
177	Pai de zagueiro da Chapecoense ataca piloto da LaMia: “Lixo de gente”	13h40
178	Carinho por Danilo sustenta a mãe: “Não imaginava que era tão amado”	14h24
179	Discordância sobre transferência de Alan Ruschel cria impasse em hospital	15h05
180	Dor mundial: mais de 1.300 jornalistas de 20 países acompanharão o velório (*)	15h17
181	Marcada por tragédia, universidade dos EUA faz banner para a Chape	16h46
182	Zagueiro Neto é transferido para clínica onde estão os outros brasileiros	17h27
183	Xodó, pequeno índio Carlinhos tenta entender a dor: “Só sinto a Chape”	17h36
184	Alan Ruschel já se comunica com família, e irmã relata: “Se agita muito”	18h10
185	Com 50 caixões, aviões da FAB saem da Colômbia a caminho de Chapecó	19h02
186	Caminhão aberto com inscrição #forçachape vai transportar caixões	19h04
187	Competições costumam seguir no esporte mesmo diante da dor do luto	19h36
188	Belletti revela que Barça criou camisa número 73 em homenagem à Chape	19h59
189	“Seja campeão por eles”: cartazes para jogadores surgem nos destroços	20h25
190	Médico da CBF diz que Follman está consciente e conversa com a família	21h49
191	Primeiro a receber alta, comissário faz vídeo de agradecimento: “De coração”	22h03
192	Aviões com corpos das vítimas de acidente da Chape chegam a Manaus	23h45
GLOBOESPORTE.COM – 3 de dezembro de 2016		
193	Atingidos no coração: velório marca dias mais tristes da vida em Chapecó	0h03
194	Chape revela mensagem enviada por Tite a Caio Jr. antes das quartas	0h29
195	Promessa e fé: Arena Condá receberá imagem de Nossa Senhora Aparecida	4h00
196	Tragédia da Chape: escala em Bogotá custaria R\$ 10 mil e uma hora extra	5h23
197	Piloto da LaMia tinha três filhos e fazia visitas ao Brasil para encontrar família	6h26
198	Evo Morales exige “medidas drásticas”; diretor da LaMia é ex-piloto do governo	7h01
199	Depois de atraso e mais de 14h, corpos chegam a Chapecó para velório	9h27
200	Jornalista apresenta pneumonia, mas quadro de sobreviventes evolui (*)	9h50
201	Mãe de Danilo chega à Arena Condá e é aplaudida por torcida da Chape	11h49
202	Até o céu chorou: chuva marca adeus de Chapecó aos seus anjos heróis	12h28
203	Presidente do Inter vai a velório da Chapecoense e evita falar de futebol	12h38
204	“Não foi acidente, o único culpado é o piloto”, diz jogador da Chapecoense	13h43
205	Tite conforta parentes de jogadores e elogia mãe de Danilo: “O maior ato”	15h06
206	Emoção mundial: imprensa estrangeira se comove com velório em Chapecó	15h18
207	Dono de empresa chilena diz que Conmebol sugeriu voos com LaMia	15h51
208	Em vídeo, Neymar envia mensagem a familiares de vítimas: “Estamos juntos”	16h23
209	Presidente confirma que Chape será declarada campeã da Sul-Americana	16h30
210	Irmã de Danilo, goleiro da Chape, faz tatuagem em homenagem ao jogador	16h44
211	Follmann, sobre amputação: “Prefiro a vida à perna. Vamos tirar de letra”	17h08

212	Médicos desmentem versão de que Danilo teria sido levado a hospital	18h02
213	Profissionais da RBS mortos em voo são homenageados em Florianópolis (*)	18h36
214	“Um verdadeiro milagre”, diz pai de Alan Ruschel, sobrevivente da Chape	18h37
215	LaMia tem dívida com força aérea boliviana por manutenção de avião	20h09
216	Atingidos no coração: velório marca dias mais tristes da vida em Chapecó	00h03
GLOBOESPORTE.COM – 4 de dezembro de 2016		
217	Com “vamo Chape” no vestiário, Nacional oferece vitória aos brasileiros	1h36
218	Tragédia une, e técnico do Nacional vê Brasil na torcida pelo time do Japão	1h47
219	Em recuperação do luto, Chape começa reestruturação do futebol	3h00
220	Um abraço, dona Ilaídes: mãe perde Danilo, mas ganha milhões de filhos	4h00
221	Atlético Nacional dá show no campo na arquibancada e até nos vestiários	5h08
222	Ligação umbilical entre time e cidade forma a acolhedora Família Chapecó	6h00
223	Da festa à dor: a história da última foto da Chape num campo de futebol	7h00
224	Presidente do Nacional diz que, se vencer Mundial, dedicará à Chape	7h04
225	Matheus Biteco, Dener, Kempes e F. Machado são velados em Porto Alegre	11h27
226	Vídeo mostra Cleber Santana cantando música do Flamengo	12h53
227	Irmão conta que Ruschel ficou agitado após saber de acidente por psicólogo	13h40
228	Cleber Santana é velado na Ilha do Retiro, onde começou carreira	14h08
229	Estádios não se calam: a dor une a Arena Condá ao Girardot para sempre	15h34
230	Zé Roberto faz homenagem em velório de Biteco: “Fui o último a me despedir”	15h35
231	Governo boliviano vai investigar LaMia por tráfico de influência e omissão	16h08
232	Sob forte emoção, famílias e amigos dão adeus a Victorino Chermont e PJ (*)	16h14
233	Sócio da LaMia nega fim da empresa e justifica preço mais baixo: “Marketing”	16h45
234	Sobrevivente boliviano quer continuar carreira na aviação: “Pequeno tropeço”	16h55
235	“Nós não somos abutres”: a difícil missão de cobrir velório de amigos (*)	16h57
236	Lágrimas de orgulho marcam adeus ao artilheiro da Chape, Bruno Rangel	17h35
237	Sobreviventes apresentam melhoras; Ruschel fala em fazer churrasco	17h40
238	A médico, sobrevivente nega “tumulto ou sofrimento” antes de tragédia	19h54
239	Gaúchos fazem últimas homenagens às vítimas de voo da Chape em 7 cidades	20h05
240	Em áudio, Follmann promete melhora: “Dessa vez eu passei batido”	21h20
241	Alvo de ameaças, viúva defende piloto: “Ele não era um assassino”	22h23
242	Sobrevivente relata conversa com Caio Jr. e nega ter ficado em posição fetal	23h00
GLOBOESPORTE.COM – 5 de dezembro de 2016		
243	Governo boliviano investiga indícios de descumprimento de deveres da LaMia	1h10
244	Local da tragédia em Medellín atrai dezenas de visitantes diariamente	5h32

245	“Seja campeão por eles”: a história da surpresa que acabou nos destroços	7h00
246	Hospital que atende brasileiros em Medellín é referência na Colômbia	11h00
247	Em áudio, jornalista Rafael Henzel conta evolução: “Pronto para próxima” (*)	11h04
248	Uma semana depois de acidente, LaMia divulga comunicado de lamento	13h34
249	Sem saber, torcedores compram camisas encomendadas por Danilo	14h00
250	Chape é declarada campeã e garante ao menos US\$ 48 milhões em premiações	14h28
251	Jogadores do Atlético Nacional querem dedicar Mundial à Chape	15h15
252	Ruschel, Follmann e jornalista evoluem bem; Neto é quem mais preocupa (*)	16h13
253	Brasil e Colômbia vão jogar com renda revertida para vítimas, diz Chape	17h14
254	Sobrevivente de voo da Chape, Rafael Henzel posta foto e agradece apoio (*)	20h58
255	Chape apura se LaMia fez seguro de R\$ 170 milhões e diz que vai à Justiça	21h28
256	Funcionário de aeroporto boliviano pede informações de refúgio em MS	21h36
257	Ministério Público do Brasil também investigará acidente da Chapecoense	22h56
GLOBOESPORTE.COM – 6 de dezembro de 2016		
258	Em vídeo, meia do Atlético Nacional manda recado a feridos da Chape	0h30
259	Piloto do avião da Chape tinha ordem de prisão decretada, diz ministro	1h27
260	Elo de Chapecó com o mundo: relatos dos jornalistas que cobriram a tragédia (*)	4h00
261	Novo presidente da Chape: o torcedor que não encontrou tempo para chorar	7h00
262	Levir Culpi se oferece para dirigir de graça a Chapecoense em 2017	10h36
263	Criteriosa, Chape não se seduz por medalhões e quer comprometimento	11h35
264	Polícia Federal do MS concede refúgio provisório à funcionária do aeroporto	13h49
265	Eterno: nove goleiros usarão luvas com homenagem à Danilo na última rodada	14h14
266	Chape conversa com Levir, mas quer novo treinador até 2017	14h21
267	Follmann terá amputação aumentada, e Neto segue em estado grave	15h53
268	Para consultor, Chape deve montar timaço de marketing para se reerguer	16h00
269	Governo brasileiro estuda convite a menino que ajudou no resgate	17h11
270	Com bandeiras da Chape, torcida do Atlético Nacional se despede do time	18h52
271	Diretor da LaMia é detido na Bolívia, diz imprensa local	21h38
272	Multidão e emoção: Chapecó se une outra vez por vítimas da tragédia	22h00
273	Bolívia pede ao Brasil a expulsão da funcionária que viu problemas em voo	22h01
274	Henzel revela luta contra pneumonia e passará por cirurgia no pé nesta quarta (*)	23h48
GLOBOESPORTE.COM – 7 de dezembro de 2016		
275	Ligado à Chape, Paixão não sabe se sucederá o filho: “Ainda dói muito”	5h00
276	Pai de Neto: “Médicos descobriram bactéria e estão tratando de eliminá-la”	13h02

277	Paulo Pelaipe se coloca à disposição da Chape para trabalhar de graça	13h44
278	Primeiro policial a chegar no local da tragédia diz como resgatou Follmann	14h51
279	Nove dias depois de queda do avião, Alan Ruschel deixa UTI em Medellín	14h54
280	Após efetivar Nivaldo, Chapecoense tem volta de Maringá como prioridade	15h39
281	CBF escala árbitro de Santa Catarina para comandar Chapecoense x Galo	16h23
282	Alan Ruschel dá primeiros passos após acidente da Chapecoense	16h32
283	Vice-jurídico diz que Chape iniciou depósitos de indenizações das famílias	19h18
284	Follmann tem amputação ampliada; Neto e Henzel também fazem cirurgias	23h29
GLOBOESPORTE.COM – 8 de dezembro de 2016		
285	Ponto de partida: após tragédia, base da Chape é caminho para reação	6h05
286	Mundial de Clubes da Fifa começa com um minuto de silêncio pela Chape	8h52
287	Sogro de piloto do voo da Chape diz que ele passava por aperto financeiro	10h30
288	Busca a sócio da LaMia desaparecido continua, e filho de um deles é detido	15h12
289	Escudo da Chape ganha estrelas em homenagem às vítimas e ao título	16h22
290	Apesar das intenções de ajuda, Chape recebeu só R\$ 10 mil em doações	17h35
291	Neto evolui e deve acordar em breve; médicos estudam retorno de Ruschel	17h50
292	Amigo de Danilo defende novo tributo: taça nas mãos de dona Ilaídes	20h17
GLOBOESPORTE.COM – 9 de dezembro de 2016		
293	Após tragédia, Chape faz balanço financeiro: “Estamos muito seguros”	6h00
294	Em entrevista a jornal, presidente da Chape diz que deve processar LaMia	11h13
295	Vagner Mancini será o treinador da Chapecoense em 2017	12h45
296	Chapecoense acerta com Rui Costa para ser diretor de futebol em 2017	15h15
297	Chape apresenta Vagner Mancini: “Vamos montar um time forte”	16h04
298	Com evolução no quadro, Ruschel e Henzel serão levados a Chapecó (*)	17h06
299	Interino, Ivan Tozzo não pretende seguir como presidente da Chape	19h45
GLOBOESPORTE.COM – 10 de dezembro de 2016		
300	Olho no olho: agora dirigente, Nivaldo quer reforços que honrem a Chape	6h00
301	Médicos descartam ampliação da amputação da perna de Follmann	16h34
302	Camisa da Chapecoense desaparece, e fabricante monta força-tarefa	22h23
303	Acordado, Neto ainda não sabe sobre acidente e pergunta como foi o jogo	23h36
GLOBOESPORTE.COM – 11 de dezembro de 2016		
304	Agilidade, 35 reforços, garimpo na base: passos do futebol da Chape	11h55
305	Médicos avaliam quadros, e trio de sobreviventes pode voltar na segunda	16h22
306	Jackson Follmann volta segunda-feira ao Brasil e ficará internado em SP	21h29
307	“De repente, desligaram as luzes do avião”, relata sobrevivente da tragédia	21h42

(*) As 17 matérias do Globoesporte.com que têm o jornalista como o principal componente enquadrado nas notícias.

APÊNDICE B

Tabela B1 – Componente enquadrado nos 40 vídeos publicados no Foxsports.com.br

Procedência	Duração	Componente enquadrado
Fox Sports	4min31s	Trabalho de resgate dos colombianos
Fox Sports	6min30s	Luto dos moradores de Chapecó
Fox Sports	2min30s	Atlético Nacional abre mão do título
Twitter Chapecoense	1min31s	Homenagem aos jogadores da Chapecoense
YouTube Atl. Nacional	1min05s	Solidariedade do Atlético Nacional
Twitter – Polícia colombiana	9 segundos	Trabalho de resgate dos colombianos
Fox Sports	2min54s	Homenagem à Chapecoense
Fox Sports	4min29s	Luto coletivo
Fox Sports	3min54s	Sobre mortos e sobreviventes
Fox Sports	3min30s	Solidariedade de clubes e de jogadores em redes sociais
Fox Sports	1min36s	Luto do técnico Cuca, do Palmeiras
Fox Sports	1min18s	Jogador do Nice (França) fala da dor das famílias de atletas e jornalistas
Fox Sports	3min31s	Luto do jogador da Chapecoense e de moradores da cidade de Chapecó
Fox Sports	2min58s	Ex-técnico da Chapecoense fala da receptividade da cidade de Chapecó
Fox Sports	2min40s	Ex-jogador da Chapecoense fala do luto pela morte dos jogadores
Fox Sports	5min02s	Homenagem a jornalista da Fox
Fox Sports	2min24s	Homenagem às vítimas do voo
Fox Sports	1min49s	Homenagem à Chapecoense
Fox Sports	3min04s	Homenagem aos jornalistas da Fox
Fox Sports	4min51s	Luto pelas vítimas do voo
Fox Sports	2min17s	Reconstrução da Chapecoense
Fox Sports	1min36s	Reconstrução da Chapecoense
Fox Sports	1min02s	Jogador do Fluminense fala do luto pelas mortes de atletas e dirigente da Chapecoense
YouTube TV Galo	1min28s	Última rodada do Brasileirão – momento de luto
Fox Sports	10min40s	Homenagem aos jornalistas da Fox
Fox Sports	2min03s	Velório de jogador da Chapecoense
Fox Sports	1min28s	Homenagem a jogador da Chapecoense
Fox Sports	1min50s	Luto do técnico Tite, da Seleção Brasileira
Fox Sports	2min54s	Homenagem a jornalista da Fox Sports

Fox Sports	51 segundos	Conmebol declara Chapecoense campeã
YouTube Rádio Oeste Capital	50 segundos (áudio) (**)	Jornalista Rafael Henzel celebra a vida
Fox Sports	3min36s	Luto pela morte de jornalista da Fox Sports
Fox Sports	2min04s	Reconstrução da Chapecoense
Fox Sports	4min55s	Ato ecumênico em homenagem aos jornalistas da Fox Sports
Fox Sports	2min50s	Carreira do jogador da Chapecoense
Fox Sports	1min11s	Homenagem às vítimas do voo
Fox Sports	13 segundos	Reconstrução da Chapecoense
Fox Sports	59 segundos	Homenagem à Chapecoense
Fox Sports	18 segundos	Homenagem a jornalista da Fox Sports
Fox Sports	2min57s	Reconstrução da Chapecoense

(**) Canal da Rádio Oeste Capital no YouTube, onde trabalhava na época Rafael Henzel, exibiu a imagem “congelada” do jornalista, durante a transmissão de uma partida, com o áudio do narrador comemorando sua sobrevivência, o mesmo componente enquadrado no texto escrito.

Tabela B2 – Componente enquadrado nos 61 vídeos publicados pelo site da RBS TV

Procedência	Duração	Componente enquadrado
RBS TV	20 segundos	Luto do pai do preparador físico da Chapecoense
TV Globo	2min54s	Clima de luto na Arena Condá
RBS TV	4min03s	Luto dos torcedores pela morte de jogadores que atuaram no futebol gaúcho
G1	38 segundos	Clima de descontração no voo
TV Globo	28 segundos	Apreensão da família de Alan Ruschel
Globo News	2min52s	Prefeito de Chapecó que não embarcou no voo da LaMia
RBS TV	3min27s	Apreensão das famílias de Alan Ruschel e Follmann
RBS TV	4min03s	Luto dos torcedores pela morte de jogadores que atuaram no futebol gaúcho*
RBS TV	9min11s	Clima de luto na Arena Condá
RBS TV	2min33s	Clima de luto na Arena Condá
G1	38 segundos	Clima de descontração no voo*
RBS TV	1min38s	Luto dos familiares dos jogadores da Chapecoense
RBS TV	2min11s	Carreira de três jornalistas gaúchos mortos no acidente
RBS TV	6min03s	Luto dos jornalistas da RBS TV
RBS TV	4min56s	Vigília de torcedores da Chapecoense
RBS TV	3min16s	Luto pela morte do dirigente da Chapecoense
RBS TV	2min56s	Luto pela morte de jogadores e integrantes da delegação da Chapecoense
RBS TV	5min04s	Assistência aos torcedores e familiares das vítimas
RBS TV	5min31s	Identificação e liberação dos corpos das vítimas
RBS TV	5min31s	Identificação e liberação dos corpos das vítimas*
RBS TV	3min40s	Assistência aos torcedores e familiares das vítimas
SporTV	4min44s	Tributo à Chapecoense e às vítimas da tragédia
G1	1min49s	Ex-jogador da Chapecoense de luto pelas vítimas fatais
G1	50 segundos	Velório coletivo (chegada dos corpos)
G1	1min51s	Carreira do médico da Chapecoense
RBS TV	3min20s	Carreira de Alan Ruschel e a ligação dele com a cidade natal
G1	1min18s	Luto de um torcedor da Chapecoense
G1	1min21s	Ex-jogador vende camisas da Chapecoense em loja
RBS TV	23 segundos	Velório de jornalista da RBS TV
RBS TV	27 segundos	Velório de jornalista da RBS TV
G1	24 segundos	Velório coletivo (Temer)
Globo News	1min20s	Velório coletivo (Temer)
Globo News	7min17s	Velório coletivo (discurso)
TV Globo	1min11s	Velório coletivo (Temer, chegada dos caixões)
TV Globo	4min28s	Velório coletivo (Temer)
RBS TV	27 segundos	Velório de jornalista da RBS TV*
RBS TV	4min06s	Velório e sepultamento de jornalistas da RBS TV

TV Globo	6min57s	Velório coletivo (cerimônia da Colômbia até Chapecó)
TV Globo	2min49s	Velório coletivo (cortejo luto dos moradores de Chapecó)
TV Globo	5min03s	Velório coletivo (ritual da cerimônia)
TV Globo	7min20s	Velório coletivo
TV Globo	6min58s	Velório coletivo
TV Globo	4min56s	Velório coletivo (leitura bíblica – Cid Moreira)
TV Globo	7min17s	Velório coletivo (presidente em exercício da Chape)
TV Globo	1min34s	Velório coletivo (entrega de placas de agradecimento)
TV Globo	2min48s	Velório coletivo (entrada de crianças com bandeiras)
Globo News	7min11s	Velório coletivo (prefeito de Chapecó)
RBS TV	29 segundos	Velório e enterro de jornalista da RBS TV
RBS TV	31 segundos	Velório e enterro de jornalista da RBS TV
RBS TV	1min50s	Velório do presidente da Federação Catarinense de Futebol
RBS TV	1min17s	Velório do presidente da Federação Catarinense de Futebol
RBS TV	1min38s	Velório de vítimas do voo no Rio Grande do Sul
G1	45 segundos	Estado de saúde do jornalista Rafael Henzel
RBS TV	3min33s	Luto da namorada de jornalista morto em acidente
TV Globo	2min46s	Estado de saúde dos sobreviventes
SporTV	3min57s	Entrevista com a noiva do sobrevivente Alan Ruschel
G1	58 segundos	Estado de saúde de Alan Ruschel
RBS TV	3min23s	Luto das crianças
Rede social	58 segundos	Agradecimentos do jornalista Rafael Henzel
TV Globo	8min50s	Relato do jornalista Rafael Henzel (sobrevivente)
TV Globo	1min32s	Planos para volta dos sobreviventes ao Brasil

*Vídeos repetidos: quatro no total

Tabela B3 – Componente enquadrado nos 149 vídeos publicados pelo Globoesporte.com

Procedência	Duração	Componente enquadrado
TV Globo	3min16s	Cronologia do acidente
Divulgação	31 segundos	Resgate das vítimas
TV Globo	40 segundos	Descontração do time da Chapecoense no voo
TV Globo	27 segundos	Causas do acidente e condições do voo
TV Globo	1min45s	Comoção em Chapecó (ao vivo)
TV Globo	5min34s	Jornalistas mortos
TV Globo	1min03s	Carreira do técnico da Chapecoense, Caio Júnior
Globoesporte.com	6 segundos	Fala de 6 segundos do técnico da Chapecoense
TV Globo	5min38s	Cronologia do acidente e o trabalho de resgate
TV Globo	5min02s	Causas do acidente e condições do voo
TV Globo	7min37s	Causas do acidente e condições do voo
Giga Vison (Bolívia)	2min26s	Embarque da delegação da Chapecoense
YouTube	0min56s	Resgate do jogador Neto
SporTV	5min49s	Atendimento às vítimas do acidente
Globoesporte.com	2min46s	Jogador Tiaguinho descobre que será pai
TV Globo	2min02s	Boa atuação de Tiaguinho pela Chapecoense
RBS TV	28 segundos	Boa atuação de Tiaguinho por um ex-clubes
TV Globo	2min12s	Estado de saúde dos sobreviventes
Globoesporte.com	41 segundos	Gols de Cléber Santana (jogador da Chapecoense)
TV Globo	5min48s	Causas do acidente e condições do voo
Afiliada da Globo	13min14s	Carreira de Ailton Canela (jogador da Chapecoense)
TV Globo	1min45s	Comoção em Chapecó*
Globoesporte.com	33 segundos	Gol e lances de Caramelo (jogador da Chapecoense)
SporTV	56 segundos	Gol de Caramelo pelo Atlético-GO
SporTV	1 minuto	Lances de Caramelo pelo São Paulo
Afiliada da Globo	4min17s	Carreira de Lucas Gomes
Afiliada da Globo	5min32s	Carreira de Lucas Gomes (ex-Icasa)
Afiliada da Globo	1min37s	Carreira Filipe Machado (ex-Macaé)
Portal G1	38 segundos	Descontração do time da Chapecoense no voo
SporTV	45 segundos	Gol de Filipe Machado (jogador da Chapecoense)
Portal G1	38 segundos	Descontração do time da Chapecoense no voo*
Globoesporte.com	1min13s	Gols de Bruno Rangel (jogador da Chapecoense)
TV Globo	2min46s	Família de Matheus Biteco
SporTV	33 segundos	Lance de jogo de Matheus Biteco
SporTV	40 segundos	Gol de Dener Assunção (jogador da Chapecoense)
SporTV	44 segundos	Gol de Arthur Maia (jogador da Chapecoense)
SporTV	1min04s	Gol de Sérgio Manoel (jogador da Chapecoense)
SporTV	47 segundos	Gol de Sérgio Manoel (jogador da Chapecoense)
Globoesporte.com	2min34s	Jogador da Chapecoense que não embarcou
TV Globo	55 segundos	Causas do acidente e condições do voo
Globo News	2min35s	Prefeito de Chapecó que não embarcou no voo

TV Globo	13min03s	Amparo às famílias dos jogadores da Chapecoense
TV Globo	2min41s	Homenagem às vítimas do acidente
Afiliada da Globo	6min08s	Carreira de Canela e Gimenez (jogadores da Chape)
Globoesporte.com	6 segundos	Fala do técnico da técnico da Chapecoense*
Globoesporte.com	39 segundos	Gol e lance de Josimar (jogador da Chapecoense)
Globoesporte.com	59 segundos	Gols de Everton Kempes (jogador da Chapecoense)
Globoesporte.com	49 segundos	Gols de Ananias (jogador da Chapecoense)
GigaVison (Bolívia)	2min26s	Embarque da Chapecoense*
GigaVison (Bolívia)	2min26s	Embarque da Chapecoense*
SporTV	1min44s	Defesa do goleiro Danilo (Chapecoense)
Globoesporte.com	3min26s	Jogador da Chapecoense que não embarcou
TV Globo	3min01s	Resgate das vítimas
Globoesporte.com	2min37s	Jogador da Chapecoense que não embarcou
TV Globo	5min34s	Luto da imprensa
TV Globo	27 segundos	Causas do acidente e condições do voo*
TV Globo	27 segundos	Causas do acidente e condições do voo*
TV Globo	1min25s	Solidariedade do Atlético Nacional
TV Globo	5min38s	Causas do acidente e condições do voo*
TV Globo	4min39s	Homenagem ao ex-jogador e comentarista da Fox Sports, Mário Sérgio
Globoesporte.com	6min06s	Causas do acidente e condições do voo
TV Globo	6min39s	Causas do acidente e condições do voo
TV Globo	4min40s	Como lidar com o luto
TV Globo	2min57s	Luto da imprensa
TV Globo	6min39s	Causas do acidente e condições do voo*
Globoesporte.com	1min08s	Reestruturação da Chapecoense
Globoesporte.com	1min16s	Torcida cantando no estádio em homenagem à Chape
Globoesporte.com	2min11s	Causas do acidente e condições do voo
TV Globo	5min33s	Estado de saúde dos sobreviventes
TV Globo	5min33s	Estado de saúde dos sobreviventes*
TV Globo	2min46s	Jogadores da Chapecoense e jornalista que não embarcaram no voo da LaMía
TV Globo	7min55s	Causas do acidente e condições do voo
TV Globo	5min10s	Homenagens de atletas e clubes à Chape (redes sociais)
TV Globo	2min45s	Homenagens de atletas e clubes à Chape (redes sociais)
GigaVison (Bolívia)	6min03s	Descontração do time da Chapecoense no voo
TV Globo	5min33s	Estado de saúde dos sobreviventes*
TV Globo	5min33s	Estado de saúde dos sobreviventes*
SporTV	3min43s	Tributo à Chapecoense na Colômbia
TV Globo	5min33s	Estado de saúde dos sobreviventes*
Globoesporte.com	1min11s	Causas do acidente e condições de voo

Globoesporte.com	23 segundos	Tributo à Chapecoense na Colômbia
Globoesporte.com	26 segundos	Tributo à Chapecoense na Colômbia
Globoesporte.com	4min08s	Luto das crianças
Globoesporte.com	23 segundos	Tributo à Chapecoense na Colômbia*
TV Globo	2min30s	Causas do acidente e condições de voo
Globoesporte.com	1min08s	Reestruturação da Chapecoense*
TV Globo	4min02s	Tributo à Chapecoense na Colômbia
TV Globo	1min34s	Identificação dos corpos das vítimas
TV Globo	8min11s	Causas do acidente e condições de voo
Globoesporte.com	0min47s	Gols de Thiago (jogador da Chapecoense)
SporTV	2min41s	Gol e comemoração de Cavani em homenagem à Chape
Federação Paulista de Futebol	0min37s	Jogadores dos principais clubes paulistas vestem a camisa da Chapecoense
TV Globo	4min00s	Amor dos torcedores da Chapecoense pelo clube
Globoesporte.com	3min21s	Acesso à região para resgatar sobreviventes
TV Globo		Morte de Ayrton Senna
SporTV	2min40s	Luto da imprensa (mãe de jogador consola jornalista)
Globoesporte.com	2min29s	Sobrevivente faz agradecimento ao povo colombiano
YouTube Chapecoense	1min11s	Incentivo de Tite ao time da Chape e ao técnico Caio Júnior
TV Globo	1min30s	Velório coletivo
TV Globo	3min40s	Velório coletivo
TV Globo	3min18s	Velório coletivo
Globoesporte.com	30 segundos	Velório coletivo
TV Globo	3min20s	Estado de saúde dos sobreviventes
TV Globo	1min56	Velório coletivo
TV Globo	7min28s	Velório coletivo
TV Globo	3min39s	Velório coletivo
TV Globo	5min03s	Velório coletivo
Globoesporte.com	36 segundos	Homenagem ao goleiro Danilo durante velório coletivo
TV Globo	5min15s	Velório coletivo (bispo lê mensagem do Papa)
Globoesporte.com	34 segundos	Homenagem ao goleiro Danilo durante velório coletivo
SporTV	2min40s	Luto da imprensa (mãe do Danilo consola jornalista)*
SporTV	49 segundos	Tite, técnico da Seleção Brasileira, conforta parentes do goleiro Danilo e o jornalista Guido Nunes
TV Globo	46 segundos	Tite durante o velório coletivo
TV Globo	29 segundos	Tite durante o velório coletivo
TV Globo	6min48s	Velório coletivo (agradecimentos – dirigente da Chape)
SporTV	2min59	Solidariedade de Neymar e personalidades do futebol
Globoesporte.com	34 segundos	Homenagem ao goleiro Danilo durante velório*
TV Globo	8min12s	Força da mãe do goleiro Danilo durante velório coletivo
Instagram Atlético Nacional	44 segundos	Homenagem de jogador do Atlético Nacional

Instagram	Atlético Nacional	44 segundos	Homenagem de jogador do Atlético Nacional*
YouTube		0min37s	Jogador da Chapecoense (Cléber Santana) cantando música da torcida do Flamengo
TV Globo		6min45s	Ascensão da Chape
RBS TV		2min47s	Velório de Matheus Biteco (jogador da Chapecoense)
TV Globo		2min32s	Causas do acidente e condições de voo
TV Globo		16 minutos	Sobre a vida e o trabalho dos jornalistas
TV Globo		7min47s	Velório de jornalistas (Globo e RBS)
SporTV		2min40s	Luto da imprensa (mãe do Danilo consola jornalista)*
TV Globo		3min56s	Estado de saúde dos sobreviventes
TV Globo		10min12s	Causas do acidente e condições de voo
TV Globo		3min10s	Estado de saúde dos sobreviventes
TV Globo		4min25s	Família e amigos defendem piloto da LaMia
YouTube		4min12s	Trabalho do roupeiro da Chape, morto no acidente
Globoesporte.com		54 segundos	Estado de saúde dos sobreviventes
Globoesporte.com		40 segundos	Solidariedade de jogador do Atlético Nacional
TV Globo		1min29s	Homenagem na Argentina e de times paulistas à Chape
TV Globo		4min17s	Reestruturação da Chape/ Indenização às famílias
Globoesporte.com		14 segundos	Torcida do Atlético Nacional cantando para seu time, com bandeiras da Chapecoense
Globoesporte.com		14 segundos	Torcida do Atlético Nacional cantando para seu time, com bandeiras da Chapecoense
Globoesporte.com		1min07s	Missa de 7º dia em Chapecó
Globoesporte.com		10min50s	Relato do resgate feito pelo primeiro policial a chegar ao local do acidente
Hospital colombiano		48 segundos	Estado de saúde do sobrevivente
Hospital colombiano		48 segundos	Estado de saúde do sobrevivente*
Hospital colombiano		58 segundos	Agradecimentos do jornalista Rafael Henzel
TV Globo		2min54s	Estado de saúde dos sobreviventes
TV Globo		8min50s	Relato do jornalista sobrevivente
TV Globo		8min50s	Relato do jornalista sobrevivente*
G1		1min03s	Cortejo do corpo de Bruno Rangel (jogador da Chape)
G1		20 segundos	Cortejo do corpo de Bruno Rangel (jogador da Chape)
Globoesporte.com		28 segundos	Bruno Rangel (convite para jogo beneficente)

*Vídeos repetidos: 21 no total

APÊNDICE C

Tabela C – Os 20 jornalistas que morreram no acidente aéreo

FOX SPORTS: 6 profissionais	
Deva Pascovicci (51 anos)	Foi narrador da extinta TV Manchete, no início dos anos 90, trabalhou na SporTV entre 1995 e 2004. Foi para a Rádio CBN em 2005 e, desde 2016, estava na Fox Sports.
Lilacio Pereira Jr. (48 anos)	Lilacio era conhecido por Jumelo. Tinha a função de coordenador de transmissões externas.
Mário Sérgio (66 anos)	Ex-jogador de futebol, com passagem pela Seleção Brasileira, e ex-treinador, era comentarista da Fox Sports.
Paulo Julio Clement (51 anos)	Comentarista do canal, foi diretor de esportes do Sistema Globo de Rádio, repórter de O Globo e diretor de esportes do Jornal do Brasil. Também foi editor do Marca Brasil.
Rodrigo Santana Gonçalves (35 anos)	Foi repórter cinegrafista da TV Record (RJ). Em 2013, começou a trabalhar na Fox Sports.
Victorino Chermont (43 anos)	O repórter trabalhou na Rádio Globo e SporTV até 2012, quando mudou de emissora, indo para a Fox Sports.
RBS TV: 4 profissionais	
André Podiacki (26 anos)	Desde 2011, era repórter do Diário Catarinense, que na época pertencia ao Grupo RBS, e atuava como setorista da Chapecoense. Era referência na imprensa esportiva local.
Bruno Mauri da Silva (25 anos)	Técnico de externas, estava na emissora desde 2012. Atuou ainda como operador técnico.
Djalma Araújo Neto (35 anos)	Era repórter cinematográfico da RBS TV dos mais experientes. Tinha 13 anos de empresa.
Giovane Klein Victoria (28 anos)	Repórter esportivo da RBS TV Chapecó, era setorista da Chapecoense. Trabalhou na TV Pampa, de Porto Alegre.
TV GLOBO: 3 profissionais	
Ari de Araújo Jr. (48 anos)	Começou como porteiro na TV Serra Dourada, afiliada do SBT. Virou repórter cinematográfico na TV Anhanguera, afiliada da Rede Globo. Depois de passar pela Globo São Paulo, estava na Globo Rio desde 2012.
Guilherme Marques (28 anos)	Foi estagiário do GloboEsporte.com e passou pela TV Brasil, antes de voltar à Globo para trabalhar como produtor e repórter esportivo da TV em 2013.

Guilherme Van der Laars (43 anos)	Trabalhou no Lance! e no Jornal Extra antes de se tornar produtor esportivo da TV Globo. Trabalhava na equipe do programa dominical Esporte Espetacular.
RÁDIO SUPER CONDÁ: 2 profissionais	
Edson Luiz Ebeliny (39 anos)	Vendia picolés em frente às emissoras de rádio de Chapecó e aproveitava para pedir emprego. Em 1998, foi contratado pela rádio Chapecó como puxador de fios. Desde 2003, era repórter e locutor da rádio Super Condá e setorista da Chapecoense.
Gelson Galiotto (41 anos)	Começou aos 16 anos a trabalhar em emissoras de rádio. Era narrador da Super Condá desde 2001 e trabalhava como comentarista da RIC TV, afiliada à Rede Record.
RÁDIO CHAPECÓ: 2 profissionais	
Douglas Dorneles (36 anos)	Era repórter da equipe de esportes da rádio Chapecó e setorista da Chapecoense. Foi, durante quatro anos, assessor de Comunicação do clube.
Fernando Schardong (48 anos)	Era narrador da rádio Chapecó desde 2005 e apresentava programas musicais e esportivos. Era vice-presidente da Associação dos Cronistas Esportivos de Santa Catarina.
GLOBOESPORTE.COM: 1 profissional	
Laion Espíndula (29 anos)	Trabalhou nos jornais O Sul e Correio do Povo e no Grupo RBS, todos em Porto Alegre (RS). Atuava há dois anos no Globoesporte.com como setorista da Chapecoense.
RÁDIO VANG FM: 1 profissional	
Jacir Biavatti (46 anos)	Conhecido como Jotha, o radialista da Rádio Vang FM e trabalhava na RIC TV Record como repórter policial, e há quatro meses como comentarista esportivo
RÁDIO OESTE CAPITAL*: 1 profissional	
Renan Agnolin (27 anos)	Atuava como repórter da rádio somente nas partidas da Chapecoense. Também trabalhava para RIC TV em Chapecó, como âncora do programa Jornal do Meio-Dia.

Fonte: Globoesporte.com e Portal dos Jornalistas.

*Rafael Henzel, único sobrevivente da queda do voo, trabalhava na Rádio Oeste Capital.